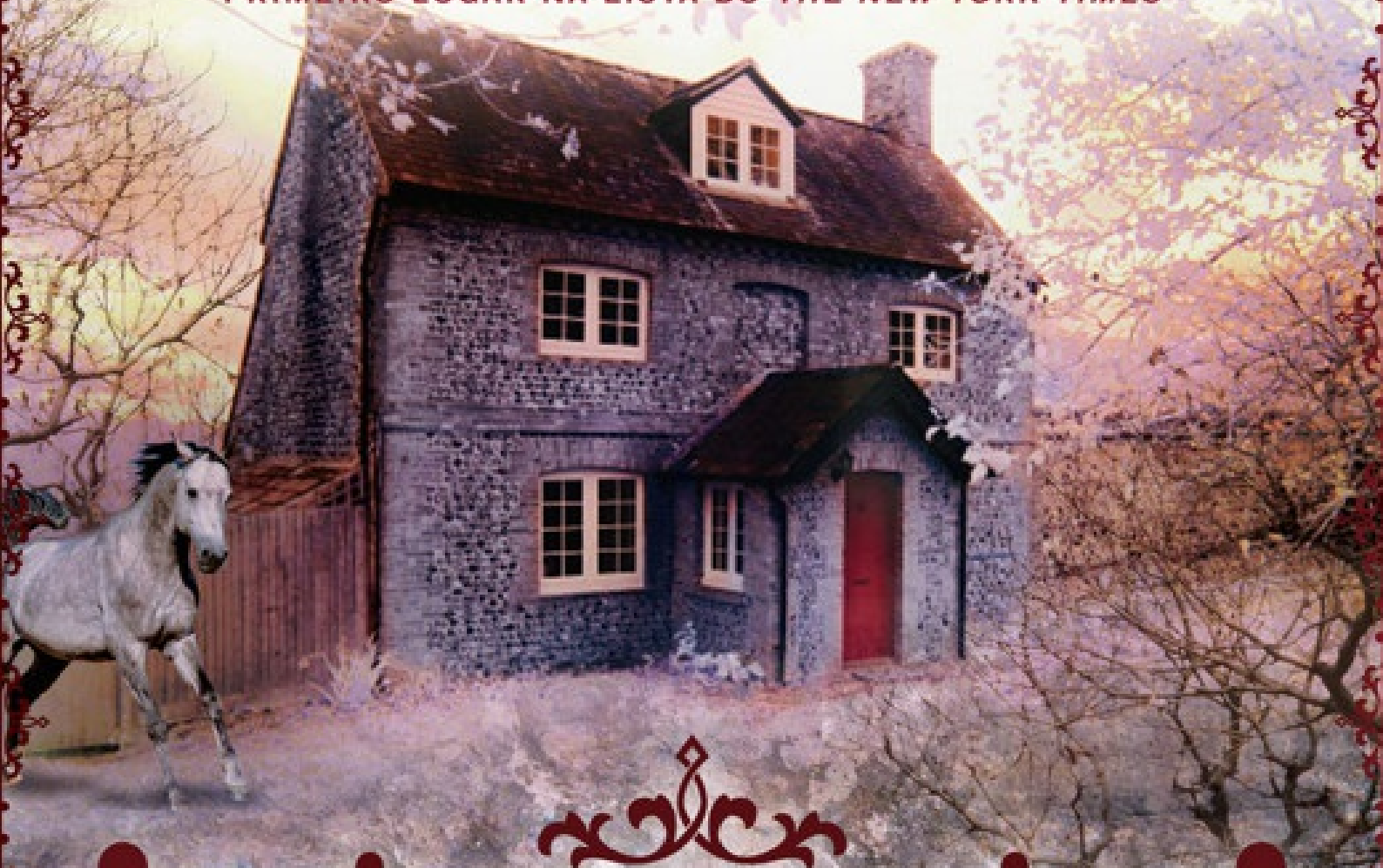


NORA ROBERTS

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



BRUXA DA NOITE

LIVRO UM DA TRILOGIA PRIMOS O'DWYER







O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

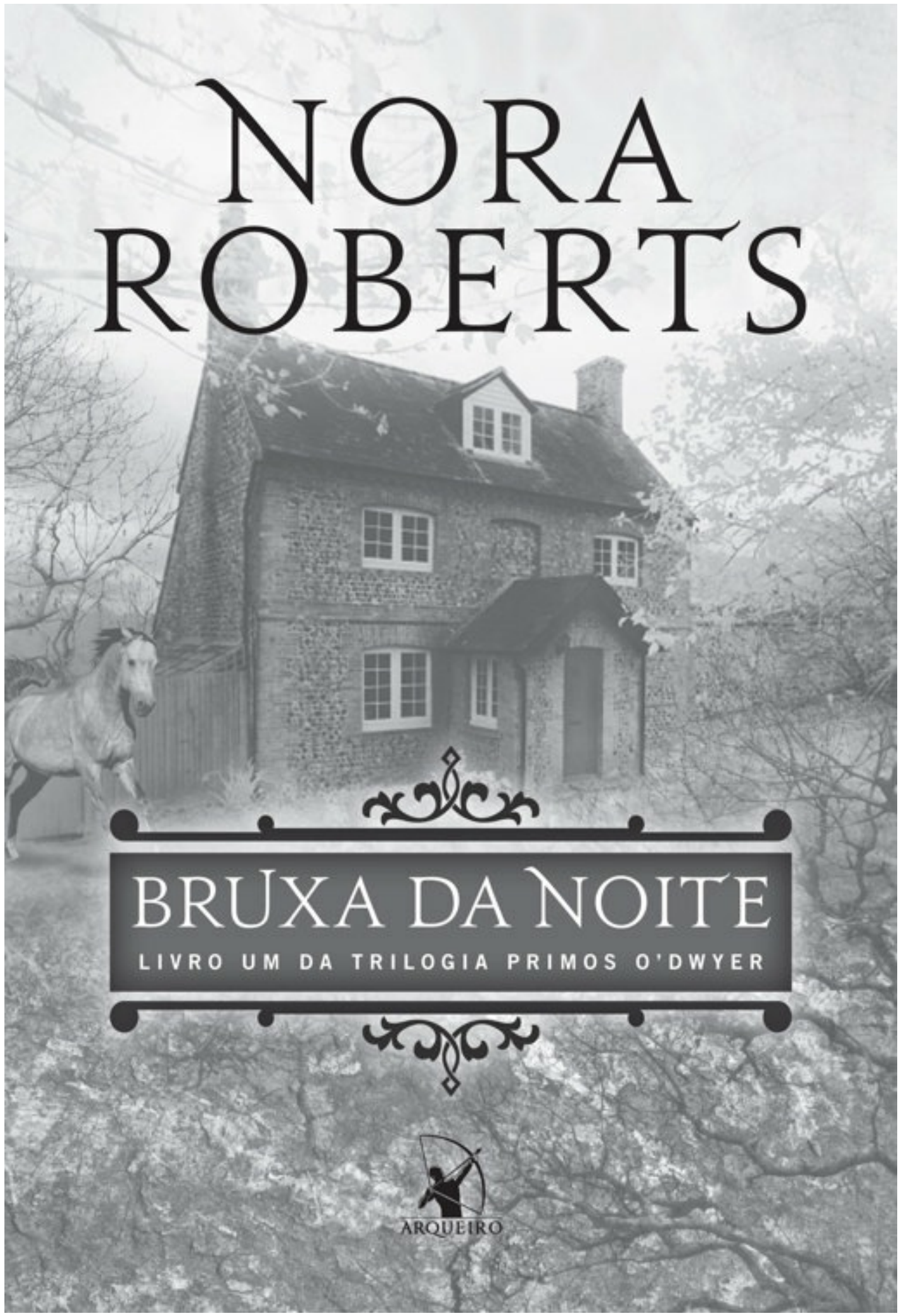
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

NORA ROBERTS



BRUXA DA NOITE

LIVRO UM DA TRILOGIA PRIMOS O'DWYER



Título original: *Dark Witch*

Copyright © 2013 by Nora Roberts.

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Berkley Books, selo da Penguin Group (USA).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Ana Grillo e Renata Dib

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rita Frangie

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: PaulKnight/Trevillion (casa); mariait/Shutterstock (cavalo)

adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R549b

Roberts, Nora, 1950-

Bruxa da noite [recurso eletrônico] / Nora Roberts [tradução de Maria Clara de Biase]; São Paulo : Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: Dark witch

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-385-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Biase, Maria Clara de. II. Título.

15-19561

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para o poder da família,
as de sangue, as formadas.*

*Quando nós três nos encontraremos de novo?
Com trovão, raio ou chuva?
Quando o tumulto acabar,
Quando a batalha for perdida e vencida.*

– William Shakespeare, *Macbeth*



INVERNO DE 1263

PERTO DA SOMBRA DO CASTELO, NO FUNDO DA FLORESTA, SORCHA conduzia seus filhos na penumbra de volta para casa. Os dois mais novos estavam montados no pônei robusto, com Teagan, de apenas 3 anos, balançando a cabeça a cada passo penoso. Sorcha estava cansada depois da empolgação de Imbolc, do festival e das fogueiras.

– Cuide de sua irmã, Eamon.

Para Eamon, de 5 anos, cuidar da irmã bebê era o mesmo que acordá-la com uma rápida cutucada antes de ele voltar a morder as broas que a mãe assara naquela manhã.

– Logo você estará na cama, em casa – sussurrou Sorcha quando Teagan gemeu. – Estamos quase chegando.

Ela havia demorado demais na clareira, pensava. E embora Imbolc celebrasse os primeiros movimentos no útero da Mãe Terra, no inverno a noite caía rápida e dura.

Tinha sido uma estação de ventos gelados, chuvosa e fustigada pela neve. O nevoeiro durara todo o inverno, rasteiro, encobrindo o sol e a lua. Vezes de mais, no vento e na névoa, ouvira chamarem seu nome – um chamado que se recusou a atender. Vezes de mais, naquele mundo branco e cinzento, vira a escuridão.

Recusava-se a se meter com ela.

Seu homem lhe implorara para levar as crianças e ficar com seu *fine*, ou clã em gaélico irlandês, enquanto ele travava suas batalhas durante aquele interminável inverno.

Como esposa do *cennfine*, o chefe do clã, todas as portas estariam abertas para ela. E por direito, pelo que e por quem era, sempre seria bem-vinda.

Mas ela precisava de sua floresta, sua cabana, seu lar. Precisava ficar só tanto quanto precisava respirar.

Sempre cuidaria dos seus, de sua casa e família, sua arte e suas obrigações. E, acima de tudo, dos preciosos filhos que tivera com Daithi. Ela não tinha nenhum medo da noite.

Era conhecida como a Bruxa da Noite, e seu poder era enorme.

Mas naquele momento se sentia apenas uma mulher com saudade de seu companheiro, ansiando pelo calor dele, pelo corpo firme e bonito pressionado contra o seu na escuridão fria e solitária.

Para que servia a guerra? Para a ganância e as ambições de todos os reis mesquinhos? Ela só queria seu homem em casa, são e salvo.

Assim que ele voltasse, fariam um novo bebê e ela voltaria a sentir a vida em suas entranhas. Ainda lamentava a que perdera em uma terrível noite escura quando o primeiro vento do inverno soprou por sua floresta com um som de pranto.

Quantas pessoas ela havia curado? Quantas salvara? Contudo, quando o sangue vertera dela, no momento em que aquela vida frágil se esvaía, nenhuma magia, nenhuma oferenda, nenhuma barganha com os deuses a salvara.

Mas ela sabia muito bem que curar os outros era mais fácil do que curar a si mesma. E os deuses eram tão instáveis quanto uma garota frívola.

– Olhe! Olhe! – Brannaugh, sua filha mais velha, de 7 anos, saltitava pelo caminho duro com o grande cão deles em seus calcanhares. – O abrunheiro está florescendo. É um sinal!

Agora ela via o indício daqueles botões brancos leitosos entre os galhos pretos entrelaçados. Seu primeiro pensamento amargo foi que, enquanto Brígida, a deusa da fertilidade, abençoava a terra, seu útero estava vazio.

Então observou a filha, de olhar aguçado e bochechas rosadas, seu maior orgulho, rodopiando em meio à neve. Sorchá lembrou a si mesma de que havia sido abençoada. Três vezes.

– Isso é um sinal, mãe. – Com os cabelos escuros voando a cada giro, Brannaugh ergueu o rosto à luz que diminuía. – Da chegada da primavera.

– É, sim. Um bom sinal. – Como tinha sido o dia sombrio, quando a velha bruxa Caileach não conseguira encontrar lenha sem o sol brilhando. Então a primavera viria cedo, como rezava a lenda.

O abrunheiro floria, resplandecente, tentando as flores a imitá-lo.

Sorchá viu a esperança nos olhos da filha, como a tinha visto ao pé da fogueira em outros olhos e ouvido nas vozes. E procurou em si mesma aquela centelha de esperança.

Mas só encontrou apreensão.

Ele viria de novo esta noite – já podia senti-lo à espreita, esperando, tramando. Entre, pensou, fique dentro da cabana atrás da porta aferrolhada, com seus amuletos espalhados para proteger as crianças. Para se proteger.

Ela emitiu um comando para o pônei acelerar o passo e assoviou para o cão.

– Vamos, Brannaugh, sua irmã já está quase dormindo.

– Papai vem para casa na primavera.

Embora seu coração continuasse apertado, Sorchá sorriu e pegou a mão da filha.

– Ele vem, no Beltane, e teremos um grande festival.

– Posso vê-lo esta noite, com você? No fogo?
– Há muito a fazer. Precisamos cuidar dos animais antes de ir para a cama.
– Só um pouquinho? – Brannaugh inclinou o rosto para trás, seus olhos cinza como fumaça suplicantes. – Apenas por um momento e depois poderei sonhar que ele está em casa de novo.

Como ela própria faria, pensou Sorch, sorrindo do fundo do coração.

– Por um momento, *m'inion*, minha filha, depois que o trabalho estiver feito.
– E tome seu remédio.

Sorch ergueu as sobrancelhas.

– Devo tomar? Ainda pareço precisar dele?

– Você continua pálida, mãe. – Brannaugh manteve sua voz mais baixa que o vento.

– Só estou um pouco cansada, mas você não precisa se preocupar. Aqui, segure sua irmã, Eamon! Alastar sente o cheiro de casa e ela tende a cair.

– Ela monta melhor do que Eamon e eu.

– Sim. Bem, o pônei é seu talismã, mas ela está quase dormindo nas costas dele.

Havia uma curva no caminho; os cascos do pônei ecoaram no chão gelado enquanto o animal trotava na direção do curral ao lado da cabana.

– Eamon, dê a Alastar uma concha extra de cereal esta noite. Você comeu a sua porção, não é? – perguntou quando o filho começou a murmurar.

Ele sorriu, bonito como uma manhã de verão, e, embora não pudesse pular rápido como um coelho, estendeu os braços.

Eamon sempre estava pronto para um abraço, pensou Sorch, aninhando-o e puxando-o para baixo.

Ela não precisou ordenar que Brannaugh começasse suas tarefas. A garota cuidava da casa quase tão bem quanto a mãe. Sorch pegou Teagan nos braços, murmurando, tranquilizando-a enquanto a carregava para dentro da cabana.

– É hora de sonhar, minha querida.

– Eu sou um pônei e galopo o dia inteiro.

– Ah, sim, o mais lindo dos pôneis, e o mais rápido também.

O fogo, transformado em cinzas quentes depois das horas sem ser reavivado, mal afastava o frio. Carregando a bebê para a cama, Sorch estendeu a mão para a lareira. As chamas se ergueram de um salto.

Ela acomodou Teagan no beliche e acariciou seus cabelos claros como a luz do sol, iguais aos do pai, e esperou até os olhos da filha – profundos e escuros como os da mãe – se fecharem.

– Bons sonhos apenas – murmurou, tocando no talismã pendurado sobre as camas de seus filhos. – Sã e salva durante toda a noite. Que tudo que você é e tudo que você vê a ampare da escuridão para a luz.

Ela beijou o rosto macio e, erguendo-se, estremeceu ao sentir a contração em sua

barriga. A dor ia e vinha, e se tornava mais forte no inverno. Seguiria o conselho da filha e faria uma poção.

– Brígida, neste seu dia, ajude-me a me curar. Tenho três filhos que precisam de mim. Não posso deixá-los sozinhos.

Ela deixou Teagan dormindo e foi ajudar as crianças mais velhas nas tarefas.

Quando a noite caiu, cedo e rápido demais, trancou a porta antes de repetir seu ritual noturno com Eamon.

– Não estou nem um pouco cansado – disse ele, com os olhos se fechando.

– Estou vendo. E também vejo que você está bem acordado e muito ansioso. Vai voar de novo esta noite, *mhic*, meu filho?

– Vou, alto no céu. Você vai me ensinar mais amanhã? Posso sair com Roibeard pela manhã?

– Vou. E pode, sim. O falcão é seu. Você o vê, conhece e sente. Agora descanse. – Ela despenteou os cabelos castanhos como casca de árvore e beijou os olhos fechados do filho, selvagens e azuis como os do pai.

Quando desceu do sótão, encontrou Brannaugh já perto do fogo, com seu cão farejador.

Irradiando saúde, pensou Sorchá – graças à deusa –, e com o poder que ainda não controlava ou entendia de todo. Haveria tempo para isso. Sorchá rezava para que ainda houvesse.

– Fiz o chá – disse-lhe Brannaugh. – Exatamente como você me ensinou. Acho que vai se sentir melhor depois de bebê-lo.

– É você que cuida de mim agora, *mo chroi*, minha querida? – A mãe sorriu, pegou o chá, cheirou-o e assentiu. – Você tem mão para isso. O dom da cura é forte. Com ele, será bem-vinda e necessária aonde for.

– Não quero ir a lugar nenhum. Quero ficar aqui com você, papai, Eamon e Teagan. Sempre.

– Um dia você poderá olhar para além da nossa floresta. E haverá um homem.

Brannaugh bufou.

– Eu não quero um homem. O que eu faria com um homem?

– Bem, isso é uma conversa para outro dia.

Ela foi tomar o chá sentada com a filha perto da lareira, um largo xale ao redor das duas. Quando Brannaugh tocou sua mão, Sorchá entrelaçou os dedos aos da filha.

– Tudo bem, mas só por um momento. Você precisa ir para a cama.

– Posso fazer isso? Posso trazer a visão?

– Sim, veja o que tem. Faça o que quiser. Veja-o, Brannaugh, o homem do qual você veio. É o amor que o traz.

Sorchá observou a fumaça girar, as chamas aumentarem e depois diminuírem. Bom, pensou ela, impressionada. A garota aprendia muito rápido.

A imagem tentou se formar nas cavidades e depressões da chama. Fogo dentro de fogo. Silhuetas, movimentos e, por um momento, o murmúrio de vozes muito distantes.

Ela viu a intensidade no rosto da filha, o leve brilho de suor proveniente do esforço. É de mais para alguém tão jovem, pensou.

– Faremos isso juntas – disse Sorchá em voz baixa.

Ela evocou seu poder e o combinou com o de Brannaugh.

Um rápido rugido, um giro de fumaça, uma dança de fagulhas. Depois clareza.

E lá estava ele, o homem que ambas queriam por perto.

Sentado próximo ao fogo, dentro de um círculo de pedras. Os cabelos claros trançados caíam sobre a capa escura ao redor de seus ombros largos. Preso nela, o *dealg* – ou espinho – de sua posição hierárquica brilhava à luz das chamas.

O broche que Sorchá forjara com fogo e magia – o cão, o cavalo, o falcão.

– Ele parece cansado – disse Brannaugh, apoiando a cabeça no braço da mãe. – Mas tão bonito! O mais bonito dos homens.

– Sim, ele é. Bonito, forte e corajoso.

Ah, como ansiava por ele!

– Pode ver quando ele vai voltar para casa?

– Nem tudo pode ser visto. Talvez eu receba um sinal quando ele estiver mais perto. Mas esta noite vemos que está seguro e bem, e isso é suficiente.

– Ele pensa em você. – Brannaugh olhou para o rosto da mãe. – Posso sentir isso. Ele pode nos sentir pensando nele?

– Ele não tem o dom, mas tem o coração, o amor. Talvez possa. Agora vá para a cama. Subirei logo.

– O abrunheiro está florindo e a velha bruxa não viu o sol hoje. Ele voltará logo. – Brannaugh se levantou e beijou a mãe. O cão subiu a escada com ela.

Sozinha, Sorchá observou seu amor no fogo. E chorou.

Mesmo enquanto enxugava as lágrimas o ouviu. O chamado.

Ele a confortaria, ele a aqueceria – essas eram suas mentiras sedutoras. Ele lhe daria tudo que ela desejasse, e mais. Bastava entregar-se a ele.

– Nunca serei sua.

Você será. Você é. Venha e conheça todos os prazeres, toda a glória. Todo o poder.

– Você nunca me terá, nem o que guardo dentro de mim.

A imagem no fogo mudou. E ele veio nas chamas. Cabhan, cujo poder e objetivo era mais sombrio que a noite invernal. Ele a queria – desejava seu corpo, sua alma, sua magia.

Sorchá sentia a luxúria dele como mãos suadas em sua pele. Mas sabia que, mais do que isso, ele cobiçava seu dom. O peso da cobiça pairava no ar.

Nas chamas, ele sorriu, bonito e implacável.

Eu a terei, Sorchá da Noite. Você e tudo o que você é. Fomos feitos um para o outro.

Somos iguais.

Não, pensou ela, não somos iguais. Somos como o dia e a noite, a luz e a escuridão, que só se juntam nas sombras.

Você está só, e sobrecarregada. Seu homem lhe deixou uma cama fria. Venha se aquecer na minha; sinta o calor. Faça esse calor comigo. Juntos, governaremos todo o mundo.

Sua energia fraquejou, a dor e a contração a afligiram.

Então ela se levantou e deixou o vento quente soprar seus cabelos. Deixou o poder fluir até fazê-la brilhar. E viu, mesmo nas chamas, a luxúria e a cobiça no rosto de Cabhan.

Sabia que era isso que ele queria, a glória que corria em seu sangue. E era isso que nunca teria.

– Conheça minha mente e sinta meu poder, antes, agora e em todas as horas. Você me oferece seu desejo sombrio, vem a mim na fumaça e no fogo. Para trair meu sangue, meus bebês, meu homem, governar todos, basta pegar sua mão. E minha resposta para você vem na forma de vento e mar, da trindade de donzela, mãe e anciã. Que assim seja.

Ela estendeu os braços, liberou a fúria totalmente feminina, rodopiando, e a lançou na direção de onde o coração dele batia.

Houve um instante de puro e louco prazer em seu íntimo ao ouvir o grito de raiva e dor, ao ver a raiva e a dor explodirem no rosto dele contra as chamas.

Então o fogo se tornou apenas fogo, queimando baixo durante a noite, trazendo um pouco de calor para combater a amargura. A cabana era apenas uma cabana, silenciosa e escura. E ela era apenas uma mulher sozinha com seus filhos, que dormiam.

Sorcha desabou na cadeira, pondo um braço sobre sua barriga contraída.

Cabhan se fora, por enquanto. Mas o medo que tinha dele permanecia. Assim como persistia o medo de que nenhuma poção lhe curasse o corpo e ela acabasse deixando seus filhos sem mãe.

Indefesos.

SORCHA ACORDOU COM A FILHA MAIS NOVA ACONCHEGADA A ELA E ISSO lhe deu conforto, mesmo tendo que se levantar e começar seus afazeres.

– Mamãe, fique.

– Tenho que trabalhar, meu raio de sol. E você devia estar na sua cama.

– O homem mau veio. Ele matou meus pôneis.

O pânico apertou o coração de Sorcha. Cabhan tocando em seus filhos – seus corpos, suas mentes, suas almas? Aquilo lhe trouxe um medo e uma raiva indescritíveis.

– Foi só um sonho, minha querida. – Ela puxou Teagan para perto, embalou-a e acalmou-a. – Só um sonho.

Mas os sonhos tinham poder e traziam riscos.

– Meus pôneis gritaram e eu não consegui salvá-los. Ele ateou fogo neles, e eles gritaram. Alastar veio e derrubou o homem mau. Eu fugi montada em Alastar, mas não consegui salvar os pôneis. Tenho medo do homem mau no sonho.

– Ele não vai machucar você. Nunca permitirei que ele a machuque. Só pôneis no sonho. – Com os olhos firmemente fechados, beijou os cabelos claros e desgrehados e as bochechas de Teagan. – Vamos sonhar com mais pôneis. Verdes e azuis.

– Pôneis verdes!

– Sim, verdes como as colinas. – Aconchegando-se, Sorchia ergueu uma das mãos, fez um círculo com o dedo, até que pôneis azuis, verdes, vermelhos e amarelos dançaram no ar acima de suas cabeças. Ouvindo as risadinhas da filha mais nova, Sorchia guardou seus medos e sua raiva, encerrando-os com determinação.

Ele nunca machucaria seus filhos. Ela o veria morto, e a si mesma com ele, antes de permitir isso.

– Todos os pôneis vão comer aveia agora. E você venha comigo fazer o desjejum.

– Tem mel?

– Sim. – O simples desejo de uma guloseima fez Sorchia rir. – Haverá mel para as boas meninas.

– Eu sou boa!

– Você tem o mais puro e doce dos corações.

Sorchia pegou Teagan, que se agarrou firmemente a ela, sussurrando em seu ouvido:

– O homem mau disse que me levaria primeiro porque sou a mais nova e mais fraca.

– Ele nunca a levará, juro pela minha vida. – Sorchia afastou Teagan para que a filha pudesse ver a verdade em seus olhos. – Eu juro. E, minha querida, você não é fraca e nunca será.

Então ela alimentou o fogo, despejou mel no pão e preparou o chá e a aveia. Todos eles precisavam de força para o que ela faria naquele dia. O que precisava fazer.

O filho desceu do sótão, com os cabelos desgrehados e embaraçados de quem acaba de acordar. Ele esfregou os olhos e cheirou o ar como um cão.

– Eu lutei contra o bruxo negro. Não fugi.

O coração de Sorchia disparou.

– Foi um sonho. Conte-me.

– Eu estava na curva do rio onde guardamos o bote e ele veio. Eu soube que era um bruxo negro, porque o coração dele é negro.

– O coração dele!

– Eu vi dentro do coração dele, embora ele sorrisse como um amigo e me oferecesse bolo de mel. “Ei, garoto”, disse. “Tenho uma guloseima para você.” Mas o bolo estava cheio de vermes e sangue preto dentro. Dava para ver que estava envenenado.

– Você viu dentro do coração dele e dentro do bolo?

– Vi, eu juro.

– Acredito em você. – Então seu homenzinho tinha mais poder do que ela imaginava.

– Eu disse para ele: “Coma você o bolo, porque é a morte na sua mão.” Mas ele o atirou para o lado e os vermes rastejaram para fora e queimaram até virar cinzas. Ele pensou que me afogaria no rio, mas atirei pedras nele. Aí Roibeard veio.

– Você chamou o falcão em seu sonho?

– Eu quis que ele viesse e ele veio, mostrando as garras. Então o bruxo preto foi embora, como fumaça no vento. E eu acordei na minha cama.

Sorcha o puxou para perto e acariciou seus cabelos.

Ela lançara sua fúria contra Cabhan, por isso ele foi atrás de seus filhos.

– Você é corajoso e leal, Eamon. Agora coma. Temos que cuidar do gado.

Sorcha se aproximou de Brannaugh, parada ao pé da escada.

– E você também.

– Ele veio em meu sonho. Disse que me tornaria sua noiva. Ele... tentou me tocar. Aqui. E aqui. – Pálida, ela levou as mãos aos seios e depois entre as pernas.

Tremendo, pressionou o rosto contra o da mãe quando Sorcha a abraçou.

– Eu o queimei. Não sei como, mas fiz os dedos dele queimarem. Ele me amaldiçoou e fechou as mãos em punhos. Kathel pulou para a cama, rosnando e mordendo. Então o homem foi embora. Mas ele tentou me tocar e disse que me tornaria sua noiva, e...

A raiva despertou em meio ao medo.

– Ele nunca fará isso. Eu juro. Ele nunca vai pôr as mãos em você. Agora coma, coma tudo. Há muito trabalho a fazer.

Sorcha mandou todos eles irem dar de comer e beber aos animais, limpar os estábulos e ordenhar a vaca gorda.

Sozinha, preparou-se reunindo seus utensílios. A tigela, os sinos, as velas, a faca sagrada e o caldeirão. Escolheu as ervas que havia plantado e secado. E os três braceletes de cobre que Daithe comprara para ela em uma feira de verão, muito tempo atrás.

Saiu, respirou fundo e ergueu os braços para agitar o vento. Chamou o falcão.

Ele veio com um grito que ecoou sobre as árvores e as colinas ao longe, fazendo os criados do castelo que estavam perto do rio olharem para cima. As asas do falcão, bem abertas, refletiram o brilho do sol de inverno. Sorcha ergueu o braço para que aquelas garras duras se firmassem em sua luva de couro.

Olhou nos olhos do falcão, e ele a encarou de volta.

– Rápido e sábio, forte e destemido. Você é de Eamon, mas meu também. Servirá ao que vem de mim. O que é meu servirá ao que vem de você. Preciso de você e peço isso por meu filho, seu amo e criado.

Ela lhe mostrou a faca e o falcão não piscou.

– Roibeard, eu lhe peço três gotas do sangue de seu peito e uma única pena de sua grande asa. Por essas dádivas canto seus louvores. Para guardar meu filho, isto é feito.

Ela o espetou e segurou o pequeno frasco para colher as três gotas. Arrancou uma única pena.

– Obrigada – sussurrou. – Fique por perto.

Ele voou da mão de Sorchá, mas apenas até o galho de uma árvore. Fechou as asas e ficou atento.

Ela assoviou, chamando o cão. Kathel a observou com amor e confiança.

– Você é de Brannaugh, mas meu também – começou, e repetiu o ritual, pegando as três gotas de sangue e um pouco do pelo do flanco.

Por último, foi até o estábulo, seguindo a direção do riso das crianças, que cumpriam suas tarefas. Sorchá tirava força disso. Acariciou o focinho do pônei.

Teagan veio correndo quando viu a faca.

– Não!

– Eu não vou machucá-lo. Ele é seu, mas meu também. Servirá ao que vem de mim e você servirá ao que vem dele. Preciso de você, Alastar, e peço isso por minha filha, sua ama e criada.

– Não o corte. Por favor!

– É só uma espetadela, só um pouquinho e apenas se ele consentir. Alastar, eu lhe peço três gotas do sangue de seu peito e um pouco dos pelos de sua bela crina. Por essas dádivas louvo seu nome. Para guardar minha pequenina, isto é feito.

Sorchá disse em voz baixa para a filha:

– Apenas três gotas, um pouco da crina. E pronto.

Embora Alastar continuasse quieto, com seus olhos sábios e calmos, Sorchá pôs as mãos no pequeno corte, usando sua magia para curá-lo. Pelo coração terno da filha.

– Venham comigo agora, todos. – Ela ergueu Teagan, encaixando-a no quadril, e seguiu na frente, em direção à casa. – Vocês sabem o que eu sou. Nunca escondi. Sabem que também carregam o dom. Eu sempre lhes disse isso. A magia de vocês é jovem e inocente. Um dia será forte e rápida. Vocês devem honrá-la. Devem usá-la sem prejudicar ninguém, porque o mal que fizerem voltará em triplo. Sim, a magia é uma arma, mas não deve ser usada contra os fracos e inocentes. É um dom e um fardo, e vocês carregarão ambos. Passarão isso para aqueles que vierem de vocês. Hoje aprenderão mais. Prestem atenção em mim e no que faço. Observem, ouçam, compreendam.

Ela foi até Brannaugh primeiro.

– Seu sangue e o meu, com o sangue do cão. Sangue é vida. Perdê-lo é a morte. Três gotas suas, três gotas minhas e, com as do cão, o feitiço está feito.

Brannaugh pôs a mão sobre a da mãe sem hesitação e se manteve firme quando Sorchá a espetou com a faca.

– Meu filho – disse para Eamon. – Três gotas suas, três gotas minhas e mais três do peito do falcão, para selar três partes.

Embora tivesse os lábios trêmulos, Eamon estendeu a mão.

– E meu bebê. Não tenha medo.

Teagan ficou com os olhos rasos d'água, mas ofereceu a mão e observou a mãe solenemente.

– Três gotas suas, três gotas minhas, com o cavalo como seu guia, a magia segue.

Ela misturou o sangue e beijou a mãozinha de Teagan.

– Pronto, está feito.

Pegou o caldeirão e pôs os frascos na bolsa em sua cintura.

– Tragam o restante. É melhor fazer isto lá fora.

Escolheu o local, no chão duro coberto de neve à sombra das árvores.

– Deveríamos buscar lenha? – perguntou-lhe Eamon.

– Não para isto. Fiquem aqui, juntos.

Ela foi para além deles e evocou a deusa, na terra, no ar, na água e no fogo. Lançou o círculo. A chama baixa veio do chão e o circundou até as pontas se encontrarem. Dentro dele surgiu um calor como o da primavera.

– Isto é proteção e respeito. O mal não pode entrar, a escuridão não pode derrotar a luz. E o que é feito dentro do círculo é feito para o bem, por amor. Primeiro a água, do mar e do céu. – Ela pôs as mãos em concha e as abriu, derramando no caldeirão água azul como a de um lago iluminado pelo sol. – E a terra, nossa terra, nossos corações.

Sacudiu uma das mãos, depois a outra, e uma preciosa terra castanha foi posta no caldeirão.

– E o ar, canção do vento, respiração do corpo.

Abriu os braços e soprou. E, como música, o ar se juntou à terra e à água.

– Agora o fogo, chama e calor, início e fim.

Ao erguer os braços e virar as mãos para baixo, ela estava resplandecente, os olhos azuis ardentes e o ar ao seu redor esquentando.

Dentro do caldeirão surgiu o fogo, lançando chamas e centelhas dançantes.

– Foi seu pai que me deu isto. São um sinal do amor dele e do meu. Vocês três são frutos desse amor.

Ela atirou três braceletes de cobre no fogo e, circundando-o, acrescentou o pelo do cão, a crina do pônei, a pena do falcão e sangue.

– A deusa me dá poder para ficar neste lugar, neste momento. Faço este feitiço para proteger de todo o mal meus três filhos e todos que vierem deles e de mim. O cavalo, o falcão, o cão, pelo sangue se obrigam para sempre a proteger e servir de uma vida para outra, na alegria, na tristeza, na saúde, na discórdia. Na terra, no ar, na chama, no mar. Como eu farei. Que assim seja.

Sorcha ergueu os braços bem alto e virou o rosto para o céu.

O fogo subiu em uma torre, vermelho e dourado, com um tom forte de azul no centro, girando em direção ao céu frio de inverno.

A terra estremeceu. A água gelada do riacho rugiu. E o vento uivou como um lobo em busca de sua presa.

Então tudo parou, sumiu, e restaram apenas três crianças de mãos dadas vendo a mãe – agora pálida como a neve – oscilar.

Sorcha balançou a cabeça quando Brannaugh começou a caminhar em sua direção.

– Ainda não. Magia é esforço. Dar e receber. Deve ser completada. – Ela pegou no caldeirão os três amuletos de cobre. – Para Brannaugh, o cão; para Eamon, o falcão; e para Teagan, o cavalo. – Aplicou um amuleto sobre a cabeça de cada criança. – Esses são seus sinais e escudos. Eles os protegem. Devem sempre mantê-los com vocês. Ele não poderá tocar no que vocês são se tiverem seu escudo, se acreditarem no poder do amuleto, no meu e no de vocês. Um dia passarão isso para um que vier de vocês. Saberão qual. Contarão a história a seus filhos e cantarão velhas canções. Receberão a dádiva e a transmitirão.

Teagan admirou seu amuleto e sorriu ao virar o pequeno objeto oval na luz do sol.

– É bonito. Parece Alastar.

– É dele, seu, meu, de seu pai, de seu irmão e de sua irmã. Como não seria bonito? – Ela se abaixou para beijar a bochecha de Teagan. – Tenho filhos muito bonitos.

Mal pôde se aguentar, e teve de conter um gemido quando Brannaugh a ajudou a ficar em pé.

– Tenho que fechar o círculo. Devemos levar tudo para dentro agora.

– Nós a ajudaremos – disse Eamon, pegando a mão da mãe.

Com seus filhos, ela fechou o círculo, e os deixou carregar os utensílios para dentro da casa.

– Você precisa descansar. Sente-se perto do fogo. – Brannaugh levou a mãe até a cadeira. – Vou lhe preparar uma poção.

– Sim, uma forte. Mostre aos seus irmãos como se faz.

Sorcha sorriu quando Teagan pôs um xale ao redor dos seus ombros e Eamon abriu um cobertor sobre seu colo. Mas assim que começou a estender a mão para pegar a xícara que Brannaugh trouxe, a filha a puxou de volta. Então apertou a carne ao redor do corte em sua mão até três gotas caírem dentro.

– Sangue é vida.

Sorcha suspirou.

– Sim, é. Obrigada.

Ela bebeu a poção e dormiu.



POR UMA SEMANA, DEPOIS DUAS, SORCHA ESTEVE FORTE E MANTEVE seu poder. Cabhan tentou destruí-la, insinuou-se, mas ela o deteve.

O abrunheiro e as campainhas brancas floresceram, e a luz se tornou mais primaveril do que invernal.

Todas as noites Sorchia via Daithi no fogo. Quando podia, falava com ele, arriscava lhe enviar seu espírito para evocar o cheiro, a voz e o toque dele – e deixar os seus.

Para fortalecer a ambos.

Não lhe disse nada sobre Cabhan. A magia era o mundo dela. A espada, o punho e até mesmo o coração de guerreiro de Daithi não podiam derrotar Cabhan. Cabia a ela proteger a cabana, que já lhe pertencia antes de tornar Daithi seu homem.

E ainda assim contava os dias para o Beltane, o dia em que ele voltaria para casa.

Seus filhos cresciam e aprendiam. Uma voz em sua cabeça a exortava a lhes ensinar o mais rápido possível. Sorchia não a questionava.

À noite, passava horas à luz da vela de sebo e da lareira escrevendo seus feitiços, suas receitas e até mesmo seus pensamentos. Quando ouvia o rugido do lobo ou o bater do vento, ignorava-os.

Por duas vezes foi chamada ao castelo para uma cura e levou os filhos para brincar com as outras crianças, mantê-los por perto e deixá-los ver o respeito que as pessoas tinham pela Bruxa da Noite.

Porque seu nome e tudo o que ele carregava seriam o legado deles.

Mas sempre que voltavam para casa precisava de uma poção para recuperar a força empenhada na magia da cura que dispensava aos necessitados.

Embora ansiasse pelo seu homem e pela saúde que temia nunca mais recuperar, ensinava sua arte aos filhos todos os dias. Observou a distância Eamon chamar Roibeard – mais dele do que dela agora, como deveria ser. Viu, orgulhosa, sua bebê cavalgar Alastair, tão determinada quanto qualquer guerreiro.

E sabia, com orgulho e também tristeza, quão frequentemente Brannaugh e seu fiel Kathel patrulhavam a floresta.

O dom estava lá, mas a infância também. Sorchia garantia que houvesse música, jogos e o máximo de inocência que pudesse preservar.

Eles recebiam visitas de pessoas em busca de feitiços, unguentos e respostas, das que esperavam amor ou fortuna. Sorchá ajudava as que podia, recebendo suas oferendas. E sempre observava a estrada – embora seu amor ainda estivesse a semanas de casa.

Levou os filhos para o rio, no pequeno barco que o pai deles construíra em um dia de ventos calmos, quando o céu estava mais azul do que cinza.

– Dizem que as bruxas não podem viajar sobre a água – disse Eamon.

– É isso que dizem? – Sorchá riu e ergueu o rosto para a brisa. – Bem, aqui estamos nós, navegando.

– Quem disse foi Donal, do castelo.

– Dizer, e até mesmo acreditar nisso, não faz com que seja verdade.

– Eamon fez um sapo voar para Donal. Para se exhibir.

Eamon lançou um olhar soturno para a irmã e teria acrescentado uma cotovelada ou um beliscão se a mãe não estivesse olhando.

– Sapos voadores podem ser divertidos, mas não é sensato gastar sua magia em diversão.

– Foi um treino.

– Você poderia treinar pegando alguns peixes para o jantar. Não assim – preveniu-o Sorchá enquanto o filho erguia as mãos acima da água. – Magia não é resposta para tudo. Também é preciso saber como se proteger sem ela. Um dom nunca deve ser desperdiçado no que você pode fazer com sua inteligência, suas mãos ou suas costas.

– Eu gosto de pescar.

– Eu não – observou Brannaugh enquanto o pequeno barco navegava no rio. – Você só fica sentado, esperando e esperando. Eu preferiria caçar. Temos as florestas e poderíamos pegar coelhos para o jantar.

– Amanhã será um dia tão bom quanto hoje para isso. Se seu irmão tiver sorte e habilidade, esta noite comeremos peixe. E talvez uma torta de batatas.

Entediada, Brannaugh entregou sua linha para a irmã e olhou por sobre a água para o castelo com grandes muralhas de pedra.

– Você não gostaria de morar ali, mãe? Ouvi as mulheres conversando. Elas disseram que todos nós seremos bem-vindos.

– Temos nossa casa e, embora seja apenas uma cabana, está em pé há mais tempo que aquelas paredes. Já estava erguida quando os O’Connors governavam, antes da Casa de Burke. Reis e princesas vêm e vão, *m’inion*, mas a casa permanece.

– Gosto da aparência dele, tão grande e alto, mas prefiro nossa floresta. – Ela apoiou a cabeça no braço da mãe por um momento. – Os Burkes poderiam tirar nossa casa.

– Poderiam, se tentassem, mas foram sábios em respeitar a magia. Não temos nenhuma rixa com eles.

– Se tivéssemos, papai lutaria contra eles. E eu também. – Ela olhou para sua mãe. – Dervia, do castelo, me disse que Cabhan foi banido.

– Você já sabia disso.

– Sim, mas ela disse que ele volta e se deita com mulheres. Sussurra em seus ouvidos e elas acham que é seu legítimo marido. Mas de manhã, descobrem. Choram. Ela disse que você deu às mulheres amuletos para mantê-lo longe, mas... ele seduziu uma das criadas da cozinha, no pântano. Ninguém consegue encontrá-la.

Sorcha sabia disso, e sabia também que a criada nunca seria encontrada.

– Ele brinca com elas e abate os fracos para se alimentar. Seu poder é negro e frio. A luz e o fogo sempre o derrotarão.

– Mas ele volta. Arranha janelas e portas.

– Ele não consegue entrar – garantiu Sorcha, mas sentiu um arrepio em seu sangue.

Nesse exato momento Eamon deu um grito e, ao erguer sua linha, um peixe prateado brilhava ao sol.

– Sorte e habilidade – disse Sorcha com uma risada, pegando a rede.

– Quero pescar um. – Teagan se inclinou ansiosamente para a água, como se procurasse um peixe.

– Esperamos que pesque, porque, mesmo com este peixe magnífico, precisaremos de mais de um. Bom trabalho, Eamon.

Eles pescaram mais três e, se Sorcha usou a magia para ajudar um pouco sua filha, foi por amor.

Ela remou na volta, com o sol brilhando, a brisa dançando e o ar cheio de vozes de crianças.

Um bom e lindo dia, pensou, e a primavera estava tão próxima que quase podia saboreá-la.

– Vá correndo para casa, Eamon, e limpe estes peixes. Você pode começar a fazer as batatas, Brannaugh. Eu cuidarei do barco.

– Vou ficar com você. – Teagan pôs a mão na da mãe. – Posso ajudar.

– Pode sim, porque precisamos pegar um pouco de água no riacho.

– Os peixes gostam de ser pescados e comidos?

– Não posso dizer que sim, mas essa é a finalidade deles.

– Por quê?

Enquanto amarrava o barco, Sorcha lembrou que “por quê” tinham sido as primeiras palavras de Teagan.

– Os poderes não puseram o peixe na água e nos deram inteligência para fazer as redes e linhas?

– Mas eles devem gostar mais de nadar do que do fogo.

– Espero que sim. É por isso que devemos comer com atenção e gratidão.

– E se nós não os pegássemos e comêssemos?

– Então ficaríamos com fome.

– Eles conversam debaixo da água?

– Bem, nunca conversei com um peixe. – Sorchá apertou o manto de Teagan contra o corpo da filha. – Está esfriando. – Ela ergueu os olhos e viu nuvens encobrindo o sol.
– Podemos ter uma tempestade esta noite. É melhor irmos para casa.

Assim que ela se aprumou, a névoa surgiu. Cinza e suja, esgueirou-se como uma cobra sobre o chão, tirando o brilho do dia.

Não era uma tempestade chegando, percebeu Sorchá. A ameaça já estava ali.

Sorchá empurrou Teagan para trás quando Cabhan saiu da névoa.

Ele usava preto salpicado de prata como estrelas num céu da meia-noite. Seus cabelos caíam em ondas sobre os ombros, uma moldura cor de ébano para o rosto duro e bonito. Seus olhos, misteriosos como um coração cigano, demonstravam poder e prazer ao olhar para Sorchá.

Ela os sentiu como mãos ousadas em sua pele.

Ao redor do pescoço Cabhan usava um grande pendente de prata na forma de sol com uma pedra gorda – um olho vermelho brilhante – no centro. Aquilo era novo, pensou Sorchá, sentindo seu poder sombrio.

– Minha senhora – disse ele, fazendo-lhe uma medida.

– Você não é bem-vindo aqui.

– Eu vou aonde quiser. Vejo uma mulher e sua linda filha pequena sozinhas. Um banquete para bandidos e lobos. Você não tem nenhum homem para protegê-la, Sorchá da Noite. Eu as acompanharei.

– Estou em segurança. Vá embora, Cabhan. Está perdendo seu tempo e seus poderes aqui. Nunca cederei a alguém como você.

– Sim, você cederá. Seu destino é se unir a mim. Vi isso no vidro.

– Você vê mentiras e desejos, não verdade ou destino.

Ele apenas sorriu, um gesto tão sedutor quanto sua voz.

– Juntos governaremos esta terra e qualquer outra que quisermos. Você usará tecidos finos de cores brilhantes e cobrirá sua pele de joias.

Ele girou as mãos. Teagan ficou boquiaberta ao ver a mãe usando o vermelho vivo da realeza, joias brilhantes e uma coroa de ouro cravejada delas.

Com a mesma rapidez, Sorchá sacudiu uma das mãos e estava novamente vestida em sua lã preta simples.

– Não tenho nenhuma necessidade e nenhum desejo de suas cores e seus brilhos. Me deixe em paz, e minha família também, ou sentirá minha ira.

Ele riu, o som saindo com calmo e terrível prazer.

– É de admirar, minha querida, que eu não queira ninguém mais além de você? Seu fogo, sua beleza, seu poder, tudo isso está destinado a ser meu.

– Sou mulher de Daithi e sempre serei.

Com um grunhido de indignação, Cabhan agitou os dedos.

– Daithi se preocupa mais com seus ataques, seus jogos e suas pequenas guerras

triviais do que com você ou com os filhos que lhe deu. Há quantas luas ele não compartilha sua cama? Você sente frio à noite, Sorchá. Percebo isso. Eu lhe mostrarei prazeres que nunca conheceu. E a tornarei mais do que você é. Eu a tornarei uma deusa.

O medo tentou rastejar para dentro dela como a névoa rastejava no chão.

– Eu morreria pela minha própria mão antes de me deitar com você. Tudo o que você anseia é mais poder.

– E você é uma tola por não ansiar. Juntos esmagaremos todos que ficarem contra nós, viveremos como deuses, seremos deuses. E para isso eu lhe darei o que seu coração mais deseja.

– Você não conhece o meu coração.

– Um bebê em sua barriga para substituir o que perdeu. Meu filho, nascido de você. Mais poderoso do que qualquer um jamais foi ou será.

Sorchá sentiu a dor da perda – e um medo terrível da pequena semente de desejo do que ele oferecia. Uma vida crescendo nela, forte e real.

Sentindo esse medo, Cabhan se aproximou.

– Um filho – murmurou. – Radiante em seu útero. Desenvolvendo-se nele, nascendo forte e glorioso como nenhum outro. Dê-me sua mão, Sorchá, e eu lhe darei o desejo de seu coração.

Sorchá tremeu por um momento. Ah, por todos os deuses, ansiava por aquela vida.

Ao sentir a mãe tremer, Teagan saiu de trás das saias dela. Atirou uma pedra e atingiu Cabhan na têmpora. Um pequeno filete de sangue vermelho-escuro escorreu por sua pele pálida.

Seus olhos se tornaram ferozes quando ele balançou o braço. Antes que pudesse desferir o golpe, Sorchá o empurrou para trás com a pura força de sua vontade.

Ela segurou Teagan nos braços.

Agora o vento soprava ao seu redor, o natural e o nascido de sua própria fúria.

– Eu o matarei mil vezes, eu o farei sofrer por dez mil anos se puser as mãos em minha filha. Juro por tudo que sou.

– Você me ameaça? Você e sua pequena? – Ele fixou os olhos no rosto de Teagan, e seu sorriso se espalhou, mortal. – Bela pequena. Brilhante como um peixe na água. Devo pegar você e devorá-la?

Embora se agarrasse a Sorchá e tremesse, Teagan não se acovardou:

– Vá embora!

Com fúria e medo, seu jovem e não experimentado poder se manifestou e o atingiu, tão real quanto a pedra. Começou a sair sangue da boca de Cabhan e o sorriso dele se tornou um rosnado.

– Primeiro você, depois seu irmão. Sua irmã... um pouco de amadurecimento primeiro, e então ela também me dará filhos. – Ele passou a ponta de um dedo sobre o

sangue em seu rosto e o cruzou sobre o amuleto. – Eu os teria poupado – disse ele a Sorchá. – Agora os verá morrer.

Sorchá apertou os lábios contra a orelha de Teagan.

– Ele não pode machucá-la – começou em um sussurro, e depois observou horrorizada Cabhan se transformar.

O corpo dele mudou, se torceu como a névoa. O amuleto brilhou e a pedra girou até os olhos de Cabhan ficarem tão vermelhos quanto ela.

Pelos negros cobriram seu corpo. Garras surgiram de seus dedos. E, enquanto ele parecia cair no chão, atirou a cabeça para trás e uivou.

Lenta e cuidadosamente, Sorchá pôs Teagan de novo atrás de si.

– Ele não pode machucá-la. – Rezou para que isso fosse verdade, para que a magia que pusera na placa de cobre contivesse até mesmo aquela forma.

Porque estava claro que ele trocara sua alma por essa arte negra.

O lobo mostrou os dentes e pulou.

Sorchá o empurrou para trás – estendendo as mãos, reunindo suas forças para que aquela pura luz branca emanasse de suas palmas. Quando a luz atingiu o lobo, ele gritou, quase como um homem. Mas atacou de novo, pulando, rosnando, seus olhos ferozes e horrivelmente humanos.

As garras se projetaram e atingiram as saias de Sorchá, rasgando-as. Então foi o grito de Teagan que rasgou o ar.

– Vá embora, vá embora! – Ela atirou no lobo pedras que se transformavam em bolas de fogo quando o atingiam, fazendo a névoa ficar com cheiro de carne e pelo queimado.

O lobo investiu de novo, ainda uivando. Teagan caiu para trás enquanto Sorchá o golpeava. O manto da garotinha se abriu. Da placa de cobre que usava saiu uma chama azul, reta e afiada como uma flecha, que atingiu o flanco do lobo, deixando uma marca com a forma de um pentagrama.

Com um grito de dor, o animal recuou. Enquanto agitava as patas no ar, Sorchá reuniu tudo o que tinha – sua luz, sua esperança e seu poder.

O mundo se tornou branco, cegando-a. Desesperada, procurou a mão de Teagan e caiu de joelhos.

A névoa desapareceu. Tudo que restou do lobo foi terra queimada com a forma dele.

Chorando, Teagan se agarrou à mãe, escondendo-se nela – agora era apenas uma criança, com medo de monstros muito reais.

– Veja, ele se foi. Você está segura. Precisamos ir para casa, minha querida.

Mas Sorchá não tinha forças nem para ficar de pé. Sentiu vontade de chorar por ter sido reduzida a tão pouco. Em outros tempos poderia ter reunido o poder para voar pela floresta com sua filha nos braços. Agora seus membros tremiam, sua respiração

queimava e seu coração batia tão rápido e forte que o sentia nas têmporas.

Se Cabhan se recuperasse, se voltasse...

– Corra para casa. Você conhece o caminho. Corra para casa. Eu a seguirei.

– Vou ficar com você.

– Teagan, faça o que eu digo.

– Não. Não. – Esfregando os olhos, Teagan balançou a cabeça, teimosa. – Você vem.

Você vem.

Sorcha cerrou os dentes e conseguiu se levantar. Mas depois de dois passos caiu de joelhos de novo.

– Não consigo, minha querida. Minhas pernas não vão me sustentar.

– Alastar pode carregar você. Eu o chamarei e ele nos levará para casa.

– Você pode chamá-lo de tão longe?

– Ele virá bem rápido.

Teagan se pôs sobre suas pernas firmes e ergueu os braços.

– Alastar, Alastar, corajoso e livre, atenda ao meu chamado e venha até mim. Corra, corra de verdade ao encontro de quem precisa de você.

Teagan mordeu o lábio e se virou para a mãe.

– Brannaugh me ajudou com as palavras. Ficaram boas?

– Sim, ótimas. – Jovem, pensou Sorcha. Simples e pura. – Diga isso mais duas vezes.

Três é magia forte.

Teagan obedeceu e depois voltou para acariciar os cabelos da mãe.

– Quando estivermos em casa, você ficará boa de novo. Brannaugh lhe fará chá.

– Sim, é isso que ela fará. Quando estivermos em casa, ficarei boa de novo. – Ela pensou que era a primeira vez que mentia para a filha. – Encontre um bastão forte para mim. Acho que consigo me apoiar nele e andar um pouco.

– Alastar virá.

Embora duvidasse disso, Sorcha assentiu.

– Nós o encontraremos. Encontre um bastão firme para mim, Teagan. Temos que chegar em casa antes de escurecer.

Enquanto Teagan se erguia com dificuldade, elas ouviram os cascos.

– Ele está vindo! Alastar! Estamos aqui, estamos aqui!

Ela chamara seu guia, pensou Sorcha, e uma forte pontada de orgulho venceu sua fadiga. Teagan correu para se encontrar com o cavalo e Sorcha reuniu forças de novo, levantando-se cheia de dor.

– Aqui está você, um príncipe dos cavalos. – Grata, Sorcha encostou o rosto no focinho de Alastar. – Você pode me ajudar a montar? – perguntou para Teagan.

– Ele a ajudará. Eu lhe ensinei um truque. Estava esperando papai voltar para mostrar. Ajoelhe-se, Alastar! Ajoelhe-se! – Rindo, Teagan abaixou uma das mãos.

O cavalo abaixou a cabeça, dobrou as pernas dianteiras e se ajoelhou.

– Ah, minha menina inteligente!

– É um bom truque?

– Sim. É ótimo. – Agarrando a crina, Sorchia subiu no cavalo. Ágil como um grilo, Teagan pulou e se sentou na frente dela.

– Segure-se em mim, mãe! Alastar e eu a levaremos para casa.

Sorchia se segurou na cintura da menina, confiando na criança e no cavalo. Cada passo do galope produzia dor, mas também as levava para mais perto de casa.

Quando se aproximaram da clareira, Sorchia viu seus filhos mais velhos correndo na direção delas, Brannaugh arrastando a espada do avô e Eamon segurando uma adaga.

Corajosos demais.

– Voltem para a casa, agora! Depressa!

– O malvado veio – gritou Teagan. – E se transformou em um lobo. Atirei pedras nele, Eamon, como você fez.

As vozes das crianças – as perguntas, a excitação, as manifestações de medo – ecoaram na cabeça de Sorchia. Ela estava encharcada de suor. Mais uma vez agarrou a crina de Alastar, descendo até o chão. Cambaleou quando o mundo ficou cinza.

– Mamãe está doente. Ela precisa do seu chá.

– Para dentro – consegui dizer Sorchia. – Tranquem a porta.

Ela ouviu Brannaugh dar ordens, comandando como um chefe tribal – “busquem água, aticem o fogo” – e se sentiu como se flutuasse para sua cadeira, onde seu corpo desabou.

Um pano frio em sua cabeça. Líquido forte e quente descendo por sua garganta. Uma melhora na dor, a dissipação da névoa.

– Agora descanse. – Brannaugh lhe acariciou os cabelos.

– Estou melhor. Você tem um forte dom para a cura.

– Teagan disse que o lobo foi consumido pelo fogo.

– Não. Sim, nós o ferimos, mas ele está vivo.

– Nós o mataremos. Faremos uma armadilha e o mataremos.

– Talvez, quando eu estiver mais forte. Ele está mais forte do que antes, com esse poder de mudar de forma. Não sei dizer que preço pagou por ele, mas foi caro. Sua irmã o marcou. Aqui. – Sorchia pôs uma das mãos sobre o ombro esquerdo. – A forma de um pentagrama. Fiquem atentos a isso, tomem cuidado com quem tiver essa marca.

– Tomaremos. Não se preocupe mais. Prepararemos o jantar e você se sentirá forte para comer e descansar.

– Você me fará um amuleto. Exatamente como eu disser. Faça-o e o traga para mim. O jantar pode esperar.

– Ele a tornará mais forte?

– Sim.

Brannaugh fez o amuleto e Sorchia o pendurou no pescoço, perto de seu coração.

Bebeu mais poção e, embora estivesse com pouco apetite, se forçou a comer.

Ela dormiu, sonhou, acordou e viu Brannaugh vigiando-a.

– Vá para a cama. Está tarde.

– Nós não a deixaremos. Posso ajudá-la a ir para a sua.

– Vou ficar sentada aqui perto do fogo.

– Então eu me sentarei com você. Nós nos revezaremos. Acordarei Eamon quando for a vez dele, e Teagan lhe trará seu chá de manhã.

Cansada demais para discutir e orgulhosa demais para repreender, Sorchá apenas sorriu.

– É assim que vai ser?

– Até você ficar boa de novo.

– Estou melhor, eu juro. A magia dele foi muito forte, negra. Combatê-la exigiu mais do que eu tinha. Você ficaria orgulhosa da nossa Teagan. Ela foi muito corajosa e esperta. E você, correndo na nossa direção com a espada de seu avô!

– É muito pesada.

A risada fez bem a Sorchá.

– Ele era um homem grande com uma barba vermelha do comprimento do seu braço. – Com um suspiro, ela passou a mão na cabeça de Brannaugh. – Se você não vai para a cama, arrume um catre no chão. Nós duas dormiremos um pouco.

Quando a filha dormiu, Sorchá fez um feitiço para tornar os sonhos dela bons e doces.

Então se virou para o fogo. Já passava da hora de chamar Daithi para casa. Precisava da espada e da força dele. Precisava dele.

Então abriu a mente para o fogo e o coração para seu amor.

Seu espírito viajou por sobre colinas e campos, através da noite e de florestas, sobre a água onde a lua nadava. Voou por toda a distância que os separava do acampamento do clã deles.

Daithi estava dormindo perto do fogo, com o luar cobrindo-o como um manto.

Quando Sorchá pousou ao lado dele, os lábios de Daithi se curvaram e ele a abraçou.

– Você está cheirando a lareira de casa e a clareira.

– É para casa que você deve ir.

– Em breve, *aghra*, meu amor. Duas semanas, não mais.

– Amanhã você deve partir o mais rápido possível. Meu querido, meu guerreiro. – Sorchá pôs as mãos em concha no rosto dele. – Todos nós precisamos de você.

– E eu preciso de você. – Ele se virou à visão dela, e abaixou a boca para a de Sorchá.

– Mas não para a cama, embora eu anseie por você. Todos os dias, todas as noites. Preciso de sua espada, preciso de você ao meu lado. Cabhan atacou hoje.

Daithi se ergueu de um pulo, sua mão no punho da espada.

– Você está ferida? As crianças?

– Não, mas por pouco. Ele está mais forte, e eu, mais fraca. Temo não conseguir detê-lo.

– Não há ninguém mais forte que você. Ele nunca tocará na Bruxa da Noite. A fé de Daithi nela partiu seu coração, porque não mais a merecia.

– Eu não estou bem.

– O que houve?

– Não queria afligi-lo e... não, meu orgulho. Eu o valorizei demais, mas agora o dispenso. Tenho medo do que virá, Daithi. Tenho medo dele. Não posso detê-lo sem você. Por nossos filhos, nossas vidas, volte para casa.

– Eu irei esta noite. Levarei homens comigo.

– À primeira luz. Espere pela luz, porque a escuridão é dele. E seja rápido.

– Dois dias. Estarei em casa com você daqui a dois dias. E Cabhan conhecerá a força da minha espada. Eu juro.

– Eu o acompanharei e esperarei. Sou sua nesta vida e em todas as que virão.

– Cure-se, minha feiticeira. – Ele levou as mãos de Sorchá aos lábios. – Isso é tudo que lhe peço.

– Venha para casa e eu me curarei.

– Dois dias.

– Dois dias. – Sorchá o beijou, abraçando-o com força. E levou o beijo com ela ao voar de volta sobre o espelho da lua e as colinas verdes.

Voltou para seu corpo muito cansado, só que também mais forte. A magia entre eles fluía, abundante e verdadeira.

Dois dias, pensou, e fechou os olhos. Enquanto Daithi vinha, ela descansaria, deixaria a magia crescer de novo. Manteria as crianças por perto, atraídas para a luz.

Dormiu de novo e voltou a sonhar.

Em seu sonho viu que ele não esperou pela luz. Montou ao luar, sob as estrelas frias. Seu rosto estava feroz e seu cavalo saltitava no chão duro.

O cavalo seguiu em frente, ultrapassando as montarias dos três homens que cavalgavam com ele.

Usando o luar e as estrelas, Daithi voltava para casa, para sua família e sua mulher. Porque ele amava mais a Bruxa da Noite do que sua própria vida.

Quando o lobo pulou do escuro, Daithi mal teve tempo de desembainhar a espada. Desferiu um golpe, mas só cortou o ar enquanto o cavalo recuava. A névoa subiu como paredes cinzentas, aprisionando-o, bloqueando seus homens.

Ele lutou, mas o lobo pulou por sobre a espada, as patas atacando com violência e desaparecendo na névoa. Apenas para ressurgir dela.

Sorchá voou para alcançá-lo, pairando outra vez sobre aquelas colinas e a água.

Ela soube quando aquelas mandíbulas o morderam, quando o sangue espirrou do

coração dele – do dela. Suas lágrimas eram como a chuva, dissipando a névoa. Gritando o nome dele, caiu no chão ao lado de Daithi.

Tentou seu feitiço mais forte, seu amuleto mais poderoso, mas o coração dele não voltou a bater.

Ao segurar a mão de Daithi na sua e gritar para a deusa por misericórdia, ouviu o lobo rir no escuro.

BRANNAUGH ESTREMECEU NO SONO, PERSEGUIDA POR SONHOS CHEIOS DE sangue, rosnados e morte. Lutou para libertar-se deles. Queria sua mãe e seu pai, queria o sol e o calor da primavera.

Mas nuvens e frio a cobriram. O lobo saiu da névoa e parou na frente dela. Seus caninos estavam vermelhos e gotejantes.

Com um grito abafado, Brannaugh se ergueu no catre e agarrou seu amuleto. Dobrou os joelhos e os abraçou com força, esfregando o rosto molhado de lágrimas nas pernas para enxugá-lo. Ela não era um bebê para chorar com pesadelos.

Passava da hora de acordar Eamon, e depois esperava ter um sono mais tranquilo em sua própria cama.

Primeiro virou a cabeça para olhar a mãe e viu a cadeira vazia. Esfregando os olhos, a chamou em voz baixa enquanto se levantava.

Viu Sorchá deitada no chão entre a lareira e a escada para o sótão, imóvel, como se estivesse morta.

– Mãe! Mãe! – Tomada de pavor, deu um pulo para a frente e caiu ao lado de Sorchá. Com as mãos trêmulas, virou-a e pôs a cabeça dela em seu colo, dizendo o nome da mãe repetidamente, como se aquilo fosse um cântico.

Branca demais, imóvel demais, fria demais. Embalando-a, Brannaugh agiu sem uma ideia ou um plano. Quando o calor a invadiu, despejou-o sobre a mãe. Suas mãos trêmulas pressionaram com força o coração de Sorchá enquanto sua própria cabeça caía para trás, com o olhar fixo e vidrado. A fumaça negra deles absorvia a luz e lançava raios para a mãe.

O calor saiu, o frio entrou e, ainda tremendo, Brannaugh tombou para a frente. Céu e mar se agitaram; luz e escuridão giraram. Uma dor como nunca sentira se espalhou por sua barriga e atingiu seu coração.

Então passou, deixando apenas exaustão.

De algum lugar distante, ouviu seu cão latindo.

– Chega! Chega! – A voz de Sorchá se fez ouvir, fraca e severa. – Pare. Brannaugh, você deve parar.

– Você precisa de mais. Encontrarei mais.

– Não. Faça o que eu digo. Respiração tranquila, mente tranquila, coração tranquilo. Respiração, mente, coração.

– O que houve de errado? O que aconteceu? – Eamon desceu a escada correndo. – Mãe!

– Eu a encontrei. Ajude-me a levá-la para a cama.

– Não, para a cama não. Não é o momento para isso – disse Sorchá. – Eamon, deixe Kathel entrar e acorde Teagan.

– Ela acordou e está aqui.

– Ah, eis o meu bebê. Não precisa se preocupar.

– Há sangue. Nas suas mãos.

– Sim. – Escondendo seu pesar, Sorchá olhou para as mãos. – Não é meu.

– Pegue uma toalha, Teagan, e vamos lavá-la.

– Não, uma toalha não. O caldeirão. Peguem minhas velas, o livro e o sal. Todo o sal que temos. Atice o fogo, Eamon. Brannaugh, faça meu chá, bem forte.

– Vou fazer.

– Teagan, seja uma boa menina e vá juntar a nossa comida.

– Vamos viajar?

– Vamos. Alimente o gado, Eamon. Sim, ainda está cedo, mas alimente bem todos os animais e junte toda a aveia que puder para Alastar.

Ela pegou a xícara de Brannaugh e bebeu todo o seu conteúdo.

– Agora vá arrumar suas coisas, suas roupas e os cobertores. Pegue a espada, a adaga e todas as moedas e joias que minha avó deixou. Tudo que ela me deixou. Tudo, Brannaugh. Não deixe nada de valor. Empacote tudo e seja rápida! – ordenou ela.

Brannaugh saiu correndo.

O tempo, refletiu a Bruxa da Noite, ia e vinha. E agora lhe restava muito pouco. Mas o suficiente. Ela o tornaria suficiente.

Sentou-se em silêncio enquanto os filhos cumpriam suas ordens. E reuniu suas forças, seu poder.

Quando Brannaugh desceu, Sorchá estava de pé, com a pele quente e com cor e os olhos com foco e energia.

– Você está bem!

– Não, minha querida, não estou nem voltarei a ficar. – Ela ergueu uma das mãos antes de Brannaugh poder falar. – Mas estou forte para este momento e esta necessidade. Farei o que é preciso, e você também. – Ela olhou para a filha, sua garotinha. – Vocês todos farão. Partirão antes do nascer do sol. Devem se manter na floresta e seguir para o sul. Não usem a estrada até todos estarem bem. Encontre minha prima, Ailish, do clã O'Dwyer, e lhe contem a história. Ela fará o que puder.

– Todos nós iremos.

– Não, Eamon. Eu vou esperar aqui. Você deve ser forte e corajoso, proteger suas irmãs, e elas o protegerão. Eu não sobreviveria à viagem.

– Eu vou fazer você ficar boa – insistiu Brannaugh.

– Isso está além da sua capacidade. Era para acontecer. Mas não os deixarei sozinhos ou desamparados. O que sou, o que tenho, viverá em vocês. Um dia voltarão para esta casa, que é a fonte. Não posso lhes dar sua inocência, mas lhes darei poder. Fiquem comigo, porque são meu coração e minha alma, meu sangue e meus ossos. Tudo que tenho. E agora lanço o círculo onde nenhuma escuridão penetrará.

O fogo circundou o chão e, ao sacudir da mão de Sorch, se acendeu debaixo do caldeirão. Olhando novamente para as mãos, ela suspirou e deu um passo para a frente.

– Este é o sangue do pai de vocês. – Ela abriu as mãos sobre o caldeirão e o sangue foi despejado. – E estas são minhas lágrimas e as de vocês. Ele estava vindo nos proteger, voltando para casa como lhe pedi. Uma armadilha preparada por Cabhan, usando meu medo e minha fraqueza. Ele levou a vida do pai de vocês, como levará a minha. A vida, mas não o espírito, não o poder.

Sorch se ajoelhou e abraçou os filhos, que choravam.

– Eu os confortaria em todos os momentos que me restam, mas não há tempo para o luto. Lembrem-se daquele que os gerou e amou. Sei que estarei ao lado dele cuidando de vocês.

– Não nos mande embora. – Teagan soluçou no ombro da mãe. – Quero ficar com você. Quero o papai.

– Vocês levarão a luz que há em mim. Sempre estarei com vocês. – Com as mãos agora limpas e brancas, Sorch enxugou as lágrimas do rosto da filha. – Você, minha luz brilhante, minha esperança. Você, meu filho corajoso. – Ela beijou os dedos de Eamon. – Meu querido. E você, minha resoluta pesquisadora. – Ela pôs as mãos em concha no rosto de Brannaugh. – Minha força. Leve-me com você. E agora, faremos este feitiço juntos. Fiquem comigo! Digam o que eu disser, façam o que eu fizer.

Ela estendeu as mãos.

– Com sangue e lágrimas derramamos nossos medos. – Ela balançou uma das mãos sobre o caldeirão e o líquido ali dentro começou a borbulhar. – Quatro pitadas de sal para fechar e trancar a porta. Ervas daninhas para prender, frutos silvestres para cegar. Meus filhos ele não verá, viverão seguros e livres. Pétalas bonitas tingidas com ódio, perfume doce para seduzir. Tudo fervido no fogo e na fumaça, e que nesta poção Cabhan se afogue quando eu o chamar e ele vier até mim. Que assim seja.

A luz brilhou fazendo todo o círculo arder com ela.

Sorch evocou Hécate, Brígida, Morrigan e Babd Catha, reunindo a força e o poder das deusas. O ar tremeu, parecendo se dividir. Encheu-se de vozes enquanto Sorch mantinha os braços erguidos no alto fazendo orações e pedidos.

A fumaça se tornou vermelha como o sangue e obscureceu a sala. Então, como em um redemoinho, foi sugada de volta para o caldeirão.

Com os olhos brilhando, Sorch despejou a poção em um vaso, tampou-o e o enfiou em seu bolso.

– Mãe – disse Brannaugh, ofegante.

– Sou e sempre serei. Não tenham medo de mim ou do que lhes dou agora. Meu bebê. – Ela pegou as mãos de Teagan. – Isso crescerá em você, junto com você. Sempre será a garota gentil que pergunta por quê. Sempre defenderá aqueles que não podem se defender. Tome isto.

– Está quente – disse Teagan, suas mãos brilhando nas da mãe.

– Esfriará de novo, até você precisar. Meu filho, você voará e lutará. Sempre será leal e verdadeiro. Tome isto.

– Eu levaria você. Eu a protegeria.

– Proteja suas irmãs. Brannaugh, minha filha mais velha. Há tanto que lhe pedir! Seu dom já está forte, e agora lhe dou mais. Mais do que Teagan e Eamon, como devo fazer. Você construirá e fará. Quando amar, nunca acabará. Sempre será aquela que procurarão primeiro, e sempre carregará o fardo. Perdoe-me, e tome isto.

Brannaugh arfou.

– Isso arde!

– Apenas por um instante. – E naquele momento Sorcha sofreu por mil anos. – Abra. Tome. Viva.

Sorcha conservou apenas o suficiente e, quando terminou, se deixou escorregar para o chão. Ela não era mais a Bruxa da Noite.

– Vocês são a Bruxa da Noite, três em um. Um dia voltarão. Esta é minha dádiva e minha maldição. Cada um de vocês é forte, e juntos são mais ainda. Um dia voltarão. Agora vão, depressa. O dia está chegando. Saibam que meu coração estará com vocês.

Mas Teagan se agarrou a ela, chutou e chorou quando Eamon a puxou.

– Leve-a para fora, para Alastar – disse Brannaugh em voz baixa.

Mas antes Eamon se ajoelhou na frente da mãe.

– Vingarei meu pai e você, mãe. Protegerei minhas irmãs com minha vida. Eu juro.

– Estou orgulhosa de você, meu filho. Eu o verei de novo. Meu bebê – disse ela para Teagan –, você voltará. Eu prometo.

Brannaugh se virou para a irmã e passou a mão na cabeça dela. E Teagan adormeceu.

– Leve-a, Eamon, e leve os pacotes que puder carregar. Eu levarei o resto.

– Eu a ajudarei. Estou forte o bastante – insistiu Sorcha.

Ela não pretendia deixar Cabhan entrar em sua casa.

Enquanto eles colocavam a carga no cavalo, Brannaugh olhou nos olhos da mãe.

– Eu entendo.

– Eu sei.

– Não deixarei que nenhum mal aconteça a eles. Se você não puder destruir Cabhan, seu sangue o destruirá. Mesmo que demore mil anos, seu sangue o destruirá.

– A noite está passando tão rápido! Alastar levará vocês três para longe o suficiente

ao longo do dia. – Os lábios de Sorchá tremeram antes de ela se forçar a firmá-los. – Nosso bebê tem um coração terno.

– Sempre cuidarei dela. Eu juro.

– Então isso é o bastante. Vá, ou tudo terá sido em vão.

Brannaugh se ergueu atrás de seu irmão e sua irmã enfeitiçada.

– Se eu sou sua força, mãe, você é a minha. Todos os que vierem de nós saberão sobre Sorchá. Todos honrarão a Bruxa da Noite.

Através de suas lágrimas, ela olhou para a frente e bateu os calcanhares no cavalo, pondo-o a galope.

Sorchá os observou e, em sua mente, continuou vigiando-os enquanto eles cavalgavam no escuro da floresta, para longe dela. Em direção à vida.

E ao raiar do dia, pegou a poção em seu bolso e a bebeu. Esperou o bruxo negro chegar.

Ele trouxe a névoa, mas veio como homem, atraído pelo cheiro e pelo brilho da pele dela. Pelo poder dela, agora falso, mas potente.

– Meu homem está morto – disse Sorchá.

– Seu homem está na sua frente.

– Mas você não é como os outros homens.

– Sou mais do que os outros. Você me chamou, Sorchá da Noite.

– Eu não sou mais uma mulher como as outras. As necessidades devem ser satisfeitas. Poder exige poder. Você me tornará uma deusa, Cabhan?

Ganância e luxúria obscureceram os olhos dele e o cegaram.

– Eu lhe mostrarei mais do que pode imaginar. Juntos teremos tudo, seremos tudo. Você só tem de se unir a mim.

– E meus filhos?

– Seus filhos? – Ele olhou para a casa. – Onde eles estão?

– Dormindo. Sou a mãe deles e quero que me dê sua palavra de que ficarão seguros. Você não pode entrar antes de fazer isso. Não posso me unir a você enquanto não fizer seu juramento.

– Eu não lhes causarei nenhum mal. – Ele sorriu de novo. – Juro.

Mentiroso, pensou Sorchá. Ainda posso ver sua mente, o fundo sombrio de seu coração.

– Então venha e me beije. Torne-me sua como eu o tornarei meu.

Cabhan a puxou com força, torcendo seus cabelos com crueldade para puxar a cabeça dela para trás. E apertou os lábios nos de Sorchá.

Sorchá os abriu, e com morte em seu coração deixou a língua de Cabhan lhe explorar a boca. Deixou o veneno fazer seu trabalho.

Ele cambaleou para trás, apertando a garganta.

– O que você fez?

– Eu o venci. Eu o destruí. E em meus últimos suspiros o amaldiçoo. Neste dia e nesta hora evoco o que resta do meu poder. Você queimará e morrerá em sofrimento, e saberá que a Bruxa da Noite o matou. Desse modo meu sangue amaldiçoa o seu por toda a eternidade. Como eu farei. Que assim seja.

Cabhan dirigiu seu poder a Sorch, mesmo quando sua pele começou a escurecer e fumar. Ela caiu em agonia, mas se agarrou à vida. Apenas para ver a morte dele.

– Malditos sejam todos aqueles que vierem de você – Cabhan conseguiu dizer enquanto as chamas explodiam sobre ele e seus gritos rasgavam o mundo.

– Minha morte pela dele – sussurrou ela quando as cinzas negras do bruxo fumegaram no chão. – Isso é certo. É justo. Está feito.

Ela relaxou, libertou seu espírito e deixou seu corpo ao lado da cabana na floresta verde.

E enquanto a névoa girava, algo se mexeu nas cinzas negras.



CONDADO DE MAYO, 2013

O FRIO GELAVA OS OSSOS, ALIMENTADO PELO VENTO E PELA CHUVA torrencial que caía de um céu escuro e carregado.

Assim foi a chegada de Iona Sheehan à Irlanda.

E ela adorou.

Como podia não adorar?, perguntou a si mesma, de braços cruzados, apreciando a paisagem úmida e selvagem de sua janela. Estava em um castelo. Dormiria ali naquela noite. Um legítimo castelo irlandês no coração do oeste.

Alguns de seus ancestrais haviam trabalhado ali, provavelmente dormido ali. Tudo que sabia era que sua família, pelo menos do lado materno, viera dessa parte deslumbrante e mágica do mundo, desse país mágico.

Ela tinha arriscado quase tudo a fim de ir para lá encontrar suas raízes – e esperava se conectar a elas. E, acima de tudo, enfim entendê-las.

Queimara pontes na esperança de construir novas, mais fortes, que a levassem a algum lugar aonde quisesse ir.

Sua mãe tinha ficado um pouco chateada, mas nunca sentia muita raiva, tristeza, alegria ou paixão. Deve ter sido difícil para ela se ver com uma filha que galopava nas emoções. O pai, por sua vez, se limitara a acariciar sua cabeça daquele seu jeito distraído e desejara boa sorte, como às vezes fazia com um conhecido.

Iona suspeitava que nunca tinha sido mais do que isso para ele. Seus avós paternos consideraram a viagem uma grande aventura e lhe deram um bem-vindo cheque de presente.

Ela ficou grata, mesmo sabendo que os dois seguiam a máxima “longe dos olhos, longe do coração” e que era provável que nunca voltassem a pensar nela.

Mas sua avó materna, sua querida Vovó, lhe concedera um dom que levava a muitas perguntas.

Estava ali naquela região remota de Mayo, cercada de água e sombreada por árvores antigas, para encontrar as respostas.

Deveria esperar até amanhã, acomodar-se, tirar um cochilo, pois mal dormira no

voo de Baltimore. Deveria pelo menos desfazer as malas. Teria uma semana no castelo Ashford, uma despesa imprudente. Mas queria muito essa conexão, essa experiência única na vida.

Abriu as malas e começou a pegar suas roupas.

Um dia desejara ter mais que seu 1,60 metro de altura e mais curvas que o corpo magro de adolescente que o destino lhe dera. Mais tarde havia parado de desejar isso e compensado a estrutura física usando roupas de cores alegres e sapatos de salto alto sempre que podia.

A ilusão, diria Vovó, era tão boa quanto a realidade.

Um dia desejara ser bonita como a mãe, mas trabalhava com o que tinha – o charme. A única vez que vira a mãe de fato horrorizada fora uma semana antes, quando Iona cortara rente seus longos cabelos louros.

Ainda sem ter se acostumado à mudança, passou os dedos por eles. O corte ficava bem nela, não ficava? Não realçava um pouco as maçãs do rosto?

Não importava se lamentava esse impulso; lamentava outros. Experimentar coisas novas, assumir riscos – esses eram seus objetivos atuais. Não mais esperar para ver, o mantra de seus pais desde que se lembrava. O momento era agora.

E com isso em mente, pensou: que se danem as malas para desfazer, nada de esperar até amanhã. E se morresse dormindo?

Pegou botas, um cachecol e uma capa de chuva nova – rosa chiclete – que comprara para ir à Irlanda. Pôs um gorro listrado de branco e cor-de-rosa e pendurou uma bolsa enorme cruzada sobre o peito.

Não pense, apenas faça, disse a si mesma, e deixou seu quarto quente e bonito.

De cara virou num lado errado, mas isso lhe deu a chance de perambular pelos corredores. Ao fazer a reserva, pedira um quarto na parte mais antiga, e gostava de imaginar criados andando apressados ou mulheres sentadas fiando. Ou guerreiros voltando da batalha com suas roupas ensanguentadas.

Tinha dias para explorar o castelo, as terras, a vila próxima de Cong, e queria aproveitar tudo isso.

Mas seu principal objetivo ainda era procurar a Bruxa da Noite e fazer contato com ela.

Ao sair para o vento uivante e a chuva torrencial, disse a si mesma que aquele era um dia perfeito para as bruxas.

O pequeno mapa que Vovó havia desenhado estava em sua bolsa, mas Iona o gravara na memória. Afastou-se das grandes muralhas de pedra e pegou o caminho para a floresta. Passou por jardins inverniais tranquilos e partes verdes encharcadas. Depois se lembrou do guarda-chuva em sua bolsa e o pegou, avançando na direção da penumbra atrativa da floresta banhada pela chuva.

Não havia imaginado que as árvores fossem tão grandes, com troncos muito largos e

galhos loucamente retorcidos. Uma floresta de livro de histórias, pensou, empolgada, enquanto a chuva molhava suas botas.

Por cima do tamborilar da chuva ouviu o vento soprar e uivar. Depois escutou o ronco do que devia ser o rio.

Caminhos se abriam e se bifurcavam, mas ela tinha o mapa na cabeça.

Pensou ter ouvido algo gritar lá do alto e por um momento imaginou ter visto um bater de asas. Então, apesar do tamborilar da chuva, do ronco do rio, dos sopros e dos uivos do vento, de repente tudo pareceu imóvel. Quando o caminho se tornou mais estreito e difícil, Iona sentiu seu coração pulsando em seus ouvidos, muito rápido e alto.

À direita uma árvore derrubada expunha uma base mais alta que um homem, mais larga do que o alcance dos braços de Iona. Trepadeiras da largura do pulso dela se entrelaçavam, formando uma parede. Sentiu-se atraída por elas, tentada a afastá-las e passar para ver o que havia lá atrás. A ideia de ficar perdida passou depressa por sua mente e depois sumiu.

Iona só queria ver.

Deu um passo à frente, e depois outro. Sentiu cheiro de fumaça e de cavalos, e ambos a atraíram para mais perto daquela parede entrelaçada. Ao estender o braço, algo passou rapidamente por ela. O grande vulto negro a fez cambalear para trás. Por instinto, pensou: urso!

Como o guarda-chuva havia voado de sua mão, olhou nervosa ao redor, à procura de uma arma – um bastão, uma pedra – e então viu olhando para ela o maior cão que já existira.

Não era um urso, pensou, mas talvez pudesse ser igualmente letal se não fosse um animal de estimação.

– Olá... cachorrinho.

Ele continuou a observá-la com olhos de um tom mais para o dourado que para o castanho. Aproximou-se para cheirá-la, o que Iona esperou não ser um prelúdio para uma boa e forte mordida. Então ele deu dois latidos altos como tiros de canhão antes de se afastar correndo.

– Ok. – Ela se curvou para a frente a fim de tomar fôlego. – Tudo certo.

A exploração definitivamente esperaria por um dia mais claro e ensolarado. Ou pelo menos por um dia mais claro e seco. Ela pegou seu guarda-chuva molhado e enlameado e continuou a andar.

Devia ter esperado para fazer aquilo, disse a si mesma. Agora estava molhada, nervosa e, percebeu, mais cansada da viagem do que havia imaginado. Deveria estar cochilando em sua cama quente do hotel, ouvindo a chuva, e não andando nela.

E agora – perfeito – uma névoa surgia, erguendo-se do chão como ondas na praia. Tornou-se mais densa perto daquelas trepadeiras e a chuva produzia um som como o de vozes murmurando.

Ou de fato havia vozes murmurando, pensou. Em uma língua que ela não deveria entender, mas quase entendia. Apertou o passo, tão ansiosa por sair da floresta quanto estivera por entrar.

O frio se tornou brutal e Iona perdeu o fôlego. Agora as vozes soavam em sua cabeça: volte. Volte.

Foi tanto a teimosia quanto a ansiedade que a fizeram seguir em frente até quase correr por um caminho escorregadio.

E, como o cão, irromper na clareira.

A chuva era apenas chuva, o vento apenas vento. O caminho se abriu em uma estrada, com algumas casas com chaminés que soltavam fumaça. E, mais adiante, a beleza de colinas cobertas de névoa.

– Imaginação de mais, privação de sono – disse a si mesma.

Viu jardins guardando sua floração para a primavera e carros estacionados à beira da estrada ou em pequenas entradas para automóveis.

Segundo o mapa da avó, faltava pouco. Então ela seguiu pela estrada, contando as casas.

A que ela procurava ficava mais afastada da estrada do que as outras, isolada como se precisasse de espaço para respirar. O pequeno chalé com teto de palha, paredes de um azul profundo e uma porta vermelha brilhante transmitia aquela mesma vibração de livro de histórias – contudo, havia um Mini na pequena entrada para automóveis. O chalé em si formava um L, e a fachada era de vidro curvo. Mesmo no inverno, havia nos degraus vasos de amores-perfeitos brilhantes, virados para cima para beber a chuva.

Uma velha placa de madeira estava pendurada acima da curva de vidro. Letras entalhadas diziam:

A BRUXA DA NOITE

– Eu a encontrei.

Por um momento, Iona apenas ficou em pé na chuva, de olhos fechados. Todas as decisões que tomara nas últimas seis semanas – talvez todas as que tomara na vida – haviam levado a isso.

Não sabia ao certo se devia ir para a lateral – a oficina, dissera-lhe Vovó – ou para a frente do chalé. Mas, ao se aproximar, viu o brilho de luz no vidro. E, chegando ainda mais perto, prateleiras com garrafas de muitas cores – claras ou fortes – e ervas. Pilões e moedores, tigelas e... caldeirões?

Fumaça se erguia de um fogão, e uma mulher estava moendo alguma coisa na bancada de trabalho.

O primeiro pensamento de Iona foi quanto parecia injusto algumas mulheres terem naturalmente aquela aparência. Cabelos escuros presos no alto, desarrumados de um jeito sensual, rosto corado do trabalho e do vapor. Ossos delicados que determinavam

sua beleza do nascimento à morte e uma boca bem desenhada e um pouco curvada em um sorriso satisfeito.

Aquilo provinha de gene ou de magia? Gostaria de saber. Mas, para algumas pessoas, dava no mesmo.

Reuniu coragem, pôs seu guarda-chuva de lado e estendeu a mão para a maçaneta.

Mal a havia tocado quando a mulher olhou para cima. O sorriso ficou mais largo, educado e receptivo. Então Iona abriu a porta e entrou.

E o sorriso desapareceu. Olhos cinzentos como fumaça se fixaram tão intensamente no rosto de Iona que ela parou onde estava, próximo ao limiar da porta.

– Posso entrar?

– Você já está dentro.

– Eu... acho que estou. Devia ter batido. Desculpe-me, eu... Nossa, que cheiro maravilhoso! Alecrim, manjerição, lavanda e... tudo. Desculpe-me... Você é Branna O'Dwyer?

– Sou, sim. – Enquanto respondia, ela pegou uma toalha embaixo do balcão e foi na direção de Iona. – Você está bem molhada.

– Ah, desculpe-me – repetiu. – Estou respingando todo o chão. Vim a pé do castelo. Do hotel. Estou hospedada no Ashford.

– Sorte sua, é um lugar magnífico.

– É como um sonho. Bem, pelo menos o que vi do castelo é. Acabei de chegar. Quero dizer, cheguei há algumas horas e quis vir vê-la imediatamente. Vim para conhecê-la.

– Por quê?

– Ah, desculpe-me, eu...

– Você pede desculpas demais em pouco tempo.

– Ah. – Iona torceu a toalha nas mãos. – Sim, parece que sim. Eu sou Iona. Iona Sheehan. Somos primas. Quero dizer, minha avó Mary Kate O'Connor é prima da sua avó Ailish, humm... Ailish Flannery. Então isso nos torna... fico confusa se é terceiro ou quarto grau, ou sei lá o quê.

– Uma prima de uma prima. Bem, tire essas botas enlameadas e vamos tomar um pouco de chá.

– Obrigada. Sei que eu deveria ter escrito, telefonado ou algo assim. Mas tive medo de você me dizer para não vir.

– Teve? – murmurou Branna, pousando a chaleira.

– É que, depois que decidi vir, precisava ir em frente. – Iona deixou suas botas enlameadas perto da porta e pendurou seu casaco no gancho. – Eu sempre quis visitar a Irlanda, essa coisa de raízes, mas no futuro. Então... bem, eu vim. Agora.

– Sente-se à mesa nos fundos, perto da lareira. O vento está frio hoje.

– Nem me diga! Juro que esfriou mais quando entrei na floresta e depois... Ah, meu

Deus, é o urso!

Iona parou ao ver o grande cão erguer a cabeça em seu lugar perto da pequena lareira e lhe lançar o mesmo olhar fixo que lançara na floresta.

– Quero dizer, o cão. Por um minuto achei que fosse um urso, quando veio correndo pela floresta. Mas ele é realmente grande. É seu?

– Sim, é meu. E eu sou dele. Ele é Kathel, e não lhe fará mal. Você tem medo de cães, prima?

– Não, mas ele é *enorme*. O que é?

– A raça, você quer dizer. O pai dele é um lebrei irlandês e a mãe uma mestiça de dogue irlandês com lebrei escocês.

– Parece feroz e ao mesmo tempo majestoso. Posso fazer carinho nele?

– Isso é entre você e ele – disse Branna levando chá e biscoitos doces para a mesa.

Ela não disse mais nada enquanto Iona se agachava, estendia a mão para o cão cheirar e depois lhe acariciava gentilmente a cabeça.

– Olá, Kathel. Ainda não tive tempo para me apresentar. Você quase me matou de susto.

Iona se levantou e sorriu para Branna.

– Estou muito feliz por conhecê-la e por estar aqui. Tudo tem sido tão louco e fica girando em minha cabeça. Não posso acreditar que estou aqui.

– Então sente-se e beba seu chá.

– Eu sabia muito pouco sobre você – disse Iona, acomodando-se e esquentando as mãos frias na xícara. – Quero dizer, Vovó me contou sobre os primos. Você e seu irmão.

– Connor.

– Sim, Connor, e os outros que moram em Galway ou Clare. Ela quis me trazer aqui anos atrás, mas não deu certo. Meus pais... não quiseram. Sobretudo minha mãe. E ela e meu pai se separaram, então sabe como é, você fica dividida entre os dois. Depois se casaram de novo, o que foi estranho, porque minha mãe insistiu em uma anulação. Eles dizem que isso não me torna uma bastarda, mas é a sensação que tenho.

Branna mal ergueu as sobrancelhas.

– Sim, imagino que sim.

– Depois vieram os estudos e o trabalho, e eu me envolvi com alguém por algum tempo. Um dia olhei para ele e pensei: por quê? Quero dizer, nós não tínhamos nada além de hábito e conveniência, e as pessoas precisam de mais, não é?

– Eu diria que sim.

– Eu quero mais. Um dia. Quase nunca me senti encaixada. Onde eu estava, algo parecia um pouco distorcido, errado. Então comecei a ter sonhos, ou a me lembrar deles, e fui visitar Vovó. Tudo que ela me contou deveria ter parecido loucura. Não deveria fazer sentido, mas fez. Tudo fez sentido. Estou falando demais. Estou nervosa. – Ela pegou um biscoito e o pôs na boca. – Isto é bom. Eu...

- Não vá se desculpar de novo. Está ficando patético. Fale-me sobre os sonhos.
- Ele quer me matar.
- Quem?

– Eu não sei. Ou não sabia. Vovó diz que o nome dele é, ou era, Cabhan, e que é um bruxo. Demoníaco. Séculos atrás nossa ancestral, a primeira Bruxa da Noite, o destruiu. Só que uma parte dele sobreviveu. Ele ainda quer me matar... nos matar. Sei que isso parece loucura.

Com tranquilidade, Branna bebericou seu chá.

- Eu pareço chocada com tudo isso?

– Não. Você parece calma. Eu gostaria de conseguir ficar. E você é bonita. Eu sempre quis ser bonita. E mais alta. Você é mais alta. Estou falando demais. Não consigo parar.

Branna se levantou, abriu um armário e pegou uma garrafa de uísque.

– É um bom dia para um pouco de uísque em nosso chá. Então você ouviu essa história sobre Cabhan e Sorcha, a primeira Bruxa da Noite, e decidiu vir à Irlanda me conhecer.

- Basicamente. Larguei meu emprego e vendi minhas coisas.

– Você... – Pela primeira vez Branna pareceu surpresa de verdade. – Você vendeu suas coisas?

– Inclusive 28 pares de sapatos de grife. Foram comprados em liquidação, mas mesmo assim. Isso doeu um pouco, mas eu queria uma mudança completa. E precisava de dinheiro para vir para cá. Para ficar aqui. Tenho um visto de trabalho. Arranjarei um emprego e um lugar para morar.

Iona pegou outro biscoito, esperando que isso interrompesse o fluxo de palavras, mas elas continuaram a sair:

– Sei que é loucura gastar tanto para ficar em Ashford, mas eu queria isso. Na verdade, não tenho nada que me prenda além da Vovó. E ela virá, se eu pedir. Sinto que eu poderia me encaixar aqui. Que as coisas poderiam se ajustar. Estou cansada de não saber por que me sinto no lugar errado.

- Qual era seu trabalho?

– Eu era professora de equitação. Guia em trilhas e auxiliar em estábulos. Já quis ser joqueta, mas eu os amo muito e não tinha paixão por corridas e treinamento.

Observando-a, Branna apenas assentiu.

- Os cavalos, é claro.

- Sim, sou boa com eles.

– Não tenho a menor dúvida disso. Conheço um dos donos dos estábulos locais, que o hotel indica para os hóspedes. Eles realmente fazem cavalgadas em trilhas, dão aulas de equitação e coisas do gênero. Acho que Boyle poderia encontrar um trabalho para você.

- Está brincando? Nunca imaginei que conseguiria trabalhar com cavalos tão rápido.

Achei que seria garçõete, vendedora. Seria maravilhoso se eu pudesse trabalhar lá.

Alguns diriam que era bom demais para ser verdade, mas Iona nunca havia acreditado nesse tipo de coisa. O que era bom deveria ser verdade.

– Olhe, posso limpar os estábulos e cuidar dos animais. Farei o que ele precisar ou quiser.

– Vou falar com ele.

– Não sei como lhe agradecer – disse Iona, procurando a mão de Branna. Quando as duas mãos se tocaram e se apertaram, houve calor e luz.

Embora a mão de Iona tremesse, ela não a puxou e nem desviou seu olhar.

– O que isso significa?

– Significa que enfim pode ter chegado a hora. A prima Mary Kate lhe deu um presente?

– Sim. Quando fui visitá-la e ela me contou.

Com a mão livre, Iona procurou a corrente sob o suéter e pegou o amuleto de cobre com o sinal do cavalo.

– Foi feito por Sorchá para sua filha mais nova, sua filha...

– Teagan – completou Iona. – Para protegê-la de Cabhan. Para Brannaugh foi o cão. Eu deveria ter percebido isso ao ver Kathel. E para Eamon, o falcão. Vovó me contava essas histórias desde que consigo me lembrar, mas achei que não passassem disso, histórias. Minha mãe insistia que eram. E não gostava que Vovó as contasse para mim. Então parei de contar para minha mãe. Ela prefere ignorar as coisas.

– E foi por isso que o amuleto não foi passado para ela, mas para você. Não era destinado a ela, mas a você. A prima Mary Kate viria, mas nós sabíamos que não era dela. Ela era como uma guardiã do amuleto, do legado. O amuleto foi passado para ela por outros que o guardaram e esperaram. Agora veio para você.

E você, pensou Branna, veio para mim.

– Ela lhe contou o que você é? – perguntou Branna.

– Ela disse... – Iona deu um longo suspiro. – Ela disse que eu sou a Bruxa da Noite. Mas você...

– Há três. Três é magia forte. Somos três. Você, eu e Connor. Mas cada um tem que aceitar a totalidade, a si próprio e o legado. Você aceita?

Esperando se acalmar, Iona tomou um gole do chá com uísque.

– Estou tentando.

– O que você sabe fazer? Ela não teria lhe passado isso se não tivesse certeza. Mostre-me o que sabe fazer.

– O quê? – Iona enxugou as palmas das mãos úmidas em seus jeans. – Como em um teste?

– Eu pratiquei a vida inteira. Você, não. Mas está em seu sangue. – Branna inclinou a cabeça, seu belo rosto cético. – Ainda não tem habilidades?

– Tenho algumas. É só que eu nunca... exceto com Vovó. – Nervosa e desconfortável, Iona puxou para perto a vela sobre a mesa. – Agora estou nervosa – murmurou. – Sinto-me como se estivesse fazendo um teste para a peça da escola. Fracassei nele uma vez.

– Esvazie sua mente. Deixe vir.

Iona respirou de novo, fundo e devagar, e concentrou sua energia no pavio da vela. Sentiu o calor aumentar nela e a luz se infiltrando. E soprou suavemente.

A chama tremulou, balançou e depois se acendeu de verdade.

– É muito legal – sussurrou Iona. – Nunca me acostumei com isso. É... mágico.

– É poder. Deve ser treinado, disciplinado, respeitado. E honrado.

– Você parece a Vovó. Ela me mostrou isso quando eu era pequena, e eu acreditei. Na época pensei que eram apenas truques de mágica, porque meus pais disseram que eram. E acho, ou melhor, sei, que minha mãe a mandou parar ou não a deixaria mais me ver.

– Sua mãe tem a mente fechada. Ela é como muitas outras pessoas. Você não deveria ficar zangada com ela.

– Ela me afastou disso. De quem eu sou.

– Agora você sabe. Pode fazer mais?

– Algumas coisas. Posso levitar objetos, não muito grandes, e apenas na metade das vezes. Sei o que os cavalos sentem. Sempre soube. Tentei um feitiço, mas foi um terrível fracasso. Meus olhos ficaram roxos, até mesmo as partes brancas, e meus dentes brilharam como néon. Tive que me ausentar do trabalho por dois dias até aquilo passar.

Divertindo-se, Branna pôs mais chá e uísque nas xícaras.

– O que você sabe fazer? – perguntou Iona. – Eu lhe mostrei. Então me mostre.

– É justo. – Branna agitou uma das mãos e uma bola de fogo branco apareceu em sua palma.

– Caramba! Isso... – Com cuidado, Iona estendeu o braço e levou os dedos para perto o suficiente a fim de sentir o calor. – Quero fazer isso.

– Vai ter que aprender e praticar.

– Você me ensina?

– Eu a guiarei. Já está em você, mas precisa do caminho, dos sinais, do... refinamento. Eu lhe darei alguns livros para ler e estudar. Aproveite sua semana no castelo para pensar sobre o que quer, Iona Sheehan. Pense com cuidado, porque não há volta.

– Eu não quero voltar.

– Não estou falando de voltar para os Estados Unidos ou de sua vida lá. Estou falando do caminho que trilharemos. – Branna agitou a mão de novo e, com ela vazia, pegou seu chá. – Cabhan, ou que restou dele, pode ser pior do que era. E o que restou quer o que você tem, o que nós temos. Ele quer o nosso sangue. Seu poder e sua vida, e

você arriscará a ambos, portanto pense com cuidado, porque isso não é um jogo.

– Vovó disse que tinha que ser uma escolha minha. Ela me disse que ele, Cabhan, ia querer o que eu tenho, o que sou, e fazer o que pudesse para conseguir isso. Vovó chorou quando falei que vinha para cá, mas também ficou orgulhosa. Assim que cheguei, soube que tinha feito a escolha certa. Não quero ignorar o que sou. Só quero entender.

– Ficar ainda é uma escolha. E se você decidir ficar, será aqui, comigo e com Connor.

– Aqui?

– É melhor ficarmos juntos. Há espaço suficiente.

Nada a havia preparado para isso. Nunca em sua vida recebera um presente tão maravilhoso.

– Você me deixaria ficar aqui com vocês?

– Claro. Afinal, somos primos. Aproveite sua semana. Connor e eu nos comprometemos, fizemos um juramento de que, se o terceiro viesse, o aceitaríamos. Mas você ainda é nova, por isso pense bem, e esteja certa disso. A decisão tem que ser sua.

E qualquer que fosse ela, pensou Branna, mudaria tudo.



A CHUVA A ENCHARCOU DE NOVO NO CAMINHO DE VOLTA, MAS ISSO não estragou seu bom humor. Depois de aquecer seus ossos no chuveiro, Iona pegou calças de flanela e uma camiseta térmica e deixou a mala no chão – ele a desfaria mais tarde. Então foi para a cama.

Dormiu como uma pedra, por quatro horas seguidas.

Acordou no escuro, desorientada e com muita fome.

Embora seus pertences desorganizados zombassem dela, encontrou calças jeans, um suéter, meias quentes e botas. Munida de seu guia de viagem e um dos livros que Branna lhe emprestara, foi até o chalé do hotel, onde funcionava o restaurante, em busca de comida e companhia.

O fogo ardia na lareira enquanto ela se servia de uma tigela de sopa de legumes e lia seus livros com atenção. Gostava do conforto da mistura de vozes ao seu redor, irlandesas, americanas, alemãs – e talvez suecas, pensou. Jantou peixe e batatas fritas e, como era sua primeira noite, mimou-se com uma taça de champanhe.

Enquanto tornava a encher o copo d'água de Iona, a garçonete a cumprimentou com um sorriso tão brilhante quanto seus cabelos ruivos.

– Então, está gostando da refeição?

– Está maravilhosa. – Encolhendo os ombros, como se abraçasse a si mesma, Iona retribuiu o sorriso. – Tudo está simplesmente maravilhoso.

– É sua primeira vez em Ashford?

– Sim. É incrível. Ainda parece um sonho.

– Bem, estão dizendo que o tempo vai melhorar amanhã, se quiser passear.

– Eu adoraria. – Deveria alugar um carro? Tentar a sorte nas estradas? Talvez por enquanto apenas dar uma caminhada até a vila. – Na verdade dei uma voltinha esta tarde, até a floresta.

– Com toda aquela chuva?

– Não pude resistir. Queria ver minha prima. Ela mora aqui perto.

– É mesmo? É bom ter um parente para visitar. Quem é ela, se não se importa que eu pergunte?

– Na verdade, eles, embora eu só tenha me encontrado com Branna hoje. Branna

O'Dwyer.

O sorriso da garçonete não diminuiu, mas seus olhos revelaram um novo interesse.

– Você é prima dos O'Dwyers?

– Sim. Você os conhece?

– Todo mundo conhece Branna e Connor O'Dwyer. Ele é falcoeiro. O hotel promove caminhadas para observação de falcões, e Connor é o guia. Essa é uma atividade muito popular entre os hóspedes daqui. E Branna... ela tem uma loja em Cong. Faz sabonetes, loções, tônicos e coisas do gênero. É chamada de Bruxa da Noite, por causa de uma lenda local.

– Estive na oficina dela hoje. Tenho que dar uma olhada na loja e na escola de falcoaria.

– Ambas são caminhadas agradáveis que partem do hotel. Bem, bom apetite.

A garçonete se afastou, mas Iona notou que ela parou perto de outra funcionária para trocar uma palavrinha rápida. Ambas olharam para a mesa de Iona.

Então, pensou, os O'Dwyers despertam o interesse local. Não é de admirar. Mas era estranho estar sentada ali comendo seu peixe com batatas fritas sabendo que se tornara objeto de especulação.

Será que todos sabiam que Branna não era apenas a dona da loja Bruxa da Noite, mas que era ela própria uma bruxa?

Como eu, pensou Iona. Agora tenho que aprender o que isso significa. Determinada a fazer isso, ela abriu outro livro e leu durante o resto da refeição.

A chuva diminuiu, mas o vento noturno soprou com ferocidade, fazendo com que Iona se apressasse a voltar para o prédio principal em vez de passear pelas margens do rio Cong como planejava.

Ela ouviu cumprimentos de “boa-noite” e “bem-vinda de volta” da equipe do hotel enquanto entrava e atravessava o saguão. Curiosa, pegou folhetos sobre a escola de falcoaria e os estábulos e depois pediu que levassem chá em seu quarto – afinal, estava de férias.

Quando chegou lá, pôs os folhetos e livros de lado para enfim desfazer as malas.

Mesmo depois de esvaziar o guarda-roupa e vender tudo o que não queria mais, ainda lhe restava mais do que o suficiente. E trouxera tudo que acreditava que fosse precisar em sua nova vida.

Depois de encher o armário e as gavetas e de guardar de volta nas malas itens que decidiu que podiam esperar, o chá chegou, junto com um prato de belos biscoitos. Satisfeita por ter realizado suas tarefas, Iona pôs de volta a calça de dormir, afofou os travesseiros e, sentada na cama, escreveu em seu notebook um e-mail para avisar à avó que havia chegado bem e se encontrado com Branna.

Pelo pouco que vi, a Irlanda é tudo o que você disse e mais. Branna também. Foi muito generosa em me deixar ficar com ela. O castelo é impressionante, e aproveitarei cada minuto que tiver aqui, mas já estou ansiosa por ficar com Branna e Connor. Espero conhecê-lo em breve. Se eu conseguir o emprego nos

estábulos, tudo será perfeito. Então, pensamento positivo.

Vovó, estou sentada nesta cama maravilhosa em um castelo na Irlanda, tomando chá e pensando em tudo que ainda está por vir. Sei que você disse que esse seria um caminho difícil, com escolhas difíceis, e Branna deixou isso claro. Mas estou muito animada e feliz.

Acho que enfim encontrei meu lugar.

Amanhã vou dar uma olhada nos estábulos e na escola de falcoaria, na vila e na loja de Branna. Eu a manterei informada de tudo. Amo você!

Iona

Enviou também e-mails respeitosos para o pai e a mãe. Algumas mensagens alegres para amigos e colaboradores. E lembrou a si mesma de tirar fotos para anexar da próxima vez.

Pôs o notebook para carregar e pegou os livros e folhetos. Dessa vez foi para a cama e apoiou as costas nos travesseiros.

Extremamente feliz, examinou os folhetos e as fotos. A escola parecia fascinante. E os estábulos eram perfeitos. Um dos alertas favoritos de sua mãe era: não tenha expectativas muito altas.

Mas as de Iona eram muito, muito altas.

Ela pôs o folheto do estábulo debaixo do travesseiro. Dormiria sobre ele para dar sorte. Então abriu o livro de Branna de novo.

Em vinte minutos, com as luzes acesas e a bandeja de chá ainda ao seu lado na cama, caiu no sono.

E dessa vez sonhou com falcões, cavalos e o cão preto. Com a floresta verde onde havia uma cabana de pedra com névoa rastejando aos seus pés.

Depois de desmontar de um cavalo tão cinzento quanto a névoa, ela atravessou a neblina, o capuz de seu manto lhe cobrindo os cabelos. Carregava rosas, por amor, até a pedra polida e talhada por magia e sofrimento. Lá colocou as rosas, brancas como a inocência que perdera.

– Estou em casa, Mãe. Estamos em casa.

Tocando com os dedos as lágrimas em seu rosto, contornou o nome.

SORCHA

A BRUXA DA NOITE

As palavras sangraram contra a pedra.

Estou esperando por você.

Não era a voz da mãe, mas a dele. Apesar de tudo o que fora feito e sacrificado, ele sobrevivera.

Ela sabia disso. Todos eles sabiam. E não fora por isso, tanto quanto para visitar o túmulo da mãe, que tinha ido ali sozinha?

– Você ainda vai esperar mais. Um dia, uma lua, mil anos, mas nunca terá o que

cobiça.

Você veio sozinha, à luz das estrelas. Você procura amor. Eu lhe daria o que procura.

– Não estou sozinha. – Ela se virou. Seu capuz caiu para trás e seus cabelos louros refletiram a luz. – Nunca estou sozinha.

A névoa girou, para cima e para fora, assumindo a forma de um homem. Ou do que tinha sido um homem.

Ela já o enfrentara antes, quando criança. Mas agora tinha mais do que pedras.

Ele era uma sombra, pensou, para aterrorizar sonhos e encobrir a luz.

Que coisa bonita. Uma mulher agora, madura para ser colhida. Você ainda atira pedras?

Mesmo enquanto o encarava, ela viu brilhar a pedra vermelha que ele usava no pescoço.

– Meu objetivo é tão legítimo quanto sempre foi.

Ele riu e se aproximou. Ela sentiu seu cheiro, o toque de enxofre. Apenas um pacto com o demônio poderia ter lhe dado o poder de ainda existir.

Sua mãe se foi, agora não há saias atrás das quais se esconder. Eu a derrotei, tirei sua vida, arranquei o poder dela com minhas mãos.

– Você está mentindo. Acha que não posso ver? Acha que não sabemos? – O amuleto dele pulsou, vermelho. O coração dele, pensou ela. O centro, o poder. Precisava tirá-lo, a qualquer custo. – Com um beijo ela o queimou. E eu lhe deixei uma marca. Você ainda a carrega.

Ela ergueu as mãos, os dedos curvados na direção dele, fazendo a marca no ombro arder como uma chama.

Ao ouvir o grito, ela saltou para a frente, agarrando a pedra que ele usava. Mas ele partiu para o ataque, os dedos se transformando em garras e arranhando as costas da mão dela.

Maldita seja você e todo o seu sangue. Eu a esmagarei com minhas mãos, espremerei o que você é em uma taça de prata. E beberei.

– Meu sangue o mandará para o inferno. – Ela o golpeou com sua mão que sangrava, lançando seu poder por meio dela.

Então a névoa se desintegrou e ela só atingiu o ar. A pedra vermelha pulsou, pulsou e depois desapareceu.

– Meu sangue o mandará para o inferno – repetiu ela.

E no sonho ele pareceu olhar nos olhos de Iona. Dentro do espírito dela.

– Isso não é para mim, nesse tempo e lugar. Mas para você no seu. Lembre-se.

E, segurando sua mão ferida, ela chamou o cavalo.

Montou. Virou-se uma vez para olhar a pedra, as flores, o lar que um dia conhecera.

– Juro, pelo meu amor, que não falharemos, mesmo que para isso precisemos de mil vidas. – Ela pôs a mão sobre a barriga, a ligeira protuberância. – Já há outra vida a

caminho.

Cavalgou para longe pela floresta na direção do castelo onde ela e sua família estavam alojados.

Iona acordou tremendo. Sua mão direita doía e latejava. Com a esquerda procurou a luminária. À sua luz viu os arranhões, o sangue escorrendo. Com um grito chocado, se levantou às pressas, correu para o banheiro e pegou uma toalha.

Antes que pudesse envolver o ferimento, ele começou a mudar. Ela observou em fascinado horror os arranhões em sua pele se fecharem, o sangue secar e depois desaparecer, assim como a dor. Em poucos segundos examinou sua mão sem marcas.

Um sonho... Não. Uma visão? Uma em que fora observadora e, de certo modo, participante.

Sentira a dor – e a raiva, o sofrimento. Sentira o poder, mais do que já experimentara e conhecera.

O poder de Teagan?

Iona ergueu os olhos, se estudou no espelho e evocou as imagens do sonho. Mas *tinha* sido o rosto dela... não tinha? O corpo, a cor dela.

Mas não a voz, pensava agora. Nem mesmo a linguagem, embora tivesse entendido cada palavra. Gaélico antigo, presumiu.

Precisava saber mais, aprender mais. Encontrar um modo de entender como acontecimentos de séculos atrás podiam envolvê-la a ponto de realmente sentir dor.

Inclinando-se sobre a pia, lavou o rosto com água fria e olhou para o relógio. Ainda não eram quatro da manhã, mas perdera o sono. Seu relógio biológico acabaria se ajustando, e por enquanto podia aceitar isso. Talvez lesse até o nascer do sol.

Voltou para o quarto e começou a erguer a bandeja de chá com a qual acabara dormindo. Viu nos lindos lençóis brancos três gotas vermelhas. De sangue. Dela.

O sonho – a visão, a experiência – não apenas lhe causara dor, mas a fizera sangrar.

Que tipo de poder podia arrastá-la para seus próprios sonhos e fazê-la sangrar de um ferimento ancestral?

Deixando a bandeja onde estava, sentou-se na beira da cama e passou os dedos pela garganta.

E se aquelas garras tivessem se cravado ali e cortado sua jugular? Ela teria morrido? Os sonhos podiam matar?

Decidiu que não queria livros. Queria respostas, e sabia quem as tinha.

Às seis horas, estimulada pelo café, foi uma vez mais para além das fontes, das flores e dos gramados verdes até a densa floresta. Dessa vez a luz suave e brilhante se infiltrava por entre os galhos enquanto o caminho se estreitava. E dessa vez viu os postes indicadores da escola de falcoaria e dos estábulos.

Prometeu a si mesma que mais tarde naquela manhã visitaria os dois lugares e depois daria uma caminhada até Cong. Mas não se contentaria com uma pilha de livros

e um pouco de magia.

O sonho a acompanhou tão de perto que ela se viu procurando marcas de garras em sua mão.

Um som longo e alto a fez erguer a cabeça e olhar para o céu. O falcão pairava no céu azul-claro, um marrom-dourado brilhante traçando um círculo e depois se precipitando para baixo. Ela jurou ter ouvido o vento produzido por suas asas enquanto ele dançava por entre as árvores e pousava em um galho acima da sua cabeça.

– Ah, meu Deus, olhe para você! É maravilhoso!

O falcão olhou para ela, seus olhos dourados fixos, sem piscar, as asas fechadas. Iona se perguntou se ele havia deixado sua coroa em casa.

Lentamente, pegou o telefone em seu bolso de trás, prendendo a respiração enquanto acionava a câmera.

– Espero que não se importe. Não é todo dia que uma mulher encontra um falcão. Ou gavião. Não sei bem o que você é. Apenas me deixe... – Ela o enquadrrou, tirou uma foto e depois outra.

– Você está caçando ou apenas saiu para um passeio matutino? Imagino que seja da escola, mas...

Iona parou quando o falcão virou a cabeça. Ela achou também ter ouvido aquilo, um fraco assovio. Em resposta, o falcão saiu do galho, se lançou por entre as árvores e se foi.

Definitivamente, vou marcar uma caminhada para observar falcões, decidiu ela e deu uma olhada em suas fotos antes de guardar o telefone para continuar a andar.

Chegou à árvore derrubada e à parede de trepadeiras. Embora sentisse de novo a atração, a refreou. Não agora, não hoje, quando a emoção dos sonhos nadava tão perto da superfície.

Primeiro respostas.

O cão estava na beira da floresta, como se a esperasse. Cumprimentou-a abanando o rabo e aceitou a carícia em sua cabeça.

– Bom dia. É bom saber que não sou a única que saiu tão cedo. Espero que Branna não fique chateada por eu bater à sua porta, porque preciso muito falar com ela.

Kathel a conduziu para o belo chalé azul, direto para a porta vermelha brilhante.

– Lá vou eu. – Ela usou a aldrava em forma de nó da trindade, pensando no melhor modo de abordar sua prima.

Mas aquele que ainda não conhecera abriu a porta.

Ele parecia um príncipe guerreiro sonolento, com seus fartos cabelos ondulados e desgrenhados, em um tom de castanho queimado, emoldurando o rosto, que tinha a mesma estrutura óssea elegante do da irmã. Olhos verdes como as colinas pestanejaram ao vê-la.

Era alto e magro. Usava calças de pijama de flanela e um suéter descosturando na bainha.

– Desculpe-me – começou ela, e achou que aquelas palavras estavam se tornando seu padrão naquela casa.

– Bom dia. Você deve ser a prima Iona, dos Estados Unidos.

– Sim, eu...

– Bem-vinda ao lar.

Ela se viu envolvida em um grande e forte abraço que a ergueu sobre as pontas de suas botas. O gesto cordial fez seus olhos arderem e o nervosismo desaparecer.

– Eu sou Connor, caso esteja se perguntando. Kathel a encontrou e a trouxe para cá?

– Não. Quero dizer, sim. Eu já tinha vindo aqui, mas ele me encontrou.

– Bem, entre, está frio. O inverno já está mostrando suas garras.

– Obrigada. Sei que é cedo.

– É. O dia insistirá em começar assim. – Em um gesto que Iona achou ao mesmo tempo casual e milagroso, ele estalou os dedos na direção da lareira da sala de estar. Chamas se ergueram, envolvendo a turfa empilhada. – Vamos tomar café da manhã – continuou ele –, e você poderá me dizer tudo que há para saber sobre Iona Sheehan.

– Isso vai ser rápido.

– Ah, aposto que há muito para contar. – Ele pegou a mão de Iona e a puxou pela casa.

Ela teve uma rápida impressão de cor, confusão e luz, do cheiro de baunilha e fumaça. E de espaço, mais do que esperara.

Então eles foram para a cozinha, onde havia uma bela lareira de pedra, balcões longos cor de ardósia e paredes azuis como lagos. Potes de ervas vicejavam em grandes peitoris de janelas e panelas de cobre estavam penduradas sobre uma ilha central. Armários cinza-escuros com portas de vidro exibiam copos e pratos coloridos. Em um canto cercado de janelas havia uma bela mesa antiga e charmosas cadeiras descascadas.

A combinação de casa familiar de fazenda com a eficiência de eletrodomésticos brancos e brilhantes funcionava como mágica.

– Isto realmente é lindo. Parece saído de uma revista de decoração.

– É? Bem, Branna é que tem ideias muito definidas, e esta é uma delas. – Inclinando a cabeça para estudá-la, ele deu outro sorriso rápido e charmoso. – Você sabe cozinhar?

– Ah, mais ou menos. Na verdade, sou péssima na cozinha.

– Que pena. Então cuidarei disso. Quer café ou chá?

– Ah, café, obrigada. Você não precisa cozinhar.

– Preciso, se quiser comer, e quero. Em geral, Branna é a cozinheira e eu lavo, mas também sei preparar um bom café da manhã.

Enquanto falava, Connor pressionou os controles de uma cafeteira de aparência intimidadora e tirou da geladeira uma cesta de ovos, manteiga e uma embalagem de bacon.

– Tire o casaco e fique à vontade – disse ele. – Branna falou que você passará alguns

dias em Ashford antes de vir para cá. O que está achando de Ashford?

– É como um sonho. Passei horas demais dormindo ontem. Obviamente estou compensando isso. Você não se importa de eu vir para cá?

– Por que me importaria? Nós nos revezaremos na lavagem da louça, o que vai ser bom para mim.

Ele pegou uma frigideira e a pôs em cima do fogão.

– As xícaras estão ali em cima, e também temos açúcar e creme, se você quiser. – Ele apontou para vários lugares antes de pôr o bacon na frigideira.

Tudo isso e todos os gestos dele, pensou Iona, pareciam tão casuais e milagrosos quanto o estalar de dedos para acender o fogo.

– Eu soube que você está procurando trabalho nos estábulos.

– É, espero conseguir.

– Branna conversou com Boyle. Ele vai falar com você sobre isso hoje.

– É mesmo? – O coração de Iona deu um pulo diante dessa perspectiva. – Isso é ótimo. Fantástico. Muitas pessoas me acharam louca por ter feito as malas e vindo para cá sem um plano sério, um emprego ou um lugar para ficar.

– Qual é a aventura se você sabe todos os passos antes de dá-los?

– É verdade! – Ela sorriu. – Agora tenho uma entrevista de emprego e uma família com quem morar. Hoje vi um falcão na floresta. Ele voou para baixo, pousou em um galho e me observou. Tirei fotos.

Ela pegou o telefone para mostrar.

– Acho que você sabe que tipo de falcão ou gavião é.

Enquanto tirava o bacon da frigideira, Connor inclinou a cabeça para estudar a imagem.

– Um falcão de Harris, do mesmo tipo que usamos em nossas caminhadas de observação. Esse é o Merlin, do Fin, um ótimo pássaro. Finbar Burke – acrescentou. – Ele é sócio de Boyle nos estábulos e abriu a escola de falcoaria aqui em Ashford. Fin possui um pouco de várias coisas.

– Ele também vai me entrevistar?

– Deve deixar isso com o Boyle. Bastante creme e duas colheres de açúcar no meu café, se me permite.

– Vou querer igual.

– Branna é que gosta de pouco creme. Prepare o dela. Ela está descendo e precisará disso.

– Ela está? Como você... Ah.

Ele apenas sorriu.

– Branna emite vibrações ferozes de manhã antes do café, e está um pouco cedo, então ela pode morder.

Iona pegou outra xícara e se apressou a enchê-la. Estava mexendo o creme quando

Branna entrou, os cabelos escuros caindo quase até a cintura e seu olhar confuso e irritado.

Ela pegou a xícara que Iona lhe oferecia e deu dois grandes goles enquanto observava a prima por sobre a borda.

– Então, o que houve?

– Não a pressione – disse Connor. – Ela passou por momentos difíceis. Dê-lhe uma chance de pôr um pouco de comida para dentro.

– Duvido que ela tenha vindo aqui de madrugada para tomar café da manhã. Você vai cozinhar demais esses ovos, Connor, como sempre.

– Não vou. Por que não fatia um pouco de pão e põe para torrar? Ela vai nos contar quando estiver acomodada.

– “Ela” está bem aqui – lembrou-lhes Iona.

– Às seis e meia da manhã – completou Branna, mas pegou uma faca e tirou o pano de cima de um pão na tábua de cortar, perto da bancada.

– Desculpe-me, mas...

– A cada duas frases que ela diz, uma começa com essa palavra. – Branna fatiou o pão e o pôs na torradeira.

– Pelos deuses, termine seu café antes que seu mau humor acabe com meu apetite. Vamos pegar uns pratos, Iona. – O tom dele mudou de mordaz para gentil enquanto sua irmã se encostava no balcão e bebia o café, amuada.

Sem dizer nada, Iona pegou os pratos e, seguindo instruções dele, encontrou os talheres e pôs a mesa.

Sentou-se com os primos, olhou a travessa cheia de bacon e ovos e o prato de torradas, e os ouviu discutir como os ovos eram cozidos, de quem era a vez de ir ao mercado e por que a roupa lavada não tinha sido dobrada.

– Minha vinda aqui os deixou irritados, por isso estão brigando, mas eu...

– Não estamos brigando. – Connor pegou uma garfada de ovos. – Estamos brigando, Branna?

– Não. Estamos nos comunicando. – Então ela riu, sacudiu seus magníficos cabelos e mordeu a torrada. – Se estivéssemos brigando, haveria mais do que ovos queimados.

– Eles não estão queimados – insistiu Connor. – Estão... firmes.

– Estão bons.

Branna revirou os olhos para Iona.

– Pode ter certeza de que teria comido melhor no hotel. O chef lá é brilhante.

– Eu não estava pensando em comida esta manhã. Não posso apenas ler livros e andar por aí tentando... não saberei o que fazer, a menos que eu *entenda*.

– Ela já pôs um pouco de comida para dentro agora – disse Branna para Connor. – Então, o que houve?

– Tive um sonho que não foi um sonho.

Ela lhes contou tudo, cada detalhe de que conseguiu se lembrar, com tantos detalhes quanto pôde.

– Deixe-me ver sua mão – interrompeu-a Branna. – A que sangrou.

Ela a pegou e segurou enquanto passava as pontas dos dedos pelas costas da mão. A pele se abriu e se encheu de sangue.

– Fique quieta! – disse Branna bruscamente quando Iona se encolheu e tentou puxá-la. – Isso é apenas uma lembrança agora. Não há nenhuma dor. É apenas o reflexo do que foi.

– Foi real. Doeu, ardeu. E havia sangue no lençol.

– Sim, foi real. E isto é apenas um reflexo. – Ela passou as pontas dos dedos sobre as costas da mão de Iona outra vez e a ferida desapareceu.

– Eu estava grávida. Quero dizer, ela estava grávida. Na visão, ou no sonho. Ele não sabia. Ele não podia ver ou sentir isso? – Agitada, Iona mexeu nos cabelos com as duas mãos. – Eu preciso saber, Branna. Você disse que eu precisava pensar com cuidado, mas como posso fazer isso se não tenho todas as informações?

– Elas estão entrelaçadas – disse Branna, e Connor assentiu. – E você está mais aberta do que pensei. Eu lhe darei algo para filtrar as visões; isso poderá ajudá-la a, digamos, se manter um passo atrás. Connor e eu a guiaremos da melhor forma que pudermos. Mas não podemos lhe contar o que não sabemos. Se Teagan voltou sozinha para a cabana, para a floresta, se foi confrontada, é você que nos dirá.

– Branna e eu sabemos de partes, e você saberá mais. Nós dois voltamos no tempo, tivemos vislumbres, nos sentimos como você se sente agora.

– Mas éramos apenas dois – acrescentou Branna. – Tem que haver três.

– Ele foi mais ousado com você, porque você é mais vulnerável. Mas não vai continuar assim – garantiu-lhe Connor.

Aquilo pareceu ridículo, mas ela teve que dizer em voz alta o que passava por sua mente.

– Ele pode me matar? Se eu voltar, quando eu dormir, ele poderá me matar?

– Ele poderá tentar e provavelmente vai – respondeu Branna com simplicidade. – Você o impedirá.

– Como?

– Com a sua vontade, com o seu poder. Com o amuleto que usa e sempre deve usar, e com o que eu lhe darei.

Branna parou de empurrar os ovos no prato e pegou seu café. Mais uma vez observou Iona por sobre a borda.

– Mas entenda que, se ficar, se pretende ficar conosco e ser o que é, ele virá atrás de você. Deve permanecer aqui espontaneamente e ciente disso, ou ir embora viver sua vida.

Tudo era fantástico demais. Porém, ela vivera o sonho. Sentira a dor.

E conhecia a atração e a força do que vivia dentro dela.

Queimara as pontes, lembrou-se, para que tivesse a chance de construir novas. Independentemente de aonde levassem – já a haviam levado para mais perto do que e de quem era do que qualquer uma das anteriores.

– Eu não vou embora.

– Você teve pouco tempo para pensar ou entender – começou Branna, mas Iona apenas balançou a cabeça.

– Eu *sei* que nunca pertenci a outro lugar. E acho que entendo por quê. Este é o meu lugar. Eu venho dela, de Teagan. Também entendo que ela queria que eu visse que o machucou naquela noite e que ele teve medo. Isso não... Não poderia significar que eu posso machucá-lo?

– Se você pertence a este lugar, e acredito que sim, então aqui está. Mas não vá rápido demais. Você está só começando.

– Sou uma excelente amazona, com uma ótima postura. E aprenderei. Ensine-me. – Iona se inclinou para mais perto, sentindo a urgência crescer dentro dela. – Mostre-me.

Branna se recostou.

– Você não tem muita paciência.

– Depende. Não – admitiu Iona. – Não muita.

– Você precisará ter um pouco, mas daremos alguns passos. Pequenos.

– Falem-me sobre a cabana onde eles moravam. Sorchá morreu lá. A cabana ainda existe? Há uma grande árvore derrubada, aquelas grossas trepadeiras e...

– Não vá lá – disse Branna, depressa. – Ainda não, e não sozinha.

– Ela está certa. Você tem que esperar. Tem que prometer que não irá lá sozinha. – Connor apertou a mão de Iona, e ela sentiu o calor em sua palma. – Dê-me sua palavra e eu saberei se pretende mantê-la.

– Está bem. Eu prometo. Mas vocês me levarão lá.

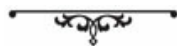
– Não hoje – disse-lhe Branna. – Tenho coisas para fazer e Connor precisa ir trabalhar. E você tem que se encontrar com Boyle.

– Agora?

– Depois do café da manhã e de lavar a louça, para compensar por ter me tirado da cama nessa hora insana. Volte mais tarde. Devo ter terminado e estar pronta lá pelas três.

– Estarei aqui.

Tranquilizada e confiante de novo, Iona se serviu de outra torrada.



ENQUANTO CAMINHAVA, IONA TENTAVA SE PREPARAR PARA A ENTREVISTA. O que dizer, como dizer. Esperava estar vestida de modo adequado, pois naquela manhã, ao sair do hotel usando jeans e seu suéter vermelho favorito, não sabia que teria uma entrevista de emprego. Por outro lado, estava se candidatando a trabalhar nos estábulos e dificilmente precisaria de um terninho e uma pasta.

De todo modo, não tinha nenhum dos dois e jamais desejara ter.

O que tinha era o currículo que havia preparado, a recomendação de seus empregadores anteriores e todas as referências de seus alunos ou dos pais deles.

Não se importava com quanto receberia, não no início. Só precisava de uma chance. Então poderia provar seu valor. Nesse meio-tempo teria não só trabalho, mas o trabalho que adorava.

Sentiu um embrulho no estômago, como sempre acontecia quando desejava muito alguma coisa, e ordenou a si mesma que não gaguejasse ao encontrar o homem que poderia contratá-la ou dispensá-la.

No instante em que entrou na clareira e viu a construção, o nervosismo diminuiu. Ali estava algo familiar, um tipo de lar. A forma dos estábulos e sua tinta vermelha desbotada pelo tempo, os dois cavalos com a cabeça para fora de portas que tinham a parte de cima abertas, os caminhões e trailers espalhados pelo estacionamento de cascalho.

O cheiro de feno, cavalo, esterco, couro, óleo e grãos atingiu seu coração. Dominou-a enquanto suas botas pisavam o cascalho.

Ela não pôde evitar ir direto até os animais.

O alazão sustentou o olhar dela, observando-a se aproximar. Ele resfolegou e mudou de posição. Inclinou a cabeça quando ela o acariciou e depois empurrou Iona de leve com o focinho.

– Prazer em conhecê-lo também. Olhe como você está bonito!

Olhos límpidos, pelo brilhante, crina bem escovada e um ar calmo. Cavalos bem cuidados e sadios fizeram os ainda desconhecidos Boyle McGrath e Finbar Burke subirem em seu conceito.

– Espero que nos vejamos muito. E quem é o seu amigo?

Ela se virou para o segundo cavalo, um baio de aparência forte que esfregava o pescoço na moldura da janela como se não estivesse nem um pouco interessado em Iona.

Quando foi na direção dele, o cavalo moveu as orelhas para trás. Ela apenas inclinou a cabeça e lhe enviou pensamentos tranquilizadores até as orelhas se erguerem de novo.

– Assim está melhor. Não precisa ficar nervoso. Só vim dar um oi.

Ela lhe fez uma rápida carícia.

– Esse é o Caesar, avaliando você.

Virando-se, Iona viu atrás a amazona, de botas, o corpo curvilíneo em calças de montaria confortáveis e uma grossa jaqueta xadrez. O cabelo, preso em uma trança longa e frouxa, fez Iona se lembrar do caro casaco de vison de sua avó – magnífico e luxuosamente castanho. Apesar do sotaque irlandês, a pele dourada e os olhos castanhos profundos falavam de climas ensolarados e fogueiras de acampamentos ciganos.

– Em geral ele gosta de bancar o feroz na primeira vez que vê alguém. E costuma ser tímido em relação a ser tocado – acrescentou ela quando Iona continuou a acariciá-lo.

– Ele só toma cuidado com estranhos. Ambos são cavalos de trilha?

– Nós reservamos Caesar para pessoas com experiência, mas, sim, ambos têm uma função aqui.

– Espero ter também. Sou Iona Sheehan. Vim falar com Boyle McGrath.

– Ah, você deve ser a americana, a prima de Connor e Branna. Eu sou Meara Quinn. – Ela deu um passo à frente, apertou a mão de Iona com firmeza e a avaliou de um jeito rápido e prático. – Você chegou cedo.

– Ainda estou me adaptando à mudança de horário. Posso voltar depois se não for uma boa hora.

– Ah, a hora é tão boa quanto qualquer outra. Boyle não está aqui, mas chegará logo. Posso lhe mostrar o lugar, se quiser.

– Eu adoraria, obrigada. – Como os de Caesar, os nervos de Iona tinham se acalmado. – Você trabalha aqui há muito tempo?

– Há uns oito anos. Acho que quase nove. Bem, quem está contando, não é?

Meara foi na frente, suas pernas compridas dando passos largos que obrigaram Iona a se apressar para acompanhá-la. Iona viu uma sala de um lado, repleta de chapéus de montaria, protetores de pernas e botas. Um gato malhado magro se aproximou, hesitante, olhou para Iona de um modo tão avaliador quanto o de Meara e depois saiu.

– Aquele era Darby, nos honrando com sua presença. Um feroz caçador de ratos, por isso toleramos seus modos rabugentos. Ele ganha sua ração e vem e vai quando quer.

– Um bom trabalho.

Meara sorriu.

– Isso é verdade. E então, estamos aceitando reservas para cavalgadas guiadas, entre Lough Corrib e Mask. Geralmente duram uma hora, mas faremos maiores se os clientes pedirem e pagarem por isso. E aqui temos a arena de treinamento.

Iona entrou e viu uma mulher de 30 e poucos anos montada em um alazão compacto, e um homem atarracado usando jeans treinando o cavalo e a amazona.

– Esse é o nosso Mick. Ele foi jóquei quando jovem e tem infinitas histórias para contar sobre aquele tempo.

– Eu gostaria de ouvi-las.

– Com certeza ouvirá se ficar aqui por mais de cinco minutos. – Meara pôs as mãos nos quadris e observou Mick por um momento, deixando Iona fazer o mesmo. – Mick sofreu uma queda feia em uma corrida em Roscommon, e isso acabou com sua carreira. Agora ele é professor e treinador, e seus alunos ganham prêmios de fita azul.

– Parece que vocês têm sorte em tê-lo aqui.

– Temos, mesmo. Há outra área nos grandes estábulos, não longe daqui, para prática de saltos e aprendizagem. Nós atendemos à população local, damos aulas e organizamos cavalgadas guiadas. Costumamos ter um pouco menos de movimento nesta época do ano, mas há muito que fazer. Temos 22 cavalos entre os que mantemos aqui e os do outro estábulo. A sala de equipamentos de equitação fica nessa direção.

Ela relanceou os olhos para Iona.

– Usamos sela inglesa. Se estiver acostumada com a do oeste vai ter que se adaptar.

– Eu monto com as duas.

– Bom para você. Boyle é exigente em relação a manter a sala em ordem – continuou Meara. – As pessoas que trabalham aqui fazem o que for preciso. Cuidam dos equipamentos, fazem reservas, limpam a sujeira, tratam e alimentam os cavalos. Há um quadro com o horário de alimentação e dieta de cada animal pendurado do lado de fora das baias. Você já foi guia em cavalgadas?

– Sim, onde eu morava.

– Então sabe que isso é mais do que sair com os clientes. Precisa avaliar como eles cavalgam e a montaria, e a maioria dos que fazem reservas querem um pouco de cor, se entende o que quero dizer... querem saber um pouco sobre a área, a história e até mesmo a flora e a fauna.

– Vou estudar isso. Na verdade, já estudei um pouco. Gosto de conhecer o lugar onde estou.

– É difícil saber para onde você vai se não fizer isso.

– Estou aberta a surpresas.

Cheiros familiares a cercaram – de couro e sabão de sela. Iona imaginou que para a maioria das pessoas a sala de equipamentos de equitação pareceria confusa e desorganizada, mas ela via o padrão básico, o uso diário, o reparo e a manutenção.

Bridões estavam pendurados em uma parede, as selas em seus cavaletes na outra.

Arreios na terceira, com ganchos e suportes para peças e almofadas de selas, prateleiras para panos, escovas, sabões e óleo de sela. E uma espécie de nicho para vassouras, forcados, escovas, limpadores de cascos e mais ganchos, para baldes. Ela viu uma geladeira velha.

– Os remédios ficam ali – disse-lhe Meara. – Perto e à mão para quando forem necessários. Nós fazemos o possível para manter tudo razoavelmente arrumado, e uma ou duas vezes por ano, quando o movimento está fraco, fazemos um esforço extra para isso. Você tem seu próprio equipamento?

– Eu o vendi. – Aquilo tinha sido doloroso. – Exceto por minhas botas, minhas galochas e meu capacete de equitação. Não sei se teria algum lugar para guardar o material, ou mesmo se poderia usá-lo, pelo menos por um tempo. Preciso ter o meu?

– Não, não precisa. Bem, você deve estar querendo ver os cavalos. Também os hospedamos, mas no estábulo grande. Aqui mantemos o equipamento de equitação e o levamos de um lado para outro quando necessário.

Meara andou e conversou, dando passos largos com suas botas velhas enquanto conduzia Iona para os estábulos.

– Temos uma reserva para esta manhã, daqui a quatro horas, e mais duas para a tarde, um grupo de duas pessoas e outro de seis. E aulas marcadas durante o dia, então teremos a casa cheia.

Ela parou para acariciar a cabeça de uma robusta alazã com uma mancha branca na cabeça.

– Esta é Maggie, doce como mel. Ela é boa com crianças e com os nervosos. É paciente e gosta de vida mansa, não é, querida?

A égua esfregou o focinho no ombro de Meara e depois abaixou a cabeça para Iona.

– Ela é tão bonita!

Depois de uma carícia, Maggie procurou o bolso de Iona, fazendo-a rir.

– Não tenho nada hoje. Mas trarei uma maçã da próxima vez. Ela é... – A voz de Iona falhou ao ver o olhar indagador de Meara. – O que foi?

– É estranho, só isso. Maggie gosta muito de maçãs. – Sem se estender mais, Meara apontou. – E aquele é o Jack. Ele é um garotão e gosta de tirar cochilos. Tentarei incluí-lo no passeio se puder. Ele precisa de mão firme.

– Gosta de comer e dormir, não é? Quem não gosta? Aposto que um garotão forte como você pode carregar mais de 100 quilos sem pestanejar.

– Ele pode. E aqui temos o Batata. Ele é jovem e irritável, mas está indo bem.

– Um cavalo preto. – Iona se aproximou para passar a mão na crina dele. – Com um fraco por batatas. – Ela viu o olhar de novo e sorriu. – O nome dele. Batata.

– E esta é Abelha Rainha. É o que ela pensa que é. Domina os outros sempre que tem uma oportunidade, mas gosta de um bom passeio.

– Eu também. Ela teve algum problema na perna dianteira?

– Uma pequena luxação cerca de uma semana atrás. Curou-se muito bem. Se ela lhe disse algo diferente, só está em busca de solidariedade.

Insegura, Iona deu um passo para trás e enfiou as mãos nos bolsos.

– Não vou ficar nervosa porque alguém se comunica com cavalos – comentou Meara. – Especialmente alguém da família O’Dwyer.

– Eu me dou bem com eles. Os cavalos – explicou Iona, acariciando a majestosa Abelha Rainha. – Espero conseguir me dar bem com os O’Dwyers.

– Connor é tranquilo e tem fraco por rostos bonitos. Você tem um. Branna é justa, e isso é o bastante.

– Vocês são amigas.

– Desde que usávamos fraldas, por isso sei que, sendo justa, Branna não a teria enviado para nós se não fosse adequada.

– Sou boa nisso. – Aquela era a única coisa em que tinha certeza de que era boa.

– Tem que ser. Eu conheço Branna há uma vida inteira – disse Meara ao ver o olhar indagador de Iona. – Por isso sei que aquela que se comunica com os cavalos é a terceira parte.

Iona pensou nos olhares dos funcionários do restaurante durante o jantar na noite anterior.

– Todos sabem?

– O que as pessoas sabem, no que acreditam, o que aceitam? São questões diferentes, não são? Bem, como Boyle está atrasado, podemos... – Ela se interrompeu, pegou o telefone que tocou em seu bolso e leu a mensagem. – Ah, bom, ele está a caminho. Vamos ao encontro dele, se estiver bom para você.

Seu possível novo patrão, pensou Iona.

– Alguma dica?

– Você poderia se lembrar de que Boyle também é justo, embora frequentemente lhe faltem palavras e paciência.

Meara fez um sinal para Iona ir em frente enquanto guardava seu telefone.

– Ele está montando a última aquisição de Fin. Fin é sócio de Boyle e viaja quando quer comprar cavalos, falcões ou qualquer coisa que desperte seu interesse.

– Mas Boyle, o Sr. McGrath, dirige os estábulos.

– Sim... Os dois dirigem, mas é Boyle quem lida mais com o dia a dia. Fin encontrou esse garanhão em Donegal e o mandou para cá, mas ele próprio ainda está viajando. Ele planeja usá-lo como reprodutor este ano, e Boyle está igualmente determinado a lhe ensinar bons modos.

– A Fin ou ao garanhão?

Meara deu uma gargalhada enquanto elas saíam.

– Boa pergunta. Talvez aos dois, mas posso apostar que ele terá mais sorte com o cavalo do que com Finbar Burke.

Ela apontou com a cabeça na direção da estrada.

– Ele é bonito demais, com um temperamento de demônio.

Iona se virou. Não sabia se Meara estava falando do cavalo ou do homem que o montava. Sua primeira impressão foi de magnificência e cabeças quentes, de ambas as partes.

O cavalo, grande e bonito, com no mínimo 1,60 metro de altura, de vez em quando testava o cavaleiro corcoveando e girando, e mesmo a distância ela pôde ver o brilho feroz em seus olhos. O pelo cinza como fumaça mostrava algum suor, embora a manhã continuasse fria, e ele mantinha as orelhas teimosamente para trás.

Mas o homem, também grande e bonito, tinha seus recursos. Iona ouviu a voz dele, o desafio nela se não nas palavras, enquanto mantinha o cavalo em um trote.

E algo em Iona se agitou só de ouvir aquela voz. Nervosismo, excitação, disse a si mesma, porque o homem trazia a felicidade dela nas mãos.

Mas quando eles se aproximaram, a agitação se transformou em taquicardia. A atração a atingiu duplamente – no coração e no ventre porque, ah, ele era mesmo tão magnífico quanto o cavalo. E tudo nele a atraía.

Os cabelos, de um tom vivo de caramelo que não era nem castanho nem ruivo, esvoaçavam à brisa. Ele usava uma jaqueta grossa, jeans desbotados, botas arranhadas, tudo combinando com o rosto marcante e obstinado. A mandíbula forte e uma boca que parecia tão teimosa quanto o animal que montava revelaram rugas de impaciência mal contida quando o cavalo corcoveou de novo.

Na sobrancelha esquerda do homem havia uma cicatriz fina como um raio. Por motivos que Iona não podia compreender, ele produziu uma pequena e deliciosa tempestade de luxúria dentro dela.

Caubói, pirata e indômito cavaleiro tribal. Como ele podia ser três de suas maiores fantasias num único pacote?

Boyle McGrath. Iona disse o nome dele em sua cabeça e pensou: você poderia ser um problema para mim, e fico muito *interessada* quando se trata de um problema.

– Ah, ele está de mau humor, nosso Boyle. Bem, é melhor você se acostumar com isso se vier trabalhar aqui.

Meara deu um passo à frente e ergueu a voz:

– Ele está dando trabalho, não é?

– Tentou arrancar um pedaço de mim. Duas vezes. Desgraçado. Se tentar fazer isso de novo sou capaz de castrá-lo com uma maldita faca de manteiga.

Quando Boyle parou, o cavalo se sacudiu, empinou e tentou recuar.

Botas e mãos grandes, com cicatrizes nos dedos parecidas com a da sobrancelha, tentaram contê-lo.

– Sou capaz de matar Fin por causa deste bicho.

Como se desafiando seu cavaleiro, o animal tentou recuar de novo. Por instinto,

Iona se aproximou e segurou o freio.

– Fique lá atrás – disse Boyle, brusco. – Ele morde.

– Já fui mordida antes. – Ela falou diretamente com o cavalo, seus olhos fixos nos dele. – Mas prefiro não ser mordida de novo, então pare com isso. Você é lindo – sussurrou. – E está muito irritado. Mas bem que poderia parar e ver o que acontece depois.

Iona olhou de relance para Boyle. Ele não morderia, pensou, mas suspeitava que tivesse outro modo de arrancar um pedaço de um inimigo.

– Aposto que você também ficaria irritado se alguém o levasse para longe de casa e o pusesse com um bando de estranhos.

– Irritado? Ele deu um coice em um cavaleiro e mordeu um tratador, e isso foi apenas esta manhã.

– Pare com isso – repetiu Iona quando o cavalo se sacudiu, tentando libertar a cabeça. – Ninguém gosta de um intimidador. – Usando a mão livre, ela acariciou o pescoço do animal. – Nem mesmo de um bonito como você. – Virou-se para Boyle: – Ele ficou zangado, só isso. E quis que todos nós soubéssemos.

– Ah, só isso? Então tudo bem, não houve nenhum problema. – Ele desmontou e encurtou as rédeas. – Você deve ser a prima americana que Branna enviou.

– Iona Sheehan, e provavelmente sou tão inconveniente para você quanto este garanhão. Mas conheço cavalos e este não gostou de ser levado para longe de tudo que lhe era familiar. Tudo é diferente aqui. Sei como é isso – disse ela para o cavalo. – Qual é o nome dele?

– Fin vai chamá-lo de Alastar.

– Alastar. Você encontrará seu lugar aqui. – Ela soltou o freio e o cavalo mexeu as orelhas. Mas, se pensou em morder, mudou de ideia e olhou distraidamente para o outro lado.

– Eu trouxe meu currículo – começou Iona.

Negócios, negócios, negócios, lembrou a si mesma. Fique longe de problemas. Ela pegou o *flash drive* que pusera no bolso naquela manhã.

– Monto desde os 3 anos e trabalhei cuidando de cavalos, removendo esterco, percorrendo trilhas e como guia em cavalgadas. Dei aulas particulares e em grupo. Conheço cavalos – repetiu ela. – E estou disposta a fazer o que você precisar para ter uma chance de trabalhar aqui.

– Eu mostrei o lugar a ela – começou Meara, e depois pegou o *flash drive* de Iona. – Vou pôr isto em sua escrivaninha.

Boyle manteve as rédeas firmes em sua mão, e seus olhos, de um tom de dourado queimado com traços de verde, fixos em Iona.

– Currículos são apenas palavras em papel, certo? Não são ações. Posso lhe dar trabalho removendo esterco. Veremos se sabe cuidar de um cavalo antes que eu a deixe

fazer isso. Mas sempre há equipamentos para limpar.

Apenas uma chance, ela lembrou a si mesma.

– Então vou remover esterco e limpar.

– Você ganharia mais se procurasse trabalho no castelo. Como garçoneiro, camareira, recepcionista.

– A questão não é ganhar mais. É fazer o que eu amo e sei. Não tenho nenhum problema em remover esterco.

– Então Meara vai prepará-la para começar. – Ele pegou o *flash drive* de Meara e o pôs no bolso. – Cuidarei da papelada depois que acomodar este animal aqui.

– Vai colocá-lo em uma baía?

– Não pretendo hospedá-lo no hotel.

– Ele gostaria... Ele não precisa de um pouco mais de exercício? Está aquecido.

Boyle arqueou as sobrancelhas, atraindo o olhar de Iona para a cicatriz... tão sexy.

– Ele já me deu quase uma hora de luta esta manhã.

– Ele costumava ser o alfa, não é, Alastar? Agora você chega aqui e é... um desafio. Você disse que um currículo não é ação. Deixe-me fazer isso. Posso conduzi-lo ao redor do padoque.

– Qual é seu peso? Sete pedras molhadas?

Boyle estava lhe dando um emprego, lembrou Iona a si mesma. E comparada com ele – e até mesmo com Meara, ela parecia pequena e fraca.

– Não sei quanto é sete pedras, mas sou forte e experiente.

– Ele arrancaria seus braços depois de se irritar e derrubá-la.

– Acho que não. Mas, se fizesse isso, lhe daria razão. – Ela olhou de novo para o cavalo. – Pense nisso – disse para Alastar.

Boyle ponderou. A linda e pequena fada rainha tinha algo para provar, então a deixaria tentar. E ela poderia cuidar de seu próprio traseiro machucado – ou de sua cabeça, dependendo do que atingisse o chão primeiro.

– Uma volta. Entre – disse Boyle, apontando. – Isso se conseguir ficar em cima dele por esse tempo todo. Pegue um capacete para ela, Meara. Vai evitar que quebre a cabeça quando cair.

– Ele não é o único que está irritado. – Confiante, Iona deu um sorriso para Boyle. – Preciso encurtar os estribos.

– Entre – repetiu ele, e conduziu o cavalo para dentro. – Espero que saiba cair.

– Eu sei. Mas não vou cair.

Ela encurtou os estribos com rapidez e competência. Sabia que Boyle a observava e isso era bom. Ela se *contentaria* com um emprego em que não faria mais do que remover esterco de estábulos e limpar equipamentos.

Mas queria montar de novo. E queria muito montar esse cavalo. Senti-lo sob ela, partilhar aquele poder.

– Obrigada. – Pôs o capacete que Meara lhe entregou e usou a apeadeira que ela também havia trazido.

Alastar estremeceu sob ela. Iona apertou os joelhos e estendeu uma das mãos para as rédeas.

Agora ele estava reconsiderando, podia ver isso naqueles olhos castanho-amarelados.

– Branna não vai ficar satisfeita comigo se você for parar no hospital.

– Você não tem medo de Branna.

Ela pegou as rédeas. Talvez nunca tivesse sabido a qual lugar pertencia, mas sempre soubera, desde o primeiro dia, que se sentia em casa sobre uma sela.

Iona se inclinou para a frente e sussurrou ao ouvido de Alastar.

– Não me faça de boba, está bem? Vamos nos exhibir e mostrar que ele está errado.

Alastar deu quatro passos, cooperativo. Então escoiceou e empinou.

Pare com isso. Podemos jogar esse jogo em outra ocasião.

Ela o fez girar, mudou de direção, o fez girar de novo e depois mudou de direção mais uma vez antes de fazê-lo trotar.

Quando o cavalo dançou para o lado e tentou outro coice, ela riu.

– Posso não ser tão pesada quanto o grandalhão, mas estou firme.

Ela o pôs a um belo meio-galope – Deus, ele era lindo – e depois novamente em um trote.

E se sentiu viva.

– Ela é mais do que palavras em papel – murmurou Meara.

– Talvez. Monta bem e tem boas mãos, e por algum motivo aquele demônio parece gostar dela.

Boyle pensou que parecia que ela tinha nascido em cima de um cavalo, que podia cavalgar através do vento e da floresta e fazer tudo, menos voar sobre as colinas.

Ele se remexeu, aborrecido com os próprios pensamentos fantasiosos.

– Pode levá-la com você e ver como ela se sai como guia, mas *não* naquele demônio.

– Ele será um bom reprodutor, sabe? Fin está certo em relação a isso.

– Fin raramente erra. Mas, quando erra, erra feio. Ainda assim, ela vai conseguir. Faça-a pôr Alastar no padoque. Veremos se ele vai ficar lá.

– E você?

– Vou providenciar a papelada dela.

– Quando quer que ela comece?

Boyle a observou deslizar em um galope fluido.

– Acho que ela já começou.

IONA NÃO FOI PARA A VILA. SEUS PLANOS MUDARAM DO MELHOR MODO possível, e ela passou o restante da manhã removendo esterco, cuidando dos animais, assinando

papéis e aprendendo ritmos e regras básicas com Meara.

E, melhor do que tudo, foi escalada para uma cavalgada. O ritmo poderia ser descrito como lento, mas ainda assim era uma cavalgada no alegre Batata. Ela tentou se lembrar de pontos de referência enquanto eles seguiam pelo caminho duro, através da floresta muito verde, ouvindo o murmúrio do rio.

Uma velha cabana, um pinheiro com um pedaço de casca faltando, um amontoado de pedras.

Ouviu o tom de voz de Meara aumentar e diminuir, entreendendo os clientes – um casal alemão em uma breve escapada – e apreciou a mistura de sotaques.

Ali estava ela, Iona Sheehan, cavalgando pelas florestas de Mayo (empregada!) ouvindo alemão e irlandês, sentindo a brisa fresca e úmida em seu rosto e observando a luz intermitente do sol brilhando por entre as nuvens e árvores.

Estava ali. Isso era real. E percebeu com uma súbita e total certeza que nunca mais iria embora.

De agora em diante, pensou, este seria seu lar. Um que construiria para si mesma, sozinha. Esta era sua vida, e a viveria como quisesse.

Se isso não era magia, o que era?

Ouviu outras vozes, uma rápida risada ressonante tão agradável que a fez sorrir.

– Deve ser o Connor – disse-lhe Meara. – Em uma caminhada para observar falcões.

Quando fizeram uma curva, Iona viu o primo no caminho, com outro casal. Um falcão estava pousado no braço enluvado da mulher enquanto o homem com ela tirava fotos.

Ah, isso é incrível! Fascinante, pensou Iona. E, de algum modo, de tempos antigos.

– Não é incrível?

– Otto e eu marcamos de ir amanhã – disse-lhe a alemã. – Estou ansiosa.

– Vocês vão se divertir muito. Tenho que experimentar isso. Aquele é o meu primo – acrescentou ela, sem esconder seu orgulho. – O falcoeiro.

– Ele é muito bonito. Mesmo ele sendo seu primo você ainda não fez essa caminhada?

– Só cheguei ontem. – Ela sorriu quando Connor ergueu a mão e piscou para ela ou Meara, provavelmente para as duas.

– Aquele que vocês estão vendo lá é um falcão de Harris – disse Meara. – Já que marcaram uma caminhada para amanhã, devem aproveitar e dar uma volta pela escola de falcoaria. Aposto que a caminhada para observar falcões será um dos pontos altos de sua visita a Ashford, e será mais completa se virem os outros falcões e gaviões, e aprenderem um pouco sobre eles.

O falcão alçou voo e pousou em um galho. Os dois grupos abriram espaço um para o outro.

– Bom dia, Connor – disse Meara quando passaram.

- Bom dia. Saiu para fazer um passeio a cavalo, prima?
- Estou trabalhando.
- Isso é ótimo! Pode me pagar uma cerveja depois, para comemorar.
- Combinado.

Ela tomaria uma cerveja com seu primo depois do trabalho, pensou Iona. Isso de fato *era* magia.

- Desculpe-me. Meu inglês às vezes não é bom.
- É excelente – discordou Iona enquanto mudava de posição para olhar para a mulher sobre o cavalo.
- Vocês são primos. Mas você não é irlandesa.
- Sou americana, com ascendência irlandesa. Acabei de me mudar para cá.
- Você só chegou ontem? Não antes?
- Só ontem. Nunca estive aqui. Na verdade, vou ficar hospedada no castelo por alguns dias.
- Ah, então você não veio apenas a passeio.
- Não, agora eu moro aqui. Vim ontem, consegui este trabalho hoje, e vou me mudar para a casa dos meus primos na semana que vem. É tudo maravilhoso.
- Você acabou de chegar da América para morar aqui? É muito corajosa.
- Acho que sou sortuda, isso sim. Não é lindo aqui?
- Muito. Nós moramos em Berlim, e trabalhamos lá. É uma cidade muito movimentada. Aqui é quieto... e não é movimentado. Um bom lugar para passar as férias.
- Sim. – E um lugar ainda melhor para morar, pensou Iona. Seu lar.

DEPOIS QUE ELA MASSAGEOU BATATA E GUARDOU SEU EQUIPAMENTO, SE encontrou com os outros funcionários de serviço naquele dia – entre eles, Mick, com seu sorriso pronto, cuja filha mais velha era a garçonete que lhe servira o jantar na noite anterior – e ajudou a dar de comer e beber aos cavalos. Quando terminou, achou que era tarde demais para visitar Cong ou a escola de falcoaria.

Ela se aproximou de Meara.

- Não sei ao certo qual é meu horário de trabalho.
 - Ah, sim. – Meara tomou um longo gole de uma garrafa de Fanta Laranja. – Acho que você não havia planejado trabalhar o dia inteiro. Pode vir amanhã?
 - Claro. Com certeza.
 - Eu diria que às oito está bom, mas é melhor confirmar com Boyle, porque ele pode ter feito um cronograma. Acho que já pode ir agora, porque Mick e Patty estão cuidando das coisas aqui e tenho que dar uma aula particular nos grandes estábulos.
 - Eu o encontrarei e confirmarei. Obrigada por tudo, Meara.
- Levada pela alegria do dia, ela envolveu Meara em um abraço.

– Sei que você está agradecida, mas não fiz nada. Fiz menos do que de costume, porque você fez a maior parte do meu trabalho pesado.

– Foi bom. Aqui é bom. Vejo você amanhã.

– Tchau. Dê lembranças minhas a Branna e Connor quando os vir.

Iona procurou Boyle no ringue e depois no que ele chamava de escritório. Retornou, deu uma volta pelo lugar e o encontrou do lado de fora, no padoque, olhando para Alastar.

– Ele acha que você não gosta dele.

Boyle olhou para ela.

– Então ele é um filho da mãe intuitivo.

– Mas você gosta. – Ela deu um impulso para se sentar na cerca. – Gosta da aparência e do espírito dele e se pergunta como acalmá-lo sem quebrar esse espírito.

Ela sorriu quando Boyle veio em sua direção.

– Você é um cavaleiro e nenhum cavaleiro no mundo olharia para esse animal magnífico sem pensar exatamente o que eu disse. Vocês irritam um ao outro, mas isso é porque os dois são grandes, magníficos e decididos.

Com os pés plantados no chão, Boyle enfiou os polegares nos bolsos da frente.

– E essa é a conclusão a que você chegou depois desse breve encontro?

– Sim.

A pura alegria do dia a tornava radiante como a luz do sol. Ela achou que poderia ficar sentada lá durante horas, no ar frio e úmido, com o homem e o cavalo.

– Vocês desafiam um ao outro, e por isso há respeito, e estratégias dos dois lados para ver quem fica por cima.

– Como sou eu que vou montá-lo e não o contrário, já sabemos quem fica por cima.

– Não totalmente. – Ela suspirou enquanto estudava Alastar. – Quando eu era pequena, sonhava em ter um cavalo assim, um grande e corajoso garanhão que só eu pudesse montar. Acho que a maioria das garotas passa por essa fase de fantasia equina. Eu nunca saí da minha.

– Você monta bem.

– Obrigada. – Ela o olhou e percebeu que era bom estar sentada na cerca ou teria lhe dado um abraço, como fizera com Meara. – Isso me garantiu um emprego.

– Sim.

Boyle não disse nada quando Alastar se aproximou e, de um modo casual e o ignorando, foi encostar o focinho no nariz de Iona. O cavalo olhava para a mulher como se ela soubesse todas as respostas.

– Nós tivemos um dia bom hoje, não foi? – Ela acariciou a cara lisa do animal e desceu a mão pelo seu pescoço. – Aqui é um bom lugar. Só demora um pouco para se acostumar.

Então o cavalo, que naquela mesma manhã deixara uma marca do tamanho de um

punho no bíceps de seu tratador veterano, pareceu suspirar. E pôs a cabeça no ombro de Iona para que ela pudesse acariciar seu longo pescoço.

Eu vou cuidar de você, pensou Iona. E você vai cuidar de mim.

– É óbvio que você é da família – murmurou Boyle. – Definitivamente, uma O'Dwyer.

Entretida com o cavalo, Iona respondeu, distraída:

– Pelo lado da minha avó materna.

– Não é uma questão de lados, mas de sangue. Eu deveria ter imaginado pelo modo como você lidou com ele da primeira vez.

Ele se encostou na cerca para estudar Iona longa e cuidadosamente.

– Você não se parece com eles, com Branna ou Connor, porque é pequena e loura. Mas ainda assim é uma questão de sangue.

Como ela achou que o entendia, o nervosismo voltou.

– Espero que eles achem que sim, porque estão me oferecendo um lugar para morar. E porque Branna me ajudou a arranjar este emprego para eu não ter que lutar para conseguir um em que provavelmente seria péssima. De qualquer modo, eu...

– Reza a lenda que a filha mais nova da primeira bruxa da noite falava com os cavalos e eles falavam com ela. E mesmo quando bebê cavalgava o mais bravo dos cavalos de guerra. E em algumas noites, no lado oculto da lua, quando estava disposta, montava em um para voar sobre as árvores e colinas.

– Eu... provavelmente deveria estudar as lendas locais para as cavalgadas guiadas.

– Claro. Acho que você conhece bem uma delas. A de Cabhan, que cobiçava Sorch, por sua beleza e seu poder. E os três que vieram dela receberam o poder que ela lhes passou e todos os fardos que o acompanharam. Questão de sangue – repetiu ele.

O modo como Boyle a olhou a fez ficar com a garganta seca, como se ele pudesse ver algo nela que ela ainda não podia compreender por completo. Sentindo seu desconforto, Alastair estremeceu e inclinou as orelhas para trás enquanto virava a cabeça para Boyle.

Cautelosa, Iona deslizou os dedos para baixo do freio para acalmá-lo.

A culpa foi minha, disse a Alastair. *Eu ainda não sei o que dizer, como reagir.*

– Minha avó me contou muitas histórias. – Ela sabia que tinha sido evasiva, mas até *conhecê-lo* isso parecia ser a melhor coisa a fazer. – Bem, a menos que precise que eu faça mais alguma coisa, tenho que ir. Vou me encontrar com Branna e estou atrasada. Meara disse que bastava por hoje e que era para eu vir amanhã às oito, certo?

– Certo.

– Obrigada pelo emprego. – Ela acariciou Alastair uma última vez antes de sair da cerca. – Vou trabalhar duro.

– Ah, pode ter certeza de que vai.

– Bem... – Agora as mãos de Iona estavam suadas o suficiente para ela enxugá-las

em seus jeans. – Vejo você amanhã.

– Dê lembranças minhas aos seus primos.

– Está bem.

Ele a observou se afastando, movendo-se rápido, como se pisasse em um terreno alagadiço.

Bonita, pensou, embora fosse sensato ignorar isso. Uma fada-deusa bonita e radiante montada em um cavalo.

Definitivamente ignore tudo isso. Ele calculou que tinha que se esforçar mais para ignorar o fato de que acabara de contratar uma bruxa.

Uma da noite, a última dos três. Todos juntos agora, o cão, o falcão e o cavalo.

Ele franziu a testa para Alastar.

– Então você está aqui por causa do Fin, sem dúvida. E o que diabos isso significará?

Ele também se perguntou o que Fin – amigo, sócio e quase irmão – tinha em mente, em seu coração.

Como se expressasse sua opinião sobre Fin, e também Boyle, Alastar ergueu o rabo e evacuou.

Boyle conseguiu pular para o lado antes de a opinião atingir suas botas. Então, depois de um olhar fulminante, atirou a cabeça para trás e riu.



CERTA DE SEU CAMINHO, IONA ANDOU APRESSADA PELA FLORESTA. VIU um jovem casal passeando de mãos dadas e imaginou que fossem hóspedes do hotel, talvez em lua de mel. Turistas, aproveitando um dia seco e parcialmente ensolarado.

Ela ficaria no hotel por mais alguns dias, mas já não se qualificava como turista. Era uma imigrante.

Isso parecia estranho e glamoroso, mesmo que ela cheirasse a cavalos e, talvez, a um pouco de esterco. Mas, como já estava atrasada, não quis perder tempo indo ao hotel para tomar banho e trocar de roupa.

Teria que arranjar um tempo livre para visitar a escola de falcoaria e Cong. Talvez pudesse ir no dia seguinte, na hora do almoço, se é que teria esse intervalo. Se Connor estivesse com disposição, ela lhe pagaria aquela cerveja na vila depois de sua aula com Branna, e talvez jantassem juntos.

Ela mal podia esperar para mandar um e-mail para Vovó contando sobre o trabalho, seu dia e o que aprendera com Branna. Sua vida, apenas alguns dias antes tão perdida e insatisfatória, agora estava cheia de possibilidades.

Este era seu novo caminho do trabalho para casa. Nada de pegar trânsito de seu pequeno apartamento até o trabalho e voltar. Nada de ficar desejando uma pequena aventura que fosse, porque estava vivendo a aventura.

E nada mais de se perguntar o que não tinha e que tornava tão fácil para as pessoas se afastarem dela. Dessa vez ela que se afastara. Não, corrigiu-se. Chegara. E isso era muito mais importante.

Agora cabia a ela fazer tudo isso ter importância.

Ao chegar à árvore derrubada sentiu aquela atração, aquele anseio, e ouviu seu nome ser sussurrado de um jeito sedutor. Parou, olhou ao redor e não viu ninguém.

No entanto, o sussurro se fez ouvir de novo, quase doce.

Ela hesitou – havia uma luz fraca e bruxuleante atrás daquela parede de trepadeiras? Como a luz de uma janela, um lar acolhedor?

Embora lembrasse a si mesma que estava atrasada, que Branna lhe dissera para não ir lá explorar o local, deu um passo para mais perto.

Seria apenas um minuto, só uma olhadinha.

Mais um passo e tudo foi como um sonho. A luz se tornou mais forte; os sussurros, mais profundos; e um calor modorrento a envolveu.

Lar, pensou. Por tanto tempo desejara ter um! E esse...

Quando seus dedos tocaram as trepadeiras, o ar pulsou como um coração e a luz diminuiu devagar até se transformar em penumbra.

Atrás dela, o cão deu um latido alto, instando-a a voltar.

Ela estremeceu, como uma mulher à beira de um penhasco, e deu vários passos para trás até chegar ao cão e pôr uma das mãos sobre a bela cabeça dele.

Sua respiração soava tão alta que ela mal ouvia os próprios pensamentos.

– Eu estava indo para lá. Senti que tinha que ir e quis fazer isso mais do que qualquer outra coisa. Quase quebrei minha promessa, e nunca faço isso. O que é esse lugar? – Ela esfregou as mãos geladas uma na outra e estremeceu uma última vez. – Estou feliz por você ter vindo, e aposto que não foi por acaso. Vamos. Imagino que ela esteja esperando por nós dois.

O vento aumentou quando eles se afastaram. Antes de chegarem à beira da floresta, a chuva caiu de novo, parecendo vir de uma única nuvem, enquanto o sol continuava a projetar sua luz perolada.

Ela e Kathel apressaram o passo. Embora Iona pretendesse ir para a porta do chalé, avistou Branna na oficina e mudou de direção.

Como antes, a oficina tinha um cheiro delicioso – de fumaça, ervas e cera de vela. Branna estava de pé com os cabelos presos e um suéter cor de ameixa que chegava aos seus quadris. Ela pôs um vaso sobre o balcão de trabalho, junto com uma tigela, uma vela de sebo e uma pena – todos brancos.

– Estou atrasada. Desculpe-me, mas...

– Você mandou uma mensagem dizendo que poderia se atrasar. Não tem problema.

– Ela estudou Iona enquanto Kathel vinha se esfregar em sua perna. – Parabéns. Seu primeiro dia foi bom?

– Ótimo. Incrível. Obrigada. Muito obrigada. – Enquanto falava, Iona atravessou a sala para dar um forte abraço em Branna.

– Tudo bem. – A prima deu um tapinha nas costas de Iona. – Foi Boyle quem a contratou.

– Mas você me abriu as portas. – Depois de outro abraço, Iona deu um passo para trás. – Isso é tudo que eu poderia desejar. Pareceu... certo desde o primeiro segundo. Entende o que quero dizer? Tudo simplesmente se encaixou. E Meara... você conhece Meara.

– Sim, conheço. – De seu modo calmo, Branna se virou para esquentar a chaleira. – Ela é uma boa amiga, alguém com quem se pode contar.

– Gostei dela logo de cara. Acho que isso também se encaixou. Ela me mostrou o lugar antes de Boyle chegar, e conheci Mick. Você deve conhecê-lo também.

– Sim, conheço.

– Mick é muito divertido e cheio de histórias. Já estou apaixonada por ele.

– Ele tem esposa e quatro filhos, e o primeiro neto está a caminho.

– Ah, eu não quis dizer... Você está brincando. De todo modo, foi simplesmente maravilhoso. Embora Boyle estivesse de mau humor.

– Ele é conhecido por seu mau humor. – Branna pôs biscoitos, dessa vez de chocolate, em um prato.

– Ele chegou naquele cavalo magnífico, como se tivesse saído de um filme. Ambos eram muito bonitos, estavam irritados e, bem, agressivos. E ele estava amaldiçoando o animal. Estou bem certa de que o cavalo também o estava amaldiçoando. O sócio dele... Fin, não é? Ele o comprou e enviou para Boyle. E ele é espetacular.

– O cavalo, você quer dizer.

– Sim. Bem, Boyle também não é de se jogar fora. Na verdade, fiquei alguns minutos... – Ela pôs a mão no peito. – Apenas olhando para ele. Estava muito mal-humorado mesmo. – Iona sorriu, revirou os olhos e abanou a mão. Então arregalou os olhos. – Ah, meu Deus, vocês não estão... Você e Boyle têm algum envolvimento?

– Romântico? Não. – Com uma risada fácil, Branna começou a preparar o chá. – Ele e Connor são amigos de infância, por isso somos amigos há mais tempo do que posso me lembrar. Ele é um bom homem com um gênio forte e, como Meara, alguém com quem se pode contar em qualquer situação.

– Bom saber. E acho que ele tinha um motivo para estar mal-humorado hoje. Alastar estava lhe dando trabalho e havia mordido a mão de um dos cavaleiros. Acho que também deu um coice em outro e...

– Espere. – Branna apertou o braço de Iona para interrompê-la. – Você disse Alastar? O cavalo é Alastar?

– Sim. O que houve? Qual é o problema?

– E foi Fin que o comprou e o enviou?

– Sim. Meara disse que Fin ainda estava viajando, mas havia enviado o cavalo há alguns dias.

– Então... – Ela respirou fundo e pôs as mãos sobre o balcão por um momento. – Ele sabe.

– Quem sabe o quê? Você está me assustando, Branna.

– Fin. Ele sabe que você está aqui. Ou sabe que os três estão juntos. Que está para começar. Dizem que Alastar era o nome do cavalo de Teagan. Foi o primeiro guia dela.

– Alastar. Eu não sabia, mas... foi como se tivéssemos nos reconhecido. Havia algo ali, mas pensei... acho que pensei que era só porque ele precisava de mim, de alguém que o entendesse. Alastar. O cavalo de Teagan. E você não acha que seja coincidência.

– Você vir e o cavalo também? E Boyle o trazer para você esta manhã? Claro que não e, se somarmos Fin Burke à equação, não há erro.

– Como ele saberia sobre mim, ou o nome do cavalo de Teagan?

Branna pousou as xícaras ruidosamente.

– Ele tem poder.

– Ele é como nós? O Fin?

– Não há ninguém como ele, mas Fin tem o sangue, como nós. Ele descende de Cabhan, o bruxo negro.

– Espere um minuto. – Iona tentou assimilar aquilo tudo, e até apertou os dois lados da cabeça como se para reter a informação. – O demônio, o que Sorcha matou, ou quase matou? Fin descende dele?

– Sim. – Com os olhos brilhando e o rosto sério, Branna arrumou impacientemente um grampo solto em seus cabelos. – Ele carrega a marca, e foi Teagan quem marcou Cabhan. Ele tem o poder e o sangue.

– Ele é mau?

Em um gesto impaciente, Branna agitou uma das mãos no ar e depois serviu o chá.

– Claro que não há uma resposta simples para uma pergunta como essa. Ele nunca fez mal a ninguém, ou eu saberia. Mas descende de Cabhan e a hora está chegando. Ele enviou o cavalo para que nós soubéssemos.

– Mas ter Alastar não é uma vantagem para mim? Para nós? Para o nosso lado?

– Veremos.

– Não entendo. – Como estavam lá, Iona pegou um biscoito e gesticulou com ele. – Fin é sócio e amigo de Boyle, isso eu entendi. Não vejo como ele poderia ser perigoso se...

– Uma pergunta mais fácil de responder. Fin é perigoso, e sempre foi.

– Mas se Boyle é um homem tão confiável, como podem ser amigos?

– A vida é um quebra-cabeça.

– Isso explica como Boyle soube que eu era... você sabe.

Com um suspiro, Branna ergueu sua xícara de chá.

– *Bruxa* não é um palavrão, Iona. É quem e o que você é.

– Essa palavra não fez parte das conversas sociais em minha vida. Estou me acostumando com ela aos poucos. Eu deveria ter lhe dito antes, imediatamente. Ele sabia. Eu não lhe disse. Por que lhe diria? Mas ele sabia. Não pareceu muito chocado com isso, mas como é amigo de um feiticeiro...

– Fin é um bruxo, como nós.

– Certo. Só que isso soa um pouco feminino.

– Você tem muito o que aprender, prima. – Ela entregou o chá para Iona.

– Primeiro preciso lhe contar uma coisa. Não quebro minhas promessas. Isso é importante. Mas hoje, voltando dos estábulos, comecei a ir na direção daquelas trepadeiras. Não era minha intenção, mas achei ter visto uma luz e ouvido meu nome. Foi quase como o sonho que tive. Eu saí de mim mesma, fui atraída. Como se precisasse

ir até o que quer que estivesse me esperando. Kathel me impediu, de novo. Eu não quebro promessas, Branna. Não minto.

– Nunca? – Branna tomou um gole do chá.

– Nunca. Sou péssima em mentir, então por que me dar a esse trabalho? Mas eu teria ido lá se Kathel não tivesse aparecido. Não teria conseguido me conter.

– Ele está testando você.

– Quem?

– Cabhan, ou o que restou dele. Você vai ter que ser mais forte e mais inteligente. Quando estiver pronta, Connor e eu a levaremos lá, como prometemos. Bem, vamos ver com o que temos que trabalhar.

Feliz demais para beber o chá, Iona pôs a xícara de lado.

– Você vai me ensinar um feitiço?

Com outra risada, Branna balançou a cabeça.

– Você galopou na primeira vez em que viu um cavalo?

– Eu quis galopar.

– Hoje você vai andar, sendo conduzida. Conte-me: o que sua avó disse que era a coisa mais importante em seu poder, sua arte?

– Não fazer mal a ninguém.

– Ótimo. E não fará. O que possui é parte de você tanto quanto a cor de seus olhos e o formato de sua boca. O que faz com isso é uma escolha. Escolha bem.

– Eu fiz a escolha de vir aqui, para vocês.

– E espero que não se arrependa. Bem, há quatro elementos. – Ela apontou para o balcão de trabalho. – Terra, ar, água e fogo. Nós os evocamos e usamos, com respeito. Não é nosso poder sobre o deles, mas a fusão do nosso poder com o deles. O fogo quase sempre é o primeiro a ser aprendido.

– E o último a ser perdido – interpôs Iona. – Vovó disse.

– É verdade. Acenda a vela.

Feliz por poder mostrar algo, Iona deu um passo à frente. Acalmou sua respiração, concentrou-se e se imaginou absorvendo o poder e depois o liberando em um longo e tranquilo sopro.

O pavio cintilou e depois se acendeu.

– Muito bom. Água. Precisamos dela para viver. Ela corre por nossos corpos físicos e domina este mundo.

Ela gesticulou na direção da tigela branca, cheia de água.

– Clara e calma agora. Parada. Mas ela se move, como no mar, se eleva como em um gêiser e jorra como de uma fonte. Seu poder, e o meu.

Iona observou a água se mexer, formar pequenas ondas que foram para o lado da tigela. Conteve um grito quando a água jorrou para o teto, ondulante como uma lança líquida, e depois se abriu quase como uma flor e voltou para a tigela sem que uma só

gota fosse desperdiçada.

– Isso foi lindo.

– Uma magia bem basiquinha, mas uma habilidade importante. Faça a água se mover, Iona. Sinta-a, veja-a, chame-a.

Como a chama da vela, pensou ela. Isso envolvia concentração. Acalmou sua respiração de novo e tentou fazer o mesmo com sua mente, sua pulsação. Olhou para a água e tentou formar uma imagem daquelas pequenas ondas em sua superfície tranquila.

Mas não houve nenhuma onda.

– Estou fazendo alguma coisa errada.

– Não. Você não tem paciência.

– Isso é um problema. Está bem, de novo.

Ela olhou para a água e se concentrou até seus olhos arderem.

– Para algumas pessoas isso demora mais. Onde está seu centro de poder? Onde você o sente surgir? – perguntou Branna.

– Aqui. – Iona pôs a mão sobre a barriga.

– Para Connor é aqui. – Branna bateu em seu coração. – Puxe-o para cima e para fora. Use a mão para guiá-lo. Para cima, para fora. Imagine, concentre-se, chame.

– Está bem, está bem.

Ela relaxou os ombros, passou a mão pelos cabelos e assumiu uma nova posição. Queria mover a maldita água, pensou. Queria aprender a enviá-la para cima, como uma lança. Talvez tivesse sido tímida demais. Então...

Ela inspirou e puxou, erguendo a mão de sua barriga e a movendo na direção da tigela.

E mal conteve o grito quando a água fluiu na direção do teto.

– Caramba! Eu só... oops!

A água caiu de novo, como um pequeno rio. Parou e ficou imóvel logo acima do balcão.

– Eu preferi evitar a bagunça – disse Branna e, com um estalar de dedos, fez a água voltar para a tigela.

– Ah, foi você que fez isso. Achei que tivesse sido eu.

– Você a enviou para cima e perdeu a concentração. Eu lhe poupei o trabalho de limpar.

– Eu fiz isso? – Animada, Iona comemorou com uma dancinha. – Sou demais! Uau, é tão legal!... Ok, isso não foi respeitoso – disse, retraindo-se.

– Não há nenhum motivo para que não haja alegria e admiração. Afinal de contas, isso é magia. Faça de novo. Mas devagar. Suavemente. Sempre no controle.

– Como se estivesse montando um cavalo – murmurou Iona.

Ela ergueu a água, dessa vez apenas 5 centímetros e, imaginando um pequeno jorro,

o criou. Devagar, virou o jorro de modo a fazê-lo circular logo acima da tigela. A dança da água a encheu daquela alegria e admiração.

– Há muito poder adormecido em você – disse-lhe Branna.

Feliz, orgulhosa e encantada consigo mesma, Iona deixou a água deslizar de volta para a tigela.

– Vamos despertá-lo.

QUANDO CONNOR ENTROU, ELA ESTAVA FAZENDO UMA PENA FLUTUAR. Não como a dança graciosa que Branna demonstrara, mas estava flutuando.

Ele piscou para Iona e depois, girando um dedo, fez a pena subir e lhe fazer cócegas debaixo do queixo.

– Exibido – disse Iona, mas riu e fez um giro ela própria. – Eu sou uma bruxa no jardim de infância. Fiz fogo, movi água, fiz flutuar uma pena e fiz isso.

Ela apontou para o vaso branco e para a bela margarida florescendo nele.

– Parabéns. – Impressionado, ele foi até o balcão de trabalho.

– Eu fiz isso – corrigiu-o Iona, mostrando-lhe a pequena muda ao lado da flor. – Branna fez a flor.

– Parabéns mesmo assim. Você teve um dia e tanto, prima. – Ele passou um dos braços pelos ombros de Iona para um rápido abraço. – E estou aqui para cobrar minha cerveja. A aula terminou, não acha, Branna? São seis e meia e estou morrendo de fome.

– A magia está no coração dele, mas Connor pensa com a barriga. Ou o que está mais abaixo dela.

– E não me envergonho nem de uma coisa nem de outra. Vamos ao pub. Iona paga a minha cerveja, eu pago o jantar. É um bom acordo em qualquer mesa.

– Por que não? – decidiu Branna. – Temos muito o que conversar e fazer isso com cerveja e comida cairia bem.

Ela tirou os grampos dos cabelos e os sacudiu, fazendo Iona suspirar de inveja.

– Venha, Kathel. Volto em cinco minutos – disse ela.

– Ela vai levar vinte – disse Connor. – Nós a encontraremos lá – gritou, e pegou a mão de Iona.

– Eu não me importo de esperar.

– Ela vai decidir trocar de roupa e, depois de fazer isso, vai se maquiar. Posso ter tomado minha cerveja na hora em que ela terminar, e você pode ir me contando sobre seu dia.

– Possivelmente o melhor da minha vida. Isso vai demorar um pouco.

– Tempo não me falta... desde que eu tenha a minha cerveja e o jantar.

TALVEZ FOSSEM OS VESTÍGIOS DA ENERGIA DA MAGIA QUE ELA PRATICARA, combinados com a excitação de um novo emprego, mas Iona achou que poderia correr

por todo o caminho até a vila.

Porém Connor seguiu num ritmo tranquilo pela estrada sinuosa. Iona sabia que estava falando muito, mas, afinal de contas, ele havia perguntado. E ouvia, ria e fazia comentários.

Quando ela lhe contou sobre Alastar, Connor ergueu as sobrancelhas e inclinou a cabeça. Seus olhos, tão cheios de diversão, pareceram se estreitar com uma rápida e cuidadosa atenção.

– Bem, é interessante, não é?

– Branna ficou perturbada.

– Bem, Fin tende a perturbá-la quase todos os dias da semana, e enviar esse cavalo em particular? Isso foi uma mensagem dele, especialmente para ela.

– Um aviso?

Ele abriu um sorriso tranquilo.

– Ela pode interpretar como um.

– Mas isso não perturba você.

– Está vindo, não é? Seja o que for. Nós soubemos quando você apareceu à nossa porta.

Connor desviou o olhar para a floresta e Iona teve a impressão de que ele olhava para algo além de tudo que ela podia ver.

– É apenas uma continuação – disse-lhe ele –, e eu diria que ter um bom cavalo é algo positivo.

– Mas é o Fin e, se ele é parte da... eu não sei... da força oponente...

– Ele não é.

– Mas... Branna disse...

– Laços de sangue, maldições e marcas do mal. – Connor rejeitou aquilo com um dar de ombros, como se fosse uma jaqueta velha.

– Ele é descendente de Cabhan?

– É, sim. Eu gostaria de conhecer alguém sem um ramo torto em sua árvore genealógica. Vir de algo não determina quem você é. As pessoas têm escolhas, não têm? Você fez as suas. Fin faz as dele, assim como Branna faz as dela, essa é a verdade de Deus. Ela é minha irmã, e tão importante para mim quanto minha próxima respiração. E Fin é meu amigo, e o foi durante toda a vida. Então ando sobre essa linha. Felizmente tenho bom equilíbrio.

– Você não acha que ele é mau.

Connor parou por tempo suficiente para puxá-la para seu lado e roçar os lábios no alto da cabeça dela com uma afeição natural que a aqueceu até os ossos.

– Acho que o mal vem nas mais variadas formas, impossíveis de contar. Fin não é uma delas. Quanto a Alastar ser dele? Comprar algo não o torna seu, porque você pode mantê-lo, perdê-lo ou doá-lo. Foi você quem se conectou com o cavalo, não foi?

– Acho que isso é verdade. Dá para perceber que você confia nele. Mas Branna, não.
– Pode-se dizer que ela está em conflito, como só tem com poucas coisas. Ele voltará quando quiser e então você poderá tirar suas próprias conclusões.

– Vocês foram amigos de infância? Você e Boyle?

– Ainda somos.

Ela riu, mas sentiu uma pontada de tristeza.

– Não tenho nenhuma amizade de uma vida inteira. Nós nos mudamos quando eu tinha 6 anos. Aos 10, meus pais se separaram, por isso houve outra mudança. Muitas idas para lá e para cá e mais mudanças depois que cada um deles se casou de novo. Acho que é bom ter amigos com quem você cresceu.

– Amizades são amizades, independentemente de quando você as faça.

– Tem razão. Gostei disso.

Connor pegou a mão dela de novo e apontou com a outra ao entrarem na vila.

– Aquelas são as ruínas de Cong Abbey. São bonitas e os turistas as visitam, embora a maioria venha a Cong por causa do filme *Depois do vendaval*.

– Vovó adora esse filme. Eu mesma o vi antes de vir.

– Temos um grande festival em setembro para comemorar o sucesso dele. A própria Maureen O'Hara esteve aqui, dois anos atrás. Ela ainda tem uma beleza rara. Majestosa e ao mesmo tempo real.

– Você a viu?

– Sim, por um momento. Claro que foi um ótimo momento. Você não fez sua visita à vila hoje?

– Não, mas tenho muito tempo para isso. Sinto como se já tivesse estado aqui. Por todas as coisas que Vovó me contou – explicou. – E as fotos dela, o guia de viagem. É exatamente como imaginei.

As belas lojas, os pubs e restaurantes, o pequeno hotel, as flores em vasos e jardineiras em janelas se sucediam na rua à sombra das ruínas da abadia. Embora as lojas estivessem fechadas, os pubs estavam abertos e pessoas andavam pelas calçadas estreitas.

– Onde é a loja de Branna?

– Ali na esquina, um pouco para baixo, perto da casa de chá. Está fechada agora, mas tenho a chave, se quiser vê-la.

– Eu terei um dia de folga, presumo.

– Claro que terá. Boyle a fará trabalhar muito, mas não vai arrancar seu couro.

Eles subiram a ladeira e ela ergueu o rosto, feliz em sentir o ar frio na pele.

– Isto é... isto que estou sentindo é cheiro de turfa?

– Claro que é. Não há nada como uma lareira de turfa à noite, acompanhada de uma cerveja. E aqui teremos ambas.

Ele abriu a porta e a fez entrar.

O cheiro acre de cerveja saindo da torneira, o cheiro terroso de turfa queimando na lareira – de fato não havia nada como aquilo, pensou Iona. As pessoas estavam sentadas em bancos perto do bar, ou às mesas, já fazendo suas refeições. Suas vozes eram ouvidas por sobre o tilintar dos copos.

Meia dúzia de clientes saudaram Connor no minuto em que ele entrou. Ele distribuiu cumprimentos, acenou e conduziu Iona para o bar.

– Boa noite, Sean. Esta é minha prima Iona Sheehan, dos Estados Unidos. Ela é neta de Mary Kate O'Connor.

– Bem-vinda. – Sean tinha surpreendentes cabelos brancos revoltos ao redor de seu rosto vermelho, e lhe deu um rápido sorriso com olhos azuis alegres. – E como vai Mary Kate?

– Muito bem, obrigada.

– Iona está trabalhando para Boyle, nos estábulos. Hoje foi o primeiro dia dela.

– É mesmo? Então você é amazona?

– Sou.

– Ela vai me pagar uma cerveja para comemorar. Vou querer uma Guinness. E você, Iona?

– Uma para mim também.

– Branna está a caminho, então traga três. Vamos encontrar uma mesa. Bem, esta é a Franny. – Connor deu um beijo na bochecha de uma loura bonita. – Esta é minha prima Iona, dos Estados Unidos.

Então começou. Iona calculou que foi apresentada a mais pessoas nos dez minutos desde que chegara ao bar do que conhecia em um mês. Quando eles se afastaram havia uma profusão de rostos e nomes em sua cabeça.

– Você conhece todo mundo?

– Aqui, quase todo mundo. E há dois que você conhece.

Ela avistou Boyle e Meara a uma mesa cheia de cervejas e pratos. Connor conseguiu uma mesa ao lado deles.

– Então, como vão?

– Bem. Conhecendo a vida noturna local, Iona? – perguntou-lhe Meara.

– Comemorando meu novo emprego. Obrigada mais uma vez – disse ela a Boyle.

– Por acaso programamos os horários – informou-lhe Meara –, e você tem a quinta-feira de folga, caso queira fazer planos.

– Estou cheia de planos neste momento.

– Iona me disse que Fin lhe enviou um novo cavalo. Alastar, e que ele é... temperamental.

– Temperamental é pouco. – Boyle bebeu o restante de sua cerveja. – Ele tentou comer o braço de Kevin Leery esta manhã, depois de dar um coice em Mooney.

– Arrancou algum pedaço de você?

– Ainda não, mas não por falta de tentativa. Ele se comportou como um cavalheiro com a sua prima.

Iona sorriu enquanto tomava sua cerveja.

– Ele é apenas incompreendido.

– Eu o compreendo muito bem.

– Nós gostaríamos de saber o que Fin viu nele. – Meara se serviu de um pouco de sopa e manteve os olhos em Connor. – Alastar não é um cavalo para montaria, isso é certo. Pode ser um bom reprodutor, mas, quando viajou, Fin não disse em momento algum que compraria um garanhão.

Connor deu de ombros.

– Ninguém além do próprio Fin sabe o que se passa na cabeça dele. Em grande parte do tempo nem ele mesmo sabe. E, falando nisso, aí está Branna.

Ele ergueu uma das mãos e a irmã o viu.

– Bem, agora virou uma festa – disse ela ao chegar à mesa. Abaixou a mão para afagar o ombro de Meara enquanto sorria para Boyle. – Você está fazendo minha prima trabalhar mesmo durante o seu jantar?

– É mais o oposto – disse Boyle. – Ela é incansável. Vou procurar você amanhã. O unguento que fez para nós está quase acabando.

– Tenho mais pronto. Vou mandá-lo por Iona de manhã. – Ela se sentou, pegou sua cerveja e fez um brinde: – A Iona e seu novo emprego, e a você, por ter tido o bom senso de contratá-la.

Iona se sentiu quase eufórica, sentada ali. Primos, patrão, colega de trabalho – e pedindo, por sugestão de Connor, ensopado de carne com cevada.

Seu primeiro dia de trabalho na Irlanda não podia ficar melhor.

Mas ficou.

Connor se levantou e voltou alguns minutos depois, com um violino.

– Connor – começou Branna.

– Estou pagando o jantar, então o mínimo que você pode fazer é tocar.

– Você toca violino?

Branna olhou para Iona e depois deu de ombros, de um jeito muito parecido com o do irmão.

– Quando me dá vontade.

– Eu sempre quis tocar alguma coisa, mas sou péssima. Por favor, toque.

– Como você pode negar? – Connor entregou o violino para a irmã e fez uma medida. – Cante para nós, Meara querida. Algo alegre para combinar com este momento.

– Você não pagou meu jantar.

Connor piscou para ela, de um modo atrevido e ao mesmo tempo malicioso.

– Sempre há a sobremesa, se você tiver apetite.

– Uma.

Branna testou o arco. Notou que Connor passara resina nele, certo de que a convenceria a tocar.

– Você sabe que Connor não vai sossegar enquanto não fizermos isso.

Ela posicionou sua cadeira no ângulo certo, afinou o violino e o testou de novo. As vozes ao redor silenciaram. Branna sorria e batia com o pé no chão, marcando o rimo.

A música fluiu, alegre como Connor pedira, rápida e animada. Branna dirigiu um olhar sorridente a Meara, e Iona testemunhou a amizade, o conforto e a intensidade entre as duas quando Meara riu e assentiu.

– *Quando eu chegar em casa vou contar para a mamãe que os garotos não deixaram as garotas em paz* – dizia o trecho da canção “Tell Me Ma”.

Mais magia, pensou Iona. A música rápida e animada, a voz esplêndida de Meara, uma voz sedutora, o humor no rosto de Branna enquanto ela tocava. O coração de Iona, já enlevado, flutuou e ela registrava tudo – o som, o olhar e até mesmo o ar – em sua memória.

Nunca se esqueceria desse momento e de como se sentiu.

Viu Boyle observando-a, com um sorriso pensativo. Iona imaginou que ela parecia uma tiete idiota, mas não se importou.

Quando as pessoas irromperam em aplausos, viu-se pulando em sua cadeira.

– Ah, isso foi ótimo! Vocês duas são incríveis!

– Nós ganhamos um prêmio uma vez, não foi, Branna?

– Foi. Primeiro lugar no Hannigan’s Talent Show. Um empreendimento efêmero para combinar com nossa carreira efêmera.

– Vocês duas foram maravilhosas, tanto naquela época quanto agora, mas fico feliz por Meara não ter seguido a carreira de cantora. – Boyle deu um tapinha na mão dela.

– Precisamos dela nos estábulos.

– Prefiro cantar por diversão a cantar para ganhar a vida.

– Não quer se divertir mais? – Iona cutucou o braço de Meara. – Cante mais uma.

– Olhe o que você começou – disse Branna para o irmão.

– Você não toca por diversão com frequência suficiente. Sempre quis que tocasse. – Ele pôs a mão no rosto de Branna, e ela suspirou.

– Você sabe como me convencer, e tem consciência disso.

– Iona não é a única americana aqui esta noite. Eu avistei alguns. Cante para eles “Wild Rover” e faça com que voltem para casa com a lembrança das duas beldades no pub em Cong.

– Você sabe mesmo – disse ela, e riu. E, jogando os cabelos para trás, ergueu o violino.

Iona viu o sorriso desaparecer, todo o humor sumir dos olhos esfumaçados. Algo mais surgiu neles, muito rápido, e depois se foi, Iona não podia ter certeza. Anseio?

Irritação? Uma combinação de ambos.

Mas ela abaixou o instrumento de novo.

– Seu sócio voltou – disse Branna para Boyle.



TUDO NELE ERA PRONUNCIADO: AS MAÇÃS DO ROSTO, A MANDÍBULA, até mesmo o verde vivo de seus olhos – e o brilho neles.

Ele tinha vindo com o vento que fizera o fogo brando na lareira de turfa saltar rapidamente.

Do mesmo modo que haviam feito com Connor, várias pessoas o cumprimentaram. Mas seu primo fora cumprimentado com uma cordialidade natural e afetuosa. A recepção de Fin Burke foi permeada de respeito e de um pouco de prudência e cautela, observou Iona.

Ele usava um casaco de couro preto que chegava até os joelhos. A chuva, que devia ter começado enquanto ela estava confortável e aquecida, molhara o casaco e os cabelos pretos dele.

Cautelosa, Iona dirigiu seu olhar a Branna. O rosto da prima não revelava nada, como se o momentâneo torvelinho de emoções não tivesse passado de uma ilusão.

Fin passou pela multidão e, como Branna fizera com Meara, pôs uma das mãos no ombro de Boyle e depois no de Connor. Mas Iona notou que o olhar dele estava fixo em sua prima.

– Não quero interromper.

– E aí está ele, enfim de volta ao lar depois das guerras. – Connor lhe deu um sorriso descarado. – E a tempo da próxima rodada.

– Alguns de nós trabalham amanhã – lembrou Branna ao irmão.

– Felizmente meu chefe é um homem compreensivo e generoso. Ao contrário da sua – acrescentou Connor com uma piscadela para a irmã –, que sem dúvida é uma tirana.

– Vou ficar para a rodada – disse Fin. – Boa noite, Meara. Soube que sua mãe estava adoentada. Como ela está? – perguntou.

– Melhor, obrigada. Foi só uma crise de bronquite que se prolongou um pouco. O médico a encheu de remédios, e Branna de sopa, e agora ela está boa de novo.

– Fico feliz em saber.

– Você trouxe a chuva – comentou Boyle.

– Parece que sim. E Branna, você parece mais do que bem.

– Estou bem o suficiente. Então, encurtou sua viagem?

– Seis semanas foi tempo o bastante. Senti minha falta?

– Nem um pouco.

Ele lhe deu um sorriso e depois voltou aqueles olhos vívidos para Iona.

– Você é a prima americana. Iona, não é?

– Sim.

– Fin Burke – disse ele, estendendo a mão por cima da mesa. – Já que este grupo não fez a gentileza de nos apresentar.

Iona pegou a mão dele de modo automático e sentiu o calor, um rápido sopro de poder. Ainda sorrindo, Fin ergueu uma sobancelha, como se dissesse: o que você estava esperando?

– Outra Guinness? – perguntou ele.

– Ah, não. Apesar dos padrões compreensivos e generosos, este é meu limite. Mas obrigada.

– Eu gostaria de um pouco de chá antes de sair para a chuva – disse Meara. – Obrigada, Fin.

– Chá, então. Outra cerveja, Boyle?

– Estou dirigindo, portanto para mim basta.

– Eu estou a pé – disse Connor. – E vou tomar outra.

– Eu o acompanharei. – Fin mal havia olhado ao redor quando a garçonete se aproximou. – Oi, Clare. As senhoras vão tomar chá. Connor e eu tomaremos uma cerveja. Guinness.

Fin encontrou uma cadeira e a puxou.

– Não vamos misturar negócios com festa – disse ele para Boyle. – Mais tarde falaremos sobre isso, embora eu ache que nós mantivemos um ao outro informado. E você também, Connor.

– Por mim tudo bem. Saí com Merlin algumas vezes enquanto você estava viajando. Meara também – disse-lhe Connor. – E ele saiu sozinho quando quis. Você vai à escola amanhã?

– Faço questão de ir. E também vou aos estábulos.

– Não deixe de ter uma conversa amável com Kevin e Mooney. – Boyle ergueu sua cerveja. – Porque sua nova aquisição deu uma surra nos dois.

– Ele tem espírito, e uma vontade de ferro. Deu em você também?

– Ele bem que tentou. Mas parece que gosta dela. – Boyle apontou com a cabeça para Iona.

Sustentando o olhar de Iona, Fin bateu com os dedos na mesa, como se seguindo um ritmo interno.

– Ele sabe.

– Depois que ele fez o possível para me mandar pelos ares até Galway, a americana aqui o montou e o conduziu pelo ringue como se fosse um cavalo de exposição.

Fin sorriu.

– É mesmo? Então você é uma amazona, Iona?

– Ela é, sim. E agora é nossa funcionária. Depois lhe passo os detalhes.

– Estou feliz em tê-la conosco. Um trabalho de férias, não é?

– Eu... vou morar aqui. Isto é, estou morando aqui.

– Então bem-vinda ao lar. Sua avó está bem, espero. A Sra. O'Connor?

– Muito bem, obrigada. – Para manter as mãos quietas, Iona as cruzou debaixo da mesa. – Eu precisava de um emprego, por isso Branna pediu que Boyle me entrevistasse. Trabalhei na Laurel Riding Academy, em Maryland. Tenho referências, e meu currículo. Isto é, estão com Boyle, se precisar vê-los.

Cale a boca, cale a boca, ordenou a si mesma, mas o nervosismo a dominou.

– Você tem instalações maravilhosas. Meara me mostrou o lugar. E tem razão quanto a Alastar: ele tem espírito. E também é determinado, mas não é mau. Não por natureza. Ele só está confuso e com raiva, vendo-se em um lugar estranho, com pessoas e cavalos a que não está acostumado. Mas tem algo a provar, especialmente para Boyle.

Quando o chá chegou, ela sussurrou um “graças a Deus” para si mesma. Poderia usá-lo para ficar de boca fechada.

– Você a deixa nervosa – disse Branna para Fin, em tom divertido. – Ela tende a tagarelar quando está nervosa.

– Sim. Desculpe-me.

– E está sempre se desculpando. Tem que parar com isso, Iona.

– Tenho mesmo. Por que você o comprou... Alastar? – começou ela. Então ergueu uma das mãos. – Desculpe-me. Não é da minha conta. Além disso, você não quer falar de negócios.

– Ele é lindo. Tenho um fraco por beleza, força e... poder.

– Ele tem tudo isso – concordou Meara. – E qualquer um que entenda um pouco de cavalos sabe que não foi feito para andar com turistas nas costas todos os dias.

– Não, ele foi feito para outras coisas. – Fin olhou para Branna. – É necessário para outras coisas.

– O que você pretende? – murmurou ela.

– Ele falou comigo. Você me entende – disse ele para Iona.

– Sim. Sim.

– Então ele está aqui, e a mais bela potra dos condados do Oeste está a caminho. Ela também tem espírito. Tem dois anos e é elegante como uma princesa. Chama-se Aine, como a rainha das fadas. Nós vamos bancar os casamenteiros, Boyle, quando ela estiver madura. Até lá, vai se sair bem na pista de saltos, acho que até mesmo com principiantes.

– Seus planos envolvem mais do que reprodução. – Branna empurrou seu chá para o lado.

– Ah, querida, reprodução está sempre nos meus planos.
– Você sabia que ela viria e o que isso significaria. Já começou.
– Falaremos sobre isso. – Fin pôs uma das mãos sobre a de Branna, na mesa. – Mas não no pub.

– Não, não no pub. – Branna puxou a mão de baixo da dele. – Você sabe mais do que diz, e vou querer a verdade.

A irritação fervilhou nos olhos dele.

– Eu nunca menti para você, *mo chroi*. Em nenhuma de nossas vidas e você sabe disso. Mesmo quando uma mentira poderia ter me dado o que eu mais queria.

– Omitir não é muito diferente de mentir descaradamente. – Ela se levantou. – Ainda preciso trabalhar. Boyle, pode dar uma carona para Iona até o hotel? Não quero que ela fique andando pela floresta à noite.

– Ah, mas...

– Pode deixar – Boyle interrompeu o protesto de Iona. – Não se preocupe.

– Eu lhe enviarei aquele unguento de manhã. E, Iona, vejo você amanhã, depois do trabalho. Temos muito mais a fazer.

– Bem... droga. – Connor suspirou e começou a se levantar.

– Não, fique e termine sua cerveja. – Meara esfregou o braço de Connor como se para tranquilizá-lo, enquanto empurrava sua cadeira para trás. – Eu vou com ela. Já está mesmo na hora de ir para casa. Obrigada pelo chá, Fin, e bem-vindo de volta. Espero vê-lo amanhã.

Ela pegou a jaqueta, vestiu-a e saiu apressada do pub.

Connor deu um tapinha no braço de Iona.

– Você vai ter que se acostumar com isso.

– É verdade – murmurou Fin e se recostou. – Eu costumo deixar Branna perturbada. Então, conte-nos, Iona dos Estados Unidos, o que você tem visto e feito na Irlanda?

– Eu... – Como eles podiam simplesmente retomar o bate-papo quando o ar pulsava de mágoa e irritação? – Ah... não muito. E muito, acho. Vim para visitar Branna e Connor, e encontrar trabalho e um lugar para mim. Agora já tenho. Mas ainda não tive muito tempo de ver outros lugares além deste. Aliás, aqui é lindo, e isso basta.

– Teremos de levá-la para passear mais vezes. Você disse que encontrou um lugar. Para morar? Foi muito rápido.

– Vou ficar mais alguns dias em Ashford.

– Ficar com eles é um raro prazer.

– É mesmo. Depois vou ficar com Branna e Connor. – Iona viu os olhos dele se estreitarem e brilharem, e depois se voltarem rapidamente para Connor. – Isso é um problema?

Em resposta, Fin se inclinou sobre a mesa e manteve aqueles olhos focados no rosto

dela.

– Ela o conhecia. Ela estende a mão para muitos, mas retêm uns poucos preciosos. O lar é o santuário. Se o dela é o seu, ela o conhecia. Cuide delas – murmurou ele para Connor. – Por todos os deuses.

– Sem dúvida.

– Por falar em omitir... – Frustrada, Iona olhou de um homem para o outro e para Boyle, que estava sentado sem dizer nada.

Não arrancaria nada deles, não ali naquele momento.

– Tenho que ir. Obrigada pelo jantar, Connor, e pelo chá, Fin. Você não precisa me levar ao hotel, Boyle.

– Ela vai me esfolar vivo se eu não levar você, e isso poderia ser literal. Eu o verei em casa – disse ele para Fin.

– Não vou demorar.

Perplexa, Iona se dirigiu à porta. Deu uma olhada para trás e viu Fin pensativo olhando para sua cerveja e Connor se inclinando sobre a mesa, falando rápido e baixo.

Ela saiu para a chuva e o vento e se sentiu grata pela carona.

– Você e Fin moram juntos?

– Moro em cima da garagem e uso a casa dele quando quero, porque ele passa mais tempo fora do que lá. Isso é conveniente para nós dois, morar perto dos grandes estábulos.

Ele abriu a porta de uma velha picape vermelha desbotada e, estendendo a mão para dentro, afastou coisas no banco.

– Desculpe-me. Eu não estava esperando uma carona.

– Não se preocupe. É um alívio ver que alguém é tão bagunceiro quanto eu.

– Se é assim, eis um aviso: limite e guarde sua bagunça. Branna é organizada e vai persegui-la como a um cão se você deixar coisas espalhadas.

– Anotado.

Ela deu um impulso para cima e deslizou por entre pranchetas, embalagens, uma toalha velha, trapos, uma caixa de papelão rasa contendo limpadores de cascos, argolas de freios, algumas pilhas e uma chave de fenda.

Ele entrou pela porta oposta e pôs a chave na ignição.

– Você não falou muito lá.

– Sendo amigo de todas as partes, acho melhor me manter fora disso.

A picape se sacudiu, a chuva tamborilava e Iona se recostou.

– Eles têm uma coisa.

– Quem tem uma coisa?

– Branna e Fin. Eles estão, ou estiveram, envolvidos. A tensão sexual foi tão alta que ainda está zumbindo em meus ouvidos.

Ele mudou de posição e franziu as sobrancelhas, fitando a estrada.

– Não pretendo fofocar sobre meus amigos.

– Não é fofoca. É uma observação. Deve ser complicado para os dois. E é claro que preciso saber o que está acontecendo. Você sabe mais sobre isso do que eu, e estou envolvida.

– A meu ver, foi você que se envolveu.

– Talvez. E daí? Como você sabia que sou como eles?

– Eu os conheço durante quase toda a minha vida e tenho feito parte da vida deles.

Vi algo em você, com o cavalo.

Com as sobrancelhas franzidas, ela se virou para olhá-lo.

– A maioria das pessoas não encararia isso com tanta naturalidade. Por que você encara?

– Eu os conheço durante quase toda a minha vida – repetiu ele.

– Não vejo como isso pode ser tão simples. Eu posso fazer isto. – Ela estendeu a palma de sua mão e, se concentrando muito, conseguiu fazer surgir uma pequena chama.

Aquilo não era nada comparado com Branna, mas ela estivera treinando.

Ele mal olhou em sua direção.

– Conveniente se você estiver acampando e tiver esquecido os fósforos.

– Você é calmo. – Ela admirava isso. – Se eu tivesse feito isso para o cara com quem estava namorando, ele teria saído pela porta deixando nela um buraco com a forma de um homem, como nos desenhos animados.

– Ele não devia gostar muito de acampar.

Iona começou a rir e depois prendeu a respiração quando a névoa surgiu na estrada à frente, como uma parede. Cerrou os punhos enquanto a picape a atravessava e apertou-os ainda mais quando a névoa os cobriu.

– Você ouviu isso? Pode ouvir isso?

– Ouvir o quê?

– Meu nome. Ele fica dizendo meu nome.

Embora tivesse sido forçado a dirigir muito devagar, Boyle manteve as mãos firmes no volante.

– Quem está dizendo seu nome?

– Cabhan. Ele está na névoa. Talvez *seja* a névoa. Não consegue ouvi-lo?

– Não. – Até agora, nunca ouvira. Preferia que continuasse assim. – Estou pensando em você trabalhar com Meara de novo amanhã.

– O quê?

– Quero que ela dê um ok antes de você sair sozinha com turistas. – Ele falou calmamente, dirigindo devagar. Era capaz de dirigir por essa estrada de olhos vendados, e era quase como se de fato o fizesse. – E vou querer ver como se sai com instrução. Você vai trabalhar nisso com Mick ou comigo de vez em quando. Você salta?

Ele sabia que sim. Tinha as fitas azuis e os troféus para provar, além do certificado de instrução. Havia lido o currículo dela.

– Sim. Participo de competições desde os 8 anos. Quis tentar entrar para a equipe olímpica, mas...

– Comprometimento demais?

– Não. Quero dizer, sim. De certo modo. Você precisa de muito apoio da família para esse tipo de treinamento. E de suporte financeiro.

Enquanto olhava para a direita e esquerda, ela subiu uma das mãos por entre seus seios até o pescoço, e depois a abaixou de novo.

– Você ouviu isso? Deus, você não consegue ouvir?

– Isso eu ouvi. – O uivo selvagem lhe provocou a sensação de dedos gelados subindo por sua espinha. O que era novo, pensou, pelo menos para ele. – Acho que Cabhan não gosta que falemos sobre ele.

– Por que você não está com medo?

– Estou com uma bruxa, não estou? Com o que teria que me preocupar?

Iona conteve uma risada e tentou controlar seu coração.

– Aprendi a levitar uma pena hoje. Não acho que isso vá ser muito útil.

Boyle pensou que tinha seus dois punhos e a faca multiuso em seu bolso, se necessário.

– Isso é mais do que posso fazer. Olhe, a névoa está diminuindo, e Ashford está lá na frente.

Ali estava o castelo de contos de fadas, com as janelas iluminadas em um tom de dourado pálido.

– Eles foram lá. Os primeiros três. Voltaram, anos depois de a mãe mandá-los embora para salvá-los. Ficaram no castelo, andaram pela floresta. Sonhei com a mais nova voltando montada em um cavalo, como tinha ido embora quando criança. Ele se chamava Alastar.

– Ah. Eu não sabia o nome do cavalo. Então isso explica tudo, não é?

– Não sei o que isso explica. Não sei o que devo fazer.

– O que tem que fazer.

– O que tenho que fazer – murmurou Iona enquanto ele parava na entrada do hotel. – Certo. Obrigada pela carona e por conversar comigo durante aqueles momentos sobrenaturais.

– Sem problemas. Vou entrar com você.

Ela ia se opor. Estava a apenas alguns passos da porta. Mas, pensando na voz na névoa, mudou de ideia. Era bom ter um homem grande e forte para entrar com ela. Não havia nada do que se envergonhar.

Iona entrou com ele e deparou com o calor, as cores brilhantes, as flores. E o sorriso da mulher na recepção.

– Boa noite, Srta. Sheehan. E Boyle, é bom vê-lo.

– Trabalhando até tarde, Bridget?

– Estou. É uma boa noite para isso, porque o tempo ficou úmido de novo. Sua chave está bem aqui, senhorita. Espero que tenha apreciado seu dia.

– Apreciei muito. Obrigada mais uma vez, Boyle.

– Vou levá-la até sua porta.

– Ah, mas...

Boyle apenas pegou a chave dela e olhou para o número.

– Fica na parte antiga, não é?

Pegou o braço de Iona e a puxou pelo corredor.

– Agora é naquela direção. – Iona fez a curva.

– Este lugar é um labirinto.

– Faz parte do charme. – Iona tentou não se preocupar com a recepcionista, que provavelmente estava achando que ela tinha algo com Boyle.

Ele parou à porta e a destrancou. Depois de abri-la, deu uma longa e cautelosa olhada.

– Bem, você é bagunceira.

– Eu avisei.

Ela arregalou os olhos quando Boyle entrou. Ele não podia estar pensando...

Boyle pegou a caneta do hotel na mesa de cabeceira e escreveu algo no bloco.

– Este é meu celular. Se ficar nervosa, me telefone. É melhor chamar Branna, mas estou a poucos minutos daqui, se for o caso.

– Isso... é muito gentil.

– Não fique emocionada. Acabei de contratá-la, não foi? E de cuidar de toda a papelada. Não posso vê-la correr de volta para os Estados Unidos. Tranque a porta e vá para a cama. Ligue a TV se precisar do barulho.

Ele se dirigiu à porta e a abriu.

– E lembre-se – disse, olhando de novo para ela –, você pode criar uma chama sozinha na palma de sua mão.

Boyle fechou a porta. Quando ela começou a sorrir, ele bateu com força suficiente para fazê-la pular.

– Tranque a maldita porta!

Iona correu para trancá-la. E ouviu o som das botas dele se afastando.

IONA FEZ UM TRATO CONSIGO MESMA: IA SE CONCENTRAR NO TRABALHO. Não deixaria que nada interferisse com seu ganha-pão.

Depois do trabalho, aproveitaria todo o tempo que Branna pudesse lhe dedicar. Aprenderia, praticaria e estudaria.

Mas também exigiria respostas e as obteria.

Ela removeu esterco, limpou, escovou, carregou e deu de comer e beber aos animais. E fez o possível para ficar fora do caminho de Boyle. Lembrar-se da volta para casa e de seu pânico deixou um ligeiro constrangimento. Era *ela* quem tinha poder, embora não aprimorado, e havia ficado vulnerável e trêmula, e o deixara cuidar dela.

Pior, por apenas um segundo – talvez dois ou três – quando ele havia entrado em seu quarto, fora ela a ter a impressão errada. Um triste fato que havia sido forçada a admitir quando despertara de um sonho. Não com bruxos malignos e sombras, pensou enquanto escovava a crina de Batata.

Mas um sonho erótico (e um muito bom), envolvendo ela, Boyle e o campo de papoulas de *O mágico de Oz*.

Mas claro que as papoulas não os fizeram dormir.

Aquela revelação subconsciente aumentou muito o constrangimento.

Meara enfiou sua cabeça na baia. Estava usando um boné verde, e seus cabelos saíam pela abertura de trás em um longo rabo de cavalo.

– Você trançou a crina da Abelha-Rainha.

– Ah, sim. Eu só... vou destrançar.

– Não, não precisa. Ficou charmoso e ela está bastante envaidecida com o novo penteado. Só não faça isso com nenhum dos cavalos castrados. Boyle vai bufar de raiva, dizer que os estamos transformando em dândis quando eles são apenas bons cavalos de aluguel. Boyle é um homem e tanto.

– Eu notei. Vocês ficam bem juntos.

– Espero que sim. O tempo está abrindo, então haverá uma cavalgada à tarde. Eles mudaram o horário para as três horas, esperando que o tempo melhorasse, e parece que vai mesmo. É um grupo de quatro: dois casais amigos, dos Estados Unidos. Então isso deve ser bom para você. Boyle escolheu o Rufus, que é um cavalo grande e animado. Um dos hóspedes tem quase dois metros de altura. Também selaremos Batata, Abelha e Jack. Você pode escolher um dos outros.

– Talvez Caesar, a menos que você o queira.

– Vá em frente. – Meara fez uma pequena anotação em sua prancheta. – Eles pediram noventa minutos, então você verá mais do que ontem.

– Quero ver tudo. E, Meara... – A culpa causada pelo sonho não lhe permitiria deixar aquilo de lado. – Eu só queria lhe agradecer por me emprestar Boyle ontem à noite para me levar ao hotel.

– Não tenho o hábito de emprestá-lo, mas você pode ficar com ele, se quiser.

– Ah, vocês brigaram?

– Pelo quê? – As sobrancelhas franzidas intrigadas deram lugar a olhos arregalados e depois a uma risada travessa. – Ah, você está pensando que eu e o Boyle temos um envolvimento. Não! Eu o amo loucamente, mas não o quero na minha cama. Seria como transar com meu irmão. Só de pensar nisso tenho vontade de vomitar.

– Vocês não... – O constrangimento aumentou vários graus. – Eu só presumi que...
– Nós parecemos pombinhos, não é?
– É que acho que há certa intimidade entre vocês. Por isso pensei que estivessem juntos. Dessa maneira.

– Somos parentes.

– Entendi. Bom. Acho que isso é bom. Talvez seja um problema.

Agora Meara estava apoiada no lado da abertura da baia.

– Acho você fascinante, Iona. Que problema?

– É que, ao presumir isso, eu tinha um bom motivo para ignorar o que... – Ela moveu seus dedos acima do seu estômago.

– Você sentiu. – Meara imitou o gesto. – Por Boyle.

– Ele é muito bonito, montado num cavalo ou não. No primeiro minuto em que o vi eu só... uau. – Ela pôs uma das mãos no coração e a outra na barriga, e deu um tapinha em ambos.

– Isso é verdade?

– Ele é durão e mal-humorado. E tem aquelas mãos grandes, a cicatriz – disse ela, tocando a sobrancelha. – E aqueles olhos de leão.

– De leão. – Meara testou as palavras. – Bem, acho que são. Boyle McGrath, o Rei dos Animais. – Ela deu outra gargalhada.

– É só aparência, mas são realmente impressionantes. Além disso, ele foi muito gentil comigo. E então houve o sexo. No sonho – Iona se apressou em corrigir-se quando Meara ficou boquiaberta. – Um sonho erótico. Tive um na noite passada e me senti culpada, porque gosto muito de você. Mas você não quer ouvir nada disso.

– Está totalmente enganada. Quero ouvir tudo, nos mínimos detalhes.

Com uma mistura de gemido e risada, Iona cobriu o rosto com as mãos.

– Você é amiga do Boyle. Se lhe contar sobre essa atração da americana ele vai rir até entrar em coma ou me demitir.

– Ele não vai fazer nem uma coisa nem outra. Mas por que eu lhe contaria uma coisa dessas? Há uma lealdade entre as mulheres em relação a esses assuntos. É algo universal.

– Claro que é. De todo modo, acho que estou apenas com problema de adaptação ao fuso, confusa. Não é nada. Vai passar.

– Talvez você devesse levá-lo em uma cavalgada antes de...

Meara se interrompeu ao ouvir o som de vozes altas.

– Ah, Deus.

Ela deu meia-volta e se afastou a passos largos. Quando as vozes – masculinas e extremamente irritadas – se elevaram ainda mais, Iona a seguiu.

Boyle estava de frente para um homem forte como um touro que usava um boné vermelho e uma jaqueta xadrez. O touro, cujo rosto estava quase tão vermelho quanto

o boné, apontava um dedo para ele.

– Estou sendo razoável, embora você seja um trapaceiro e um mentiroso.

– E eu estou lhe dizendo, Riley, que nosso negócio está feito e terminado. Saia da minha propriedade e fique longe dela.

– Eu vou sair da sua maldita propriedade quando você me devolver o cavalo que me roubou, ou me pagar o preço justo por ele. Você acha que pode me roubar. Ladrão maldito. – Ele empurrou Boyle dois passos para trás.

– Ah, Deus – murmurou Meara. – Agora a coisa vai ficar feia.

– Não ponha as mãos em mim de novo – avisou Boyle, muito calmamente.

– Ah, vou pôr mais do que as mãos em você, seu bosta.

Riley deu um soco. Boyle se desviou, inclinou a cabeça e o punho passou perto de sua orelha.

– Devíamos chamar a polícia. A guarda, ou seja lá como se chame aqui.

Meara mal olhou para Iona.

– Não é preciso.

– Você tem mais uma chance de me acertar. – Com os braços ainda abaixados ao lado do corpo, Boyle abriu as mãos. – Aproveite-a, se quiser, mas saiba que, se o fizer, não sairá daqui andando.

– Eu vou mesmo acertar você, desgraçado. – Riley partiu para cima de Boyle, com os punhos erguidos e a cabeça abaixada.

Dançando para o lado, Boyle se virou e deu dois socos curtos.

Socos nos rins?, perguntou-se Iona, de olhos arregalados. Ah, meu Deus!

Riley cambaleou, mas continuou de pé, e desferiu outro soco. O punho do homem roçou no ombro de Boyle, que aparou o golpe com o antebraço.

Então Boyle continuou. Um de direita no maxilar, um de esquerda no nariz. Soco direto, golpe no queixo, cruzado de esquerda, dois socos no meio.

Rápido, muito rápido. Leve e rápido, mal mostrando reação quando Riley conseguia atingi-lo. Com o nariz e a boca sangrando, Riley investiu, cambaleante. Girando, Boyle ergueu o punho – um golpe definitivo no queixo – e atingiu o maxilar como uma flecha no centro do alvo.

Ele ia continuar, mas recuou.

– Dane-se. – Ela o ouviu murmurar enquanto punha uma bota sobre o traseiro de Riley e o empurrava, fazendo-o cair de cara no chão.

– Ah, Deus. Meu Deus.

– Acabou. – Meara deu um tapinha no ombro de Iona. – Foi apenas uma briguinha.

– Não. Foi... – Ela passou os dedos pela barriga.

Meara deu uma risada.

– Você é mesmo fascinante.

A alguns metros de distância, Fin estava montado em um agitado Alastar.

– De novo? – disse ele, em tom calmo.

– O desgraçado não queria ir embora. – Boyle chupou os nós dos dedos doloridos. – E eu lhe dei todas as chances.

– Eu vi você lhe dando as chances. Como ele poderia ter ido embora com seu punho no rosto dele?

Boyle apenas sorriu.

– Isso foi depois das chances.

– Bem, vamos nos certificar de que você não o matou, porque não estou nem um pouco a fim de ajudá-lo a esconder um corpo esta manhã. – Ao desmontar, ele curvou um dedo para Iona. – Sim, você. Seja boazinha e amarre Alastar no poste. Não tire a sela dele.

Quando Fin estendeu as rédeas, Iona se apressou em pegá-las.

Usando novamente a bota, Boyle virou Riley de barriga para cima.

– Quebrei o nariz dele, sem dúvida, e amoleci alguns dentes, mas ele vai sobreviver.

Fin ficou em pé com as mãos nos bolsos enquanto ambos estudavam o inconsciente Riley.

– Suponho que isso foi por causa daquela égua que você ganhou dele.

– Sim.

– Idiota.

Assovando alegremente por entre os dentes, Mick veio carregando um balde de água.

– Achei que você poderia precisar disso.

Fin o pegou.

– Afaste-se – avisou, e depois jogou a água no rosto de Riley.

O homem tossiu e resmungou. Seus olhos se abriram e se reviraram.

– Muito bem.

Boyle se agachou e pegou um dos braços de Riley. Com um suspiro, Fin pegou o outro.

Acariciando distraidamente Alastar, Iona os observou arrastando o homem para a picate dele e o jogando lá dentro. Não conseguiu ouvir as palavras que foram trocadas, mas em pouco tempo a picate se afastou, não em uma linha muito reta.

Como ela, os homens observaram. Então Fin disse algo que fez Boyle rir antes de passar um dos braços ao redor dos ombros do sócio e se virar para voltar.

Então ela viu a naturalidade entre eles. Mais do que parceiros, percebeu. Ainda mais do que amigos. Irmãos.

– O espetáculo acabou por hoje – gritou Boyle. – Há trabalho a fazer.

Ao ouvir suas palavras, a equipe, que se reunira, se dispersou.

Iona pigarreou.

– Você devia pôr algo nas mãos.

Boyle mal olhou para os dedos e chupou os nós de novo. Dando de ombros, continuou a entrar. Fin parou perto de Iona.

– Ele é brigão, o Boyle.

– O outro cara que começou.

Fin riu.

– Sem dúvida. A maturidade deu a Boyle o bom senso de esperar até ser muito provocado, e é raro ele dar o primeiro soco. Caso contrário, teria dado a Riley a surra que ele merecia semanas atrás, em vez de fazer a aposta.

Ela deveria cuidar da própria vida. Deveria...

– Qual foi a aposta?

– Riley é um comerciante de cavalos do tipo mais baixo. Tinha em seu poder uma égua que negligenciara. Disseram-me que ela estava pele e osso, doente e coxa. Ele planejava vendê-la barato como comida para cães.

Com os olhos chispando, os lábios repuxados e os dentes à mostra, Iona disse:

– Eu mesma gostaria de dar um soco nele.

– Você não tem mãos para isso. – Fin observou Alastar esfregar o focinho no ombro de Iona, e o modo como ela inclinou sua cabeça para a dele. – É melhor usar os pés para essas coisas, e mirar nos testículos.

– Eu ficaria feliz em fazer isso.

– Vou lhe contar, já que Boyle provavelmente não lhe contará, porque é um homem de poucas palavras, ou nenhuma, se possível. Boyle ofereceu a Riley mais do que ele ganharia vendendo-a, mas Riley não se importa muito com Boyle ou comigo, e pediu o dobro. Então, sendo um negociante mais esperto do que você poderia imaginar, Boyle apostou com ele que conseguiria beber mais uísque e continuar em pé. Se Riley vencesse, Boyle pagaria o preço pedido. Se Boyle vencesse, Riley entregaria a égua pelo preço oferecido. O dono do bar escreveu isso no livro, e me disseram que um dinheiro considerável trocou de mãos.

Enquanto falava, Fin soltou as rédeas do poste.

– No fim da longa noite, Boyle ainda estava de pé. E, embora eu possa apostar que ele ficou com uma dor de cabeça terrível na manhã seguinte, também ficou com a égua.

– Uma aposta de bebida.

– Como eu disse, nosso Boyle é bem maduro. Agora... – Fin entregou as rédeas para Iona e fez uma rede com suas mãos. – Suba.

Cheia de perguntas e impressões na cabeça, ela pôs sua bota nas mãos de Fin e montou em Alastar suavemente.

– Para onde quer que eu o leve?

– Quero vocês dois no ringue. Vamos ver o que sabe fazer.



NÃO FIM DO DIA DE TRABALHO, IONA SE PERMITIU PENSAR EM MAGIA. O que Branna lhe ensinaria hoje? Que nova maravilha veria, sentiria, faria? Ela se despediu dos cavalos e de seus colegas e se dirigiu para a saída.

Viu Boyle em seu pequeno escritório, com as sobrancelhas franzidas e os dedos inchados, examinando sua papelada.

Iona ficou empolgada. Não que pretendesse flertar com seu chefe. E até onde sabia, ele tinha um monte de mulheres. Ou talvez, o que era ainda mais assustador, não a achasse atraente.

Além disso, ela não estava em busca de um relacionamento ou de um caso. Precisava se concentrar em sua nova vida, aprender mais sobre seus poderes que estavam despertando – e aprimorá-los se realmente quisesse ser útil para seus primos.

Quando uma mulher planejava enfrentar um demônio antigo, não devia se permitir ser distraída por sobrancelhas sexy, ombros largos ou...

– Entre ou saia – ordenou Boyle, e continuou digitando no teclado. – Acabe com essa maldita indecisão.

– Desculpe-me. Eu, hum... não sabia ao certo se... meu dia tinha terminado.

Ele ergueu os olhos e os fixou nos de Iona por um instante. Então resmungou e voltou a atenção para seu trabalho.

As mãos dele deviam estar doendo, pensou Iona. Quase podia vê-las latejando.

– Você devia pôr gelo nos dedos.

– Vão ficar bons. Já estiveram piores.

– É possível, mas, se ficarem inchados e rígidos ou, pior ainda, infeccionados, você não será muito útil aqui.

– Não preciso de uma enfermeira, obrigado.

Teimoso, pensou Iona. Mas ela também era. Saiu, pegou o kit de primeiros socorros e alguns sacos de gelo e voltou ao escritório dele.

– Alguns diriam que você está sendo estoico e másculo – começou ela enquanto puxava uma cadeira. – Só que eu penso mais em um bebezão irritado porque está com as mãos doendo.

– Gostei do que as fez ficarem assim, portanto não estou irritado. Guarde essas

coisas.

– Assim que eu terminar. – Ela pegou o antisséptico e segurou o pulso de Boyle. – Vai doer.

– Não seja... Droga! Dói pra caramba.

– Bebezão – disse ela com certa satisfação, e soprou. – Se você dá um soco na cara de alguém sem luva, tem que pagar o preço.

– Se desaprova brigas, está no lugar errado. Provavelmente no país errado.

– Não desaprovo, considerando a situação. E aquele idiota mereceu. Mantenha isto aqui enquanto limpo a outra. – Ela pôs o saco de gelo na mão dele. – Você sabia o que estava fazendo. Lutou boxe na universidade?

– Mais ou menos. – Resignado, e como o gelo parecia ótimo, ele se recostou um pouco. – Você está tentando tocar fogo na minha mão para purificá-la?

– Só vai doer por um minuto. Como mais ou menos?

O olhar que ele lhe lançou só poderia ser descrito como uma carranca. Ela sempre se perguntara como era de fato uma carranca.

– Você é cheia de perguntas.

– Só fiz uma – salientou Iona. – E falar vai distraí-lo. Como?

– Meu Deus, lutei durante toda a faculdade. Sem luvas, portanto esta situação não é nova para mim. Sei me cuidar.

– Então deveria ter feito isso. Esse é um modo difícil de bancar os estudos.

– Não se você gosta. E não se você vence.

– E você gostava e vencia.

– Gostava mais quando vencia, e tive minha cota de vitórias.

– Bom para você. Foi assim que ganhou essa cicatriz na sobrancelha?

– Outra pergunta. Um tipo diferente de luta, em um pub, e uma garrafa quebrada. Como eu havia bebido, meus reflexos estavam um pouco lentos.

– Sorte sua ainda ter o olho.

Surpreso com a resposta de Iona, e com o tom casual, ele ergueu a sobrancelha que tinha a cicatriz.

– Meus reflexos não estavam tão lentos assim.

Ela apenas sorriu.

– Passe o gelo para a outra mão.

Ele tinha mãos grandes, pensou Iona. Fortes, com dedos ásperos e palmas largas. As mãos rudes de um homem que trabalhava com elas, e Iona respeitava isso.

– Fin me contou sobre a égua e a aposta.

Dessa vez ele não ficou carrancudo, mas se mexeu um pouco na cadeira.

– Fin adora contar histórias.

– Eu gostaria de conhecê-la.

– Ela fica nos grandes estábulos. Ainda é arisca com estranhos, e precisa de mais

tempo e mimos.

– Qual o nome que você escolheu para ela?

Boyle se mexeu de novo na cadeira, como Iona já percebera que ele costumava fazer quando se sentia desconfortável ou levemente constrangido.

– Querida. Combina com ela. Você ainda não terminou com isso?

– Quase. Gostei do fato de tê-lo embebedado por causa da égua que precisava de você. E de ter lhe dado uma surra hoje. Acho que eu não deveria ter gostado. Meus pais tentaram me criar para ser alguém que não gostaria disso. Mas não conseguiram.

Iona ergueu os olhos e viu os de Boyle fixos nela outra vez.

– Não podemos ser o que não somos.

– Não. Não podemos mesmo. Fui uma pequena decepção para eles, o que de certo modo é pior do que ser uma grande. Por isso estou me esforçando muito para não ser uma decepção para mim mesma.

Iona chegou para trás.

– Pronto. – Pegou as mãos de Boyle gentilmente para examinar os nós dos dedos. – Melhor.

Ah, sim, pensou enquanto os olhos deles se encontravam de novo. Palpitações, formigamentos e, para completar, uma rápida agitação. Se não tomasse cuidado, arranjaria um problema sério.

Mas foi Boyle quem se afastou.

– Obrigado. É melhor você ir. Tem coisas a fazer.

– Tenho. – Ela começou a estender a mão para o kit, mas ele a deteve.

– Eu cuido disso. Amanhã às oito.

– Estarei aqui.

Quando ela foi embora, Boyle olhou para suas mãos, pensativo. Ainda podia sentir o toque de Iona nelas. Um tipo diferente de pontada. Ergueu os olhos ao ver Fin se encostar no batente da porta.

– Não comece – disse, sorrindo.

– Ela é bonita. Alegre, entusiástica. E, se tivesse flertado um pouco mais, eu teria sido forçado a fechar a porta para terem privacidade.

– Ela não estava flertando. Só estava decidida a cuidar das minhas mãos.

– Claro que não era só isso, e eu o conheço, *mo dearthair*, meu irmão. Você pensa nela, mesmo quando diz a si mesmo que não deveria.

É claro que pensava. Ele era humano, não era? Mas não era estúpido e irracional.

– Ela é prima de Connor, e trabalha para nós. Não devo pensar nela de outra forma.

– Besteira. Ela é uma mulher bonita, inteligente e forte o bastante para fazer suas próprias escolhas, como já provou. Mas o poder... isso o preocupa um pouco.

Boyle se recostou e assentiu devagar, encarando Fin.

– O que isso significa e o que vocês todos podem estar fazendo me preocupa. Porque

estou com vocês. E também deveria ser sua prioridade. Esse não é o momento para flertes.

– Se esse não é o momento, então quando? Isso poderia ser o fim de todos nós e prefiro morrer depois de dormir com uma mulher do que antes.

– Eu prefiro viver e dormir com a mulher depois que a batalha for vencida.

Fin deu um sorriso alegre.

– Coma a sobremesa primeiro. Você sempre pode repetir. Vou dar uma volta com Alastar, ver como ele se sai.

– Na direção da casa de Branna?

– Ainda não. Ela não está pronta. Nem eu.

Sozinho, Boyle voltou a remoer seus pensamentos. Eles precisavam se preparar, pensou, lembrando-se do uivo na névoa. Todos eles.

NO FIM DE SEMANA IONA ESTAVA SENTADA NA CAMA POUCO ANTES DAS SEIS da manhã. Passara a última noite no castelo. Queria muito morar com seus primos, mas para isso teria que deixar esse sonho indulgente.

Nada mais de criadas alegres para arrumar seu quarto e lhe trazer chá e biscoitos. Nada mais de bufês maravilhosos no café da manhã. Nada mais de se aconchegar lá dentro à noite ouvindo o vento, a chuva ou ambos e se imaginando no século XIII.

Mas estava trocando tudo isso por uma família. Algo muito melhor.

Arrumara a maior parte de suas coisas na noite anterior, mas se levantou para terminar e calcular a gorjeta das camareiras. E tomar seu último banho no castelo.

Com meia hora livre antes de Connor ir buscá-la – por insistência dele –, praticou sua arte.

Pensando bem, as penas pareciam mais seguras. Branna se recusara a lhe ensinar algo novo até ela dominar os quatro elementos. E seguindo o alto padrão da prima.

Nenhuma adulação e nenhum suborno a fizeram ceder um milímetro que fosse.

Então Iona os dominaria.

Pelo menos progredira para uma pequena pilha de penas, em vez de uma só.

À luz pálida, aquietou a mente e invocou o poder. Estendendo as mãos, pensou em ar ascendendo, brisa suave e quente, um movimento, um sussurro.

Tremulando, as penas brancas se ergueram, se separaram, flutuaram e giraram no ar. Iona as elevou ainda mais, em pequenos e suaves movimentos ascendentes e descendentes. Fácil, fácil, disse a si mesma. Um leve toque.

Estendeu as mãos para o alto, girou e observou as penas girarem com ela. Contente, se moveu apenas um pouco mais rápido.

Um giro, um rodopio, lindas penas brancas imitando seus movimentos. Para cima e para baixo, espirais lentas, círculos perfeitos e depois uma fina torre branca.

– Estou sentindo – murmurou. – E é fascinante.

Com uma risada, ela girou, de novo e de novo. Abriu os braços para as penas seguirem cada um deles, formando dois redemoinhos. Serpentinadas, o símbolo do infinito. Depois mais uma vez uma nuvem fofa.

– Ponto para mim. Até Branna tem que reconhecer minha perícia nisso.

Ao ouvir a forte e rápida batida na porta, Iona deixou escapar um grito. As penas caíram sobre ela.

– Droga!

Usou as mãos para tirá-las dos ombros e as soprou para afastá-las do rosto enquanto ia atender.

– Você me fez perder a concentração – começou ela. – Eu só estava... Ah. Boyle.

– Tem penas espalhadas por toda parte. Você rasgou o travesseiro?

– Não. As penas são minhas. O que você está fazendo aqui? – A irritação se transformou em preocupação. – Há algo errado? Alguém se machucou?

– Não há nada errado. Ninguém se machucou. Connor foi chamado na escola de falcoaria. Um problema hidráulico, e ele é o faz-tudo. Fui encarregado de buscar você. Fez as malas?

– Sim. Sinto muito. Eu poderia ter pedido a alguém do hotel para me levar.

– Estou aqui, então vamos pegar suas coisas.

– Está bem. Obrigada. Só tenho que limpar isso. As penas.

– Hum. – Boyle estendeu a mão e a surpreendeu ao passar os dedos pelos cabelos dela. – Há mais algumas aqui – disse, entregando-as a Iona.

– Ah. Certo. – Ela se abaixou e começou a catar as penas.

– São penas valiosas?

– Não, são só penas.

– Então deixe-as aí. A camareira cuidará delas. Você vai demorar uma hora para catá-las do chão.

– Não vou deixar esta bagunça para Sinead. – Iona catou mais algumas e depois se sentou sobre os calcanhares. – Sou uma idiota.

– Não vou comentar isso.

– Espere. Apenas espere. – Ela se levantou e tomou fôlego.

Aquiete a mente, lembrou a si mesma.

E as penas flutuaram para o alto. Com um risinho satisfeito, ela as juntou. Depois pôs as mãos em concha e as deixou cair nas palmas.

– Você viu isso? – Radiante, estendeu as mãos para ele. – Viu?

– Eu tenho olhos, não tenho?

– É simplesmente maravilhoso. Parece tão *certo*! Veja isto.

Ela ergueu as mãos e fez as penas voarem de novo, girarem, descerem e subirem, e depois as reuniu outra vez nas mãos em concha.

– Isso é tão bonito! Estou praticando há dias e enfim consegui. Consegui de verdade.

Ainda radiante, Iona ergueu os olhos para ele. Parou. Tudo parou.

Boyle a fitou daquele seu modo direto, olho no olho. Não foi admiração, divertimento ou irritação que ela viu em seu rosto.

Foi calor.

Iona suspirou e, seguindo seu coração, esticou-se na direção dele.

Boyle recuou em um movimento rápido e evasivo.

– Você já pegou as penas. – Passando por ela, puxou as duas malas de cima da cama.

– Se houver mais bagagem, voltarei para buscar.

– Apenas minha jaqueta e meu laptop. Vou pegá-los. Sinto muito. – Mortificada, Iona pôs as penas em sua sacola e a fechou. – Acho que fui pega de surpresa e interpretei errado. Pensei que você... mas é claro não.

– Apresse-se, está bem? – As palavras saíram rápidas e Iona as sentiu como um tapa na cara. – Todos nós temos que trabalhar.

Ele carregou as malas como se não pesassem nada e passou apressado por Iona.

– Certo. Certo! Eu entendi. E, mais uma vez, sou uma idiota. Você não se sente atraído por mim, mensagem recebida. Mas não precisa ser grosseiro.

Ela enfiou a sacola com penas na maleta de seu laptop.

– Já fui rejeitada antes e sobrevivi. Acredite, não estou planejando pular em cima de você. Sou adulta – disse ela, pegando sua jaqueta e seu cachecol. – E sou responsável por minha própria...

Boyle deixou as malas caírem com um baque que a fez pular.

– Você fala demais.

E então a puxou. Pega desprevenida, Iona foi de encontro a ele e não conseguiu dizer nada antes de Boyle erguer seu queixo. E beijá-la na boca como um homem faminto.

Rude e forte, o tipo de beijo que não lhe deu alternativa além de ceder. Explosões e vibrações de calor a atingiram e a teriam feito cambalear se ele não a tivesse erguido do chão.

Deslumbrada e rendida, Iona passou os braços ao redor do pescoço de Boyle e se deixou levar por aquela onda quente.

Segundos depois, sem cerimônia, ele a largou, fazendo-a cair de volta sobre os pés.

– Pelo menos isso a fez calar a boca.

– Ah...

Boyle pegou as malas de novo.

– Se quer a carona, mexa-se.

– O quê? – Ela passou as mãos pelos cabelos. – O que foi *aquilo*?

– Você é uma idiota. É claro que me sinto atraído por você. Qualquer homem que tenha sangue se sentiria. Esse não é o problema.

– Esse não é o problema. Então qual é?

– Não quero fazer nada com relação a isso. E, se fizer mais uma pergunta, vou largar estas malas e poderá se virar para ir para a casa de Branna.

– Tudo que fiz foi me aproximar um pouco – disse Iona enquanto pegava sua jaqueta. – Foi você quem me agarrou.

– Isso é verdade – murmurou Boyle. – E também fez eu me sentir um idiota.

Iona manteve sua boca fechada no curto percurso. Não falaria uma só palavra. Aquilo exigia muita força de vontade, porque tinha muito a dizer, mas se recusava a lhe dar esse prazer.

Melhor ignorá-lo. Era mais maduro não dizer nada.

Não, concluiu ela, mais *poderoso* permanecer calada.

Enquanto pensava isso, a picape sacolejou, como se tivesse atingido um quebra-molas invisível na estrada lisa.

Boyle lhe lançou um olhar breve e quente.

Ela havia feito aquilo? Iona juntou suas mãos, contendo um pulo de alegria. Realmente erguera toda uma picape? Sem querer, mas ainda assim um grande progresso de uma pilha de penas.

Pensou em tentar outra vez, apenas para ver como se saía, mas para a sorte de todos os envolvidos Boyle parou no chalé de Branna.

Iona saiu da picape e se dirigiu à carroceria, a fim de pegar suas malas. Mas então pensou: que se dane. Ele as pusera ali, poderia muito bem descarregá-las. Mudou de direção e foi direto para a porta do chalé.

Antes mesmo que ela batesse, Branna abriu, com olhos sonolentos.

– Você veio cedo.

– Ele chegou cedo. Obrigada mais uma vez por me deixar ficar.

– Vamos ver se você vai me agradecer daqui a uma ou duas semanas. Bom dia, Boyle. Se vai carregar isso por todo o caminho, é a segunda porta à esquerda. Vou lhe mostrar seu quarto – continuou Branna, e os conduziu pela escada estreita. – O meu é nos fundos, e o de Connor, na frente. Tenho meu próprio banheiro. Isso foi uma prioridade quando fizemos a reforma. Dividir um banheiro com ele é uma provação, como você descobrirá.

– Não me importo, de forma alguma.

– Se ainda disser isso daqui a uma ou duas semanas, é uma mentirosa.

A cama, com a cabeceira simples de lâminas de ferro pintada de branco leitoso, ficava de frente para uma janela cuja vista para a floresta era emoldurada com renda. O teto seguia a inclinação do telhado e formava um canto aconchegante para uma pequena escrivaninha e uma cadeira com assento bordado.

A penteadeira, também pequena, vicejava com flores pintadas sobre o mesmo branco leitoso da cabeceira. Sobre a cômoda havia um pequeno vaso de trevos com flores brancas se abrindo. O mesmo verde vivo cobria as paredes e servia como pano de

fundo para gravuras coloridas das colinas, da floresta e dos jardins.

– Ah, Branna, isso é maravilhoso. Tão lindo! – Iona passou os dedos pela manta fofa como uma nuvem em tons vivos de ameixa, roxo e lavanda, dobrada ao pé da cama. – Adorei. Estou muito grata!

Dessa vez Branna estava um pouco mais preparada para o entusiasmo do abraço e até mesmo o rápido pulo.

– Você é bem-vinda! E, se quiser mudar alguma coisa...

– Eu não mudaria nada. É perfeito.

– Onde quer que eu ponha isto? – perguntou Boyle da porta, num tom que não tentava esconder sua irritação.

Iona se virou e viu um olhar que se tornara duro e frio.

– Em qualquer lugar. Obrigada.

Levando ao pé da letra o que ela dissera, Boyle deixou as malas no limiar da porta e se virou para ir embora.

– Então até logo.

– Você ainda tem tempo, não é?

A mente de Branna podia estar cheia de perguntas sobre o mau humor, o calor e a frieza que fluíam pelo quarto como se viessem de torneiras abertas, mas ela manteve seu sorriso e o tom calmo.

– Vou preparar o café da manhã para compensá-lo pelo seu trabalho.

– Obrigado, mas tenho coisas a fazer. Pode chegar às nove hoje. Instale-se primeiro.

Ele foi embora depressa, as botas batendo com força nos degraus.

– O que significa isso? – perguntou Branna. Depois, notando o fogo nos olhos de Iona, ergueu uma das mãos. – Espere até chegarmos à cozinha. Estou com a sensação de que você vai querer mais café.

Ela foi na frente e serviu duas canecas.

– Muito bem, vá em frente, desembuche.

– Ele bateu na porta. Eu estava fazendo penas flutuarem. Eu consegui, Branna. Vou lhe mostrar. Mas ele me fez perder a concentração e espalhei as penas por toda parte, mas as recolhi e ele viu. Estava animada e feliz, quem não estaria? Mas não sou cega ou estúpida.

Iona andou pela cozinha enquanto falava, gesticulando muito com uma das mãos. Branna manteve seus olhos na caneca, para o caso de ela ameaçar derramar o café.

– Sei quando um homem está pensando em dar um passo. Sei como isso funciona. Você também sabe – disse ela, apontando para Branna.

– Sei, sim. E na maioria das vezes é bom.

– Exato. E, como parecia bom, fui em frente, ou teria ido. Quero dizer, pelo amor de Deus, tudo o que fiz foi me inclinar um pouco e ele se afastou como se eu o tivesse cutucado com um ferro em brasa.

– Hum – disse Branna, pegando uma frigideira.

– Eu me senti uma idiota. Você sabe como esse tipo de coisa faz a gente se sentir. Bem, provavelmente não – reconsiderou Iona. – Que tipo de homem se afastaria de você? Mas eu me senti queimar, não de um jeito bom. Fiquei envergonhada. Então me desculpei. Havia interpretado errado e lamentava por isso. Ok, talvez eu tenha falado demais, mas estava me sentindo péssima, estúpida e totalmente confusa, pois pensara que ele e Meara tinham um envolvimento, mas ela disse que não, por isso me permiti abrir a porta, o que não tinha feito por causa de Meara, e não se atravessa esse limite. Além disso, ele é meu chefe e não quero passar por cima disso. E então fiz aquilo, e foi pior. Estava me desculpando e tentando não dar muita importância ao caso quando ele me *agarrou*.

Branna interrompeu por um momento sua tarefa de fritar bacon e ovos.

– É mesmo?

– Ele me puxou e me beijou até minha cabeça explodir e meu cérebro sair pelas orelhas. – Iona fez um som de explosão, ergueu as mãos e depois as abaixou. – E cinco segundos depois simplesmente me soltou e fez um comentário desagradável sobre eu calar a boca e estar na hora de irmos.

– Boyle McGrath nunca será um poeta.

– Que se dane a poesia. Ele não precisava me tratar dessa maneira.

– Não, não precisava. – A solidariedade se transformou em divertimento. – Boyle é brusco, e às vezes isso pode ser interpretado como grosseria, mas em geral ele não é grosseiro.

– Acho que quebrou a regra comigo.

– Eu diria que sim, beijando-a até seu cérebro sair pelas orelhas. Você trabalha para ele, então é uma situação estranha. Boyle levaria isso a sério.

– Mas eu...

– Aqui, ponha isto na mesa. – Ela entregou a Iona um prato com bacon, ovos e uma grossa fatia de pão torrado. – Dramas matutinos abrem meu apetite. – Levou seu próprio prato e sua caneca e se sentou. – Vou lhe dizer, ele é um homem de regras. Não engana, rouba ou mente. Não maltrata animais ou se aproveita dos mais fracos. Não procura briga, o que é uma regra dos últimos anos, mas tampouco foge de uma. Defende seus amigos e seu grupo no pub. Nunca toca em uma mulher que pertence a outro e não dá sua palavra a menos que pretenda cumpri-la.

– Eu não estava procurando briga e não pertenço a ninguém. Não sou mais fraca do que ele. Fisicamente sim, é claro, mas tenho algo mais. Acho que ergui apenas um pouco a picape dele, como se houvesse um quebra-molas considerável na estrada. A caminho daqui.

Mais espantada e contente, Branna apreciou seu café da manhã.

– A irritação pode desencadear o poder. Terá que aprender a controlar isso. Você

mesma disse que Boyle é seu patrão. Ele pensaria nisso, Iona. Sim, levaria isso em conta embora você pudesse dizer que tomou a iniciativa. Então, se Boyle a beijou, pode ter certeza de que ele queria muito. Isso, como o solavanco da picape, não pôde ser controlado.

Pensativa, Iona cortou um pedaço de pão.

– Você não acha que ele fez isso para me dar uma lição?

– Ah não, não o Boyle. Ele não pensaria em uma coisa dessas. Pelo que você me contou, acho que ele só disse isso depois porque estava com raiva de si mesmo. Ele lhe deu uma ou duas olhadas na outra noite, no pub.

– Ele... Foi mesmo?

– Ah, que situação! De um lado minha prima e minha irmã bruxa e, do outro, o homem que é meu amigo quase minha vida inteira.

– Tem razão. Eu não deveria ter envolvido você nisso.

– Não seja boba. Irmãs fazem diferença. Eu diria que ele pensou nisso e decidiu que é contra as regras. E agora está irritado e frustrado, porque tornou as coisas mais confusas do que já eram.

– Bom. – Iona cortou outro pedaço de pão, decidida. – Então nós dois podemos ficar irritados e frustrados. Mas falar com você me faz sentir melhor. Sei que falo pra caramba e você... bem, você não. Mas quero dizer que, se algum dia precisar conversar com alguém, sei quando calar a boca e ouvir.

– Teremos muito o que conversar. Agora que está morando aqui, precisaremos fazer bom uso do seu tempo. Você ainda tem muito a aprender e não sei quanto tempo terá para isso. Não tenho como prever e isso me preocupa muito.

– Sei que é pouca coisa, mas consegui fazer todas as penas flutuarem de uma só vez. Consegui direcioná-las, mudar a velocidade, girá-las. E foi como se eu não tivesse de pensar em como, depois que entendi. Apenas senti.

– Não é pouca coisa. Você se saiu bem até agora. E, se a questão fosse apenas trazer à tona o que há em você, teríamos todo o tempo do mundo e seria mais prazeroso para nós duas. – Branna olhou para fora da janela na direção das colinas. – Mas não sei como ou quando ele virá. Não sei como é possível vir porque foi queimado por uma magia poderosa até virar cinzas. Mas ele virá quando achar que está forte o suficiente para derrotar todos nós. Temos que nos certificar de que ele esteja errado.

– Há quatro de nós, portanto...

– Três – disse Branna de imediato. – Somos três. Fin não faz parte do círculo.

– Certo. – Território sombrio, pensou Iona. Tentaria evitá-lo até entender melhor. – Somos três, ele é um. É uma grande vantagem.

– Ele pode causar mal a todos, e causará para vencer. Nós estamos ligados por nosso sangue, nossa arte e tudo que somos, sem causar mal a ninguém. Ele pode não entender isso, mas sabe.

Ela se levantou e foi para a porta dos fundos. Quando a abriu, o cão entrou. Iona não tinha ouvido nada.

– Quando você estiver pronta, Kathel a acompanhará até os estábulos.

– Meu cão de guarda?

– Ele gosta de passear. Cabhan prestará mais atenção a você quando seu poder brilhar, tenha consciência disso.

– Terei. Quando você vai me levar até aquele lugar na floresta?

– Em breve. Preciso me preparar. Tenho trabalho. Desfaça suas malas antes de sair.

– Vou limpar isto aqui. Você não precisa fazer meu café da manhã.

– Não farei se não estiver com vontade – disse Branna de um modo tão natural que fez Iona se sentir ainda mais bem-vinda. – E não precisa lavar a louça hoje, mas você e Connor decidirão isso entre vocês esta noite. Se eu cozinhar, um de vocês, ou os dois, se encarregam da limpeza.

– Mais do que justo.

– Temos uma pequena lavadora e secadora, embora com bom tempo penduremos a roupa lavada bem ali. E decidiremos sobre as compras de supermercado e outras tarefas. Quando a primavera chegar, haverá a jardinagem e você não tocará em uma folha de grama enquanto eu não tiver certeza de que sabe o que está fazendo.

– Vovó me ensinou. Sou boa nisso.

– Veremos. Vai querer ver os falcões com Connor.

– Eu adoraria.

– Você vai gostar, mas é muito mais do que isso. Cada um de nós tem seu guia, mas somos mais fortes quando nos conectamos com todos eles, e eles se conectam com todos nós.

– Certo. Você vai ver Alastar?

– Sim, em breve. De agora em diante este é seu lar, e sempre será.

– Você sempre soube a que lugar pertencia. Não sei se consegue entender o que significa para mim enfim sentir isso.

– Então vá, arrume suas coisas. E quando voltar para casa, trabalharemos. – Branna ergueu uma das mãos, a fechou e depois a abriu de novo. – Para você. – Havia uma chave prateada em sua palma. – Nem sempre trancamos as portas, mas, se trancarmos, isto as abrirá.

– Você tem que me mostrar como fazer isso – murmurou Iona, e pegou a chave, ainda quente da magia de Branna. – Obrigada.

– De nada. Estarei em minha oficina quando você terminar nos estábulos. Vá para lá pronta para aprender.

– Eu irei. – Empolgada com a perspectiva, Iona subiu e desceu a escada saltitando.

Aquele agora era o lar dela, pensou Branna mais uma vez. Ela cuidaria dele, trabalharia para ele e, um dia, não teria outra escolha além de lutar por ele.



IONA CONDUZIU SEU PRIMEIRO GRUPO SOZINHA MONTADA EM ALASTAR. Não tinha certeza se havia merecido aquela responsabilidade ou se Boyle a jogara sobre ela para tirá-la do caminho.

Não importava.

Gostou da hora que passou com o cavalo e, embora soubesse que Alastar teria preferido um bom galope, sentiu o prazer dele com sua companhia. Assim como ela sentiu prazer com a conversa fácil do casal do Maine e orgulho de estar confiante em relação aos caminhos, às direções e à maioria das respostas.

Estamos ganhando nosso sustento, pensou, dando um tapinha no pescoço de Alastar.

Quando voltou, Meara veio cumprimentar Iona e o grupo.

– Se não se importam, assumirei a partir daqui. Iona foi chamada aos grandes estábulos.

– Fui?

– Com Alastar. Sabe o caminho?

– Claro. Você me mostrou e eu o marquei no mapa. Mas...

– Ordens de Fin, então é melhor ir. Como foi a cavalgada? – perguntou ela ao casal.

Perplexa, Iona virou seu cavalo e voltou por onde tinha vindo.

Boyle se queixara dela? Seria demitida?

Seus pensamentos confusos fizeram Alastar virar a cabeça para ela.

– Estou sendo boba. Tendo uma reação exagerada, só isso. Boyle é irritadiço, mas não é mesquinho.

Além do mais, achava que Fin gostava dela, pelo menos um pouco.

E sabia disso desde que chegara lá. Com essa ideia, se permitiu o prazer de deixar Alastar guiá-la.

– Vamos – decidiu, e mesmo antes de lhe dar um leve chute com os calcanhares, ele disparou. – Ah, meu Deus, isso! – Rindo, ergueu o rosto para o céu enquanto Alastar galopava pelo caminho.

Sua emoção e a dele eram a mesma. Gloriosos e entrelaçados. O poder, percebeu, dele e dela, os estimulou de modo que, apenas por um instante, sentiu ambos se

erguendo acima do chão. Realmente voando, com o vento fustigando os cabelos dela e a crina do cavalo.

Quando ela riu, Alastar relinchou em triunfo.

Ele havia nascido para isso, percebeu. Ela também.

– Calma – murmurou Iona. – Deveríamos nos manter no chão. Por enquanto.

O momento do voo e a alegria do galope em um cavalo maravilhoso afastaram suas preocupações. Ela o deixou escolher a velocidade. O garanhão sabia se *mover*, fez a curva do rio e depois seguiu por uma trilha estreita em meio às densas árvores para a clareira onde os estábulos se espalhavam atrás de um grande padoque para saltos.

Ela o fez ir mais devagar – calma, calma – para poder tomar fôlego e olhar.

Avistou a casa de pedra cinza com duas fantásticas torres e muitas janelas brilhantes. Um belo pátio de pedras, com uma cerca viva ao fundo que o separava da garagem e dos aposentos – de Boyle – em cima.

Havia um segundo padoque à direita. Três cavalos estavam ao lado da cerca olhando na direção das árvores, como se em profunda contemplação.

Iona viu homens, trailers, caminhões e um veículo preto robusto com tração nas quatro rodas.

Tudo aquilo parecia próspero, prático e ao mesmo tempo irreal, pensou. Pondo Alastar em um majestoso trote, seguiu para os estábulos e o fez parar quando ouviu chamarem seu nome.

Viu Fin – de jeans, botas e aquela invejável jaqueta de couro – acenar para que ela fosse na direção do padoque para saltos enquanto ele próprio se dirigia para lá.

Fin abriu o portão e lhe fez um sinal para entrar.

– Meara disse que você queria me ver.

– Sim. – Ele inclinou a cabeça e a estudou com aqueles olhos verdes penetrantes. – Você se divertiu.

– Eu... O quê?

– Você está radiante, como o nosso garoto aqui.

– Ah. Bem, nós tivemos um bom galope.

– Aposto que sim. – E, antes que ela pudesse pensar em como responder, ele continuou: – Quero ver como você e Alastar se saem aqui na pista.

Poucas coisas poderiam tê-la surpreendido mais.

– Você quer que eu o leve para a pista?

– Foi o que eu disse. – Ele fechou o portão e enfiou as mãos nos bolsos. – Entenda como quiser.

Iona se sentou por um momento, estudando a pista. Ela diria que o layout atual era intermediário. Alguns duplos, nada difícil e muito espaço para a abordagem.

– Você quem manda. – Ela conduziu Alastar para a frente, o fez dar uma volta e o pôs a galope.

Em momento algum duvidou dele – afinal de contas, tinham voado juntos. Sentiu-o se preparar para o primeiro salto. Eles saltaram sobre o obstáculo, se aproximaram do próximo e saltaram sobre esse também.

– O que você está fazendo? – murmurou Boyle para Fin ao se aproximar. Ele também estava com as mãos nos bolsos, mas com os dedos curvados.

Fin mal olhou para o sócio.

– Eu lhe disse que queria ver o que ela pode fazer. Preciso saber. – E então gritou: – Inverta a direção e o faça dar outra volta.

Ele relanceou os olhos para a floresta. Não havia sombras agora, apenas árvores, mas isso mudaria.

– Você não precisa de mim aqui para isso – começou Boyle.

– Você sabe que tenho negócios em Galway. Um de nós tem que ficar com ela até termos certeza de que pode se sair bem como instrutora.

– Não há necessidade de usá-la para isso.

– Nem de não usá-la. Meu Deus, eles parecem feitos de seda, os dois. Aquele cavalo já é dela. Acho que estou com ciúmes. Ele gosta de mim, mas nunca me amará como a ama. É claro que isso também parte meu coração.

Ele deu um tapinha no ombro de Boyle.

– Encontre-me no pub. Devo estar livre lá pelas oito. Tomaremos uma cerveja e jantaremos, e você me contará como ela se saiu. E, depois da segunda cerveja, talvez sua língua se solte o suficiente para me contar o que aconteceu entre você e a bruxa loura que o deixou com aquele olhar pensativo.

– Duas cervejas não soltam minha língua, amigo.

– Então tomaremos três. Muito bem, Iona, vocês dois são uma bela visão.

– Ele nasceu para isso. – Iona esfregou o pescoço de Alastair enquanto o trazia para perto.

– Vocês são como um só. Temos uma nova aluna daqui a alguns minutos. Ela tem 11 anos e cavalga regularmente, mas decidiu que quer aprender a saltar. Você a conduzirá.

– Para onde?

– Como professora. Ganhará parte do valor da aula. Se der certo para vocês duas. Boyle ficará para supervisionar essa primeira aula, porque tenho um compromisso em outro lugar.

Fin viu os olhos dela se dirigirem a Boyle e depois se desviarem de novo.

– Está bem. Qual é o nome dela e que cavalo quer que monte?

– O nome dela é Sarah Hannigan. A mãe, Molly, também virá. Vão selar Winifred, Winnie, como a chamamos. Ela é uma veterana. A aula de hoje é de trinta minutos. Veremos se ela gosta. Se gostar, vocês duas combinarão dias e horários.

– Parece ótimo. Por enquanto está bom, mas na próxima aula eu preferiria uma sela

para salto.

– Claro, providenciaremos isso. Já vou. Vejo você no pub, Boyle.

Enquanto Fin se afastava, Iona baixou os olhos para Boyle e o viu mudar de posição.

– Então?

– Vou mandar selar Winnie.

Quando Boyle se virou na direção dos estábulos, Alastar bateu a cabeça com força nele.

– Alastar! Desculpe-me – disse ela imediatamente, e conteve a risada que queria escapar. – Não seja mal-educado – disse para o cavalo. Inclinando-se na direção do ouvido dele, acrescentou: – Mesmo que seja engraçado.

Iona desmontou e prendeu as rédeas na cerca.

– Espere aqui. Posso ver sua Querida? – perguntou a Boyle.

– Minha o quê?

– A égua, Querida. A que você tirou daquele idiota.

– Ah. – Ele ficou de cara feia por um instante e depois deu de ombros.

– Ela está lá dentro.

– Você pode só me dizer onde. Acho melhor dar uma olhada em Winnie, para ver com o que vou trabalhar.

– Está bem.

Ele se afastou. Iona revirou os olhos para Alastar e o seguiu. Com sua boca firmemente fechada.

Boyle não a apresentou aos funcionários do estábulo ou ao vira-lata preto e branco que abanava o rabo, por isso ela mesma se apresentou. E, ignorando a óbvia impaciência de Boyle, apertou as mãos de Kevin e Mooney e acariciou Besouro (que tinha esse nome porque comia besouros), atrás das orelhas.

Calculou que o trabalho ali era no mínimo cinquenta por cento maior do que no outro estábulo, mas os cheiros, os sons e a aparência eram iguais.

Boyle parou do lado de fora da baia de uma bela égua.

– Esta é Winnie.

– Ela é inteligente, não é? Você é uma garota esperta, não é, Winnie?

Compacta, avaliou Iona acariciando a cara do animal. De um bom tamanho para uma menina, e o olhar firme nos olhos dela era um bom prenúncio para uma iniciante na pista de saltos.

– Posso selá-la para a aula se você me mostrar onde fica a sala de equipamentos.

– Kevin fará isso. Kevin! A jovem Sarah virá para seus primeiros saltos. Ela montará Winnie.

– Então vou prepará-la.

Iona se virou. E viu a potra branca.

– Ah, meu Deus, olhe só para você.

De um branco quase puro, reluzente, jovem e majestosa, pensou Iona ao se aproximar. A potra a observou com olhos marrom-dourados.

– Essa é...

– Aine – completou Iona. – A rainha das fadas de Fin. Bem, um dia será. Por enquanto ainda é uma princesa.

Quando Iona ergueu uma das mãos, Aine inclinou a cabeça como se lhe fizesse um grande favor.

– Ela é surpreendentemente linda, e sabe disso. É orgulhosa e só está esperando sua hora chegar. E chegará.

– Acho que vamos esperar mais um ano antes de deixá-la procriar.

Não essa hora, pensou Iona, mas apenas assentiu.

Você voará, pensou. E vai adorar.

– Fin conhece seus cavalos – comentou Iona dando um passo para trás.

– Conhece, sim.

Iona parou para cumprimentar outros cavalos enquanto descia a rampa de concreto. Animais bons e saudáveis, avaliou, e alguns muito bonitos – embora nenhum chegasse ao nível de Alastar e Aine – abrigados em baías limpas e espaçosas. Então chegou à égua ruana de olhos grandes e penetrantes e com uma longa marca branca que descia até o focinho, e soube sem que lhe dissessem.

– Você é Querida. Literalmente.

Mesmo antes de Boyle ir para o lado dela, a égua virou a cabeça, seus olhos grandes alertas e seu corpo estremecendo. Não de medo, pensou Iona, mas de simples prazer.

A égua o havia cheirado e sentido antes de vê-lo. E foi amor combinado com total devoção que a fez esticar o pescoço para encostar a cabeça no ombro dele, leve como um beijo.

– Esta é a garota – disse Boyle quase em um sussurro, e Querida relinchou e virou a cabeça na direção da mão dele.

Boyle abriu a porta da baía e entrou.

– Vou só dar uma olhada na perna dianteira enquanto estou aqui.

– Está melhor – disse Iona. – Mas ela se lembra de como doeu. Da fome. Do medo. Até você chegar.

Sem dizer nada, Boyle se agachou e deslizou as mãos para cima e para baixo na perna dianteira de Querida enquanto a égua mordiscava seus cabelos de brincadeira.

– Você tem uma maçã aí? Ela está bem certa de que sim.

Ter os pensamentos de sua égua traduzidos para ele era... desconcertante. Mas Boyle se ergueu de novo e passou as mãos pelo flanco de Querida.

Iona pensou que, se uma égua pudesse ronronar, Querida o faria.

Ao passo que Aine a surpreendera com tanta beleza e graça, Querida conquistou o coração dela com sua simples e descarada devoção.

Ela e Querida sabiam o que era ansiar por amor, ou pelo menos por genuína compreensão e aceitação. Desejar profundamente um lar, um propósito.

Parecia que ambas tinham realizado aquele desejo.

Então Boyle enfiou uma das mãos num bolso para pegar a maçã e sacou do outro um canivete. Iona sentiu o prazer de Querida com a fruta e, mais do que isso, por lhe ter sido oferecida.

– Você está engordando, garota, mas o que é um pedaço de maçã? – A égua comeu graciosamente, de olho na segunda metade.

– Esta é para Winnie, se ela se comportar na aula.

– Você a salvou. – Iona esperou enquanto ele saía e fechava a porta da baia. – Ela nunca será de mais ninguém além de você.

Iona ergueu a mão para acariciá-la. Querida esticou o pescoço de novo.

– Querida não é arisca com você – observou Boyle. – Isso é um progresso. Ela ainda fica um pouco nervosa com estranhos.

– Nós nos entendemos.

Quando Querida se inclinou para encostar a cara no rosto de Boyle e ele tirou do bolso a outra metade da maçã e a deu a ela, Iona soube que bastava.

– Vou pegar outra para Winnie. Você não comeu muitas dessa na vida.

– Basta – murmurou Iona. – Sou boa em ficar com raiva, sobretudo quando tenho motivo. Pelo menos acho que sim. Mas detesto isso. Não aguento, é pesado demais. E em pé aqui vendo esse caso de amor mútuo, não consigo. Então parei de sentir raiva de você, se isso importa.

Boyle a olhou, reflexivo.

– O dia e o trabalho ficam mais fáceis sem o peso da raiva.

– Concordo. Então... – Ela estendeu a mão. – Paz?

Boyle franziu as sobrancelhas e olhou para a mão de Iona por um momento, e então a pegou. Quis soltá-la imediatamente, mas não conseguiu.

– Você trabalha para mim.

Iona assentiu.

– É verdade.

– Você é prima de um dos meus maiores amigos.

O coração de Iona se acelerou um pouco, mas ela assentiu outra vez.

– Sou.

– E mal faz uma semana que a conheci.

– Isso eu não posso negar.

– E o que você é...

Foi a vez de Iona franzir as sobrancelhas.

– O quê?

– Bem... é um fato. E algo com que você mesma ainda está se familiarizando.

– Certo. E o fato é um problema para você?

– Eu não disse isso.

– Você tem preconceito com bruxos?

O insulto ficou claro no rosto de Boyle, fazendo seus olhos castanho-dourados brilharem mais.

– Essa é uma coisa estúpida de dizer, sabendo que sou amigo de três bruxos e que, além disso, um deles é meu sócio.

– Então por que citou isso como um dos motivos para não estar ou não dever estar... é... interessado em mim?

– Porque é o que é. E eu gostaria de conhecer um só homem – continuou ele um tanto acalorado – que não pensaria bem sobre isso.

– Talvez eu devesse ficar com raiva de novo. – Iona refletiu sobre aquilo. – Mas é difícil quando Querida o olha com tanta adoração. Além disso, não posso negar que tudo o que você disse é verdade. E, se é um problema para você, então é. Nada disso é um problema para mim.

– Mas você não está na minha posição.

– Não, não estou. Então, paz?

– Um pouco disso deveria ser um problema para você.

– Por quê? Chefes e funcionários se envolvem o tempo todo e, na minha opinião, não há nada de errado nisso, desde que a hierarquia não seja usada como alavanca. As pessoas também namoram parentes de amigos o tempo todo. E não posso mudar o que sou. E não mudaria se pudesse.

– Ser racional não muda nada.

Ela teve que rir.

– E ser irracional muda?

– Isso não é... Droga!

Boyle lhe deu o segundo puxão do dia, tão frustrado quanto o primeiro. E como Iona ainda estava rindo, a fez parar beijando-a.

Ela tinha o sabor que ele imaginou que a luz teria, quente e brilhante com um toque de energia. Aquele sabor o atraiu e o fez querer mais e mais. Iona o deixava tonto, com todo aquele calor e brilho, cercado do cheiro familiar dos cavalos. Em seu mundo, do qual agora ela fazia parte.

E Iona o abraçou como se sempre fosse fazer isso.

Se isso não impactava um homem, o que impactaria?

Boyle recuou.

– Isso não é sensato.

– Eu não estava pensando no que é sensato ou não. Beije-me de novo e pensarei.

Ela teve que ficar na ponta dos pés e puxar a cabeça de Boyle para baixo, mas conseguiu beijá-lo. Pensou que aquilo era como se agarrar a um vulcão pouco antes que

entrasse em erupção, ou voar em uma nuvem prestes a se transformar em um tornado.

Como seria quando o fogo irrompesse e a tempestade explodisse?

Queria muito descobrir.

Mas Boyle se afastou de novo.

– Você não está pensando.

– Tem razão, eu me esqueci de pensar. Vamos tentar de novo.

Boyle riu e, embora houvesse um pouco de nervosismo em sua risada, poderia ter concordado. Exceto pelo pigarrear exagerado atrás dele.

– Desculpem-me, mas Sara está aqui com a mãe. – Kevin deu um grande sorriso. – Winnie já está selada e pronta.

– Estou a caminho. – Ela olhou para Boyle. – Tem alguma papelada?

– Só um formulário para a mãe dela assinar. Eu cuidarei disso.

– Está certo. Vou começar a aula.

Enquanto Iona se afastava a passos largos, Querida deu outro relincho que poderia ter sido interpretado como uma risada equina. Kevin enfiou as mãos nos bolsos e assoviou uma música.

– Nem uma maldita palavra – murmurou Boyle. – De nenhum de vocês.

SATISFEITA COM SEU DIA, IONA FOI A PÉ PARA CASA ATRAVÉS DAS SOMBRAS verdes. Era bom estar de novo no papel de instrutora, ainda mais com uma aluna tão promissora. Talvez, com aquela porta aberta, Fin ou Boyle lhe confiassem mais um ou dois alunos.

E, falando de portas abertas, o inesperado e totalmente gratificante interlúdio nos estábulos elevou muito seu ego e seu humor.

Além disso, podia ver por aquela brecha algumas possibilidades muito interessantes.

Boyle McGrath, pensou. Duro, taciturno, temperamental. E um molenga quando se tratava da bela e traumatizada égua que o adorava. Realmente queria conhecê-lo melhor, descobrir se toda aquela excitação e agitação era só atração física ou algo mais.

Durante a maior parte de sua vida, esperara por mais.

Além disso, tudo se intensificava pelo fato de Boyle ser relutante, confuso e um pouco irritadiço. Ele simplesmente não conseguia se controlar e isso era muito sexy.

Talvez devesse convidá-lo para sair, apenas algo casual. Uma bebida no pub? Um filme? Primeiro teria que descobrir aonde as pessoas iam assistir a filmes ali.

Se soubesse cozinhar, o convidaria para jantar na sua casa. Mas seria um desastre. Em vez disso talvez pudesse...

Iona parou e olhou ao redor, desnorteada. Não havia se desviado do caminho, havia? Talvez não tivesse prestado muita atenção, mas depois de fazer essa caminhada de ida e volta durante vários dias, era instintiva.

Contudo, algo estava errado, a direção não parecia certa.

Ela girou, esfregando os braços que tinham ficado frios de repente.

E viu a névoa rastejando na relva.

– Ah, não.

Iona deu um passo para trás e tentou se orientar. Em um impulso, virou para a direita e começou a correr pela trilha estreita. Demorou apenas segundos para perceber que escolhera o caminho errado e estava se embrenhando na floresta.

Quando se virou para voltar, árvores largas como o alcance de seus braços bloquearam o caminho. A névoa densa começou a gotejar por entre os troncos irregulares.

Ela correu. Melhor correr em qualquer direção do que ser aprisionada. À direita árvores emergiram do chão, estalando ao se projetar da terra. E a forçando a se desviar.

A luz mudou, tornando-se cinza como a névoa. Um vento gelado assoviou por entre os troncos que se emaranhavam e se retorciam para impedir a entrada da luz do sol.

Ar, pensou Iona, frenética, árvores surgindo da terra, a névoa se liquefazendo.

Cabhan usara os elementos contra ela.

Forçou-se a parar e invocou o poder, embora o medo aumentasse. Estendendo as mãos, fez surgir nelas duas bolas de fogo.

O riso soou baixo e fez cócegas em sua pele como as pernas de uma aranha. Iona se arrepiou ao ouvir seu nome sendo sussurrado. Depois todos os seus músculos tremeram com o farfalhar e o rosnado.

– Kathel.

Mas o que saiu da luz cinza foi o lobo de seu pesadelo.

Dessa vez não era um sonho. Era tão real quanto seu pavor e os batimentos violentos de seu coração.

Quando o lobo se esgueirou em sua direção, ela vislumbrou a gema vermelha brilhando no pescoço dele.

– Pare – avisou, e o lobo mostrou os caninos.

Não conseguiria correr mais do que ele, pensou, dando um passo para trás. E a expressão nos olhos brilhantes da fera lhe disse que ele sabia disso.

Iona lançou uma bola de fogo de cada vez apenas para vê-las explodirem e se transformarem em fumaça a centímetros do lobo à espreita. Desesperada, tentou formar outras bolas, mas suas mãos tremiam e sua mente estava embotada pelo terror.

Aquiete a mente, ordenou a si mesma, mas queria gritar.

Era tudo real, pensou. Tudo parecera tão fantasioso, tão sobrenatural – bruxos, maldições, a luta contra um demônio que habitava as sombras.

Mas era muito, muito real. E queria matá-la.

Viu o lobo pronto para saltar. Então, com um grito selvagem, o falcão mergulhou do céu. Suas garras atingiram o flanco do lobo, arrancando-lhe sangue tão preto quanto seu pelo, e depois voou para o alto de novo.

O momento de grande alívio passou quando um segundo rosnado se fez ouvir atrás dela. Ao se virar, Iona sentiu-se aliviada outra vez. Kathel estava ali, com os dentes arreganhados. Ela foi para o lado do cão, pôs uma das mãos na cabeça dele e, apesar do medo, sentiu um sopro de vento calmo quando Connor e depois Branna saíram da névoa.

Connor ergueu sua mão enluvada e o falcão pousou nela, com as asas abertas.

– Segure a minha mão – disse ele a Iona, mantendo os olhos calmos e frios no lobo.

– E a minha.

Quando as mãos dos três se juntaram, não foi calma que Iona sentiu, mas o calor do crescente poder a preenchendo como vida.

– Quer nos testar aqui? – Branna desafiou o lobo. – Quer nos testar aqui e agora?

Uma luz, irregular como um raio, saiu da mão estendida dela e atingiu o chão a centímetros das pernas dianteiras do lobo. Ele recuou. A gema vermelha brilhou e o rosnado soou como um trovão, mas o lobo se retirou.

A névoa se juntou em uma massa cada vez menor. Connor ergueu a mão de Iona com a dele. Luz emanou, se espalhou e se intensificou até a névoa desaparecer.

E, com ela, o lobo.

– Eu... Deus, eu só estava...

– Não aqui – advertiu Branna. – Não vamos conversar aqui.

– Leve-a de volta para o chalé. Roibeard e eu daremos uma olhada ao redor e depois voltaremos para casa.

Branna assentiu.

– Tome cuidado.

– Sempre tomo. Agora vá com Branna. – Ele apertou a mão de Iona. – Tome uma dose de uísque e se sentirá melhor.

Com a mão de Iona na dela e aquela energia ainda formigando nas bordas, Branna andou depressa pela floresta. Sem querer nada além de entrar em casa, Iona se deixou ser arrastada, apesar de seus joelhos trêmulos.

– Eu não consegui...

– Só quando estivermos lá dentro. Nem uma maldita palavra sobre isso.

O cão foi na frente, sempre à vista. Quando Iona enfim avistou o chalé através das árvores, observou o falcão traçando círculos no céu pesado.

No minuto em que elas entraram, os dentes de Iona começaram a bater. Quando as margens do seu campo visual ficaram cinzentas, ela pôs as mãos nos joelhos e abaixou a cabeça entre eles.

– Desculpe-me. Fiquei tonta.

– Agente firme um momento. – Embora sua voz parecesse impaciente, Branna pôs a mão gentilmente na parte de trás da cabeça de Iona e a tontura passou tão depressa quanto viera.

– Sente-se – ordenou-lhe, empurrando Iona para a sala de estar e estalando os dedos na direção do fogo para que as chamas se erguessem e irradiassem mais calor. – Você está um pouco chocada, só isso. Sente-se e respire.

Ela andou até um decantador e despejou dois dedos de uísque em um copo curto.

– E beba.

Iona bebeu, emitiu um pequeno silvo e bebeu de novo.

– Só estou um pouco... – Ela suspirou. – Apavorada.

– Por que se desviou do caminho e penetrou tão fundo na floresta?

– Não sei. Simplesmente aconteceu. Não me desviei ou não me lembro de ter me desviado. Eu só estava indo para casa e pensando em coisas. Em Boyle – admitiu. – Nós fizemos as pazes.

– Ah, que bom. – Com dois movimentos rápidos, Branna tirou os grampos de seus cabelos e os atirou sobre a mesa. – Está tudo bem.

– Eu não me desviei do caminho, não de propósito. Quando percebi que não estava onde deveria, comecei a voltar. Mas... a névoa veio primeiro.

Iona olhou para o copo vazio e o pousou.

– Eu sabia o que significava.

– E não nos chamou ou chamou seu guia? Você não chamou nenhum de nós.

– Tudo aconteceu muito rápido. As árvores se moveram e a névoa se formou. Então o lobo estava lá. Como vocês vieram? Como souberam?

– Connor tinha saído com Roibeard e o falcão viu lá de cima. Você pode lhe agradecer por chamar Connor e eu.

– Agradecerei. Branna... – Ela se interrompeu quando a porta se abriu e Connor entrou.

– Não há mais nada. Ele se foi para qualquer que seja o buraco em que se esconde. – Connor foi se servir de uísque. – Como você está, prima?

– Bem. Obrigada. Desculpem-me por eu...

– Não quero desculpas – disparou Branna. – Quero bom senso. Onde está seu amuleto?

– Eu... – Iona estendeu a mão para ele, e depois se lembrou. – Eu o deixei no quarto esta manhã. Eu esqueci...

– Não esqueça, e não o tire.

– Acalme-se um pouco. – Connor tocou no braço de Branna enquanto ia até Iona. – Você nos deu um grande susto. – A mão dele acariciava o braço de Iona, e a calma a invadiu. – Não foi culpa sua. Não foi culpa dela – disse ele para Branna antes que ela pudesse intervir. – Mal faz uma semana que está aqui. Temos uma vida inteira.

– Ela não terá tempo ou oportunidade para mais se não tiver o bom senso de usar sua proteção e chamar seu guia e nós quando precisar de ajuda.

– E é você que a está orientando? – retrucou Connor.

– Ah, então a culpa é minha se ela não tem mais bom senso do que um bebê?

– Não briguem por minha causa e me deixem falar. A culpa foi minha. – Mais calma, Iona se levantou para se aproximar do calor do fogo. – Eu tirei o amuleto e não estava prestando atenção. Não vai acontecer de novo. Desculpem-me por eu...

– Por tudo que é mais sagrado, juro que vou costurar seus lábios por uma semana na próxima vez em que pedir desculpas.

Iona apenas ergueu as mãos à ameaça de Branna.

– Não sei o que mais posso dizer.

– Apenas nos conte em detalhes o que aconteceu antes de chegarmos – disse-lhe Branna. – Não, lá na cozinha. Vou fazer chá.

Iona a seguiu e se agachou para acariciar Kathel e lhe agradecer.

– Eu estava indo a pé para casa, voltando dos estábulos.

– Por que você foi lá?

– Fin me chamou. Ele me deu uma aluna para aulas de salto. Fui para lá montada em Alastar. Nós voamos um pouco.

– Doce Brígida!

– Eu não queria fazer isso. E parei. Depois Fin teve que ir embora, mas Boyle ficou para me supervisionar, eu diria que para se certificar de que eu não estragaria tudo. Pedi para conhecer Querida, mas antes conheci Aine e, meu Deus, ela é incrível.

– Não estou interessada num relatório sobre os cavalos – lembrou-lhe Branna.

– Eu sei, mas estou tentando explicar. Então conheci Querida, e a vi com Boyle e não consegui ficar com raiva dele. Então uma coisa levou a outra, porque eu não estava mais com raiva.

– Por que você estava antes? – perguntou Connor.

– Ah, nós tivemos um incidente esta manhã quando ele foi me buscar.

– Ele a beijou até fazer o cérebro dela sair pelas orelhas – disse Branna, e Connor sorriu.

– Boyle fez isso?

– Depois foi rude e desagradável, o que me irritou. Mas então, o observando com Querida, não consegui ficar irritada e lhe disse que não estava mais com raiva. Aí uma coisa levou a outra e ele me agarrou e beijou de novo. Até já devo ter perdido no mínimo vinte por cento de minhas células cerebrais. A aula realmente foi boa e me senti muito bem em ter uma aluna de novo, por isso estava distraída – admitiu ela – e pensando que talvez devesse convidar Boyle para sair, beber alguma coisa, assistir a um filme ou algo do gênero. Foi um ótimo dia, depois de um início complicado, e eu estava satisfeita com isso tudo. E fui parar onde não deveria.

Ela lhes contou os detalhes de que se lembrava.

– Você não se concentrou – disse Branna. – Se for usar fogo para defesa ou ataque, terá de *querer* fazer isso.

– Ela nunca o usou contra nada ou ninguém – salientou Connor. – Mas teve a capacidade e o poder de produzi-lo. Da próxima vez queimará o traseiro dele, não é, Iona, querida?

– Com certeza. – Porque nunca mais se sentiria tão impotente e aterrorizada. – Eu ia tentar de novo, mas fiquei apavorada. Então Roibeard mergulhou do céu. Ele é a coisa mais bonita que já vi.

– Ele parece uma pintura – concordou Connor com um sorriso.

– E Kathel e vocês dois chegaram. Realmente fiquei paralisada – admitiu Iona. – Foi como ser apanhada em um sonho. A névoa, o lobo preto, a pedra vermelha brilhando no pescoço dele.

– Alimentando o poder dele. A pedra e seu medo – explicou Branna. – Trabalharemos mais. Você usará o amuleto. Connor a levará aos estábulos pelas manhãs e providenciaremos para que alguém a traga para casa no fim do dia.

– Ah, mas...

– Branna tem razão. Em uma semana ele veio em seus sonhos, e agora aqui. Tomaremos mais cuidado, só isso. Até decidirmos o que fazer. Pegue o amuleto e vamos trabalhar.

Iona se levantou.

– Obrigada por terem aparecido.

– Você é nossa – disse Connor. – E nós somos seus.

As palavras e a silenciosa lealdade nelas fez os olhos de Iona arderem enquanto corria pelos fundos na direção da cozinha e do chalé.

– Ela passou por muita coisa em pouco tempo – começou Connor.

– Sei muito bem disso.

– E você foi dura com Iona, porque temia por ela.

Por um momento Branna não disse nada, apenas continuou o processo calmante de fazer chá.

– Sou eu quem a está orientando.

– A culpa não é sua, nem dela. E todos nós aprendemos uma lição. Cabhan ficou mais audacioso desde que ela chegou.

– Com nós três juntos ele sabe, como nós, que a hora está chegando. Se puder lhe causar mal ou fazê-la mudar de lado...

– Ela não mudará, não voluntariamente. Acho que tem sua lealdade e é muito grata pelo pouco que recebeu.

– Quando você não teve nada de algumas coisas, fica grato por receber até mesmo um pouco. Nós sempre tivemos um ao outro. E sempre fomos amados. Ela quer dar e receber amor. Não a investiguei – acrescentou ele. – Isso é parte dela, não há como não ver.

– Eu vejo. Bem, ela agora tem a nós, goste disso ou não.

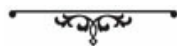
Connor pegou o chá que sua irmã lhe deu.

– Boyle, é? Agarrando nossa prima e a beijando até torná-la estúpida. Iona mal surgiu à nossa porta e meu amigo já está pulando sobre ela como um coelho.

– Ah, deixe de ser infantil.

Ele riu e bebeu chá.

– Por que eu deixaria de ser? A infância é uma época tão boa!



FOCO. BRANNA BATIA SEMPRE NESSA TECLA. IONA TENTOU SE CONCENTRAR, e depois manter a concentração. Ela havia melhorado – Branna lhe fizera um pequeno elogio por isso, mas ainda tinha que atingir o nível de habilidade que sua mentora considerava alto o bastante.

Como alguém poderia se concentrar ensopada e semicongelada?

A chuva caía sem parar do céu cinzento, fazia dois dias e duas noites. Isso significou, em grande parte, trabalho interno tanto em seu emprego quanto em sua arte. Iona não se importou. Gostou de reorganizar a sala de equipamentos com Meara e de trabalhar com Mick instruindo um jovem cavaleiro e um corajoso octogenário no ringue.

Adorou ter tempo extra para cuidar dos cavalos e estabelecer um vínculo com eles. Trançara as crinas de todas as éguas, feliz com o modo como elas se envaideceram com a atenção extra. E, embora sentisse que os cavalos castrados também teriam apreciado o estilo e a atenção, sabia que Boyle se oporia. Então fizera uma pequena e única trança em cada um deles, para agradar os cavalos e não irritar o chefe.

E aprendera. Dentro da oficina de Branna, com o fogo baixo, os cheiros de ervas e cera de velas adoçando o ar, expandira seus conhecimentos, aumentara seu poder e começara a aparar arestas. À noite, lia e estudava enquanto o vento soprava a chuva constante contra as vidraças.

Mas como podia pensar, quanto mais se concentrar, com a chuva batendo em sua cabeça e o frio penetrando em seus ossos?

Pior. Branna estava lá, totalmente seca, os cabelos pretos com um balanço maravilhoso e os olhos impiedosos.

– Isso é água – lembrou-lhe Branna. Ela estava parada embaixo da pacata luz solar que criara, sorrindo, impassível, através da cortina de chuva que caía do lado de fora de seus limites.

– Sei que é água – murmurou Iona. – Está escorrendo pela minha nuca e pelos meus olhos.

– Controle-a. Você acha que estará quente, seca e feliz sempre que precisar ser o que é e fazer uso do seu dom? Acha que Cabhan esperará um tempo bom para vir até você?

– Está bem, está bem! – Chamas tremularam nas pontas de seus dedos e uma

torrente de chuva se transformou em vapor.

– Não assim. Você não está tentando mudar o tempo, embora tenha se saído bem o suficiente. Mova a chuva.

Suave e naturalmente, Branna ampliou em alguns centímetros seu ponto ensolarado.

– Exibida – murmurou Iona.

– O dom está tanto em mim quanto em você. Mova a chuva para longe.

Iona gostou de sentir o fogo a percorrendo e emanando dela, mas o conteve. E usou a frustração e irritação que a fizeram evocá-lo para empurrar, deslizar, abrir.

Um centímetro, depois dois – e ela viu, sentiu. *Era* apenas água. Como a água na tigela. Empolgada, empurrou com força suficiente para fazer aquela chuva torrencial se afastar, se juntar. E cair com força nos limites de Branna.

– Eu não tive a intenção... Quero dizer, não estava tentando molhar você.

– Mas seus sentimentos não teriam se ferido caso tivesse conseguido – disse Branna, calma. – Você se saiu muito bem. Precisa melhorar em sutileza, refinamento e controle absoluto, mas o que conseguiu já é um começo.

Iona pestanejou, enxugou seu rosto molhado e viu que abrira um espaço seco estreito, mas eficaz. Não havia nenhuma luz solar pálida dourada em sua pequena área, mas também não havia chuva.

– Uhuuuu!

– Não desperdice a energia. E não aumente o alcance. É só para você.

– O resto do condado provavelmente apreciaria um pouco de estiagem, mas entendi. Parar a chuva aqui pode causar uma enchente em outro lugar.

– Não sabemos, por isso não arriscamos. Mexa-se. – Branna demonstrou como, andando em um largo círculo, sempre dentro da área seca.

Quando Iona tentou, as bordas de seu círculo ficaram encharcadas, mas ela manteve o controle.

– Muito bem. Como estamos na Irlanda, não faltará chuva para você treinar, mas por hoje chega. Vamos entrar e experimentar uma poção simples.

Enquanto Branna andava na direção da oficina, Iona tentou manter sua área seca.

– Eu poderia engarrafar e empacotar produtos em sua loja. Gostaria de ajudar em alguma coisa – continuou ela. – Você cozinha quase tudo e passa muito tempo me ensinando, assim como Connor. Sou boa em seguir instruções.

– Você é.

Branna sempre preferira a solidão de sua oficina. Uma coisa era contratar balconistas e outros funcionários para a loja em Cong, para lidarem com clientes, remessas e assim por diante. Mas, em geral, a oficina era seu lugar de sossego.

Ainda assim, pensou, as lições e a necessidade delas realmente interferiam em seu tempo.

– Seria uma ajuda – decidiu. – Vamos pensar nisso.

Branna entrou na oficina e Iona se apressou em segui-la, pingando água no chão.

– Eu ia deixar um bilhete – disse Meara de trás da bancada de trabalho. – Para vocês duas.

– Vamos tomar chá e conversar. Tenho sentido falta de vê-la. Iona, não molhe o chão.

– Para você é fácil falar. Está seca, mas eu estou ensopada. Devo estar parecendo um gato molhado.

– Está mais para um gato afogado – comentou Meara.

Branna foi direto para a chaleira.

– Faça um feitiço.

Sem dizer nada, Iona olhou de relance para Meara.

– Meara sabe de tudo que há para saber, e provavelmente mais. Arrume-se.

– Não sou boa em feitiços. Eu lhe contei que uma vez tentei um e foi um desastre.

– E é por isso que precisa praticar. Em geral acho que um feitiço para secar roupas em vez de trocá-las é inútil, simples preguiça, mas por enquanto é um bom treino. Se você acabar com verrugas ou furúnculos, eu os curarei. – Com um sorriso malicioso, Branna olhou para trás. – No devido tempo.

– Você fez um feitiço para mim, lembra, Branna? Acho que quando tínhamos 15 anos e eu queria desesperadamente ficar loura porque Seamus Latimer, minha paixão na época, preferia as louras.

À vontade, Meara tirou a jaqueta, o cachecol e o gorro e os pendurou em um gancho.

– Eu estava prestes a pintar o cabelo, tinha economizado duas semanas a fim de comprar o produto e Branna veio, fez o feitiço e mudou meus cabelos para mim.

Iona observou Meara.

– Não posso imaginá-la loura, não com seu tom de pele.

– Foi um desastre. Fiquei parecendo que tinha icterícia.

– E era teimosa demais para admitir isso – lembrou-a Branna.

– Ah, eu era, por isso fiquei com aqueles cabelos louros durante quase uma semana antes de lhe implorar para fazer voltarem a ser como antes. Lembra-se do que me disse?

– Que mudar para si mesma era uma coisa, mas mudar para um homem era fraqueza e tolice. Algo assim.

– Mesmo tão jovem já era sábia – disse Meara com sua risada escandalosa. – E Seamus passou seu tempo beijando e acariciando Catherine Kelly, clara como um narciso. Mas sobrevivi à decepção.

– Aprendeu a lição – disse Branna. – Mas nesse caso, estamos considerando isso uma prática. Arrume-se, Iona, e vamos tomar um pouco de chá.

– Ok. Lá vai. – Ela suspirou, sinceramente esperando não atear fogo em si mesma

enquanto se concentrava primeiro em seu jeans, depois na jaqueta e no suéter.

Houve vapor, mas nenhuma chama crepitou. Iona começou a sentir os dedos dos pés derreterem e a pele ficar quente. Sorrindo, passou uma das mãos pela manga seca da jaqueta.

– Funcionou.

– Pense no tempo que eu economizaria na lavagem de roupas se soubesse um truque desses – comentou Meara.

Sorrindo, Iona passou a mão por seus cabelos pingando e os deixou secos e brilhantes. Com uma rápida risada, cobriu o rosto com as mãos e fechou os olhos por um instante. Quando os abriu, seu rosto brilhava, seus lábios tinham assumido um tom rosado forte e seus cílios estavam mais escuros e longos.

– Como estou?

– Pronta para ir para o pub e flertar com todos os homens bonitos – disse-lhe Meara.

– É mesmo? – Encantada, Iona correu para o espelho. – Estou ótima! Estou mesmo.

– Você fez isso com suavidade e também um pouco de refinamento. Se saiu bem.

– Fique – disse Iona para Meara. – Ela nunca me diz coisas assim.

– E é por isso que, quando eu digo, você sabe que estou sendo sincera. Tenho biscoitos amanteigados, Meara, e o chá de jasmim que você adora.

– Eu não recusaria nada disso. – Meara se sentou à mesa sentindo-se em casa e dedicando um momento a acariciar Kathel quando ele pôs sua grande cabeça no colo dela. – O tempo está prejudicando nosso negócio e estão dizendo que continuará assim amanhã. Boyle providenciou para que as aulas da escola fossem dadas em ambiente fechado, observando os cavalos. Conduziremos os alunos jovens ao redor do ringue.

– É uma boa ideia.

– Ah, nosso Boyle tem boas ideias. – Meara sorriu para Iona e pegou um biscoito. – E Branna, tive uma ideia para o aniversário da minha irmã Maureen, mês que vem. Minha irmã mora em Kerry, porque ela e o marido trabalham lá – acrescentou para Iona. – Sabe os kits que você faz, com sabonetes, velas, loções e coisas assim? Os especiais que levam em conta as características e a personalidade do cliente?

– Sei. Gostaria de um deles para Maureen?

– Sim. Como você sabe, ela é a mais velha de nós. Vai fazer 35 anos e, por algum motivo, está ficando meio louca com isso, como se sua juventude houvesse terminado e não tivesse lhe sobrado nada além das agruras da velhice.

– Maureen sempre foi chegada a um drama.

– Ah, ela é. Casou-se com Sean quando tinha apenas 19 anos, por isso convive há dezesseis anos com a lerdeza dele. Sean é um homem doce – continuou –, mas lerdo. Ela tem dois filhos adolescentes que quase a levam à loucura, ou além disso, e outro só um pouco mais novo. Tem mandado mensagens de texto para mim, para nossa outra irmã e nossa mãe todos os dias e quase todas as noites para nos manter informadas

sobre suas dificuldades e atribulações. Acho que o presente, sendo criado para ela e associado a mimo e coisas femininas, pode animá-la o suficiente para que pare de me perseguir até eu ter vontade de bater nela.

- Então isso é sobre você – disse Branna com uma risada.
- Estou salvando a vida dela, e isso me torna uma boa irmã.
- Terei o kit para você na semana que vem.
- Eu sempre quis ter uma irmã – ponderou Iona.
- Quer ficar com uma das minhas? Qualquer uma delas está à sua disposição.

Ficarei com meus irmãos porque na maior parte do tempo não são idiotas.

- Ser filha única é solitário, e você nunca tem que reclamar dos seus irmãos.

– Eu sentiria falta de reclamar – admitiu Meara. – Isso faz com que eu me sinta muito superior e esperta.

- Eu tinha irmãos imaginários.

Divertida, Meara se recostou segurando seu chá.

- Tinha? Como os chamava?

– Katie, Alice e Brian. Katie era a mais velha e paciente, inteligente e carinhosa. Alice era o bebê e sempre nos fazia rir. Brian e eu éramos mais ou menos da mesma idade. Ele sempre estava se metendo em encrencas e eu sempre tentava tirá-lo delas. Às vezes conseguia vê-los tão claramente quanto vejo vocês.

- O poder de seus desejos – disse Branna.

Criança solitária, pensou. Não cuidada, não compreendida ou apreciada.

– Acho que sim. Eu não entendia esse tipo de coisa, mas durante grande parte do tempo eles eram mais reais para mim do que qualquer outra pessoa. Com eles e os cavalos, eu me mantinha bastante ocupada.

Ela parou e riu.

- Sou a única que teve pessoas imaginárias na vida?
- Connor foi mais do que suficiente para mim.
- Ele de fato é mais do que suficiente – concordou Meara.

– E Connor e eu sabíamos, muito mais novos do que você, o que tínhamos que fazer.

– E mesmo assim vocês dois construíram outras coisas realmente sólidas. Seu trabalho aqui, a loja, a escola de falcoaria e a habilidade manual dele. E você, Meara. Você não é uma das donas, mas é um elemento essencial no negócio.

- Gosto de pensar que sim.

– Claro que é. Tanto Boyle quanto Fin respeitam suas habilidades e sua opinião, e dependem delas. Não creio que nenhum deles seja leviano quanto a esse tipo de coisa. É isso que quero. Construir alguma coisa, conquistar respeito, fazer com que as pessoas que importam saibam que podem contar comigo. Alguma de vocês quer mais do que isso?

– É bom ter o que você diz – considerou Meara. – Eu não me importaria de ter um monte de dinheiro também.

– O que faria com ele?

– Bem, isso é um caso a se pensar. Acho que primeiro compraria uma boa casa. Não precisaria ser luxuosa, apenas uma boa casa, com um pouco de terra e um pequeno celeiro para eu poder ter um ou dois cavalos.

– Nada de homem?

– Para quê? – Meara riu. – Para relacionamento ou diversão?

– Tanto faz, ou para as duas coisas.

– Eu preferiria a diversão. Nos últimos meses tem faltado esse tipo de diversão em minha vida. Mas não estou procurando um relacionamento. Homens vêm e vão – acrescentou, recostando-se e segurando seu chá perfumado. – Exceto pelo doce e lerdo Sean, pelo que tenho visto. É melhor não esperar ou querer que fiquem. O sofrimento é menor.

– Mas sofrer significa estar vivo – disse Iona. – Eu quero um relacionamento, um homem que também me queira. Quero um amor louco e irrestrito, do tipo que nunca acaba. E filhos. Não apenas um. Um cão, um cavalo, uma casa. Uma família grande e bagunceira. E você? – perguntou a Branna.

– O que eu quero? Viver a minha vida. Acabar com essa maldição que paira sobre nós e com o que restou de Cabhan.

– Isso não é apenas para você. Apenas para você, Branna – insistiu Iona. – Dinheiro, viagens, sexo? Lar, família?

– Dinheiro suficiente para viajar para lugares exóticos e fazer sexo com homens exóticos. – Ela sorriu enquanto se servia de mais chá. – Isso deveria bastar.

– Vou viajar com você. – Meara pôs uma das mãos sobre a de Branna. – Partiremos corações mundo afora. Você pode se juntar a nós – disse para Iona. – Veremos todas as maravilhas e desfrutaremos de prazeres onde os encontrarmos. Depois pode voltar, escolher com quem manter um relacionamento e ter os bebês. Eu construirei minha casa e meu celeiro e Branna viverá a vida dela exatamente como quiser, livre da maldição.

– Combinado. – Branna ergueu sua xícara de chá em um brinde.

– Só temos que vencer o demônio antigo e ganhar muito dinheiro. O resto são detalhes.

– Vocês duas poderiam ter todo esse sexo exótico agora – protestou Iona. – Não é difícil terem os homens que quiserem quando parecem deusas celtas.

– Vamos ficar com ela – disse Meara para Branna. – Ela é ótima para meu ego.

– É verdade. Branna parece saída de um conto de fadas sem ao menos tentar, e você é essa imagem de uma princesa guerreira. Os homens deveriam cair aos seus pés.

A porta se abriu, trazendo a chuva, Connor, Boyle e Fin.

– Nem todos – murmurou Meara.

– Olhem quem eu arrastei para cá. – Connor sacudiu a chuva de seus cabelos como um cão enquanto Kathel ia cumprimentar os recém-chegados. – Era trazê-los ou construir uma maldita arca. Você tem chá e biscoitos sobrando?

– Claro. Não sujem meu chão. Então o mundo dos negócios fechou suas portas?

– Por hoje, sim – respondeu Boyle a Branna. – Nós estávamos convencendo Fin a nos pagar o jantar, mas quase nos afogamos.

– E aqui é melhor. – Connor foi estender suas mãos para o fogo. – Especialmente se alguém puder ser convencido a fazer um caldeirão de sopa.

– Alguém?

Connor apenas sorriu para Branna.

– E eu pensei em minha querida irmã.

– Você pensa em mim na cozinha com muita frequência.

– Mas você é brilhante nela. – Ele se inclinou para beijá-la.

– Eu descascarei e picarei o que você precisar – ofereceu-se Iona. Aquilo era como convidar Boyle para jantar, calculou. – Você sabe descascar e picar, não é, Boyle?

– Sim, ainda mais se isso me proporcionar um jantar.

– Eu estou disposta a ser uma escrava na cozinha para uma refeição quente em uma noite como esta – acrescentou Meara. – E você, Fin?

Ele continuou a desenrolar o cachecol de seu pescoço.

– O que Branna precisar ou quiser esta noite.

– Então é melhor eu ir ver o que há para pôr nesse famoso caldeirão de sopa. – Branna se levantou e passou pela porta dos fundos. O cão saiu do lado de Fin para ir atrás dela.

– Ela ficaria mais confortável se eu fosse embora – disse Fin.

– Mas você não vai. – Uma rara raiva permeou a voz de Connor. – As coisas não podem ser assim, e ela sabe disso tão bem quanto você. Precisamos de você. Eu contei a Fin e Boyle o que aconteceu algumas semanas atrás – disse ele para Iona.

– O que aconteceu? – perguntou Meara.

– Vou lhe contar também, daqui a um instante. Mas ainda não acabou, Fin. Precisamos de você e ela entende isso. No final não deixará o problema entre vocês interferir.

– Talvez alguém devesse me contar sobre o problema. – Iona afastou seu chá. – Poderia me ajudar saber de todos os detalhes em vez de tentar descobrir tudo tendo como base apenas partes deles.

Fin foi até a mesa e abaixou a gola de seu suéter.

– Esta é a marca dele, a marca que seu sangue pôs no meu. Eu a carrego e Branna não quer enxergar além dela, não quer ver o que é para mim ou o que sou para ela.

Iona se ergueu para estudá-la mais de perto. Um pentagrama, como rezava a lenda,

claro e definido como uma tatuagem.

– Não parece uma marca de nascença, é mais como uma cicatriz ou tatuagem. Você nasceu com ela?

– Não. Ela... surgiu muito mais tarde. Eu tinha mais de 18 anos.

– Você sempre soube?

– Não de onde o poder vinha, apenas que o tinha. – Ele ajeitou seu suéter. – Você é firme, Iona.

– Realmente não, ou não o suficiente. Ainda.

– Acho que você está errada quanto a isso. – Ele pôs uma das mãos no queixo de Iona e ergueu a cabeça dela. – Acredito que se manterá firme quando for necessário. Ela precisará da sua firmeza e da sua mente aberta.

– Connor diz que precisamos de você e eu acredito nele. Vou ajudar Branna.

– Concordo com você. – Meara se levantou. – Dê-lhe alguns minutos para se preparar, mas não se empanturre de biscoitos. Ela fará o que for preciso, Fin, a qualquer custo.

– Eu também.

Iona foi com Meara para os fundos, passou pela despensa e entrou na casa.

– Espere, antes de irmos nos encontrar com Branna. – Iona parou. – O que aconteceu entre Fin e Branna? Não estou pedindo que faça fofoca ou que traia a relação de irmãs que vocês têm e que é tão obviamente forte. Acho que você sabe disso. Espero que saiba.

– Eu sei, e ainda assim não é fácil lhe dizer o que ela não disse. Eles foram apaixonados. Eram jovens e loucos um pelo outro. Felizes com isso, embora discutissem e brigassem. Ela ia fazer 17 anos quando ficaram juntos pela primeira vez. Foi depois disso que a marca surgiu em Fin. Ele não contou para Branna. Não sei se devo culpá-lo por isso, mas não contou. Quando Branna descobriu, ficou zangada. Mais do que isso, arrasada. Ele ficou na defensiva e igualmente triste. Desde então há uma ferida aberta entre eles. Doze anos de espera, confusão e muita desconfiança.

– Eles ainda se amam.

– O amor não tem sido suficiente para nenhum dos dois.

Deveria ser, pensou Iona. Sempre acreditara que seria. Mas foi com Meara na direção da cozinha para ajudar no que fosse possível.

PODERIA TER SIDO UMA REUNIÃO COMUM DE AMIGOS E FAMILIARES EM UMA noite chuvosa. O fogo baixo crepitando na lareira da cozinha, o grande cão roncando na frente dela. O vinho que Connor pegou, abriu e serviu generosamente nas taças. Voluntários descascando pequenas montanhas de batatas e cenouras, picando alho e cebolas enquanto a anfitriã se ocupava de polvilhar com farinha pedaços de carne e dourá-los em uma grande e robusta panela sobre o fogão. Os cheiros subindo,

anunciando o que estava por vir, e a mistura de vozes, todos conversando.

Poderia ter sido apenas uma reunião, pensou Iona cortando cenouras, e as partes que eram a aqueciam, lhe davam muito do que ela passara a entender que ansiara durante toda a sua vida. Mas não era apenas uma reunião amigável, e as correntes puxando e arrastando abaixo da superfície eram mortais.

Ainda assim, não queria estragar o momento agitando essa superfície. Afinal de contas, estava lado a lado com Boyle, que sem dúvida era mais competente do que ela com a faca e parecia mais relaxado ali do que quando trabalhavam juntos nos estábulos.

E Boyle tinha um cheiro maravilhoso de chuva e cavalos.

Melhor não dizer nada do que dizer a coisa errada, decidiu. Então se limitou a observar e ouvir. Viu Connor estender a mão para enxugar uma lágrima do rosto de Meara enquanto ela picava cebolas e percebeu o flerte natural nos olhos dele.

– Se você fosse minha, Meara, meu amor – começou ele –, eu baniria cebolas da casa para você nunca derramar uma lágrima.

– Se eu fosse sua – retrucou ela –, eu as derramaria por mais do que cebolas.

Connor riu, mas Iona ficou intrigada. Como havia ficado quando Fin encheu a taça de Branna e, a pedido dela, lhe entregou óleo para uma frigideira. O tom polido deles continuava tão rígido quanto a linguagem corporal, mas, por baixo – ah, sim, subcorrentes por toda parte –, fervilhavam tantas paixões e emoções desenfreadas que ela teria que ser cega e insensível para não ver.

Era Connor, pensou ela, quem mantinha tudo funcionando, fazendo comentários, perguntas, unindo o grupo com animação contínua e afeição envolvente.

Ele lhe parecia quase irresistível. Então por que Meara...

– Você estuda tudo e todos – interveio Boyle –, como se daqui a uma hora fosse ser submetida a um exame. E seu cérebro está cheio de perguntas e conclusões.

– É como uma família. – Ela disse o primeiro pensamento que surgiu do emaranhado em sua mente. – É algo que eu sempre quis ter e do qual sempre quis ser parte.

– É claro que é uma família – disse-lhe Connor. – E é a sua.

– Você é generoso com as pessoas. É da sua natureza. Nem todos são, ou pelo menos são mais cautelosos antes de abrir a porta. Sou a mais nova aqui, em muitos níveis. Observar me dá uma percepção melhor desta família. Até mesmo observar Boyle descascar e cortar muito mais rápido e melhor do que eu.

– Bem, ele não é nenhuma Branna O'Dwyer – disse-lhe Fin –, mas é um cozinheiro razoável. Esse é um dos motivos de Connor e eu o tolerarmos.

– Se um homem não é capaz de atirar algumas coisas em uma panela, passará fome com frequência. Aqui, ponha a palma da sua mão na extremidade, com os dedos para cima, fora de alcance. – Boyle pegou a mão de Iona para lhe mostrar. – E a outra no cabo para conduzir a lâmina.

Iona o deixou guiar suas mãos para produzir rodela de cenoura perfeitas e apreciou a leve pressão do corpo de Boyle contra o seu.

– Terei que praticar – decidiu Iona. – E descobrir o que fazer com elas depois de cortá-las. Provavelmente foi uma sorte eu não ter tido a chance de convidá-lo para jantar.

Iona olhou para cima e viu a surpresa no rosto de Boyle e o leve constrangimento enquanto a cozinha ficava em silêncio.

– Está em melhor situação com Branna cozinhando – continuou ela. – Terei que descobrir outro modo de ter um encontro com você.

Quando Connor não conseguiu esconder uma risada com uma tossida, Iona deu de ombros.

– Família – disse de novo. – E, mais do que isso, uma família com o tipo de problema e objetivo que pode fazer com que tomemos um pé na bunda ou enfrentemos algo ainda pior amanhã ou depois. Então acho que não temos tempo para desperdiçar ou não fazer o que nos deixa felizes. Falando como alguém que viveu sua vida sem ser completamente feliz, gostaria de mudar isso, ainda mais considerando o potencial de pés na bunda. E a minha grande experiência com eles.

De onde estava, encostado no balcão, Fin sorriu para ela.

– Acho que já estou meio apaixonado por você.

– Você não tem metade do seu amor sobrando. – Ela suspirou. – Agora, vamos ver. Quem mais posso constranger?

– Você não me constrangeu – disse-lhe Fin. – E quanto ao amor, *deifiúr bheag*, não há limites para ele.

– Sempre esperei que não. O que significa isso de que me chamou?

– Irmãzinha.

– Gostei. Eu deveria aprender irlandês. Todos vocês falam o idioma?

– Branna, Connor e Fin. – Terminando de picar, Meara foi lavar as mãos. – Boyle e eu sabemos o suficiente para nos virarmos, não é, Boyle?

– O suficiente.

– Vocês acham que a magia é mais poderosa com ele? Desculpe-me – disse Iona na mesma hora. – Eu não deveria trazer esse assunto à tona e estragar o clima. E não deveria ter posto você contra a parede dessa maneira – disse para Boyle.

– Você apenas o desconcertou porque ele não está acostumado com uma mulher que expressa seus pensamentos e sentimentos de forma tão direta, sem filtrá-los. Connor – continuou Branna –, preciso de uma Guinness para a panela e eu diria que outra garrafa de vinho para nós. E você está certa, Iona, ao falar sobre isso. Não sabemos se temos um dia ou um ano antes de enfrentarmos o que virá, mas a lógica diz que pode ser um dia. E, tendo dito tudo isso, não acredito que algum de nós levará um pé na bunda. Então vamos pôr esta sopa em fogo brando, beber mais vinho e conversar.

Ela se virou, com o rosto vermelho do vapor e os olhos brilhando com uma determinação tão feroz que Iona não pôde acreditar que poderia ser vencida.

– Bem, então vamos cuidar daqueles legumes. Eles não vão cozinhar sozinhos.



AINDA PODERIA TER SIDO UMA REUNIÃO DE AMIGOS E PARENTES – todos reunidos ao redor da mesa da cozinha com taças de vinho e um cão que continuava esparramado na frente da lareira.

Mas Iona reconheceu o que de fato era.

Uma cúpula de poder.

– Primeiro eu gostaria de dizer uma coisa para Meara e Boyle – começou Branna. – Não é o seu sangue que está envolvido nisso e nenhum de vocês tem poder para usar como arma ou escudo.

– Começar nos insultando não é um bom primeiro passo – disse-lhe Boyle.

– Claro que a intenção não foi essa, mas sim reconhecer o que significa para o restante de nós saber que estão conosco. Na verdade, não sei como Connor ou eu nos sairíamos sem vocês. São os amigos mais verdadeiros que já tive. Não sei se o amor não tem limites, como diz Fin, mas sei que ainda não alcancei o limite do meu por nenhum de vocês. Era o que eu queria dizer.

– Nós não temos poder, mas não somos impotentes. Longe disso. – Meara olhou para Boyle, que assentiu.

– Temos nossos cérebros e punhos. Cabhan nunca demonstrou interesse em nós, e esse foi seu erro.

– Talvez, e deveríamos encontrar um modo de usar isso a nosso favor. Mas Cabhan tem grande interesse em Iona. – Connor apontou para a prima. – Branna e eu concordamos em que ele espera lhe fazer mal, e o pior é que está tentando. Tirando o poder dela, aumentará o dele. Nós achamos que teve um custo para ele preparar uma armadilha para Iona alguns dias atrás e depois falhar.

– Que armadilha? – perguntou Boyle. – Você se machucou? – Ele pegou o braço de Iona. – Por que não me contou?

– Não é fácil falar sobre esse tipo de coisa nos estábulos. E não me machuquei. Branna e Connor me salvaram.

– O que aconteceu? – perguntou Fin, em tom calmo. – Seja específica, Iona, você costuma ser. Conte-nos.

– Foi no dia em que dei a primeira aula para Sarah. Quando estava indo a pé para

casa.

Ela lhes contou em detalhes, sem esconder seu medo.

Enquanto Iona falava, Fin se levantou e foi até a janela que dava para os jardins dos fundos. Boyle fechou as mãos em punhos sobre a mesa.

– De agora em diante você não irá mais trabalhar ou voltar para casa sozinha.

Ela ficou boquiaberta.

– Isso é ridículo. Tenho que...

– Você não vai. Ponto final.

Antes de Iona poder falar de novo, viu o olhar de Meara e o sutil balançar de cabeça da amiga.

– Connor pode acompanhá-la até os estábulos – disse Branna, suave. – O caminho deles é o mesmo, e você e Fin só têm que conciliar o horário de trabalho dos dois.

– Resolvido – disse Boyle, em tom definitivo. – E eu a levarei para casa. Está decidido.

– Agradeço a preocupação. Alguém estará comigo sempre que eu der um passo para fora de casa ou quiser ir à vila? E é melhor começar a dormir comigo também – falou para Boyle. – Porque ele está aparecendo em meus sonhos. Posso ter medo, mas não sou impotente. E ninguém tem o direito de pensar que sou.

– Você está longe de ser – apaziguou-a Connor. – Mas é preciosa. E necessária. Precisamos de você, por isso as precauções. Pelo menos por enquanto elas nos deixarão tranquilos.

– Preciosa. Necessária. – Fin se virou, o rosto frio. – Concordo com isso. E mesmo assim vocês não me chamaram quando a preciosa e necessária estava em perigo.

– Foi muito rápido – disse-lhe Connor. – E a verdade é que só pensei em chegar até Iona e levar Branna o mais rápido possível. Então você tem razão, eu errei.

– Você poderia ter feito mais do que fizemos? – Branna perguntou para Fin.

– Não temos como saber, temos? Mas vocês têm que decidir, todos vocês, se eu farei parte disso ou se me deixarão de fora.

Em vez de responder, Branna mudou sua abordagem:

– Você pode ler a mente dele? Sentir os pensamentos dele?

– Não, não posso. Ele me bloqueou. Sabe que escolhi meu lado. É claro que acredita que isso ainda pode ser revertido e tentará me puxar para o dele. Em sonhos e devaneios.

– Você não o bloqueia.

Fin conteve um palavrão.

– Tenho uma vida para tocar, não tenho? Outros pensamentos em minha cabeça. Ele só tem um único objetivo em toda a sua existência, ao passo que eu tenho mais do que isso. E, se eu o bloquear totalmente, se pudesse fazer isso, então não haveria nenhuma chance de descobrir algo que poderia nos ajudar a acabar com ele. Se vocês

não acreditam que é isso que eu quero, ver até mesmo a lembrança dele destruída, não tenho mais como convencê-los.

– Eu não duvido disso. Não. – Branna se levantou para ir mexer a sopa. – Ela precisa do cavalo. Iona precisa do seu guia.

O rosto de Fin revelou pura frustração.

– Alastar é dela desde que o vi pela primeira vez. Vocês não têm lugar para ele aqui, por isso está comigo e com Boyle. Se não acredita nisso, amanhã mesmo assinarei os papéis o transferindo para Iona.

– Não! – Chocada, Iona se levantou. – Isso não está certo.

– Também não foi isso que eu quis dizer. É você que tem que dizer a Iona que Alastar é dela. Você e Boyle, porque vocês os trouxeram para cá e o estão guardando para ela. Eu só fui sincera.

– Mesmo sem nenhuma magia envolvida, o cavalo passou a ser dela no minuto em que puseram os olhos um no outro. – Boyle ergueu as mãos e depois as deixou cair. – E Fin tem razão. Aqui vocês não têm o lugar que Alastar precisa. Conversamos sobre isso na noite em que Fin voltou para casa.

– Estou grata a vocês dois. – O tom de Branna se suavizou. – E realmente me desculpem se não pareci estar.

– Eu nunca quis sua gratidão ou suas desculpas – disse-lhe Fin.

– Você as tem, querendo ou não, e pode fazer o que quiser com elas. – Pondo a colher de lado, Branna voltou para a mesa.

Iona, como Fin, continuou em pé.

– Obrigada – disse Iona.

– De nada – disse-lhe Fin.

– E obrigada – disse ela para Boyle. – Já que ele é meu, pagarei por sua alimentação e hospedagem. E ponto final – acrescentou quando Boyle abriu a boca em óbvio protesto. – Nunca tive nada que fosse importante, mas cuido do que me pertence.

– Está certo. Vamos acertar isso.

– Ótimo. Também sei como é ser deixada de fora. Nenhum de vocês sabe como isso é para mim e para Fin. Todos vocês sempre foram parte, ou mesmo o centro, de alguma coisa – acrescentou, olhando para Branna. – Por isso não sabem como é sentir que não é desejado, aceito ou compreendido. Acho que o que existe entre você e Fin é com vocês, é pessoal. Mas há muito mais aqui a considerar. Você disse que sou parte disso, que esta é uma família e que é a minha. Então eu queria dizer que Fin é parte da minha família também.

Em um impulso, ela pegou o vinho e, embora Fin mal tivesse tocado no seu, acrescentou algumas gotas à sua taça.

– Você devia se sentar – disse-lhe.

Ele murmurou alguma coisa em irlandês antes de voltar a seu lugar. E ergueu seu

vinho para beber.

- Fin disse que você pode contar com a afeição e a ajuda dele – disse-lhe Branna.
- Ah. Ele também pode contar comigo, e é por isso que venceremos.
- Você me envergonhou em minha própria casa.
- Ah, Branna, eu não tive a intenção...

– E foi bom que o tenha feito. Eu mereci e isso parece necessário, o mesmo tipo de pensamentos e sentimentos não filtrados que você revelou para Boyle. Ou somos um círculo ou não somos, e um círculo com fissuras é fácil de ser rompido. Então daqui para a frente seremos um círculo. – Ela ergueu sua taça e a estendeu na direção de Fin. Depois de um momento, Fin a tocou com a dele.

– *Sláinte*, saúde. – Connor tocou sua taça na de Fin, na de sua irmã e depois gesticulou com ela ao redor da mesa. – Ou, melhor ainda, que todos os deuses que já existiram nos abençoem e nos ajudem a mandar o desgraçado para o inferno.

- Sou boa nisso. – Um tanto exausta da emoção, Iona se sentou de novo.

Boyle pegou a mão dela por baixo da mesa. Surpresa, Iona o fitou e encontrou o olhar tranquilo e constante dele.

Ela quase sentiu algo transbordar em seu coração, algo repleto de calor, luz e esperança.

– Bem – disse Meara do outro lado da mesa –, agora que já resolvemos tudo isso, o que faremos?

Muitas ideias surgiram, com argumentos contra e a favor. Em algum momento Meara se levantou e, obviamente à vontade, arrumou um prato de biscoitos de água e sal, queijo e azeitonas para tapear a fome enquanto a sopa cozinhava em fogo brando.

– Não estamos prontos para um confronto. – Connor pegou uma azeitona e listou uma série de motivos para se opor à ideia de Fin de um ataque frontal. – Ainda não temos o plano de contingência sólido de que certamente precisaríamos e, além disso, Iona não está bem equipada como precisa estar.

- Não quero ser a culpada por atrasar ninguém.
- Então estude e pratique mais – ordenou Branna.
- Eu não parei a chuva?

Sobrancelhas se ergueram e Boyle apontou para a janela fustigada pela chuva.

- Temporariamente e em uma área limitada. Sou melhor com o fogo.
- Ele a controla mais do que você a ele – corrigiu-a Branna.
- É duro, mas é verdade. Ainda assim, sou melhor com ele. – Iona se concentrou e conseguiu levitar a mesa alguns centímetros e depois, com cuidado, a pousou de novo.
- E estou ficando boa com o ar e fiz as flores na oficina, portanto estou melhorando com a terra. Se eu pudesse tentar alguns feitiços...
- Você não lhe ensinou feitiços? – perguntou Fin.
- Ela mal está começando a lidar com os elementos.

– A cautela é importante, Branna, mas, como você mesma disse, não sabemos de quanto tempo dispomos.

– Pegue mais pesado comigo – implorou Iona. – Pelo menos um pouco.

– Você vai se arrepender de ter pedido isso, mas é o que farei.

– Acho que, se houver esse tipo de assédio em sonhos, todos vocês deveriam anotá-los. – Meara pôs queijo sobre um biscoito e o entregou para Branna. – Assim eles se tornarão mais claros e vocês poderão compará-los. Pode haver alguma coisa neles.

– Isso é sensato – concordou Connor.

– E quanto ao lugar na floresta? – perguntou Iona. – Onde a primeira Bruxa da Noite viveu. Quando poderei vê-lo?

No silêncio que se seguiu, Iona sentiu tensão, fúria e aflição.

– Você não está pronta – disse Branna. – Tem que acreditar em mim.

– Se não estou pronta para ir lá, me diga por quê.

– É um lugar intermediário – disse Fin, com calma, olhando com as sobrancelhas franzidas para seu vinho. – Às vezes é apenas um lugar com ruínas, uma velha cabana e os ecos da vida que existiu lá, do poder exercido lá. Uma lápide onde aquele poder repousa sob a terra. Árvores e silêncio.

– E em outros momentos – continuou Connor –, ele escapa e é solitário. Não é firmemente ligado ao mundo, ao presente. Sem o saber, uma pessoa poderia ser apanhada lá, naquele momento, naquela solidão. E é lá que ele seria capaz de aparecer, mais forte, e se apoderar do que você é.

– Mas vocês vão lá, já foram. Tenho que saber como ir, e como ficar.

– Chegará a hora – prometeu Branna.

– Ele me levou lá em um sonho.

– Acho que não foi ele, mas ela. Teagan. Para lhe mostrar e ainda assim mantê-la segura. Seja paciente, Iona.

– Ele me marcou lá – disse Fin e, depois de suas palavras, houve um momento de silêncio. – Eu sabia da existência de Cabhan, mas não que tinha vindo dele. E ali, em um lugar que tinha sido um tipo de santuário em uma época em que havia alegria e promessas, ele deixou sua marca em mim, e a queimadura pareceu atingir meus ossos. Ele ultrapassou os limites, pairou sobre aquilo tudo e me marcou. Veio na forma de um homem, e pude me ver naquele homem. Ele me disse que me daria mais poder do que eu poderia imaginar, que eu teria mais do que qualquer um poderia sonhar, que eu teria tudo. Que eu tinha o sangue dele e tudo seria meu. Só precisava fazer uma coisa em troca.

– O quê?

– Matar Branna enquanto ela estivesse dormindo ao meu lado. Só isso.

Um arrepio tentou dominar Iona, mas ela o conteve e manteve seu olhar em Fin, calmo e firme.

– Mas você não fez isso.

– Eu teria matado Cabhan, se soubesse como. Um dia saberei e o matarei para sempre. Ou morrerei tentando. Então é melhor você esperar um pouco mais antes de a levamos lá. E, quando chegar a hora, todos nós a acompanharemos. Não vou desistir dessa posição, Branna. Não vou ficar de fora.

– Quando chegar a hora – concordou Branna. – Por enquanto, vamos esperar e observar. Aprender e planejar.

– E conversar mais do que temos feito – acrescentou Connor. – Isso nos fortalecerá.

– Tem razão. Não vamos deixar ninguém de fora. – Branna tocou brevemente o braço de Fin. – Eu estava errada. Que tal Fin e Connor usarem seus falcões para patrulhar, se esse for o termo, a floresta? Temos Meara e Iona conduzindo cavalgadas quase todos os dias, com os olhos e ouvidos abertos. Boyle, como você trará Iona para casa, prepararei um feitiço para sua proteção.

– Farei isso – disse-lhe Fin.

– Certo. Eu trabalharei com Iona e pode ser que, vez por outra, peça a ajuda de todos vocês. Se sonharmos, vamos anotar os sonhos em todos os detalhes.

– Chegará uma hora em que será preciso mais do que nos protegermos – disse Boyle.

– Sei disso. O que não sei é o que nos vai ser exigido, e como fazê-lo.

– Está na hora de descobrirmos.

Branna assentiu.

– Esperamos descobrir, com todos nós vigiando. Dito isso, temos vidas para tocar. Podem pôr a mesa enquanto dou uma olhada na sopa.

– E eu digo que devemos vivê-las bem. – Connor ergueu a irmã do chão e a beijou. – Porque isso sem dúvida será um chute no maldito traseiro dele.

– Então está certo. Ponha uma música para tocar, Connor, e comecemos a viver bem agora mesmo.

Deixaram a incerteza de lado por ora. Connor e Meara discutiram sobre a música até ele escolher um tipo de giga rápida com muitos violinos e tambores e puxá-la para uma dança.

– Uau! – foi a reação de Iona. – Eles são bons mesmo.

– Ambos têm asas nos pés. – Boyle pegou as tigelas que Iona segurava e as pôs ao redor da mesa. – Sempre tiveram.

– Você sabe dançar isso?

– Não tenho asas nos pés, mas tampouco tenho chumbo.

– Então convide a dama para dançar, seu bobo. – Fin pôs guardanapos na mesa.

Iona apenas balançou a cabeça.

– Não sei dançar isso.

– Então já passou da hora de aprender – proclamou Connor e, pegando a mão dela,

a puxou para dançar.

- Você é lento, irmão – murmurou Fin para Boyle.
- Eu me movo no ritmo adequado para mim.
- Lento – repetiu Fin. – Como um caracol nas costas de uma tartaruga.

Mas Boyle se limitou a dar de ombros. Gostou de observar Iona tentar acompanhar os pés rápidos e hábeis de Connor. Mais do que isso, gostou do modo como ela ria ao girar.

E quem poderia se opor ao riso, pensou enquanto Fin girava Meara em três círculos rápidos e, ao fogão, Branna batia palmas ao ritmo da música.

A luz e as risadas eram agradáveis, necessárias. Então ele desfrutaria daquilo.

À luz brilhante da cozinha, com os cheiros quentes, a música rápida e as risadas, nem Boyle nem qualquer um dos outros viram a sombra que, do lado de fora da janela salpicada de chuva, os observava. E os odiava.

COM A REFEIÇÃO TERMINADA, A COZINHA ORGANIZADA E FICANDO TARDE, Boyle se preparou para ir embora.

– Vamos levar você em casa, Meara. Estou com minha picape. Branna, eu queria lhe perguntar se você tem aquele tônico para congestão nasal. Mick está espirrando e fungando há dois dias e estou pensando em despejar um pouco pela garganta dele.

– Tenho, é claro. – Ela começou a se levantar.

– Vou buscar – disse Iona. – No frasco azul nas prateleiras mais perto da janela da frente.

– Isso mesmo. Você pode me pagar aqui ou na loja, Boyle, no fim do mês.

– Certo, e obrigado pelo jantar. Encontro você e Meara lá na frente – disse ele para Fin.

Boyle foi para os fundos com Iona e virou na direção da oficina. Ela acendeu as luzes.

– Tenho tentado ter uma boa noção do estoque de Branna e do que ela mantém aqui e vende na vila. Ela ainda não me deixa fazer nada, não sem supervisão, mas pelo menos estou aprendendo um pouco.

Iona pegou o frasco, claramente marcado com o rótulo de Bruxa da Noite.

– Espero que isto ajude Mick. Ele tem se sentido péssimo nos últimos dias.

– Não se sentiria tão mal se tivesse tomado seu remédio antes.

– Acho que engolir poções de bruxas deixa algumas pessoas nervosas.

– Mick engolirá esta nem que eu precise tapar o nariz dele. – Boyle enfiou o frasco em seu bolso. – Eu queria dizer, enquanto ainda tenho chance, que o modo como você defendeu Fin foi importante.

– Ser excluído dói tanto quanto ser culpado pelo que você é. Entendo os sentimentos de Branna, mas meus instintos me dizem para confiar nele, e sempre me dou mal

quando não sigo meus instintos. Às vezes também me dou mal quando os sigo.

– Falar abertamente, como você fez, foi importante. Então... – Ele se remexeu. – Vamos sair para jantar qualquer hora dessas.

– Hein? – O coração de Iona sorriu como um idiota, mas ela fez o possível para manter seu sorriso polido. – Está bem.

– Prefiro ser eu a convidá-la. Mesmo que isso seja antiquado.

– Bom saber. Minha agenda está bastante vazia.

– Então marcaremos alguma coisa. Vejo você de manhã.

Ele começou a se afastar e, quando estava passando pela porta, virou-se.

Dessa vez Iona estava pronta para ser agarrada e o puxou de volta para dentro.

Ela adorava o modo como Boyle a erguia nas pontas dos pés. Isso não a fazia se sentir pequena. Fazia com que se sentisse desejada. A relutância só o tornava mais sexy. Tudo no beijo, o calor dos lábios de Boyle, o forte aperto das mãos dele, a fazia se sentir irresistível.

E essa era uma sensação inebriante, uma emoção forte.

Boyle continuava indo muito devagar com ela. Ele havia ensinado a si mesmo a se controlar, aprendido a equilibrar – na maioria das vezes – calor e irritação com calma e passos lógicos.

Contudo, lá estava ele de novo, abraçando-a e sendo abraçado por Iona. E a verdade era que ele só queria afundar nela, estar ali, e absorver toda aquela doçura natural e aquela energia vibrante.

E quis suas mãos em todas aquelas belas curvas e depressões, a boca naquela pele. Naquele pequeno corpo surpreendentemente forte se movendo sob o dele.

Quando Boyle ia se afastar, Iona se agarrou a ele por mais um instante e ele quase cedeu.

– Bem, então... – conseguiu dizer, pondo as mãos de novo dos lados de seu corpo. Depois, mais seguro ainda, em seus bolsos.

Ela apenas ficou lá, seus belos olhos pesados, seus lábios curvados e muito macios. Tão macios que ele desejou...

– Você poderia voltar depois de levar Meara em casa. Levar Fin e voltar. Então poderia me levar para o trabalho de manhã.

– Eu... – Aquela ideia, uma noite com ela, fez todas as necessidades dentro dele ameaçarem transbordar. – Acho que com Branna e Connor isso seria, no mínimo, embaraçoso. É ir rápido demais.

– Você quer jantar primeiro. – O sorriso dela se ampliou quando viu claramente que Boyle não entendera a piada. – Está bem. Acho que é mais simples ser clara. Quando não for embaraçoso ou rápido demais, quero estar com você. Não que eu não leve o sexo a sério, eu levo.

– Você é um quebra-cabeça, Iona. Eu gostaria de conhecê-la melhor.

– Isso é gentil. Creio que eu nunca fui um quebra-cabeça para ninguém. Acho que gosto disso. – Ela ficou nas pontas dos pés de novo e roçou levemente seus lábios nos dele. – Vou ajudá-lo a encaixar algumas das peças, se puder.

– Farei isso em meu próprio tempo. Até amanhã então.

– Está bem. Boa noite.

Iona trancou a porta depois que ele saiu e, através da chuva, o observou ir para a picafe. E fez uma breve dancinha enquanto via os faróis se moverem rapidamente e depois se afastarem na escuridão.

Ela o intrigava e isso era maravilhoso. Iona Sheehan, a mulher incapaz de esconder seus sentimentos e que com frequência verbalizava seus pensamentos antes de eles estarem totalmente formados, intrigava Boyle McGrath.

Pense no poder. Pense na maravilha.

O prazer disso a fez sair da oficina e entrar na cozinha, onde atirou seus braços ao redor de Branna para fazê-la se virar.

– Bem, estou vendo que ficar de agarramento com Boyle lhe causou uma boa explosão de energia.

– Foi bom mesmo. Boyle me convidou para sair, mas no estilo dele. “Vamos sair para jantar qualquer hora dessas.”

– Meu Deus! – Branna arregalou os olhos e pôs a mão em seu coração. – Isso é quase um pedido de casamento.

Feliz demais para ser desencorajada, Iona riu.

– É um grande avanço para quem ficava resmungando para mim. Ele acha que sou um quebra-cabeça, dá para acreditar? Quero dizer, quem me acharia intrigante? Sou uma pessoa muito simples.

– Você acha?

– Certamente não escondo meus sentimentos. Vou tomar um pouco de chá. Você também quer? Deus, estou louca por ele.

– Ainda é cedo para estar louca, não é?

– Não entendo isso, nunca entendi. – Iona pôs a chaleira no fogo e contemplou a coleção de chás caseiros de Branna. – Você não sabe quando está? Cinco minutos, cinco anos, como isso muda o que você sabe? Eu queria saber com o cara com que namorava antes. Tentei saber. Gostava dele e me sentia confortável com ele. Disse a mim mesma que era preciso dar mais tempo. Mas o tempo não mudou nada. Para nenhum de nós.

Branna pensou no que Connor dissera.

– Você quer dar e receber amor.

– Isso é tudo o que mais quero. Sempre quis. Vou usar sua mistura de lavanda, não só porque tem um cheiro maravilhoso, mas porque é para relaxamento. – Ela olhou de relance para trás. – Para uma noite tranquila. Estou tão agitada que preciso me acalmar para ter uma. Certo?

– É uma boa escolha e, sim, você está aprendendo. O que me leva a isto: está um pouco tarde, mas acho que dispomos de mais uma hora. Faremos um feitiço. Algo muito, muito simples – disse ela enquanto o rosto de Iona explodia de alegria. – Como pôr o dedo do pé na água.

– Prefiro pular nela com os dois pés, mas vou pôr só o dedo. Obrigada, Branna.

– Agradeça-me daqui a uma hora, e se conseguir fazer o feitiço direito. Aqui.

– Uma vassoura. Vou voar nela?

– Não. Vai aprender um feitiço de proteção e, com isso, aprenderá a varrer as energias negativas, os resquícios das forças da escuridão, e manter as fortes e positivas. Nosso lar sempre deve ser protegido. Esta é a primeira coisa que você deveria aprender, e eu deveria ter lhe ensinado antes.

Iona pegou a vassoura.

– Ensine-me agora.

ELA DORMIU PROFUNDAMENTE E SEM SONHOS. E ENFRENTOU O DIA – DE chuva, mais fraca e fina – com entusiasmo. Chegando à cozinha antes de seus primos, fez o café e pensou em tentar preparar um café da manhã para três. Seus talentos podiam ser limitados, mas achava que seria capaz de fazer ovos mexidos. E, se pusesse presunto e queijo neles, se tornariam uma espécie de omelete de mulher preguiçosa.

Organização, disse para si mesma. Primeiro separar os ingredientes e utensílios. Ela pegou uma frigideira, uma tigela para misturar e bater os ovos, um ralador de queijo e uma faca e tábua para o presunto.

Até agora, tudo bem.

Ovos, presunto, queijo da geladeira – ah, a manteiga para a frigideira.

Quebre os ovos na tigela, instruiu a si mesma, e depois abra o armário debaixo da pia para jogar as cascas na lata que Branna usa para fazer composto orgânico. Então notou o lixo da noite anterior, que haviam se esquecido de tirar.

Decidida a ser organizada, retirou o saco, o amarrou e o levou para a porta a fim de colocá-lo lá fora, na lata grande.

A centímetros da pequena escada na entrada havia uma pilha de ratos mortos. Negros como a noite, cobertos de sangue coagulado e dispostos em um círculo de terra queimada.

O saco escorregou da mão de Iona e caiu na escada, fazendo barulho. A repulsa a fez querer entrar de novo, fechar e trancar a porta. Sua mão tremia quando a estendeu para a maçaneta.

Não posso correr, lembrou a si mesma. Não posso me esconder. Deve haver uma pá no galpão do jardim, pensou. Só tinha que pegá-la, cavar um buraco e enterrar a nojeira. Salpicar sal no chão.

Começou a dar um passo para o lado evitando pisar no horrível círculo.

– Então, vai entrar ou sair?

A voz sonolenta de Connor atrás dela a fez pular, mal contendo um grito.

– Eu não quis assustá-la. Esse café da manhã vai ficar pronto ou não? Ei, vou levar isso para fora quando sairmos para o trabalho, depois...

Ele se aproximou para pegar o saco e parou ao ver os ratos.

– Então ele nos enviou um presente. – A voz alegre e sonolenta se tornou dura. Ele estendeu firmemente a mão para pegar o braço de Iona e a puxar de volta para o calor e conforto da casa. – Vou cuidar disso.

– Era o que eu ia fazer. Pegar uma pá no galpão.

– É para isso que servem os primos grandes e fortes. – Ele lhe deu um leve beijo na testa.

– Para que exatamente eles servem além de cantar no chuveiro como se estivessem num maldito programa de calouros? – A irritação de Branna desapareceu quando ela deu uma boa olhada no rosto de Iona e depois no do irmão. – O que foi?

– Veja você mesma. – Ele voltou para a porta e a abriu.

– Ele é audacioso – disse Branna em tom frio. – Deixar uma coisa dessas na nossa entrada.

– Eu não fiz o feitiço direito. O feitiço de proteção da noite passada. Eu...

– Essa nojeira está *na* casa? – perguntou Branna. – Eles estão vivendo e correndo aqui?

– Não.

– Então fez direito. Você acha que ele ia querê-los mortos do lado de fora se pudesse fazê-los entrar e caminhar por cima de nós?

A imagem fez Iona estremecer.

– Não. Bem pensado. – Ela deu um longo suspiro, como se ao menos a culpa tivesse desaparecido. – Eu ia enterrá-los.

– Não. Nós não os enterraremos, não imediatamente. Nós os queimaremos. – Branna se virou para Iona. – Todos nós, mas o primeiro fogo será seu. Forte, branco e quente.

Branna pegou a mão de Iona e saiu, com Connor atrás delas.

– Diga as palavras que eu disser e então envie o fogo. “Luz para a escuridão, invoco seu poder. No fedor do mal meu fogo cairá. Destrua essa ameaça a mim e aos meus. Como eu farei. Que assim seja.” Diga isso – ordenou Branna. – Sinta. Faça.

Iona repetiu as palavras, sua voz e raiva se tornando mais fortes. E, ao fim delas, seu poder era pleno e claro.

Chamas surgiram no centro do círculo e se espalharam.

– De novo – disse-lhe Branna, enquanto ela e Connor se juntavam a Iona repetindo as palavras.

Fogo branco como um relâmpago ardeu. Quando abaixou, só restavam cinzas pretas.

– Vamos enterrar as cinzas? – O corpo de Iona formigava, como se ela tivesse levado um choque. Até mesmo seu sangue estava quente.

– Sim.

– E salgar a terra.

– Eu faria melhor, mas isso também vai servir. Pegue a pá de lixo e a vassoura – disse Branna para Iona. – E Connor, pegue a pá para cavar. Tenho um lugar para isso.

Ela esperou por um momento enquanto eles se afastavam para obedecer.

– Ah, sim, o lugar certo para isso.

Branna os levou até o canto dianteiro oposto da oficina.

– Aqui? – Iona olhou para ela. – Tão perto de casa, de onde você trabalha. Eu não...

– Ela tem um plano, sabe o que faz. – E, confiando nisso, Connor enfiou a pá no chão amolecido pela chuva. – Justamente o que eu queria fazer esta manhã. Cavar um buraco para cinzas de ratos na maldita chuva.

– Posso ajudar nisso. – Lembrando-se de sua lição da véspera, Iona afastou a chuva para os três ficarem secos e quentes.

– Muito bem. – Branna sacudiu seus cabelos molhados e pôs as mãos nos quadris enquanto Connor cavava. – Isso será suficiente. Jogue-os dentro, Iona. Nós três participamos disso e por esse motivo o trabalho é mais forte.

– Então você pode cobri-los de terra – sugeriu Connor quando Iona jogou as cinzas pretas dentro do buraco.

– Vocês estão fazendo um ótimo trabalho e, quando terminarem, tenho o meu para fazer.

– Ele está observando – disse Connor em voz baixa enquanto cobria o buraco de terra. – Posso sentir isso.

– Achei que poderia estar. Melhor ainda. Agora é comigo.

Com suas calças de flanela, os pés descalços e os cabelos molhados da chuva, Branna ergueu as mãos, com as palmas viradas para cima.

– Fogo branco para purificar, poder da luz para embelezar. Das garras escuras de Cabhan eu as liberto. Que assim seja.

Da terra recém-revirada surgiram flores que se abriram e se espalharam. Um arco-íris de cores fortes brilhou na manhã escura, suas formas bonitas dançando à brisa suave.

– É lindo. Brilhante. – Iona juntou as mãos enquanto a desafiadora paleta reluzia. – Você é brilhante.

Assentindo, Branna afastou seus cabelos para trás.

– Não posso dizer que discordo.

– E aí está: flores perfumadas enfiadas no traseiro dele. – Connor pôs a pá em seu ombro. – Estou com fome.

Radiante, Iona enganchou seus braços nos dos primos.

- Vou preparar o café da manhã.
- Deus nos ajude, mas estou com fome suficiente para correr esse risco.

Branna voltou com eles, olhando para trás uma vez. Bem no traseiro, pensou.



IONA GOSTOU DA NOVA ROTINA. CAMINHAR COM CONNOR DE MANHÃ, guiar cavalgadas montada em Alastar, instruir alguns alunos e voltar para casa com Boyle, a pé ou de carro.

Os fins de tarde significavam trabalhar e praticar, e uma hora extra à noite para aperfeiçoar suas habilidades.

O sol saiu de novo, fazendo o rio cintilar. Os lagos se tornaram espelhos reluzentes, e o verde dos campos e das colinas se acentuava com seu brilho através da neblina e das camadas de nuvens que passavam pelo céu.

Ela quase podia se esquecer de tudo que a esperava, o que ainda teria que enfrentar. Afinal de contas, estava vivendo um romance.

Não um que incluísse flores e poesia, que seu lado romântico teria apreciado. Mas quando seu coração ansiava por um homem como Boyle, era preciso aprender a encontrar poesia em breves palavras e longos silêncios, e flores em uma caneca de chá posta inesperadamente em suas mãos ou num rápido balançar de cabeça em sinal de aprovação.

E quem precisa de flores quando um homem a faz perder o fôlego com um beijo? E Boyle sempre fazia isso nas sombras verdes da floresta ou na cabine bagunçada de sua picafe.

Romance, um lar, um salário fixo, um cavalo magnífico que podia chamar de seu e a nova e esplêndida compreensão de sua arte. Se não fosse a ameaça de um demônio antigo, sua vida seria perfeita.

Ela terminou a lição com Sarah, ambas felizes com o progresso.

– Seu estilo está melhorando. Vamos trabalhar mais para suavizar a troca de mãos.
– Quando poderemos acrescentar outra barra? Eu estou pronta, Iona, sei que estou.
– Vamos ver como se sairá na próxima aula. – Vendo os olhos suplicantes de Sarah, Iona acariciou o pescoço de seu cavalo e lembrou-se de si mesma naquela idade. – Vou lhe dizer uma coisa: uma barra e um salto antes de você levar Winnie para dentro e cuidar dela.

– Sério? Ah, obrigada! Obrigada! Isso é ótimo.

– Uma barra e um salto – repetiu Iona, e olhou para a mãe de Sarah enquanto

começava a se dirigir às barras. Ergueu uma e a pôs no lugar.

Apenas 91 centímetros, pensou. Acreditava que sua aluna seria capaz de vencer esse obstáculo. Se não fosse, a égua seria.

Então olhou para Winnie.

Ela quer voar, quer sentir você voar com ela. Mantenha a calma.

Iona deu um passo para trás e notou que a mãe de Sarah torcera as extremidades do cachecol que usava ao redor do pescoço.

– Tudo bem, Sarah. É só uma barra, mas você tem que deixar Winnie saber que vocês estão nisso juntas. Confie nela e faça com que ela entenda que pode confiar em você. Olhos abertos, mantenha um ritmo bom e constante e não se esqueça do estilo.

Iona sabia que o coração da menina estava acelerado. Com muita excitação e um pouco de nervosismo. Ainda era um curso de iniciante, mesmo com a barra adicional, mas representava um novo desafio, uma nova esperança.

– Muito bem – gritou Iona descrevendo um círculo enquanto Sarah conduzia Winnie ao redor da pista. – Postura, Sarah, mãos leves. Vocês duas sabem o que fazer.

Posicionem-se, pensou ela, firme e calmamente. Concentrem-se. E vão.

Ela própria se ergueu um pouco enquanto observava a aluna ganhar altura sobre a barra, pousar bem, ajustar. E depois erguer uma das mãos acima da cabeça em triunfo.

– Ah, isso é mágico! Posso fazer de novo, Iona? Só mais uma vez.

– Mais uma vez e depois Winnie precisa ser massageada.

Dessa vez ela observou com um olhar crítico, notando pequenas coisas em que haviam trabalhado.

– Acho que eu poderia fazer isso para sempre, e saltar o dobro da altura.

– Uma barra de cada vez – disse-lhe Iona.

– Você viu, mãe? Você me viu?

– Vi. Você estava linda. Agora vá cuidar da égua e depois vamos para casa contar ao seu pai. Posso dar uma palavrinha com você? – perguntou a Iona.

– Claro. Vou entrar logo, Sarah. E diga a Mooney que Winnie merece uma maçã.

– Eu quase fiz você parar – disse a Sra. Hannigan para Iona. – Quase gritei “não, ainda não”. Só conseguia imaginar Sarah saltando e caindo no chão com um membro quebrado.

– É difícil deixá-la ultrapassar novos limites.

– Ah, é mesmo, e quando tiver filhos você sentirá isso. Mas no fundo eu sabia que não a deixaria fazer algo para o qual não estivesse pronta. Ela está se saindo muito bem, e está muito feliz com você. Queria que soubesse disso.

– É um prazer dar aulas para Sarah.

– Acho que isso é visível em vocês duas. Tirei uma foto com meu celular quando Sarah saltou. – Ela pegou o telefone e mostrou a tela para Iona. – Acho que minha mão tremeu, por isso está um pouco borrada, mas eu sabia que você ia querer ter esse

momento registrado.

Iona estudou a tela, o voo – a jovem garota nas costas da égua robusta, a barra e o ar sob elas. Ela tocou levemente na tela e depois a virou para a Sra. Hannigan de novo.

– A foto está maravilhosa, clara e nítida. Dá para ver a alegria e a concentração no rosto de Sarah.

Com os lábios apertados, a Sra. Hannigan estudou a foto de novo e então seus lábios se curvaram.

– Ah, está boa. Eu devia estar com a vista enevoada quando olhei pela primeira vez.

– Venha em todas as aulas. – A mãe não tinha ido a todas, lembrou-se Iona. – Acho que saber que está aqui para ela e que a apoia faz com que Sarah se esforce para se sair melhor.

– É claro que sim. Sou a mãe dela. E vou telefonar para o pai dela agora e pedir que ele compre sorvete de morango. É o favorito de Sarah. Vamos fazer uma pequena comemoração depois do jantar. Não vou atrasar você, mas queria lhe agradecer por aumentar a confiança dela e a minha. Eles têm sorte de você estar aqui.

Iona não teve certeza de que seus pés tocavam o chão durante todo o caminho até os estábulos. Parou quando seus olhos se ajustaram à mudança de luz e avistou Boyle.

– Eu não sabia que você estava aqui.

– Acabei de chegar e fiquei sabendo das novidades de Sarah. Ela está nas nuvens.

– Nós duas estamos. Gostaria que você a tivesse visto. É melhor eu me certificar de que ela está cuidando de Winnie.

– Ela está, e bem, porque agora está totalmente apaixonada. E Mooney está de olho nela. Achei que você poderia querer sair com Alastar. Vou dar uma volta com Querida, só para ver como ela se sai. Alastar seria uma boa companhia para ela. E você para mim – acrescentou Boyle depois de um momento.

– Eu adoraria, mas ainda falta meia hora para meu expediente terminar.

– Você ajudará a exercitar os cavalos, então pode considerar que ainda estará trabalhando, se isso a deixa com a consciência mais tranquila.

– Sim.

Na verdade, ela não podia pensar em um modo melhor de terminar o dia de trabalho do que cavalgando com o homem que fazia seu coração pular.

Ela observou Querida enquanto Boyle a montava e viu os flancos da égua tremerem e a expressão nos olhos do animal.

– Ela está nervosa.

– Posso sentir isso. – A fim de acalmá-la, Boyle se inclinou, murmurando para ela e a acariciando.

– Você sabe por quê?

– Ela está carregando mais peso do que está acostumada e não tem um cavaleiro nas costas há semanas.

– Não é isso. – Iona virou Alastar para que Boyle e Querida ficassem ao seu lado. – Ela confia em você e o ama. Está nervosa porque teme não se sair bem e que você não queira montá-la de novo.

– Então ela é uma boba. É um ótimo dia para uma cavalgada. Iremos para o lago e daremos uma volta por lá se estiver tudo bem para você.

– Está mais do que bem.

– Diga-me se ela sentir dor e eu não notar.

– Eu direi, mas ela está se sentindo muito forte. Querida gosta da aparência de Alastar – acrescentou em voz baixa. – Acha que ele é muito bonito.

– Ele é.

– Ele finge não notá-la, mas está se exibindo um pouco para ela.

– Você está inventando um romance para os cavalos?

– Sei que ele é para Aine, mas um garanhão como Alastar foi feito para reproduzir e Querida foi feita para procriar. Além disso, não preciso inventar nada. É só prestar atenção para saber que eles gostam da aparência um do outro.

– Eu não havia pensado em destiná-la à procriação.

– Aine produzirá os majestosos e magníficos. Querida, os doces e confiáveis. É a minha opinião – acrescentou Iona.

– Bem, Alastar é seu, portanto a decisão será sua.

– Acho que será mais dele e das éguas. Estamos quase na primavera. – Ela ergueu o rosto e olhou para o céu por entre os galhos. – Dá para sentir que está chegando.

– Ainda está frio como fevereiro.

– Pode ser, mas está chegando. O ar está mais suave.

– Isso pode ser chuva para esta noite.

Iona riu.

– Vi duas pegas flertando ao lado do alimentador de Branna esta manhã.

– E como as pegas flertam?

– Elas se aproximam voando e se afastam, se aproximam e se afastam, e depois conversam uma com a outra e fazem isso de novo. Perguntei a Connor por que os falcões não vão atrás delas, e ele disse que eles têm um acordo. Gostei disso.

Eles seguiram em fila quando o caminho se estreitou e serpenteou perto do rio, onde a água batia debaixo de uma ponte de corda partida.

– Algum dia vão consertar isso? – perguntou Iona.

– Duvido, porque as pessoas seriam tolas o suficiente para atravessá-la e acabar caindo no rio. Você seria uma delas.

– Quem disse que eu cairia? E, se caísse, nado muito bem. – Como gostava de flertar, ela lhe lançou um longo olhar por sob os cílios. – Você nada?

– Eu moro em um istmo em uma ilha. Seria um idiota se não nadasse bem.

– Vamos dar um mergulho qualquer hora dessas.

Ela relanceou os olhos para trás de novo e se lembrou da primeira vez que o vira, de como Boyle parecera impressionante e irresistível – o homem grande e forte no cavalo grande e forte.

Mas percebeu que ele parecia ainda mais impressionante agora, montado na égua a quem restituíra a saúde, as mãos leves nas rédeas, os olhos do animal brilhando de orgulho.

– Ela não está mais nervosa.

– Sei disso. Está ótima e se saindo bem. – Ele foi para o lado de Iona quando o caminho permitiu.

– Falei com minha avó na noite passada – começou Iona. – Não me contentava mais com e-mails, queria ouvir a voz dela. Ela mandou lembranças para você.

– E as minhas para ela.

– Ela está planejando passar algumas semanas aqui neste verão ou outono. Quero que venha, mas ao mesmo tempo...

– Você se preocupa com a possibilidade de ainda termos que enfrentar batalhas. Você quer que ela fique segura.

– Ela é tudo para mim. Eu pensei que... eu falo demais.

– Sem dúvida, mas também fala a verdade.

– É que a mãe de Sarah assiste a quase todas as aulas dela e o pai vem duas vezes por semana. Minha mãe me deixava na aula e na maioria das vezes eu ia e voltava de carona com um dos outros alunos. Meu pai nunca foi. Nem uma vez sequer. E quase nunca foi a uma competição. Mas Vovó ia sempre que podia. Às vezes simplesmente aparecia e eu nem sabia que ela planejava ir. Ela pagou as aulas e as taxas de inscrição nos torneios. Eu nunca soube disso até um dia estar com ela e ouvir uma mensagem em sua secretária eletrônica sobre a renovação do contrato com os estábulos.

– Ela lhe deu o que você amava.

– Quero que ela se orgulhe de mim. Acho que isso é muito parecido com o que acontece com Querida. Quero me sair bem, para que ela veja que não desperdiçou seu tempo e seu esforço.

– Então você também é uma boba.

– Eu sei. Mas não consigo evitar.

Iona olhou por cima do lago para a elevação elegante do castelo, seus jardins ainda mostrando os últimos sinais do inverno. Pessoas andavam ao redor para ver e experimentar o que quer que as tivesse feito viajar para lá.

Ela percebeu que isso era como a foto de Sarah, um momento que queria registrar. Então, enquanto cavalgavam pela margem do rio, se esqueceu de todo o resto e seguiu o exemplo de Boyle.

Ficou em silêncio.

– Deveríamos começar a voltar – disse ele por fim. – Não quero deixá-la muito

cansada.

- E Branna está me esperando para a *minha* aula.
- E então, está se saindo bem o suficiente?
- Sim. Branna pode ter algumas ressalvas, mas acho que estou indo... muito bem.

Com um sorriso, Iona relanceou os olhos para ele e o viu olhando de cara feia para além dela.

– O que foi?

– Nada. Eu estava... notando aquele chalé. Eles têm um ótimo cardápio. Talvez depois de sua aula você queira jantar lá.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Com você?

Boyle ficou ainda mais carrancudo.

– Comigo, é claro. Com quem mais?

– Não há mais ninguém – disse ela. – Eu adoraria. Posso estar pronta às sete ou sete e meia.

– Sete e meia está bom. Vou fazer a reserva e buscá-la.

– Ótimo.

Enquanto eles cavalgavam à luz mais fraca para dentro da floresta, Iona começou a fazer um inventário mental de seu guarda-roupa. O que deveria usar? Nada elegante demais, mas não jeans ou calças. Talvez Branna pudesse ajudá-la, porque suas opções eram limitadas.

Algo simples, mas bonito. Saltos, não botas. Suas pernas eram bonitas. Ela o deslumbraria, pelo menos um pouco, de modo que...

Alastar se assustou; Querida empinou.

E o lobo surgiu no caminho.

Concentrada na segurança dos cavalos, Iona não pensou, apenas agiu. Criou uma linha de fogo entre eles.

– Ele não vai machucá-los. Não vou permitir.

Boyle tirou da bainha em seu cinto uma faca que ela não havia notado.

– Com certeza não.

– Não desmonte! – gritou Iona, prevendo o que aconteceria. – Querida está apavorada. Vai sair em disparada e ele poderia pegá-la. Você tem que segurá-la, Boyle.

– Pegue as rédeas dela, acalme-a e os mantenha em segurança. Vou cuidar disso.

– Se nos separarmos seremos presas mais fáceis. – Era o que ele queria e esperava, podia *sentir* isso. Confie em mim, por favor. Por favor.

Tentando se concentrar, ela murmurou, em voz baixa e firme, um encantamento que aprendera nos livros. Um que ainda não tinha experimentado.

O lobo partiu para a linha de fogo, procurando uma brecha. Com sua arremetida feroz, as chamas diminuíram, baixaram.

Segurando as rédeas em uma das mãos, Iona ergueu a outra.

– Do norte para o sul, do leste para o oeste, traga o vento para participar desta luta. Manifeste o poder, traga o fogo até girar cada vez mais alto. Sobre forte, sobre feroz, sobre selvagem e livre. Que assim seja.

Depois, disse com os dentes cerrados:

– Você pensa que eu não tenho poder. Está errado.

O céu se agitou e Iona ergueu a mão fechada, como se puxando o redemoinho com bordas em chamas que se formou em seus dedos.

Estendeu o braço e enviou uma corrente de vento para o fogo.

Isso fez o lobo voar para cima e ele uivou de raiva. E, como Iona esperava, de medo. O lobo girou, as garras rasgando o ar que o levava para longe.

Iona tentou controlar o que evocara e sentiu o poder crescendo para além dela. Uma árvore estalou e caiu, partida em pedaços.

– Diminua a força. – A voz firme de Boyle chegou ao seu ouvido. – É mais do que você precisa. Diminua mais, Iona, como só você pode fazer. Deixe-o se acalmar. Deixe-o ir.

Uma gota de suor escorreu pelas costas de Iona enquanto ela tentava fazer exatamente o que ele dizia. O rugido do vento começou a diminuir, o incrível redemoinho desacelerava.

– Até acabar, Iona.

– Estou tentando. É muito forte.

– Foi você que fez isso. Você é que é forte.

Ela havia feito aquilo, pensou Iona. Podia controlá-lo. Acabaria com ele.

– Fraco agora – acrescentou. – E suave. Calmo e agradável. Desapareça.

O lobo caiu como uma pedra à leve brisa. Então se ergueu de um pulo, os caninos pingando sangue. A gema vermelha parecia brilhar menos?, perguntou-se Iona.

O lobo saltou para a floresta, deixando para trás uma cortina de fumaça. Depois de um uivo distante, o silêncio recaiu sobre eles.

– Ele pode voltar. – Toda a calma a abandonou enquanto suas mãos tremiam e sua voz falhava. – Pode voltar. Precisamos recolher os cavalos. Preciso me certificar de que os estábulos estão seguros. Ele...

– É o que faremos. Respire um pouco. Você está muito pálida.

– Estou bem. – Debaixo dela, Alastar bateu com o casco no chão. Ele o perseguiria, percebeu. Ansiava por isso. Para acalmá-lo, tinha que se acalmar. – Nós fizemos o suficiente – disse, num tom suave. – Por enquanto basta. Preciso contar para Branna e Connor. Mas os cavalos...

– Agora vamos. Calma.

– Calma. – Ela respirou fundo e pôs a mão no pescoço de Alastar e a estendeu para o de Querida. – Calma – repetiu. – Ele não vai machucá-los. Eu... não sabia que você

tinha uma faca. Realmente grande.

– Pena que não cheguei a usá-la. – Com aqueles olhos dourados duros, ele embainhou a faca de novo. – Mas acho que valeu a pena pelo espetáculo. E você precisa aprender mais sobre isso.

– Com certeza. Isso nem estava no plano de aula.

– O que quer dizer?

– Li em um livro. Acho que se poderia dizer que acrescentei uma barra ao salto. Pareceu que estava na hora.

– Em um livro. Meu Deus!

– Realmente preciso de uma bebida.

– Não é a única.

Iona não disse mais nada. Precisava se acalmar. Precisava contar aos primos. E precisava mesmo se sentar em algo que não se movesse.

Só quando eles estavam quase chegando aos estábulos Iona conseguiu voltar a pensar com clareza, ou quase.

– Querida ficou com muito medo. Por si mesma, mas por você também. Meu fogo também a assustou. Eu gostaria de ter pensado em outra coisa.

– Ela se saiu bem. Quis disparar, mas não o fez. Você pode não saber, mas Alastar? Ele foi uma rocha sob você. Em momento algum, depois daquele primeiro susto, contraiu um músculo sequer. Acho que teria feito qualquer coisa que você lhe pedisse, até mesmo atravessado o fogo e agarrado a fera pelo pescoço.

– Eu não tive que pensar. Não tive que lhe dizer. Ele simplesmente sabia. Preciso telefonar para Branna.

– Vou cuidar disso.

Quando chegaram aos estábulos, Boyle desmontou e foi até ela.

– Desça.

– Não sei se consigo.

– É para isso que estou aqui. – Ele ergueu as mãos, segurou-a e a ajudou a descer. – Sente-se um pouco naquele banco.

– Os cavalos.

– Eles serão bem cuidados, o que você acha? – O tom de impaciência a fez obedecer. E suas pernas trêmulas a levaram até o banco, quase chorando de gratidão ao se sentar.

Quando Boyle veio, ela conseguiu se levantar.

– Preciso de um feitiço de proteção para os estábulos.

– Você acha que Fin já não providenciou isso? – Boyle apenas pegou o braço dela e a puxou. – Fin só vai chegar daqui a algumas horas, mas acho que ele sabe o que fazer em relação a esses assuntos. Branna sabe onde você está. Ela dirá para Connor.

– Para onde eu vou?

– Para a minha casa, onde tomará aquela bebida e ficará sentada mais um pouco.

– Eu preciso mesmo das duas coisas.

Iona subiu a escada com Boyle. Aquelas não eram exatamente as circunstâncias que imaginara do primeiro convite para ir à casa dele, mas o aceitaria.

Boyle abriu a porta de uma varanda estreita.

– Eu não esperava companhia.

Primeiro ela espiou para dentro e depois sorriu.

– Graças a Deus não está tudo limpo e organizado, ou eu me sentiria intimidada. Mas é bonito. – Ela entrou e olhou ao redor.

O lugar cheirava como ele – a cavalos, couro e homem. O aposento, uma combinação de sala de estar e cozinha, deixava entrar a luz do fim da tarde. Havia uma caneca na pia e um jornal aberto sobre o curto balcão que separava a cozinha do restante da casa.

Alguns livros e revistas estavam espalhados ao redor – suspenses, notou ela, e revistas sobre cavalos. Algumas botas jogadas em uma caixa de madeira e um amontoado de casacos velhos em ganchos. Um sofá um pouco afundado no meio, duas cadeiras grandes e, para sua surpresa, uma enorme TV de tela plana na parede.

Boyle notou seu olhar curioso.

– Gosto de assistir aos jogos e coisas desse tipo. Vou lhe servir um uísque.

– Preciso mesmo de um, e de uma cadeira. Fico trêmula depois que tudo acaba.

– Você manteve a calma quando necessário.

– Quase a perdi. – Ela falou enquanto Boyle ia para a cozinha e abria armários. – Você me ajudou a manter o controle.

Como ela estava segura e tudo terminara, ele podia falar sobre o assunto. Ou tentar.

– Você brilhava como uma chama. Seus olhos estavam tão profundos que pareciam capazes de engolir mundos. Você estendeu os braços e puxou uma tempestade do céu. Eu vi.

Ele serviu uísque para ambos, levou os copos para onde ela estava e desabou em uma das cadeiras grandes.

– Convivi com Fin, Connor e Branna durante a maior parte da minha vida. Vi algumas coisas. Mas nunca vi nada assim.

– Eu nunca senti nada assim. Uma tempestade em minha mão. – Ela olhou para a mão e a virou, surpresa em reconhecê-la e achá-la tão comum. – É uma tempestade dentro de mim. Não sei como explicar, mas estava dentro de mim, *enorme* e plena. E absolutamente certa. Eu parti uma árvore, não foi?

Ele a vira se espatifar como vidro frágil, em pedaços e lascas.

– Poderia ter sido muito pior.

– Sim, poderia. Mas preciso de mais aulas, mais prática.

Mais controle, pensou, e mais da famosa concentração de que Branna sempre falava. Então ela olhou para Boyle. O rosto duro e bonito, a sobrancelha com uma cicatriz,

os olhos castanho-amarelados ainda fervendo de irritação.

- Você ia lutar contra ele com suas próprias mãos, usando uma faca.
- Ele sangra, não é?
- Acho que sim. Sim. – Iona deu mais um longo suspiro. – Sangra. Você não estava esperando o que eu fiz ou poderia fazer. Nem eu.
- Acho que ninguém a subestimará de novo. Beba seu uísque. Ainda está pálida.
- Certo. – Ela tomou um gole.
- Acho que esta não é a noite para jantar fora.
- Talvez não. Mas estou morrendo de fome. Acho que isso tem a ver com toda aquela energia gasta.
- Vou preparar algo para você. Acho que tenho algumas costeletas e fritarei batatas.
- Você está cuidando de mim?
- Neste momento, você precisa disso. Beba seu uísque – repetiu ele, e depois foi para a cozinha.

Panelas batendo, uma faca golpeando madeira, óleo chiando. Algo nos sons acalmou os nervos de Iona. Ela bebeu mais uísque, se levantou e foi até onde Boyle estava, ao fogão, fritando costeletas em uma frigideira e batatas em outra.

Iona não sabia ao certo se já comeria costeletas de porco fritas, mas não estava se queixando.

- Posso ajudar. Manter as mãos e a mente ocupadas.
- Tenho alguns tomates ali que a esposa de Mick me deu de sua pequena estufa. Pode fatiá-los.

Iona trabalhou ao lado dele, e se sentiu melhor por isso.

Boyle fez algum tipo de molho de carne com o caldo, acrescentou ervas e depois o despejou sobre as costeletas.

Sentada ao balcão, Iona provou um pedaço.

- É bom.
- O que esperava?
- Eu não tinha a menor ideia, mas é bom. E, nossa, estou com muita fome!

Boyle notou que a cor de Iona voltara enquanto ela comia, e aquele olhar ligeiramente confuso havia desaparecido de seus olhos.

Ela fora de brilhante e ardente a pálida e trêmula num piscar de olhos. Agora estava aliviado em vê-la voltar ao normal. Ser apenas Iona.

- Ele não usou a névoa – disse Iona de repente. – Acabei de perceber que ele apenas... saiu das árvores. Não sei o que isso significa, mas tenho que me lembrar de contar para Branna, Connor e Fin. E a joia, a gema vermelha no pescoço dele. Não estava tão brilhante no fim. Acho que não. Estava?

– Eu não saberia dizer. Estava mais concentrado nos dentes dele e em como você tinha ficado branca. Eu me perguntava se escorregaria da sela.

– Isso nunca vai acontecer. – Iona riu um pouco e fechou sua mão sobre a dele. E ficou parada quando Boyle virou a dele e apertou a sua.

– Você me deixou apavorado. Morrendo de medo.

– Me desculpe.

– Por que está se desculpando? Esse é um hábito irritante.

– Eu... estou tentando mudá-lo.

– Num minuto estou cavalgando tranquilamente com você, pensando “vamos jantar e ver o que acontece”, e, no outro, você está atraindo um maldito redemoinho de vento.

Boyle se levantou e retirou seu prato e o de Iona. O que não era bom, pensou ela, porque bem que comeria mais algumas batatas fritas.

– Se você não quer que eu me desculpe, não grite comigo.

– Não estou gritando com você.

– Quem está então?

– Ninguém. Eu só estou gritando. Um homem pode se expressar como quiser em sua própria casa.

– Ninguém nunca gritou na minha casa.

– O quê? – Ele pareceu surpreso de verdade. – Você foi criada em uma igreja?

Ela riu de novo.

– Talvez, comparada com você. Acho que ninguém se importava o suficiente para gritar. Você se importa, Boyle?

– Eu me importo com você não estar caída lá no chão com a garganta cortada. – Boyle se amaldiçoou quando ela empalideceu. – Agora eu é que peço desculpas. De verdade. Fico com uma língua de demônio quando estou mal-humorado. Me desculpe – repetiu, e segurou gentilmente o rosto de Iona com as mãos. – Você foi tão assustadora. Não sei o que me perturbou mais. O lobo ou você.

– Nós nos saímos bem. Isso significa muito. – Iona pôs as mãos sobre a dele. – E você fez o jantar para mim e deixou que eu me acalmasse antes de extravasar. Isso também significa muito.

– Então estamos bem, pelo menos o suficiente, por enquanto.

Boyle encostou os lábios nos dela, gentil dessa vez. E Iona deslizou as mãos para os pulsos dele e os apertou.

– Agora devo levá-la para casa. – Boyle se afastou, mas Iona não soltou os pulsos dele.

– Não quero que me leve para casa. Quero ficar com você.

– Você ainda está perturbada.

– Eu pareço perturbada?

Ele conseguiu se afastar um passo.

– Talvez eu esteja.

– Não me importo com isso. – Ela se levantou. – Poderia até gostar. Nós vencemos uma batalha, Boyle, juntos. Quero estar com você, abraçá-lo, ir para a cama com você.

– Acho... que o mais sensato é esperar algum tempo, falar sobre isso... antes.

– Pensei que eu é que falasse demais. – Iona deu um passo na direção dele, e depois outro.

– Você fala. Meu Deus, como você fala. Mas acho que, nessas circunstâncias... Falaremos depois – disse ele, e a agarrou.

– Perfeito – disse ela, e o agarrou também.



OS PÉS DE IONA SE ERGUERAM DO CHÃO DE NOVO, E ELA SE SENTIU zonzá com a boca pressionada contra a dele. Boyle agarrava a parte de trás do suéter dela, como se pudesse arrancá-lo a qualquer instante, e Iona teria gostado disso. Se conseguisse, teria tirado o suéter – e todo o resto.

– Nós precisamos... – Independentemente do que Boyle fosse dizer foi interrompido quando a boca de Iona voltou avidamente para a dele.

– Onde fica o quarto? – Tinha que ser perto, caso contrário o sofá deformado seria mais do que adequado.

– É...

Ele tentou pensar apesar da excitação e da falta de clareza em sua mente, mas apenas apertou o traseiro de Iona e lhe deu um impulso. Ela enganchou as pernas ao redor da cintura de Boyle e abraçou-o pelo pescoço.

Tudo balançava e chispava. Iona teve a vaga percepção de um quarto mal iluminado, um pouco de bagunça, alguns objetos que Boyle chutou para longe enquanto a carregava para a cama com dosséis de madeira escura e lençóis brancos frios.

Então ela poderia ter estado em qualquer lugar – na floresta, no oceano, na calçada de uma cidade ou em uma campina. Não havia nada além de Boyle, do peso dele, das mãos grandes a percorrendo, da boca urgente buscando e a tomando. Nada além daqueles lençóis frios ficando cada vez mais quentes enquanto ele tirava seu suéter e o jogava para o lado.

Tudo em Iona era muito pequeno e delicado. Os seios que se encaixavam tão perfeitamente nas palmas das mãos de Boyle, as mãos que mergulhavam sob sua camisa para deslizar por sua pele. Ele não era um homem desajeitado, mas temia ser com ela, e tentou desacelerar, suavizar o ritmo.

Mas Iona arqueou os quadris e enterrou os dedos nos músculos contraídos dele, estimulando-o a continuar.

Boyle a quis nua. Quis aquele corpo pequeno e bonito descoberto para ele, desnudado por suas mãos, sua boca.

Estendeu a mão para a fivela do cinto de Iona. Ela falou, as palavras abafadas pelos

lábios dele.

– O quê? O quê? – perguntou ele, sem entender.

Se ela dissesse pare, ele se mataria.

– Botas. – Ela roçou os lábios no rosto de Boyle e depois mordiscou seu queixo. – Primeiro as botas.

– Botas. Certo.

Já sem fôlego e um pouco desconcertado por isso, Boyle deslizou para baixo, se ajoelhou ao pé da cama e lhe tirou a bota do pé direito. Atirou-a para longe; a bota caiu com um baque. Tirou a do pé esquerdo. Iona se ergueu, agarrou os cabelos dele e o puxou.

– Você parece... Está tudo escuro e só consigo ouvir a chuva começando e meu coração batendo forte.

Ela pontuou as palavras com beijos selvagens. Dessa vez, quando Boyle jogou a bota longe, ela atingiu e quebrou alguma coisa.

– As suas, deixe-me tirar as suas. – Iona se ergueu de novo para tirar as botas dele. – Elas precisam sair, têm que sair. Preciso que fique nu ou ficarei louca.

– Eu estava pensando o mesmo sobre você.

– Que bom. – A risada de Iona, trêmula de nervosismo e excitação, provocou um arrepio na espinha dele. – Mesma página, mesma frequência. – Ela atirou a primeira bota no chão. – Ponha suas mãos em mim, está bem? Em qualquer lugar, todos os lugares. Já quase tirei esta.

Iona não sabia, mas havia realizado seu desejo. Ela o deslumbrara.

– Se eu fizer isso você vai ficar calada?

– Talvez. Provavelmente. Pronto! – Ela tirou a bota e a deixou cair.

E voou para ele.

Quase derrubou os dois da cama, mas Boyle conseguiu abraçá-la e rolar. Mesmo enquanto se deixava afundar no beijo, as mãos de Iona se ocuparam de sua camisa.

– Você tem ombros lindos. Só quero... – Ela arrancou a camisa e depois puxou e tirou a camiseta térmica que estava por baixo.

Iona emitiu um som semelhante ao de uma mulher lambendo chocolate derretido de uma colher enquanto passava as mãos pelos peitorais de Boyle, subia até os ombros e descia para apertar os bíceps dele.

– Você é muito forte.

– Não vou machucá-la.

Iona riu de novo, dessa vez sem nervosismo.

– Não vou prometer o mesmo.

Ágil e rápida, ela pôs o braço para trás e abriu o sutiã.

– Facilitei um pouco para você.

– Estou pronto para a parte difícil. – Ele afastou o sutiã para o lado. – Agora fique

calada, para que eu possa me concentrar.

Um momento depois Iona não conseguia pensar, quanto menos falar. Foi dominada por muitas sensações enquanto as mãos de Boyle a excitavam, agarravam e provocavam. Aquelas mãos rudes de trabalhador e a barba por fazer estimulavam sem parar sua pele trêmula.

Garotos, percebeu ela. Todos que já a haviam tocado eram garotos se comparados a ele. Tudo muito suave, tranquilo, treinado. Agora tinha um homem que a queria.

Ele não perdeu tempo e tirou os jeans de Iona, explorando e saboreando o corpo dela.

Iona invocara o redemoinho na floresta. Agora ele causava um dentro dela igualmente ousado e selvagem.

Ela se entregou, sem timidez ou limites em uma liberalidade de prazeres e necessidades que o excitou além da razão. Seu suspiro ou gemido produziu mais necessidades, as mãos decididas estimulando nervos sobre e sob a pele de Boyle. E sua mão, ávida e incansável, excitou o sangue dele como uma droga.

Louco por ela, Boyle pegou as mãos de Iona e puxou os braços dela para trás, até que segurasse os dorsais da cama.

Quando a penetrou, por um momento pensou que o mundo explodira. A força e o brilho daquela explosão o abalaram e cegaram. E o deixaram totalmente fraco.

Então Iona se ergueu para ele, puxando-o mais para dentro e sussurrando seu nome.

Ele era forte como um deus, estava excitado como um garanhão e também ensandecido.

Investiu contra Iona várias vezes, louco com todo aquele calor, toda aquela suavidade. Ela acompanhou o ritmo frenético de Boyle, os dedos entrelaçados nos dele, os lábios escorregadios como pistões – conduzindo e sendo conduzida.

Ele se sentiu voando – como uma flecha expulsa de um arco – e em pura glória. Ouviu-a dar um gemido enquanto voava com ele.

Boyle desabou, ignorando o peso que jogava sobre ela. Sua mente ainda girava, seus pulmões ainda se esforçavam para respirar. E algo em seu coração acelerado latejava como uma dor.

Iona se agitou por baixo dele, as pernas tremendo e os músculos se contraindo. Queria desesperadamente abraçá-lo, acariciá-lo e esfregar o nariz nele. Mas não tinha forças.

Boyle a exaurira.

Ela só podia ficar deitada ali, banhada em calor, ouvindo a respiração rápida de Boyle e o lento tamborilar da chuva.

– Eu a estou sufocando.

– Talvez.

Os músculos de Boyle tremeram quando ele saiu de cima de Iona e caiu de costas. Nunca havia... se envolvido tanto, concluiu.

O que isso significava?

Iona respirou fundo algumas vezes e depois se curvou para pôr a cabeça no peito dele. Havia nisso uma doçura simples à qual Boyle não pôde resistir, e se viu puxando-a um pouco mais para perto.

– Você está com frio?

– O quê? Geramos calor suficiente para derreter o Ártico. Estou ótima.

– Você é mais forte do que parece.

Iona ergueu a cabeça e sorriu para ele.

– Pequena, mas poderosa.

– Isso eu não posso negar.

Seria fácil, percebeu Boyle, apenas ficarem como estavam, se deixarem levar e dormirem um pouco. Depois se amarem outra vez. E o que significava estar pensando nisso quando mal havia recuperado o fôlego?

Significava, talvez, que o que é fácil é um erro.

– Eu deveria levá-la para casa.

Por um momento Iona ficou calada, a mão que acariciava preguiçosamente o peito dele parou.

– Branna está esperando, eu acho.

– Ah. – Ele sentiu Iona inspirando e expirando. – Tem razão. Ela vai querer saber exatamente o que aconteceu aqui. Eu me esqueci disso por um minuto. Parece algo fora do contexto. Que bom que um de nós é prático.

Iona virou a cabeça, roçou os lábios na pele dele e então se sentou.

Quando Boyle a olhou sob a luz pálida, um brilho na escuridão que se aproximava, desejou puxá-la para perto de novo e apenas abraçá-la.

– É melhor nos vestirmos – disse Iona.

BRANNA ESTAVA ESPERANDO, TENTANDO NÃO ANDAR DE UM LADO PARA outro e se preocupar. *Odiava* ter informações incompletas. Embora Boyle tivesse lhe garantido que ninguém estava ferido e que cuidaria de Iona até ela se acalmar, já haviam se passado duas horas.

Mais do que isso, percebeu.

O pior era que Connor lhe dissera para não ser tão superprotetora e preferira ir ao pub a – nas palavras dele – ter a mente perturbada por toda a agitação dela.

Bom para ele, pensou Branna com certa amargura. Saiu para flertar com mulheres disponíveis e tomar uma ou duas cervejas, deixando que se preocupasse sozinha.

Se Iona não entrasse em dez minutos, ela iria...

– Até que enfim – murmurou quando ouviu a porta da frente se abrir.

Dirigindo-se a eles e já ensaiando um sermão, parou de andar e conteve suas palavras de repreensão no instante em que os viu.

Não era preciso ser bruxa para entender como eles haviam passado uma parte das últimas duas horas.

– Então. – Ela pôs as mãos nos quadris e Kathel foi cumprimentá-los. – Vamos tomar chá enquanto me contam o que aconteceu. Você também – disse para Boyle, antecipando-se à resposta dele. – Quero saber de tudo, portanto nem pense em sair daqui.

– Connor está em casa?

– Não. Foi para o pub flertar com quem puder, por isso você não terá nenhuma cobertura aqui. Vocês já comeram? – perguntou ela, indo para a cozinha.

– Boyle fez o jantar – disse-lhe Iona.

– Fez? – Branna o olhou de esguelha com as sobrancelhas erguidas enquanto punha a chaleira no fogo.

– Fiquei morrendo de fome depois. Tinha ficado com fome depois do feitiço com os ratos, mas dessa vez foi como um caso de vida ou morte.

– Nem sempre será tão forte. Mas você é nova nisso. E agora está parecendo em boas condições e muito bem cuidada. Ah, pare de ficar se remexendo, Boyle. Até um macaco cego poderia perceber que vocês transaram. Não há nenhum problema nisso exceto o fato de eu ter ficado preocupada esperando que viessem falar comigo.

– Eu deveria ter vindo antes, em vez de deixá-la preocupada.

Branna deu de ombros e depois pegou mais leve.

– Se eu tivesse um homem disposto a fazer o jantar para mim e me proporcionar uma boa transa, também teria aceitado. Acredito que ele fez um bom trabalho nos dois casos.

Iona sorriu.

– Excepcional.

Boyle sentiu o calor subir por suas costas como uma febre.

– Vocês se incomodariam de não discutir minha vida sexual, pelo menos enquanto estou sentado aqui?

– Bem, então discutiremos quando não estiver. – Branna serviu o chá de Boyle e depois lhe deu um beijo no alto da cabeça.

– Você comeu? – perguntou Iona para ela.

– Ainda não. Comerei depois de ouvir o que você tem a dizer. Desde o início, Iona. E se ela deixar alguma coisa de fora, Boyle, por menor que seja, corrija-a.

Iona começou, tentando falar com calma todos os detalhes.

Branna segurou a mão dela.

– Está me dizendo que evocou um redemoinho? Como sabia fazer isso?

– Está nos livros. Sei que isso é avançado e arriscado, mas era... não sei por que ou

como, mas eu sabia que era o que precisava fazer. Sabia que conseguiria.

– Por que não me chamou, ou Connor? Ou os dois?

– Foi muito rápido. Quando penso nisso, parece que foram horas, etapa a etapa, mas foi muito rápido. Acho que não demorou mais do que alguns minutos.

– Se tanto – confirmou Boyle.

– Certo, mas teria sido melhor me chamar. E Connor também.

– Ou Fin – interpôs Boyle.

– Não o estou deixando de fora... Ou estou, apenas um pouco – admitiu Branna. – Mas sangue pede sangue, Boyle. Connor, Iona e eu temos o mesmo. E essa é a magia do sangue. Você não ficou com muito medo, Iona. Connor teria sentido isso, como já sentiu. Não ficou com tanto medo quanto antes, sozinha na floresta.

– Fiquei com um pouco, mas não como antes, talvez porque não estivesse sozinha. Só conseguia pensar que ele machucaria Boyle e os cavalos para chegar a mim. Acho que isso me ajudou a me concentrar.

Branna assentiu e mexeu em seus cabelos.

– Vou interrompê-la. Você disse que ele não trouxe a névoa.

– Não.

– Então queria mais pegá-la desprevenida do que deixá-la nervosa. Talvez ele tire algum poder da névoa, e não estivesse tão forte.

– Ele achou que não precisaria estar? – interveio Boyle. – Estava errado. Ela transformou uma árvore em palitos de dente.

– Tive um pouco de dificuldade em manter o controle.

– Invocar um redemoinho sem nenhuma prática? Não estou surpresa e é assombroso ter causado todo esse dano a uma árvore.

– Foi tudo que vi – disse Boyle. – A menos que você conte o desgraçado girando no ar.

– Se eu tivesse conseguido controlar o poder e me concentrar mais poderia tê-lo destruído.

Branna rejeitou isso com um dar de ombros.

– Se fosse assim tão fácil, eu mesma já o teria feito. Você se saiu bem. Agora vá, continue.

Ouvindo e assentindo, Branna não interrompeu de novo. Quando Iona terminou, ela disse:

– Sim, você realmente se saiu bem. Eu diria que foi um grande risco, mas não posso questionar seus instintos. Eles lhe disseram que esse era o modo e você os seguiu. Está bem e segura. Acho que pegou Cabhan desprevenido e isso teve um preço para ele. Você também pode tê-lo machucado um pouco, se a fonte de poder dele, que acho que é a joia, brilhava menos. Como você se sentiu?

– Enorme. Como se todas as células do meu corpo estivessem ardendo. Como se

nada pudesse me deter.

Ao ouvir isso, Branna franziu as sobrancelhas.

– Isso é tão perigoso quanto o lobo.

– Acho que sim. Parte daquela sensação de invencibilidade foi o motivo de eu não conseguir controlar o poder ou começar a perdê-lo e deixá-lo me controlar.

– Você aprendeu uma lição vital. A subjugação ao poder e a sede por mais dele foi o que criou Cabhan.

Iona achou que entendia isso, como a tentação e sedução de tanto poder podia subjugar.

– Boyle me fez ir mais devagar. Ele me ajudou a contê-lo, acalmá-lo e enfim pará-lo.

As sobrancelhas de Branna se ergueram.

– Foi assim? Isso não é pouca coisa, conter uma bruxa que está não só criando um redemoinho como sendo levada por ele. Caso contrário vocês dois poderiam estar em Oz procurando sapatos vermelhos.

– Mas eu seria a bruxa boa.

– Hum. Fico aliviada que nenhum de vocês tenha se ferido. E estou achando que podemos ter um tempo para aparar mais arestas antes de ele investir de novo contra nós. Estou orgulhosa de você – acrescentou Branna, e então se levantou.

Palavras simples ditas de um modo simples, mas que fluíram para dentro de Iona como um bom vinho.

– Obrigada.

– Agora que minha mente está tranquila, tenho uma ou duas coisas para fazer na oficina – continuou Branna. – Vou contar tudo isso para Connor e, como Cabhan veio a você quando estava com Boyle, é melhor também contarmos para Meara. E para Fin – acrescentou antes que Boyle fizesse isso. – Nós nos reuniremos de novo daqui a um ou dois dias, depois que eu tiver... nós tivermos tido tempo para pensar sobre isso tudo.

– Acho que é a coisa certa a fazer – disse Iona. – Somos mais fortes juntos do que separados, não é?

– Espero que sim. Vejo você no café da manhã, Boyle – disse Branna com uma piscadela, e depois os deixou.

– Ah, bem, eu não sei se deveria...

– Deveria. – Iona se levantou e estendeu a mão. – Deveria, sim. Suba comigo, Boyle.

A vontade foi tão forte que ele não conseguiu se conter. Levantou-se, pegou a mão de Iona e subiu a escada com ela.

SOB ORDENS ESTRITAS DE IR DOS ESTÁBULOS DIRETO PARA A OFICINA DE Branna, e com Boyle ocupado em uma reunião com Fin, Iona pediu uma carona para Meara.

– Tenho que comprar um carro. – Ela franziu as sobrancelhas enquanto olhava para a estrada estreita e sinuosa pela qual Meara disparava como se fosse uma rodovia de

seis pistas. – Um carro barato. E confiável.

– Posso espalhar essa notícia.

– Seria bom. Depois vou ter que aprender a dirigir do lado errado da estrada.

– São vocês americanos que dirigem do lado errado e podem apavorar uma pessoa apenas dirigindo para fazer as compras da semana.

– Aposto que sim. Mas por que vocês dirigem do lado esquerdo? Li que tinha algo a ver com ficar com a mão direita livre para a espada, mas já faz muito tempo que as pessoas não precisam lutar montadas em cavalos e usando espadas.

– Nunca se sabe, não é? A maioria não luta montada em cavalos e usando redemoinhos.

– Agora você me pegou. Talvez eu consiga convencer Boyle a me deixar dirigir um pouco amanhã. Ele vai me levar para conhecer alguns lugares. Tenho andado tão enterrada no trabalho e nas aulas que não vi nada fora daqui e da vila.

– Um dia de folga faz bem para a alma. Mas vai ser preciso muita lábia da natureza mais doce e provavelmente promessas de favores sexuais exóticos para convencer Boyle a deixar alguém assumir o volante do carro dele.

– Sou uma boa motorista – insistiu Iona. – Ou era, quando o volante ficava deste lado. E agora todos sabem que estou em posição de oferecer sexo a Boyle?

– Todo mundo que tem olhos para ver. Se eu tivesse tido uma oportunidade hoje, teria arrancado mais de você sobre a história do redemoinho e do sexo. Mas havia muita gente lá.

– Entre – disse Iona quando Meara parou na oficina. – Assim Branna não vai poder me dar mais trabalho imediatamente e poderei lhe contar muitos detalhes.

– Por que é tão interessante saber da vida sexual alheia? Talvez porque assim não sejamos obrigados a pensar nas reviravoltas da nossa – continuou Meara antes de Iona poder pensar em uma resposta. – Eu seria toda ouvidos, mas tenho algumas coisas para fazer na rua. Posso encontrar você no pub mais tarde, a menos que já esteja planejando mais aventuras com Boyle.

– Posso arranjar tempo para uma bebida com uma amiga. Você acredita em reencarnação?

– Essa é uma boa pergunta. – Meara empurrou o boné para trás. – De onde tirou isso?

– Eu estava me perguntando por que algumas conexões parecem tão fáceis, tão naturais, como se já tivessem sido feitas e apenas estivessem sendo restabelecidas. Foi assim com você, com Branna e com Connor. Com Boyle. Até mesmo com Fin.

– Acho que eu não descarto nada. Não se pode descartar quando sua melhor amiga é uma bruxa. Mas acho que grande parte disso é estar aberto a essas conexões. Você as procura e estabelece. É difícil não estabelecê-las, mesmo quando você não é do tipo que costuma fazer isso.

– Você não é?

– Em geral, não. Mantenho meu círculo fechado. Menos reviravoltas, por assim dizer.

– Fico feliz por tê-lo ampliado para mim. Vejo você no pub? Daqui a algumas horas?

– Por mim está ótimo.

– Obrigada pela carona. – Iona saiu do carro e acenou para Meara.

Gostava da ideia de estar aberta a conexões e da perspectiva de se encontrar com a amiga para tomar uma bebida. Talvez pudesse convencer Branna a ir também – em uma espécie de noite das garotas improvisada.

Depois talvez desse a sorte de encerrar isso com uma pequena aventura com Boyle.

Satisfeita com o plano, entrou.

– Vamos começar a aula e depois podemos... Ah, me desculpe. Não sabia que você estava com cliente.

Ela hesitou à porta, sem saber ao certo se deveria entrar ou sair, e depois reconheceu a mulher em pé ao balcão com sua prima.

– Ah, oi. Eu a conheci em minha primeira noite em Ashford, no chalé do hotel. Você é a filha de Mick. Iona – acrescentou quando a mulher ficou olhando para ela, enrubescida.

– Sim, eu me lembro. Meu pai fala bem de você.

– Ele é ótimo. Esse é mais um motivo para eu adorar meu trabalho. Desculpe interromper, só vou...

– Não, não há nenhum problema. Já terminei. Obrigada, Branna. Estou indo. Lembranças para Connor.

Ela se apressou em sair, enfiando um pequeno frasco no bolso do casaco.

– Desculpe-me. Sei que você faz alguns negócios aqui, embora a maioria seja na loja da vila.

– Um pouco aqui, um pouco lá. – Branna pôs alguns euros em uma gaveta. – As pessoas que vêm aqui frequentemente procuram o que não vendo na vila.

– Ah.

– Não sou médica, mas sou discreta. Ainda assim, neste caso vou lhe dizer, já que não é o segredo que Kayleen acredita que seja. E pode chegar uma hora em que lhe pedirão o mesmo.

Ela ergueu uma concha de sopa, despejou um creme dourado-claro de uma tigela em um frasco através de um funil e o ar ficou com um leve cheiro de mel e amêndoas.

– Há um belo italiano que veio para trabalhar no restaurante do tio dela, em Galway City. Nossa Kayleen o conheceu há algumas semanas, numa festa, e eles têm se visto um pouco. Eu o conheci quando foram à loja. Ele é encantador como um príncipe e duas vezes mais bonito. – Branna continuou a trabalhar enquanto falava, enchendo seus frascos e depois os limpando antes de tampá-los.

– Kayleen está louca por ele, e quem poderia culpá-la por isso? Eu mesma sairia com ele se estivesse disponível. Outras mulheres sentem o mesmo, e ele parece estar confortável com essa situação. – Ela amarrou uma fina fita dourada no gargalo do frasco. – Mas Kayleen não quer dividi-lo e sente que o belo italiano só precisa de um pouco de incentivo para ficar apenas com ela. Queria que eu lhe desse o incentivo.

– Não estou entendendo.

Branna pôs o frasco pronto em uma caixa para transporte.

– Ela pediu uma poção de amor e estava disposta a pagar 100 euros ganhos com dificuldade.

– Uma poção de amor? Você sabe fazer isso?

– Saber e fazer são coisas bem diferentes. Há modos, é claro. Sempre há, e não existe nada mais perigoso ou cheio de dor e arrependimento do que feitiços que envolvem o coração.

– Você lhe disse não. Porque isso é tirar a escolha de alguém. E porque não deve usar magia para benefício próprio.

Com mãos ágeis e rápidas, Branna amarrou a próxima fita.

– Todos os feitiços são para benefício próprio, de uma forma ou de outra. Você quer alguma coisa ou acredita em algo, quer proteger, bloquear ou vencer. Este creme aqui deixa a pele macia e perfumada e pode levantar o ego de quem o usa, assim como provocar uma reação em quem sente seu cheiro. Eu o faço, alguns o compram e me pagam. Isso também é um benefício.

– Acho que é um modo de pensar.

– É. Quanto à escolha, há momentos em que também fazemos isso, porém com boas intenções. Portanto, temos que estar dispostos a pagar o preço, porque magia não é gratuita. – Então ela ergueu seus olhos esfumaçados e encontrou os de Iona. – Nem para nós, nem para ninguém.

– Então por que disse não?

– As emoções têm magia própria, não têm? O amor e o ódio são os sentimentos mais fortes e poderosos. É minha filosofia não interferir nos sentimentos, não empurrá-los em uma direção ou em outra. Não com poder. O risco é grande. E se o amor já estiver ali, prestes a florescer? Você o empurra e ele pode se transformar em obsessão. Ou quem pagou pelo feitiço pode mudar de ideia ou sentimento. Ou há outra pessoa que ama e seria amada e agora é afastada por meios mágicos. Há muitos “ous” e “ses” nisso. Eu não brinco com feitiços de amor. Você mesma decidirá sua posição quanto a isso, mas para mim é antiético e uma linha perigosa de se cruzar.

– Sim, antiético. E mais ainda porque não seria justo. – Para Iona, isso era ainda mais importante. – E entendo o que você está dizendo. Muita magia não é justa. Mas o amor deveria ser, sei lá, sagrado. As pessoas deveriam poder amar quem amam.

– E não amar quando não amam. Por isso eu disse não, e sempre direi.

– O que você vendeu para ela?

– Verdade. Ela decidirá se usará ou não. Se usar, ambos poderão dizer o que sentem, querem e esperam. Se não, poderá continuar desfrutando do que tem enquanto durar. Acho que ela não usará. Tem medo da magia e não está pronta para a verdade.

– Se ela o amasse, ia querer a verdade.

Branna sorriu e pôs o próximo frasco na caixa.

– É isso aí. Ela está um pouco embriagada de luxúria, mas não está nem perto das fronteiras do amor. Só quer estar. O amor não desaparece sob a verdade, mesmo quando você quer que isso aconteça.

A porta se abriu. Kathel entrou e Fin o seguiu.

– Senhoritas. – Ele afastou para trás os cabelos bagunçados pelo vento. – Soube que tivemos um probleminha. Você está bem, querida? – perguntou para Iona.

– Sim, estou.

– Fico feliz. E ainda assim gostaria de saber os detalhes de tudo, e o que está sendo planejado na certeza de que haverá outro ataque.

– Boyle não veio com você?

– Ele está com o ferrador de cavalos e Connor saiu em uma caminhada para observação de falcões, portanto só restaram vocês duas para me contar.

– Boyle também estava lá. – Branna carregou a caixa para uma prateleira nos fundos. – Ele sabe tantos detalhes quanto Iona.

– Boyle vê isso da perspectiva dele. Quero a de Iona.

– Nós temos que trabalhar, Fin. Ela precisa de mais conhecimento, mais prática.

– Então eu a ajudarei. – Como se isso já tivesse sido aceito, ele tirou seu casaco.

– Nós temos técnicas... diferentes, você e eu.

– Temos, e Iona só teria a ganhar vendo e experimentando as diferenças.

– Esse hábito de discutirem sobre mim quando estou bem aqui está se tornando batido – concluiu Iona.

– E rude – disse Fin assentindo. – Você tem razão. Eu gostaria de ajudar, e quando terminarmos o trabalho gostaria muito que me contasse exatamente o que aconteceu e como lidou com tudo. Da sua perspectiva, Iona, se puder.

– Eu... fiquei de me encontrar com Meara mais tarde. Mas... – Iona relanceou os olhos de volta para Branna e viu sua prima suspirar e dar de ombros. – Poderíamos convidar Meara para vir aqui, e também Boyle. Acho que seria bom ter todos juntos, examinar isso de uma vez por todas e falar sobre o que virá a seguir.

– Então está certo. Posso encomendar o jantar. Você não precisa cozinhar para uma multidão de novo, Branna.

– Tenho molho que separei uma hora atrás para servir com macarrão. Vai dar facilmente para todos.

– Então vou ligar para eles. – Fin pegou seu telefone. – Depois começaremos.



ERA BOM TODOS ESTAREM JUNTOS DE NOVO. E TAMBÉM PARECIA CERTO. Todos na cozinha espaçosa com cheiros agradáveis, vozes se sobrepondo e o cão esparramado na frente da lareira.

Na opinião de Iona, aquilo tornava as coisas normais, apesar da escuridão e da luz mística.

Ela fez uma grande salada, sua especialidade. Saía-se bem na cozinha desde que não fosse preciso cozinhar de verdade.

Estava se sentindo bem e forte, com o progresso de suas aulas com Branna. Até voltar a falar sobre a altercação com o lobo a fez se lembrar do poder em seu sangue, na ponta de seus dedos. E a fez se sentir confiante.

– Ele é audacioso, não é? – comentou Meara passando manteiga com ervas em grossas fatias de baguete. – Aparecer para vocês dois daquela maneira, à luz do dia e tão perto de Ashford.

– Estou achando que não foi planejado. – Connor mordiscou uma fatia de pão da assadeira antes de Meara colocá-la no forno para torrar. – Que ele apenas viu uma oportunidade e a aproveitou.

– Talvez mais para assustar do que para fazer mal – sugeriu Fin. – Mas com certeza faria, se tivesse tido oportunidade. Vocês estavam tendo uma cavalgada boa, tranquila e relaxada.

– E estávamos desprevenidos – acrescentou Boyle. – Um erro que não cometeremos de novo.

– Foi uma espécie de terrorismo, não foi? – Fin levou a grande tigela de salada para a mesa. – A ameaça constante, não saber quando ou onde poderia surgir. E a interrupção do ritmo normal das coisas.

– Claro que foi ele quem se deu mal. – Branna pôs o macarrão em uma tigela azul e branca. – E levou uma coça de uma bruxa que mal saiu do armário.

– Gratificante.

Enquanto Fin falava, Iona viu o rápido olhar que ele trocou com Branna.

– O quê? O que foi?

– Ele foi atrás de você duas vezes. Sentem-se, vamos comer – ordenou Branna. – E

nas duas vezes foi embora com o rabo entre as pernas.

– Ele a subestimou – disse Boyle se acomodando.

– Sem dúvida, e com certeza não fará isso de novo. – Branna passou a tigela de salada para Meara. – Sirvam-se. Vou virar o pão.

Ela podia ligar os pontos, pensou Iona, ainda mais quando estavam marcados com tanta clareza.

– Você acha que ele virá atrás de mim de novo? Especificamente?

– Foi sua chegada aqui que agitou coisas paradas há centenas de anos. Você pôs maçãs aqui – descobriu Connor ao provar a salada. – Está boa.

– Então ele a apavora, no mínimo, para que volte para os Estados Unidos? – Meara franziu as sobrancelhas. – De que isso adiantaria?

– Não sei se isso importa agora. Ela é a terceira. – Branna levou o pão para a mesa e se sentou para comer sua salada. – E ele sabe disso, como nós também sabemos. O poder dela se abriu, mais e mais rápido do que ele ou eu esperávamos. O gênio não vai voltar para a garrafa.

Embora apreciasse o elogio, Iona continuou a ligar os pontos, num ritmo muito desconfortável.

– Mas e se ele me matar, ou matar algum de vocês?

– Dor é melhor. – Connor comeu com óbvio prazer e falou com algo parecido com alegria. – Ou sedução. Essas coisas levam a mudar de lado e, se conseguir que qualquer um de nós mude de lado, ele ganhará mais poder. Matando imediatamente, ganharia algum, mas não muito. Ainda assim poderia fazer isso por frustração ou raiva.

– Que ideia agradável – murmurou Meara.

– Se isso for verdade, por que ele não foi atrás de um de vocês muito antes de eu chegar aqui?

– Ah, ele fez alguns ataques de vez em quando, mas não deixou cicatrizes. – Assim que as palavras saíram de sua boca, Connor estremeceu. – Sinto muito por isso, Fin.

– Não importa. Ele não podia saber, assim como nenhum de nós, que vocês três *eram* os três. Não até você chegar, Iona, e as conexões serem estabelecidas.

– E os amuletos ajudaram na proteção – acrescentou Branna. – E se ele acabasse comigo ou com Connor, haveria outros. Há muitos O'Dwyers.

– Não como você – disse Boyle, em tom calmo. – Não como Connor. Ou você – disse para Iona. – Você sabia, Fin, que desta vez seriam os três.

– Só tive certeza quando vi o cavalo. Vi você nele – disse Fin para Iona. – Montada em um garanhão sob uma lua tão cheia e branca que parecia pulsar no céu negro como um coração brilhante. Vi fogo em suas mãos e poder em seus olhos.

– Você nunca disse nada disso.

Fin olhou para Branna.

– Comprei o cavalo porque sabia que era dela. Não tinha certeza de quando você

viria – falou para Iona. – Só que viria e precisaria de Alastar. E ele precisaria de você.

– O que mais você viu? – perguntou Branna.

A expressão dele se tornou fechada.

– Muito, e não o suficiente.

– Não estou atrás de enigmas, Fin.

– Você procura respostas, como sempre faz, e não as tenho. Vi, como você, a névoa se expandir, observar das sombras, ele próprio uma sombra. E vi você sob a mesma lua, brilhando como mil estrelas. Com o vento agitando seus cabelos e sangue em suas mãos. Eu me perguntei se era o meu.

Sem dizer nada, Branna se levantou para ir até o fogão despejar o molho fervente em uma tigela.

– Não sei o que isso significa – continuou Fin – ou quanto é real e verdadeiro e quanto é duvidoso.

– Quando chegar a hora, o sangue dele é que será derramado. – A alegria deixou a voz de Connor. Agora havia apenas irritação e mau humor.

– Irmão, eu tenho o sangue dele.

– Ele não o domina. – Com os ombros bem retos e o olhar muito direto, Iona encarou Fin. – E sentir pena de si mesmo não vai ajudar. Ele está por perto esperando há centenas de anos – continuou ela num tom prático enquanto Branna lhe lançava um olhar de aprovação por cima do ombro. – O que ele tem feito há séculos?

– Fin acha que ele fica transitando, quando bem entende, entre épocas ou mundos. Ou ambos – acrescentou Boyle.

– Como ele... Ah, a cabana, as ruínas. O lugar atrás das trepadeiras. Se ele pode fazer isso, por que não mata Sorchá antes de ela o queimar até virar cinzas?

– Ele não pode mudar o passado. A magia dela era tão poderosa quanto a dele, talvez mais – especulou Fin – antes de Sorchá adoecer, antes de ele matar o homem dela. Acho que foi Sorchá que encantou o lugar e ainda o protege. O que aconteceu não pode ser mudado. Eu mesmo já tentei.

– Bem, você é cheio de segredos, não é? – Branna pôs as tigelas na mesa e pegou a salada para colocá-la de lado.

– Se eu pudesse terminar o que Sorchá começou, isso acabaria com ele, estaria feito.

– Mas também acabaria com você – ressaltou Iona. – Talvez. Eu acho. Os paradoxos do tempo são... paradoxais.

– De qualquer modo, não pude mudar o que aconteceu. Meu poder estava lá, eu o senti, mas não fez nenhuma diferença. Não pude manter minha posição, se entendem o que quero dizer. Tudo se moveu e me trouxe de volta para onde eu havia começado.

– Você poderia ter se perdido – lembrou-o Connor. – Idó parar em algum lugar ou tempo totalmente diferente.

– Não me perdi. Acho que há uma corrente do passado para o presente e não há

como se desviar dela.

– Mas há muitos anos na corrente – refletiu Iona. – Talvez seja uma questão de encontrar o ponto certo.

– Mudando o passado, tudo muda. E você deveria saber disso – disse Branna para Fin.

– Eu era jovem e tolo. – Ele deu um breve sorriso para Iona. – E sentia pena de mim mesmo. Agora que sou mais velho e sensato, percebo que não é um de nós que porá fim a Cabhan ou à maldição que ele carrega, mas todos nós.

– E se todos nós voltássemos?

Connor parou de pôr salsicha sobre seu macarrão para estudar Boyle.

– Juntos?

– Talvez isso mudasse as coisas, mas não sabemos quando ele tentará ferir qualquer um de nós ou o que mais poderia fazer. Não sei por que não se pode mudar o passado ou não se deve tentar, se é algo ruim.

– Esse é um caminho perigoso, Boyle. – Branna mexeu e remexeu a massa. – Alguns perguntam: se você tivesse como, voltaria ao passado e mataria Hitler? Ah, as milhares de vidas salvas, tantos inocentes. Mas uma dessas vidas salvas poderia ser pior e mais poderosa do que Hitler jamais sonharia.

– Mas você não tenta mesmo assim? Muitos anos na corrente, como disse Iona. Não podemos encontrar o tempo, o lugar, e lutar contra ele? Em um tempo e lugar em que saibamos que não impedirá a existência de Fin.

– Obrigado por isso.

– Estou acostumado com você – disse Boyle para Fin. – E não tenho nenhuma vontade de tocar o negócio sozinho. Há alguma magia que nós quatro podemos usar para aumentar nossa chance de fazer isso?

– Se voltarmos, pode não ser para o mundo que deixamos – insistiu Branna.

– Talvez seja para um melhor. Ele é uma sombra neste tempo, como disse Fin.

– As sombras desaparecem na luz. – Meara ergueu seu vinho. – Isso é algo a considerar. Posso não ser capaz de fazer um feitiço, mas conheço física básica. Isso é física? Ah, bem, ação, reação? E sei que sempre é melhor pegar o inimigo de surpresa, no terreno que você escolher.

– Você iria? – perguntou Iona. – Quero dizer, se fosse possível e se decidíssemos ir?

– Sim, a menos que eu tivesse um encontro excitante marcado.

– Isso não é uma brincadeira, Meara.

Meara estendeu a mão e acariciou o braço de Branna.

– Você carregou esse peso por tempo suficiente. Está na hora de dividi-lo. Dizer que somos um círculo e realmente levar isso a sério são coisas diferentes, Branna. Você não pode proteger todos nós, por isso nos deixe proteger uns aos outros.

– Poderíamos pensar nisso. Como encontrar esse tempo e lugar e impedir que ele

saiba. E como criar o tempo e o lugar aqui e agora, ou aqui e quando descobrirmos como destruí-lo para sempre.

– ELA ESTUDARÁ, PENSARÁ E TRABALHARÁ – DISSE IONA EM VOZ BAIXA PARA Boyle enquanto eles tiravam a mesa. – E se preocupará. Às vezes me pergunto se haveria menos trabalho e preocupação se eu não tivesse vindo.

– Isso já era uma ameaça pairando sobre as cabeças deles muito antes de você vir. E você veio. Não penso muito no que isso significa, mas parece que era para você vir. Em algum momento isso tem que acabar, não é? Por que não agora? E conosco?

– Não sou muito fã de procrastinação. – Ela refletiu sobre aquilo enquanto limpava a mesa, e manteve sua voz mais baixa do que o tilintar de pratos sendo postos no lava-louças. – Gosto de passar para o que vem a seguir. Mas acho que colocaria tudo isso de bom grado em uma caixa em um canto pelos próximos cem anos.

– Alguém precisa remover a sujeira.

– E nós temos as pás. Sim – admitiu Iona. – Poderíamos trabalhar nisso. Estou ansiosa por amanhã, e não apenas para sair e ver o mundo fora de um raio de duas milhas de Ashford.

– Aqui são quilômetros.

– Tenho a impressão de que será mais fácil dominar o irlandês do que o sistema métrico. Acho que pode ser útil conhecer melhor a área fora de nosso pequeno núcleo. Além disso, tenho um guia excepcional.

– Veremos.

Aproveite os momentos, pensou Iona. Todos os momentos de normalidade, alegria e sossego.

– Quero ver ruínas, cemitérios antigos, colinas verdes. E ovelhas.

– Você não precisa ir muito longe para isso.

– Mas vou passear com você. – Ela se virou e pôs os braços ao redor da cintura de Boyle.

Iona o sentiu mudar de posição, aquele movimento sutil de constrangimento, embora o tilintar de pratos e as conversas continuassem ao redor deles. Como achou aquilo fofo, ficou nas pontas dos pés e lhe deu um rápido beijo.

– Eu poderia dirigir um pouco. Praticar aquela coisa de pista da esquerda antes de comprar um carro.

– Definitivamente, não.

– Eu sei dirigir uma picape.

– Você sabe dirigir uma picape do lado direito quando está contando milhas. Mas não sabe dirigir na pista da esquerda e em quilômetros.

Nisso ele tinha razão.

– Esse é o ponto. Você poderia me ensinar.

– É melhor você tentar com algo menos... volátil – sugeriu Branna.

– Ela quer dizer alguém com menos tendência a gritar se você bater em uma cerca viva ou seguir a direção errada em um desvio – explicou Meara. – É melhor fazer isso com Connor, que tem muita paciência.

– Não preciso ter muita para ser mais paciente do que Boyle. Vou levá-la para a estrada, prima, na primeira chance que tivermos.

– Obrigada.

– E, se você estiver procurando um carro, tenho um amigo em Hollymount que trabalha no ramo e lhe cobraria um preço justo.

– Connor tem amigos em toda parte.

Ele apenas sorriu para Meara.

– Certamente sou do tipo amigável.

– E todas as garotas atestam isso. Preciso ir. Mande uma mensagem se tiver um bom plano – disse ela para Branna.

– Tenho algumas ideias para elaborar. Eu a avisarei quando tiver feito isso.

– Cuide-se. – Meara lhe deu um abraço.

– Também preciso me cuidar.

Meara ergueu as sobrancelhas para Connor e lhe deu um tapinha na bochecha.

– Divirta-se em seu passeio, Iona. E você e Boyle, cuidem-se também. E você, Fin.

– Vou acompanhá-la até lá fora. Também tenho algumas ideias para elaborar – disse ele para Branna. – Poderíamos considerar Litha.

Ela assentiu.

– Estou considerando.

– Isso não é... sim, é aquele solstício de inverno – lembrou-se Iona. – Não é em junho?

– Ainda falta um pouco. A luz supera a escuridão, e é o dia mais longo, o que poderíamos usar a nosso favor. Tenho que pensar sobre isso.

– Prefere que eu fique aqui amanhã? Trabalhe com você?

– Não, vá passear. Tem razão quando diz que é bom para você conhecer o mundo ao redor deste núcleo. E preciso desse tempo para pensar.

– Então vamos lhe dar um pouco de paz – disse Boyle. – Venho buscá-la às nove, Iona.

– Sim. Ou posso ir com você agora e sair da sua casa quando você estiver pronto. – Iona sorriu para Boyle. Ele não mudou de posição, mas ela percebeu que queria fazer isso. – Todos sabem que estamos dormindo juntos.

– É mesmo? – Connor fingiu surpresa. – E eu pensando que vocês estavam participando de um torneio de xadrez e discutindo acontecimentos mundiais.

– Você não existe – murmurou Boyle. – Podemos sair da minha casa se você preferir. Só não passe metade da noite pegando o que precisa, porque só vamos pisar

em cascalho e ao redor de lápides.

– Eu já arrumei uma mochila, por precaução. Telefone se precisar de mim – disse ela para Branna.

– Apenas se divirta.

Ela conduziu todos para fora, amigos e parentes, e lhes acenou da porta do chalé.

E ficou lá por mais um momento na escuridão fria.

– Então, certo, estamos sozinhos como você queria. – Connor pôs uma das mãos no ombro dela. – O que foi?

Ele não olharia, pensou Branna. Embora ela soubesse como bloqueá-lo, ele não olharia em seu coração ou sua mente. Consideraria isso uma invasão.

– Não quero deixar Iona de fora, e Deus sabe que ela provou do que é capaz.

– Mas ainda está se acostumando com ela e todos os outros serem parte disso. Ter todas essas pessoas ao seu redor a faz se sentir tolhida?

Como Connor a conhecia, pensou Branna, e era grata a todos os deuses por isso, e por ele.

– Sim. É incrível termos vindo dos mesmos pais. Nada combina mais com você do que uma multidão, e nada combina menos comigo.

– Isso nos mantém equilibrados.

– Parece que sim, e estou pensando que o equilíbrio pode ser a coisa principal.

– Ostara, o equinócio, o equilíbrio do dia com a noite? Em vez do solstício?

– Pensei nisso, como você também, claro, mas o tempo é simplesmente curto demais para preparar tudo, porque o equinócio está quase chegando.

– Eu não achava que ela estava pronta, nossa Iona – admitiu Connor. – Mas me pergunto se estava errado em relação a isso.

– Acho que precisa de mais amadurecimento. E também o merece. O solstício está perto o suficiente, e também é um tipo de equilíbrio. Aquele ponto decisivo do ano. Pode ser uma chance. Se você trabalhar um pouco comigo agora. Apenas pensando juntos.

Ele encostou sua testa na da irmã.

– Um ritual, um feitiço de equilíbrio, e banimento no momento em que o dia é mais longo e depois começa a encurtar.

– Isso, você me entende. Não preciso lhe explicar, e assim fica mais fácil.

– O que você está pensando não será fácil, mas talvez funcione. Vamos ver o que conseguimos. Por enquanto apenas nós dois, e em breve os outros.

Eles foram para a oficina juntos, com Branna tentando não se sentir culpada com o alívio de serem apenas eles dois, pelo menos por ora.

– EU O CONSTRANGI – DISSE IONA NO CURTO TRAJETO PARA A CASA DE BOYLE.

– O quê? Não. Não estou constrangido.

– Um pouco. Provavelmente deveria ter falado sobre passar esta noite com você quando não houvesse ninguém por perto. Nunca penso nesse tipo de coisa. E me ocorreu tarde demais que talvez você não quisesse visita.

– Você já deixou de ser visita.

O que significava ela considerar romântico aquele comentário distraído?

– Então me ocorreu que você não teria nenhum problema em dizer não e me buscar de manhã.

– Eu pareço estúpido?

– Nem um pouco.

– Teria que ser para não querer passar a noite com você, não é?

Mais romance, pensou ela, ao estilo de Boyle McGrath.

– Mas eu não deveria ter anunciado isso como os minutos do próximo encontro. Se fossem minutos.

– Essa é uma coisa particular.

– Eu entendo isso, e seria. Ou eu deveria ter me esforçado mais para que fosse. Mas acho que do jeito que as coisas estão a privacidade não está de fato na mesa. Isso é mais difícil para você do que para mim.

– Talvez, mas você tem razão. Há coisas mais imediatas com que nos preocuparmos.

Ele parou bem atrás de Fin e balançou suas chaves ao sair.

– Então boa noite – gritou Fin –, e se divirtam amanhã.

– Vou levar meu celular em caso de necessidade.

Iona esbarrou em Boyle enquanto eles subiam a escada para seus aposentos.

– É mais difícil para você. Mas Fin está acostumado com você trazer alguém aqui de vez em quando e vice-versa.

– Não trago mulheres aqui. Normalmente – disse Boyle depois de um momento.

– Ah. – Privacidade, pensou ela, e mais. – Se você vai à casa delas, pode ir embora quando quiser.

– É isso aí. – Ele entrou.

– Você precisa me dizer quando quiser que eu vá. Prefiro isso a ser tolerada.

– Eu não tolero muito. – Ele atirou suas chaves em uma tigela. – Não estou tolerando você.

Isso a fez sorrir.

– Ótimo. Não tolere. É horrível ser tolerada.

Ele pôs a pequena mochila de Iona sobre uma cadeira.

– Se eu não a quisesse aqui, você estaria em outro lugar. Quer beber alguma coisa?

– Pensei que eu tivesse deixado de ser visita.

– Tem razão.

Ele a agarrou do jeito que ela gostava e a puxou para o quarto.

– Pode pegar sua bebida depois.

– Vou pegar uma para você também. – Ela tirou a jaqueta de Boyle. – Botas – disse, e o fez rir.

– Estou ciente da ordem das coisas.

E ainda assim eles mergulharam na cama. Puxando, arrancando e depois atirando as botas.

– Nós quebramos algo da última vez – lembrou-se Iona enquanto se apressava em desabotoar a camisa dele. – O que foi?

– O vaso de cristal da minha avó.

Os dedos de Iona pararam e ela arregalou os olhos, aflita. Então ele sorriu.

– Ah! Mentiroso! – Iona jogou uma perna sobre ele e o virou de barriga para cima. – Você vai pagar por isso. – Cruzando os braços, agarrou a bainha de seu suéter e o puxou por seus ombros e sua cabeça.

– Vou pagar mais – disse-lhe ele.

Boyle deslizou as mãos para os lados e agarrou os seios de Iona enquanto ela tentava abrir os últimos botões.

– Pode apostar que sim, meu caro. – Ela abaixou a cabeça e lhe deu um beijo esmagador antes de roçar os dentes no lábio superior dele e mordiscá-lo.

Boyle retaliou, virando-a e fazendo o mesmo.

Eles lutaram com as roupas e um com o outro com pressa de dar e receber.

Tão igual, pensou Iona, maravilhosamente igual, mas agora ela *sabia* o que podiam trazer um ao outro. Todo o calor, necessidade e rapidez, como se voando através do fogo – ardor, faíscas e explosões.

Iona se deleitou com a sensação de pele deslizando sobre pele – a dele na dela, a dela na dele –, a fricção estonteante. A boca ávida e as mãos apressadas pela cobiça que a percorriam.

Como tinha podido viver sem saber o que era ser desejada tão inteira, urgente e totalmente?

Precisava lhe proporcionar o mesmo, mostrar-lhe como o desejo por ele fluía através dela.

Boyle não conseguia se encher de Iona. O que recebia só o fazia precisar de mais. Quando a possuía assim, movendo-se sem parar no escuro, não conseguia pensar, apenas sentir.

E ela o fazia se sentir embriagado, meio louco. Forte como um deus e arrojado como um lobo acuado.

O mundo lá fora se dissolveu; o tempo desapareceu.

Só restou o corpo de Iona, sua forma, aqueles músculos lisos sob a pele macia. O som de Iona – respiração, suspiro e um gemido muito, muito suave. E seu sabor, tão quente e doce.

Iona tentou se erguer com mãos e pernas rápidas para ficar por cima dele, e a luz das

estrelas que incidiu sobre sua cabeça fez seus cabelos brilharem como diamantes.

Ela o recebeu, rápido e fundo, as mãos pressionadas contra os próprios seios quando a primeira onda de êxtase a inundou.

Então ela cavalgou, livre e selvagem, com a luz das estrelas em sua pele e o triunfo secreto em seus olhos.

Ele lhe segurou os quadris, agarrando-se a ela e a um último fio de sanidade.

E ela ergueu os braços, gritando no mesmo triunfo secreto.

Chamas brilharam nas pontas de seus dedos, pequenos pontos de luz clara e ofuscante como o sol. Aturdido com isso e enfeitiçado por ela, Boyle esperou – e se deixou levar.

NO ESCURO, NO SONHO, IONA PEGOU A MÃO DELE.

– Você ouviu isso?

– É só o vento.

– Não. – A floresta estava muito densa, a noite muito escura. Onde estava a lua? Por que não havia lua nem estrelas?

E, estremecendo, ela entendeu.

– Isso está *no* vento.

Seu nome, o sussurro sedutor. Um toque sedoso na pele nua.

– Você precisa dormir.

– Mas estou dormindo. Não estou?

Quando ela estremeceu de novo, ele esfregou suas mãos geladas entre as dele.

– Deveríamos ter fogo.

– Está tão escuro! Escuro demais, frio demais.

– Eu sei o caminho de casa. Não se preocupe.

Ele começou a guiá-la por entre as árvores, para longe das pequenas lambidas da névoa que se movia no chão, furtiva como a língua de uma cobra.

– Não desista – disse ela quando o sussurro lhe acariciou a pele.

– O caminho está bloqueado, está vendo? – Ele apontou para os grossos galhos que o fechavam. – Precisarei afastá-los para podermos passar.

– Não! – Em pânico, ela apertou mais a mão dele. – É isto que ele quer: nos separar, exatamente como antes. Temos que permanecer juntos. Temos que continuar.

– O caminho está bloqueado, Iona. – Ele a virou e olhou em seus olhos. Os dele eram dourado-escuros, intensos e firmes. – Deveríamos ter um fogo.

– A névoa está mais perto. Pode ouvi-la?

O lobo, apenas um fraco uivo na escuridão e névoa.

– Sim. Fogo, Iona. É disso que precisamos.

Fogo, pensou ela. Contra a escuridão, contra o frio.

Fogo. É claro.

Ela estendeu os braços e ergueu o rosto. E o invocou.

Brilhante e forte como um chicote, o fogo fustigou a névoa rastejante fazendo-a ferver e se transformar em vapor e finas cinzas pretas.

– Para a escuridão trago a luz. Contra o preto produzo o branco. Do meu sangue chamo o fogo para queimar, arder cada vez mais alto. Desperta ou em sonhos, meu poder corre livre. Como eu. Que assim seja.

Um anel de névoa se esgueirou e deslizou para perto. Boyle foi para a frente de Iona e deu um soco na névoa.

Ele sentiu uma rápida dor nos dedos. Então a névoa e as cinzas desapareceram, e só havia fogo e luz.

Ela viu sangue na mão de Boyle.

E acordou sobressaltada.

Viu a bela promessa da manhã brilhando na janela.

Um sonho, apenas um sonho. Respirou fundo para se acalmar. Quando Boyle se sentou ao seu lado, pegou a mão dele.

E viu o sangue.

– Ah, meu Deus!

– Juntos, na floresta. – Os dedos de Boyle apertaram os dela. – Foi assim?

Iona assentiu.

– Acho que isso é uma espécie de projeção astral. Estamos aqui, mas estávamos lá. Devo tê-lo levado comigo. Você... deu um soco na névoa.

– Isso funcionou e também foi bom, embora seu fogo tivesse feito mais.

– Não, sim. Não sei. Você a golpeou, e por um momento foi como se tivesse dado um soco no vazio. Eu... Mas você está sangrando.

– É só um arranhão.

– Não, é dele. Não sei se é apenas um arranhão.

Poderia chamar Connor ou Branna, mas por alguma razão *sentia* que tinha que fazer isso sozinha.

– Preciso dar um jeito nisso.

– Não se preocupe, só precisa de uma rápida lavada e uma pomada.

– Não, não é assim. – Iona percebeu que seu coração batia cada vez mais rápido, até mesmo do que quando sentira medo, no sonho.

Ele estava sangrando, e tinha sido Cabhan quem lhe arrancara aquele sangue.

– Esse não é um ferimento natural. Acredite em mim, estudei isso.

Ela pôs a mão sobre o corte superficial e fechou os olhos. Viu a mão de Boyle – forte, larga, os nós dos dedos fascinantes com as marcas de seus tempos de boxeador. O sangue e, mais fundo, olhando mais fundo, a fina linha preta do veneno de Cabhan.

Justamente o que ela temia.

Tire-o, disse para si mesma. Extraia-o. Branco contra preto de novo. Luz contra

escuridão. Extraia-o antes que penetre mais e possa se espalhar.

Ela o sentiu desaparecer, pouco a pouco, consumido pelo fogo. Soube pelo modo como a mão de Boyle se enrijeceu que isso lhe causou dor. Mas agora o ferimento estava limpo. Devagar e com cuidado, tratou de curar o corte. A dor – em fortes pontadas – passou para ela. Mas aos poucos desapareceu.

Apenas um arranhão, como ele dissera, depois que o veneno foi extraído.

Iona abriu os olhos e o viu olhando para ela.

– Você ficou pálida.

– Isso exigiu algum esforço. Foi minha primeira tentativa nesse tipo de coisa. – Ela estava com um pouco de vertigem e algumas lentas contrações no estômago.

Mas o ferimento estava limpo e fechado. Iona estudou a mão dele, satisfeita.

– Ele usou veneno. Não sei se isso teria algum efeito, mas poderia se espalhar. Não era muito, mas agora se foi. Você poderia pedir para Connor dar uma olhada.

Boyle continuou a estudá-la enquanto flexionava os dedos.

– Eu diria que você se saiu bastante bem.

– Não sei se ele esperava que eu o levasse comigo. E não sei como fiz isso. Mas você me disse o que precisava ser feito. O fogo. Você me disse, e funcionou.

– Transformou-o em cinzas.

– Bem, não foi a primeira vez e realmente não acho que vai ser a última.

– Não, não vai ser a última.

– Eu diria que lamento tê-lo arrastado para isso, mas estou muito feliz por você ter estado lá comigo.

– Com certeza foi uma experiência e tanto.

Ele ficou abalado e, mais do que isso, intrigado. Durante o sonho, sentira muita calma e uma fé absoluta em que Iona faria o que fosse preciso.

– Pareceu um sonho – continuou ele –, o modo como sua mente pode desacelerar e você não questionar as estranhezas.

– Farei um feitiço para a cama ou, melhor ainda, pedirei que Branna faça um. Isso deve ajudar.

– Eu o machuquei. – Mais uma vez, Boyle flexionou os dedos. – Acho que ele não estava esperando um soco. Sei quando um soco é bem dado, e esse foi. Além disso, acho que o veneno era para você. Eu poderia tirar você dessa, como você fez comigo? Você sabe? E se eu tirasse, poderia tê-la levado para Connor a tempo de lidar com o veneno, se eu pensasse nisso?

– Você sabia o que fazer. – Instintivamente, ela ergueu as mãos para massagear os ombros de Boyle e os encontrou tensos. – Sabia que precisávamos de fogo, e permaneceu muito calmo. Eu precisava que você permanecesse calmo. Acredito que você saberá o que fazer se e quando ele aparecer para nós de novo.

Ela deu um longo suspiro.

- Estou morrendo de fome. Vou fazer o café da manhã.
- Eu faço. Você é uma péssima cozinheira.
- Isso é a mais pura verdade. Certo, você cozinha. Vou telefonar para Branna e contar para ela, só por precaução. Ainda vamos dar aquele passeio?
- Não vejo por que não.
- Ótimo. Vou tomar uma chuveirada e depois telefonar para Branna. Está cedo e ela ficará menos irritada se dormir mais quinze minutos.
- Vou pôr a chaleira no fogo.

Mas primeiro ele pegou seu telefone e, enquanto Iona tomava banho, discou o número de Fin. Antes de fritar o bacon, preferia saber o que o amigo tinha a dizer.



AQUELE ERA O PAÍS DE SEU SANGUE E, OBSERVANDO-O PELA JANELA DA picafe, Iona entendeu que era o país de seu coração.

Seu efeito sobre ela era como o de um gole de uísque quente e reconfortante em uma noite fria. Colinas verdes ondulavam sob um céu com nuvens sobrepostas como lençóis de linho. O sol brilhava através delas, formando espirais azuis intermitentes, luminosas como opalas. Vacas gordas e ovelhas lanudas pontilhavam campos cor de esmeralda divididos por sebes rústicas ou paredes de pedra cinza-prateada.

Casas de fazenda, celeiros e pequenos chalés se espalhavam pela terra com a beleza de cartões-postais enquanto a estrada serpenteava. Jardins em pátios de entrada ansiavam pela primavera, com corajosos botões se abrindo em diversos tons – azul forte, laranja ousado e branco delicado –, cobertos aqui e ali por narcisos-trombeta.

Ela passaria a primavera na Irlanda pela primeira vez na vida, pensou Iona. E como aquelas flores corajosas, estava determinada a florescer.

A estrada serpenteou como um túnel formado por sebes muito altas de fúcsias selvagens que abraçavam suas voltas e curvas com flores pingando como gotas de sangue. Então o mundo se abriu outra vez para as colinas, os campos e, espetacularmente, as sombras das montanhas.

– Como você aguenta isso? – perguntou Iona. – Não fica deslumbrado, sem fôlego e com o peito apertado?

– É meu país – disse Boyle. – Não há nenhum outro lugar onde eu preferisse estar. Ele é adequado para mim.

– Ah, para mim também. – E enfim, pensou Iona, sentia que era adequada para ele.

O vento bateu e um borrito de chuva atingiu o para-brisa. Então o sol veio por trás dela para transformar as gotas em pequenos arco-íris.

Mágica, pensou Iona, simples e misteriosa.

Como era Ballintubber Abbey.

Suas linhas limpas emprestavam uma serena dignidade à pedra cinza antiga. Assentavam-se em belos jardins que tinham como fundo campos com ovelhas diante de colinas verdes e montanhas.

Simple grandeza, pensou Iona, achando que era a descrição perfeita das

antiguidades e da vida que corria tranquilamente ao seu redor. Ela saltou da picape para estudar os caminhos e os jardins que sentiam os últimos arrepios do inverno, e sorriu quando a brisa trouxe o balido das ovelhas.

Iona pensou que poderia se sentar na relva e passar um dia inteiro feliz apenas olhando e ouvindo.

– Acho que você gostaria de saber a história deste lugar.

Iona tinha lido um pouco sobre ela em seu guia de viagem, mas gostou da ideia de ouvir a versão de Boyle.

– Sim.

– Bem, foi Conchobair quem o construiu. Cathal Mor da mão vermelha como vinho, do clã O'Connor, portanto, um dos seus.

– Ah, é claro. – Quão fundo seu sangue corria ali, pensou. E isso não era maravilhoso? – Como Ashford, antes de os Burkes o conquistarem.

– Sim. Em 1216. Sei a data, porque estão querendo restaurar a ala leste, acho que para a comemoração de seus oitocentos anos. E reza a lenda, ou uma delas, que, embora Cathal fosse filho do rei Turloch, foi forçado a fugir da rainha e passar algum tempo trabalhando e se escondendo antes de assumir o trono. Havia um homem que o tratava com gentileza e Cathal, ao se tornar rei, perguntou-lhe o que poderia fazer para retribuir. O homem, já velho, quis uma igreja em Ballintubber, e então Cathal ordenou que fosse construída.

Eles seguiram pelo caminho enquanto Boyle lhe contava a história, sua voz aumentando e diminuindo, e as ovelhas balindo em coro. Absurdamente feliz, Iona pegou a mão de Boyle para uni-los, selar aqueles momentos.

– Depois de alguns anos, o rei viu o velho de novo, e foi repreendido por não cumprir sua palavra. Parece que a igreja tinha sido erguida, mas em Roscommon.

Rindo, Iona olhou para ele.

– Ops.

– É o que dizem. Mas Cathal ordenou que outra igreja fosse construída, Ballintubber Abbey.

– Um homem de palavra.

– Dizem que sim.

– Gosto de saber que tenho um rei grato e honesto em minha linhagem.

– E esse foi um legado duradouro, porque dizem que é a única igreja da Irlanda construída por um rei irlandês que ainda é usada.

– Acho isso maravilhoso. As pessoas frequentemente trocam o antigo pelo novo em vez de apreciar esse legado.

– O que vem antes importa – disse Boyle. – Pierce Brosnan se casou aqui alguns anos atrás e isso foi um motivo mais recente para a fama deste lugar. Um mais antigo é o início de Tórchar Phádraig.

– A rota peregrina para a montanha de Saint Patrick. Li sobre isso.

– Também dizem que Seán na Sagart, que era um nefasto caçador de padres, está enterrado no cemitério aqui. Lá. – Boyle apontou para uma larga árvore. – É o que dizem.

– É um bom lugar. Limpo, poderoso. E sinto em meu íntimo esse reconhecimento, essa conexão. Isso é estranho?

Ele apenas deu de ombros.

– Seu sangue o construiu.

– Por isso você o escolheu como nossa primeira parada. – Sorrindo, Iona encostou a cabeça no braço dele. – Obrigada. – Ela olhou para uma pedra antiga escavada e o que estava gravado nela. – A Coroação?

– Bem, há mais do que a abadia, as tumbas e o resto. Isso é uma parte das Estações. Eles acrescentaram aquilo, o Rosário, e aquilo, uma pequena gruta, adaptada como um estábulo, para a Natividade. Isso é um pouco estranho.

– É maravilhoso. – Iona puxou a mão de Boyle e seguiu o caminho, encontrando outras pedras e marcadores nos jardins bonitos e bem cuidados. – É tão abstrato, tão contemporâneo, e realmente um contraste criativo com o antigo.

Ela parou em um riacho cujas margens eram cobertas de vegetação baixa que subia até pedras ásperas encimadas por três cruzeiras representando a Crucificação.

– Isso deveria ser triste, e sei que deveria ser reverente. É, só que é mais... fascinante. E depois isto. – Ela entrou na gruta para ver as estátuas de Maria, José e o menino Jesus. – Também é maravilhoso... doce e um pouco *kitsch*. Acho que Cathal teria gostado do que foi feito.

– Que eu saiba, ele não fez nenhuma objeção.

Eles entraram e ela encontrou um silêncio reverente.

– Os seguidores de Cromwell incendiaram o lugar – disse-lhe Boyle. – Dá para ver pelas ruínas do lado de fora do mosteiro que habitações e coisas desse tipo desabaram. Mas a igreja ficou de pé, e ainda está. Dizem que a área batismal tem mil anos.

– É confortador saber que as coisas que construímos podem sobreviver, não é? Isto é lindo. Os vitrais, a pedra.

Os passos dela ecoando no silêncio só acentuaram a atmosfera.

– Você sabe muito sobre isso – comentou Iona. – Estudou?

– Não precisei. Tive um tio que trabalhou aqui em algumas das restaurações e reformas.

– Então meu sangue o construiu e o seu ajudou a preservá-lo. Essa é outra conexão.

– É verdade. E dois primos e alguns amigos meus se casaram aqui, por isso estive na igreja várias vezes.

– É um bom lugar para um casamento. A continuidade, o cuidado, o respeito. E o romance, histórias de reis e caçadores de padres, seguidores de Cromwell e James

Bond.

Ele riu ao ouvir isso, mas Iona apenas sorriu. Ela sentia algo ali. Uma afinidade, um reconhecimento, e agora um tipo de compreensão.

Já estivera ali, percebeu, ou seus antepassados já haviam estado.

Talvez para se sentar naquele silêncio reverente.

– Velas e flores, luz e aromas. E música. Mulheres com belos vestidos e homens bonitos. – Ela perambulou de novo, pintando um quadro mental. – Um bebê impaciente sendo acalmado, um arrastar de pés. A antecipação, a promessa de alegria e amor. Sim, um bom lugar para um casamento.

Queria-o para o dela, esse lugar de passado, contrastes e resistência.

Voltou para Boyle e pegou a mão dele de novo.

– Promessas feitas aqui seriam importantes e cumpridas, se os que as fizessem acreditassem nisso.

De volta ao lado de fora, Iona perambulou pelas ruínas, passando os dedos pela pedra antiga, comovida com o cemitério onde descansavam os falecidos há muito tempo.

Tirou fotos para registrar o dia e, embora Boyle se opusesse um pouco, convenceu-o a posar com ela enquanto tirava uma foto de si mesma com seu celular.

– Vou enviá-la para Vovó – disse-lhe. – Ela vai ficar feliz em ver...

– O que foi?

– Eu... A luz. Você está vendo? – Iona lhe mostrou o telefone.

Na tela, ela estava com a cabeça apoiada no ombro de Boyle. Sorria tranquilamente, e Boyle de um jeito mais contido.

E a luz, branca como cera de vela, os cercava.

– Talvez seja o ângulo. Um raio de sol.

– Você sabe que não é.

– Não, não é – admitiu ele.

– É este lugar – murmurou ela. – Construído pelo meu sangue, mantido pelo seu... é parte disso. É um lugar bom, um lugar forte. E seguro. Acho que eles vieram para cá, os três. E outros, descendentes deles. Agora eu vim. Eu me sinto... bem-vinda aqui. Essa é uma luz boa, Boyle. Uma magia boa.

Iona segurou a mão de Boyle, estudando a parte de trás onde a magia negra derramara sangue.

– Connor disse que estava limpa – lembrou-a ele.

– Sim. As sombras desaparecem na luz. Meara estava certa sobre isso. – Ainda segurando a mão de Boyle, olhou nos olhos dele. – Mas como ocorre com promessas feitas, a luz tem que acreditar nisso.

– E você acredita?

– Sim. – Ela ergueu sua mão livre para o rosto de Boyle e ficou nas pontas dos pés

para roçar seus lábios nos dele.

Iona acreditava. Em seu íntimo, tinha fé e determinação. E seu coração passou a aceitar o que ela entendia enquanto andava com Boyle pelos caminhos e jardins bem cuidados que se abriam para a primavera, entre os espíritos e as lendas, na direção da promessa feita por um dos seus.

Ela amava. Finalmente. Amava como sempre esperara. Ele era o único em sua vida inteira. E com ele tinha que aprender a ser paciente e apenas manter essa fé. A fé em que ele a amaria como ela o amava.

Iona deu seu melhor sorriso.

– O que vem depois?

– Bem, há Ross Abbey. Na verdade, é um monastério. Ross Errilly. Não fica longe, e provavelmente você gostaria de dar uma olhada lá.

– Vamos.

Iona olhou ao redor enquanto eles iam para a picape, e soube que voltaria. Talvez para percorrer as Estações ou apenas se sentar à brisa e olhar para os campos.

Ela voltaria, como seus antepassados tinham voltado.

Mas agora, enquanto Boyle dirigia, olhava para a frente.

Viu-o da estrada, seu vulto sinistro, suas pontas, sua torre e suas paredes irregulares. Sob o denso céu parecia algo saído de um filme antigo em que criaturas tramavam escondidas no escuro.

Mal podia esperar para ver mais de perto.

A picape sacolejou por uma estrada estreita que tinha de um lado casinhas bonitas entremeadas de jardins com flores testando o frio. Do outro lado havia campos repletos de vacas e ovelhas.

À frente, para além da ordem e do bucolismo, assomavam as ruínas.

– Eu não estudei isso – disse Boyle para Iona. – Mas sei que é antigo, é claro, embora não tanto quanto a abadia.

Iona caminhou na direção das ruínas ouvindo o assovio do vento por entre as pontas e saliências de pedra, o bater de asas de pássaros e o mugido do gado.

A torre central se elevava acima de paredes sem telhado.

Ela passou por um vão de porta e seus pés esmagaram o cascalho.

Jazigos para os mortos, ou pedras para eles fixadas rente ao chão.

– Acho que os britânicos expulsaram os monges, como eles costumavam fazer, e depois os seguidores de Cromwell fizeram o resto e saquearam o lugar, como *eles* costumavam fazer. Pilharam e queimaram.

– É enorme. – Iona passou por um arco, erguendo os olhos para a torre e os pássaros pretos que a circundavam.

O ar parecia pesado – chuva chegando, concluiu. O vento soprava através das janelas em arco e assoviava pela curva estreita dos degraus de pedra.

– Isto deve ter sido a cozinha. – Ela não gostou do modo como sua voz ecoou, mas se aproximou para olhar o que parecia ser um tipo de poço seco. – Fique lá. – Ela apontou para a lareira usada para assar carne.

Ele arrastou os pés e lhe lançou um olhar aflito.

– Não gosto muito de tirar fotos.

– Faça isso por mim. É uma lareira grande. Você é um homem grande.

Ela tirou as fotos.

– Os franciscanos abatiam seus próprios animais, cultivavam seus próprios vegetais e faziam farinha. Mantinham os peixes naquele poço lá.

Ela saiu, curvando-se para passar pelas arcadas para uma área aberta.

Uma sucessão de arcadas, lápides e relva.

– O claustro. Pensamentos tranquilos, túnicas e mãos juntas. Eles pareciam muito piedosos, mas alguns tinham humor, outros, ambição. Inveja, ganância e luxúria, até mesmo aqui.

– Iona.

Mas ela foi em frente e parou na base da escada onde uma figura cristã fora esculpida no arco.

– Os símbolos são importantes. Os cristãos seguiram os pagãos esculpindo e pintando seu Deus único enquanto os antigos esculpiam e pintavam seus muitos deuses. Nenhum deles entende que o único é parte dos muitos e os muitos são parte do único.

O vento agitou seus cabelos quando ela se dirigiu a uma balaustrada estreita. Boyle a pegou pelo braço com firmeza.

– Eu morri aqui, ou meu sangue morreu. Parece igual. Interrompendo a jornada para o lar, velha demais, doente demais para prosseguir. Nessa época alguns queimariam a bruxa, mas o poder dela se calou e eles a receberam. Ela usa o símbolo, mas eles não sabem o que significa. O cavalo de cobre.

A mão de Iona se fechou sobre seu amuleto.

– Mas ele sabe. Percebe a fraqueza dela. Espera, mas deve ir até ela. Ela não pode terminar a jornada. E sente que ele está se aproximando, cobiçando o que lhe restou. Ele tem menos do que tinha, mas é o suficiente. Ainda é o suficiente. Agora ela não tem nenhuma escolha, isso não pode ser feito no lugar de seu poder, na fonte. Ele está sussurrando. Pode ouvi-lo?

– Vamos embora agora.

Iona se virou. Seus olhos tinham ficado quase pretos.

– Isso não está feito, e deve ser feito. Ela tem sua neta. Há muito amor entre elas e o poder fervilha na jovem. Ela lhe passa o que possui, como a primeira fez, como seu próprio pai tinha feito com ela, e, com o poder, passa o símbolo. Um peso, uma pedra no coração. Sempre foi isso para ela, nunca com alegria para compensá-lo. Então ela

passa o poder e o símbolo com aflição. E as gralhas batem suas asas. O lobo uiva na colina. A névoa se arrasta pelo chão. E ela diz suas últimas palavras.

A voz de Iona – em irlandês – se elevou, carregada pelo vento. Acima das camadas de nuvens algo ribombou, algo que poderia ter sido um trovão ou um poder despertando. Os pássaros que voavam em círculos fugiram com gritos assustados deixando apenas céu e pedra.

– Os sinos badalaram como se soubessem – continuou Iona. – Embora a garota chorasse, sentiu o poder aumentar, quente e branco. Forte, jovem, vital e feroz. Então mais uma vez ele teve negado aquilo pelo que ansiava. E mais uma vez, espera.

Iona revirou os olhos. Quando oscilou, Boyle a puxou para perto.

– Tenho que sair daqui – disse ela fracamente.

– Com certeza.

Boyle a pegou no colo e desceu com ela pela escada curva e estreita, quase tendo que se dobrar em dois para passar por arcadas antes de sair para o ar e a chuva.

A umidade pareceu celestial no rosto dela.

– Estou bem. Só um pouco tonta. Não sei o que aconteceu.

– Uma visão. Vi Connor tendo uma.

– Eu os vi, a velha e a garota banhando o rosto da avó. Febre, ela estava muito quente, como se ardesse de dentro para fora. Pude ouvi-las. E também pude ouvi-lo tentando chegar até ela, esgotá-la. Senti a dor física e emocional dela. Ela queria muito poupar a garota do risco e da responsabilidade. Mas não havia outra escolha nem tempo.

Boyle a mudou de posição para abrir a porta da picape e fazê-la entrar, surpreso por suas mãos não tremerem como seu coração.

– Você falou irlandês.

– Falei? – Iona afastou os cabelos para trás. – Não me lembro, não exatamente. O que eu disse?

– Não estou certo de tudo. “Você é uma, mas deve haver três...” E acho... – Ele tentou fazer a tradução. – “Isso termina aqui para mim e começa para você.” Algo assim, não consegui entender mais. Seus olhos estavam pretos como os de um corvo e sua pele mortalmente pálida.

– Meus olhos.

– Eles voltaram ao normal – tranquilizou-a Boyle, acariciando seu rosto. – Azuis como o verão.

– Preciso de mais treinamento. É como competir nas Olimpíadas quando você ainda é iniciante. E aquele é um lugar forte, cheio de energia e poder.

Ele já tinha estado lá, e não sentira nada, apenas um pouco de curiosidade. Mas dessa vez, com Iona...

– Ele está ligado a você – concluiu Boyle. – Ou você está ligada a ele.

– Ou ela estava, a velha. Ela está enterrada lá. Um dia deveríamos voltar. Um dia, quando isso terminar, e levar flores para seu túmulo.

Naquele momento ele não estava inclinado a trazê-la de novo. Mas enquanto dava a volta para entrar na picape, a chuva parou.

– Olhe. – Iona pegou a mão dele e, com a outra, apontou para o arco-íris que brilhava acima das ruínas. – A luz vence.

Ela acreditava nisso, e sorriu. Pensando no arco-íris, se inclinou para beijá-lo.

– Estou morrendo de fome.

Ele não pensou em nada além de puxar Iona de novo para beijá-la até fazer com que a imagem dela oscilando desaparecesse.

– Conheço um lugar não longe daqui que serve um ótimo peixe com batatas fritas. E Deus sabe que preciso de uma cerveja.

– É disso que estou falando. Obrigada – acrescentou Iona.

– Pelo quê?

– Por me mostrar dois lugares incríveis e me segurar antes que eu caísse.

Ela olhou para o monastério, os pássaros pretos e o arco-íris. Sua vida mudara para sempre, pensou. Mas, ao contrário de sua antepassada, considerou isso uma dádiva.

NA ACONCHEGANTE COZINHA COM O CÃO AOS SEUS PÉS E FOGO NA LAREIRA, Iona contou tudo aos primos.

– Foi um dia cheio para você – comentou Connor.

– Muito.

– Foram três eventos, como eu os chamaria, em um único dia. – Branna, com os cabelos ainda presos para cima como usava em seu dia de trabalho, contemplou seu chá. – Mas o primeiro envolvendo Cabhan.

– O último também o envolveu – lembrou-a Iona. – Eu o senti chegando.

– Uma visão do passado. Sua ou de outra pessoa, mas ainda assim do passado. Duvido que ele fosse se aventurar tão longe agora. – Branna olhou para Connor.

– Agora não, e por que deveria? Conte-me o que você sentiu antes, durante e depois de ter a visão.

– Antes não sei ao certo. Senti que já tinha estado ali, como na abadia, mas não... animada, não feliz assim. Estava escuro e, bem... triste. Eu conhecia o lugar, sabia o que eram as coisas, mas agora percebo que era ela, nossa antepassada. Eu estava tendo os pensamentos dela e alguns eram muito amargos. Ela sabia que estava morrendo, no entanto, mais do que a morte, odiava ter que passar o amuleto, o poder, a responsabilidade para sua neta. Não me lembro de ter subido a escada. Parecia que eu apenas estava lá. A velha na cama, com cabelos cinza rajados de branco. O rosto cinza também, e brilhando de febre. E a garota sentada ao seu lado, molhando seu rosto. De cabelos ruivos compridos. Eimear. Acho que a avó a chamou de Eimear.

– Você não se lembra do irlandês que falou – disse Connor.

– Não, só do que Boyle achou que significava, ou entendeu. Lembro-me de ter sentido tristeza e medo e depois da luz explodindo no quarto. Por um instante, uma sensação de poder, enorme e selvagem. Como, digamos, um ótimo orgasmo. E então tudo se tornou cinza e girou. Fiquei tonta, fraca, desorientada, e, quando isso passou, senti fome.

– A tontura diminuirá depois de algum tempo – disse-lhe Connor. – Que bom que você não estava sozinha quando aconteceu pela primeira vez. Você não esperava por isso? – perguntou ele para Branna.

– Não, ainda não. Quero dizer que ela está... você está – corrigiu-se e falou diretamente para Iona – progredindo rápido. Acho que é por causa de onde e com quem está. Somos três juntos, por isso o que você tem está amadurecendo mais depressa. Isso é bom. Você ficará mais forte, menos vulnerável.

– Devo esperar mais surpresas?

– Deixe para lidar com isso quando acontecer.

– Vamos retroceder por um instante. O sonho. Boyle e eu tivemos o mesmo sonho porque estávamos juntos?

– O sexo. – Connor se recostou e esticou as pernas. – É um elo poderoso. Ou pode ser.

– Então, se eu fizer sexo com Boyle, ele pode ser arrastado comigo? Mas isso o machucou. A mão dele. O veneno.

– De que você cuidou muito bem. Foi um bom instinto.

– Mas na próxima vez pode ser pior.

– Deixe para lidar com isso quando acontecer – repetiu Branna. – Cabhan o feriu, mas Boyle também o machucou. Cabhan sentiu o soco, um soco humano, em um sonho, e acho isso interessante.

– Era preto, misturado no sangue de Boyle. Consegui ver. Se tivesse se espalhado antes...

– Não se espalhou – disse Branna depressa. – Nós lidamos com os fatos. Você não pode anuviar os fatos com suposições e emoções.

– Iona o ama. – Connor acariciou a mão da prima quando ela se surpreendeu. – Adoro nuvens e também tudo que brilha através delas.

– Eu nunca disse que... Como você sabe o que acabei de descobrir?

– Está emanando de você com tanta força que não posso deixar de ver. – Ele acariciou a mão dela outra vez. – Não quero espiar pela porta, mas está escancarada.

– Eu não disse nada para ele. – Não poderia e não deveria dizer, pensou, lembrando a si mesma de seu voto de paciência. – Estou apenas meio que saboreando isso. Quis e tentei sentir isso durante muito tempo. E com Boyle não precisei querer ou tentar. Apenas senti.

– Isso é ótimo e claro que ele é um dos melhores homens que conheço. Mas você não pode deixar o que possui passar pelo atordoamento do amor – preveniu-a Branna.

– Temos jeitos de pensar diferentes quanto a isso – observou Connor. – Acho que o amor só aumenta o poder. No ponto onde ela se encontra, sim – disse ele para Branna.

– E estando conosco. Mas acho que o que ela sente é outro motivo para estar progredindo tão rápido. Como ela saber que o veneno estava em Boyle e o extrair tão bem, quando nunca havia feito isso.

– Não vou discutir. É diferente para todos nós, não é? Amor, magia e como vemos e lidamos com as coisas. E as escolhas que fazemos são diferentes. Só direi que você passou pouco tempo aqui, e com ele, para pensar no amor e nas escolhas que o acompanham.

– Eu soube no instante em que o vi. Talvez fosse algum tipo de visão. Não sei. Mas senti uma vibração aqui. – Ela pôs a mão na barriga. – E uma alegria aqui. – Ela deslizou a mão para o coração. – Eu disse para mim mesma que era atração, porque ele estava lindo montado em Alastar. Só que era mais. Disse a mim mesma que não podia ir em frente porque, bem... no início pensei que ele estivesse com Meara.

Iona ergueu as sobrancelhas quando Connor deixou escapar um riso de deboche.

– Não sei por que isso foi tão engraçado. Eles ficam muito bem juntos. Altos, harmoniosos e lindos. E têm uma conexão, isso ficou claro desde o início.

– Como Branna e eu, porque são quase irmãos e nunca foram outra coisa. Mas você pensou que eram mais, por isso pôs de lado o que sentia ou poderia sentir. Ponto para você por isso. Nem todos fariam o mesmo. Não sei se eu faria.

– Amor à primeira vista é um conto de fadas – disse Branna em tom firme.

– Adoro contos de fadas. – Com uma risada, Iona pôs os cotovelos na mesa e apoiou o rosto nas mãos. – Decidi que era apenas atração e não era errado quando Meara esclareceu as coisas. Decidi que só queria dormir com Boyle, mas nunca senti o que sinto por ele. E sei o que é, e começou quando o vi chegando montado em Alastar, os dois tão impetuosos e furiosos. Eu me apaixonei por ambos naquele exato momento. Estou tentando ser paciente, mas isso não é da minha natureza. Alastar descobriu que me amava. Agora só tenho que esperar que Boyle descubra também.

– Acredita que ele descobrirá? – perguntou-lhe Branna.

– Você não pode apenas esperar finais felizes. Tem que acreditar neles. E se esforçar, correr riscos. Matar o dragão, embora eu realmente ache que os dragões são muito fortes. Beijar a princesa ou o sapo, derrotar a bruxa malvada.

– Bem, derrotar o bruxo malvado é um final feliz o bastante para mim.

Não deveria ser, pensou Iona, mas Connor lhe deu um pequeno aperto na mão antes que ela dissesse qualquer coisa.

– Tenho coisas para fazer. Mas depois do jantar praticaremos de novo – continuou Branna. – Connor pode ajudá-la com as visões e a cura. O solstício está mais perto a

cada dia e ainda há trabalho a ser feito.

– Você tem alguma ideia do que fazer?

– Você disse que Boyle o machucou, em um sonho, e só com o punho. Podemos fazer mais do que usar um punho.

– Tenho que voltar para a escola, dar uma olhada em alguns filhotes de falcão. Mas estarei em casa daqui a uma hora.

– Vou caminhar com você – disse Iona para Connor. – Gostaria de exercitar um pouco Alastar, ainda que apenas ao redor da pista de saltos.

– Então vou passar por lá na volta e a trarei para casa.

– Provavelmente conseguirei uma carona, mas, se não conseguir, lhe enviarei uma mensagem de texto.

– Então está certo, vão e me deem um pouco de tempo para pensar. – Branna se levantou da mesa. – Você disse que Fin ia fazer um feitiço de proteção para a cama de Boyle. Certifique-se de que ele fez antes de voltarem a usá-la.

– Está bem.

– Na próxima vez em que você ou qualquer um de nós entrar em um sonho, quero seja por opção e levado por nós.



IONA CALÇOU SUAS BOTAS DE MONTAR E PASSOU UM POUCO DE BRILHO labial, para o caso de se encontrar com Boyle. Ambos tinham obrigações naquela tarde – ele cuidaria de sua papelada, ela lançaria seu feitiço –, mas esperava convencê-lo a sair no dia seguinte, após o trabalho, talvez para um jantar casual e depois uma noite aconchegante na casa dele.

Do lado de fora, ela deu o braço a Connor. O ar podia estar frio e úmido, mas trazia a primavera e faria o abrunheiro florescer.

– Você já se apaixonou? – perguntou ela ao primo.

– Claro, inúmeras vezes, e nunca do modo ao qual se refere. Embora meu coração tenha sido golpeado e machucado, nunca foi partido.

– Também sofri golpes e me machuquei um pouco. Quando estava no ensino médio, cheguei a desejar dor no coração só para saber como era. Sempre quis sentimentos intensos, sabe? Ascensão e queda. Na maioria das vezes o que consegui foram quedas. Conformando-me com alguém que eu sabia que se conformava comigo. Isso faz você se sentir medíocre para sempre.

– E agora?

– Agora eu me sinto poderosa, determinada. – Ela traçou um círculo com os dedos e fez pequeninas luzes dançarem. – Feliz.

– E tudo parece bem em você.

– Você quer se apaixonar?

– Claro, um dia. Ela entrará na sala, linda e brilhante, uma deusa sensual com a mente de uma sábia e o temperamento de um anjo. Cozinhará como minha tia Fiona, que era incomparável na cozinha, me acompanhará em todas as cervejas no pub e gostará de poucas coisas mais do que de observar falcões comigo.

– Você não está pedindo muito.

Os olhos de Connor, verdes como musgo, piscaram para ela.

– Por que não pedir tudo quando nunca se sabe o que a vida vai lhe oferecer?

– Bem observado – disse Iona, e fez outra dança de luzes.

quanto para embelezá-la. Havia mandado seus empregados para casa um pouco mais cedo porque queria algum tempo sozinho. Agora, tendo a doce égua como companhia nos estábulos silenciosos, podia refletir sobre tudo que ocupava sua mente.

Havia contas a pagar e pedidos a fazer, e ele daria conta de tudo, não daria? Tinha a tarde inteira para isso, como precisava.

Como queria, corrigiu-se.

Um homem precisava de tempo e espaço para si mesmo sem uma mulher esperando sua atenção.

Então ele não deveria estar pensando em ir buscá-la para ocupar seu tempo e espaço.

No mínimo, quando terminasse de ver a papelada, deveria usar parte de seu tempo para pensar sobre tudo que acontecera naquele dia.

Teria que contar para Fin, é claro, e o faria assim que o amigo voltasse. Eles conversariam tomando uma cerveja, portanto não haveria nenhum espaço para Iona, mesmo se ele estivesse inclinado a ficar com ela.

E ele estava, o tempo todo.

O que significava um homem não conseguir manter uma mulher fora de seu espaço e muito menos de seus pensamentos?

Significava que ele estava enfeitiçado pelos olhos azuis e pelo riso fácil da loura bonita da qual não conseguia tirar as mãos. E por aquela fé absoluta dela no bem e na felicidade, embora ele percebesse cada vez mais quão pouco disso Iona tivera.

Ver-se desejando lhe proporcionar o bem e a felicidade o preocupava muito. Não planejava o dia inteiro com o objetivo de lhe proporcionar justamente isso? Não que tivesse dado certo em todos os casos, considerando as visões sombrias e o medo que quase parara seu coração. Mas ele planejava tudo pensando nela.

Ela sempre estava em sua mente.

Estava na hora de se lembrar de que um homem precisava de espaço, trabalho, um bom cavalo e uma cerveja no fim de um dia difícil.

– É isso aí, não é, Querida? Nós temos o que importa bem aqui.

Na baía ao lado, Alastair bufou.

– Não estou falando com você, estou? Bicho mal-humorado.

– E disso você entende – disse Fin atrás dele. – Com o que está preocupado, irmão?

O homem podia entrar em um corpo, pensou Boyle, como fumaça em uma chaminé.

– Quem disse que estou preocupado?

– Eu estou dizendo. – Fin estendeu a mão e acariciou o pescoço de Querida. – Mandou os homens para casa cedo, não foi?

– Um pouco. Tenho que fazer muita coisa hoje.

– Achei que você estivesse passeando tranquilamente com Iona.

– Nós passeamos o suficiente, talvez mais do que isso.

– Problemas, então? Do tipo pessoal ou mágico?

– Ambos, eu acho. Começou cedo esta manhã, como você sabe, quando partilhei um sonho com ela e dei um soco naquele maldito.

– Isso lhe causou mais problemas?

Fin pegou seu ombro, mas Boyle continuou a escovar a égua.

– Nada sério ou duradouro. Vou lhe contar o resto.

E contou, do início até quando carregou Iona para fora do monastério. Apenas resmungou quando Fin pegou a mão dele.

– Eu lhe disse que ela a curou, e Connor também deu uma olhada.

– Verei por mim mesmo. – Depois de fazer isso, Fin assentiu e soltou a mão de Boyle. – Você disse que o machucou. Tem certeza disso, agora que já se passou algum tempo e pensou melhor?

Boyle fechou sua mão.

– Sei quando dou um soco, amigo.

– Sim, você saberia. – Fin andou de um lado para outro. – Pensei um pouco sobre isso, e o usaremos. Vou pensar mais, mas o usaremos. Tenho um feitiço de proteção para você, antes de ir dormir. Ela virá esta noite?

– Não. Preciso de uma noite para mim, não é? Tenho trabalho e estou pensando em minhas próprias coisas a fazer sozinho.

Fin ergueu uma sobrancelha ao ouvir o tom dele.

– Vocês brigaram?

– Não. Depois que eu a carreguei para fora do maldito monastério ela comeu peixe com batatas fritas como se estivesse morrendo de fome. Eu a levei para Clew Bay, porque ela queria ver a água, e então ela avistou mais ruínas, outro cemitério, e perambulou por lá, mas não havia nada lá para ela como nos outros lugares. E isso foi um alívio.

– Iona está se saindo bem para quem entrou nisso mais tarde do que a maioria.

– Acho que sim, e ela tem muito com que se ocupar. O que me faz pensar.

Fin fez um gesto indicando amplidão.

– Pensar longe.

– Eu a quero aqui, mesmo quando não quero. Ou acho que não quero, e depois quero. – As palavras pareceram loucas aos seus próprios ouvidos, mas, agora que havia começado, ele não conseguia parar. – E nunca gostei muito de mulheres na minha casa, porque elas tendem a se preocupar, deixar coisas para trás, trazer bugigangas ou tentar mudar a organização.

– Hum. E ela faz isso?

– Não, e isso é suspeito, não é? – Boyle apontou um dedo para o ar como se tivesse chegado ao ponto desejado.

– Então, se ela faz essas coisas está invadindo. Se não faz, é suspeito? *Mo dearthair*, você agindo como um tolo.

– Não estou. – Ofendido, Boyle se virou para Fin. – Não estou sendo tolo em me perguntar se ela teria algum plano oculto. Veja bem, ela falou em casamentos. Em um casamento em Ballintubber Abbey.

– Que é famosa por seus casamentos. Ela o pediu em casamento? Não estou vendo nenhuma aliança em seu dedo.

– Ria se quisesse, mas me pergunto se estou pensando demais nela. Isso não é confortável. Quando estou com ela na cama é como se nunca tivesse experimentado isso antes. E nem ninguém. Então acabo ficando ou a deixando ficar, e depois vem o café da manhã e a vinda para o trabalho. Eu tenho que trabalhar, não é? E mesmo então ela entra na minha mente. Isso é irritante agora que eu o disse em voz alta.

– Dá para perceber. Deve ser difícil para você ter uma mulher jovem, doce e bonita como uma manhã de primavera tirando seu tempo e sua atenção.

– Eu tenho uma vida, não tenho? – retrucou Boyle, como se cada palavra de Fin o fizesse se sentir, bem... um tolo. – E o direito de gostar dessa vida como é... era antes.

– Tão certamente quanto estou aqui, eu trocaria de lugar com você se pudesse, para ter uma mulher em meus pensamentos e em meu coração que ficasse feliz em me ter nos dela. Mas é claro que você tem todo o direito de viver sua vida sem uma mulher jovem, doce e bonita nela.

– Ela é mais do que isso, como você sabe. Nunca vi alguém como ela, e vi você, Branna e Connor. Mas quando é com ela... nunca vi nada igual. Perco o fôlego. Não sei por quê.

– Tenho uma teoria.

– Fale.

– Para mim você parece um homem apaixonado.

– Ah, claro, e isso é útil. – Boyle só resistiu à vontade de atirar a escova porque isso assustaria Querida. – Estou lhe dizendo que ela entrou em minha mente, minha vida e minha cama e mal tenho um minuto para mim mesmo. Tirei um dia de folga, o que você sabe que não faço, para levá-la a Mayo e Galway. Não consigo escapar dela nem mesmo quando estou dormindo. Acho que ela me enfeitiçou.

– Ah, por Deus, Boyle.

Mas agora Boyle tinha soltado o verbo.

– Ela entrou nisso tarde, como você disse, e está cheia de poder. Então fez um feitiço de amor para me envolver dessa maneira.

– Besteira. Mesmo se ela quisesse, e não a vejo querendo, Branna nunca permitiria isso.

– Branna não sabe tudo – murmurou Boyle, e olhou de cara feia quando Alastair deu um coice na parede da baia. – Iona é nova nisso e está, por assim dizer, testando

suas habilidades. Ela as está testando em mim, por isso estou fazendo caminhadas, cavalgadas, passeios de carro e o café da manhã dela depois de uma noite em que dormiu enroscada em mim como uma trepadeira. Então, se ela fez um feitiço de amor para mim, você precisa quebrá-lo.

– É isso que você pensa? – Muito silenciosamente, Iona entrou na baia. – Desculpe-me, mas você estava ocupado demais gritando para me ouvir entrar. Como seu conceito de si mesmo é alto, Boyle, e o de mim, baixo.

– Iona...

Ela recuou, erguendo o queixo.

– Você me acha mesmo fraca, deplorável e patética a ponto de querer quem não me quer por livre e espontânea vontade? Acha que eu usaria magia para enfeitiçá-lo e fazer você passar tempo comigo, sentir algo por mim?

– Não, eu só estou tentando entender isso.

– Entender. – Os olhos dela ficaram marejados, fulminando-o, mas as lágrimas não rolaram. – Sim, sei que você é ocupado demais para se preocupar comigo. Então facilitarei as coisas para você. Não há nenhuma necessidade e não há nenhum feitiço. Tenho muito respeito pelo que sou para fazer uso disso de modo tão mesquinho e egoísta. E amo você demais para usá-lo.

Cada palavra foi como uma punhalada no coração dele.

– Vamos subir e conversar sobre isso.

– Não tenho mais nada para dizer e não quero conversar com você agora. – Ela lhe deu as costas. – Fin, você pode me dar uma carona para casa?

– Eu mesmo a levarei... – começou Boyle.

– Não. Não quero estar com você. Posso chamar Connor se você não puder, Fin.

– É claro que eu posso.

– Você não pode simplesmente ir embora depois...

– Está duvidando? – Iona lhe lançou um olhar tão cheio de tristeza e fúria que ele não disse mais nada quando ela se virou e saiu.

– Deixe isso para lá por enquanto – disse Fin, em tom calmo – e use um pouco desse famoso tempo e espaço para aprender a se humilhar adequadamente.

– Ah, estou ferrado.

– Sim. – Ele saiu apressado atrás de Iona e abriu a porta do carro para ela.

– Ele nunca sentiu isso por ninguém – começou Fin.

– Não tente contemporizar. Se puder me fazer um favor, não diga nada. Só quero ir para casa.

Fin fez exatamente o que ela pediu, se manteve em silêncio no curto trajeto. Podia sentir a dor de Iona. Parecia irradiar dela para o ar no carro com tanta intensidade que Fin se admirou de não tirar sangue.

O amor, como ele sabia muito bem, podia cortar você em pedaços sem deixar

nenhuma cicatriz visível.

Ele parou no chalé, com fumaça saindo pela chaminé e um lindo canteiro de flores coloridas brilhando ao entardecer. E em algum lugar lá dentro, Branna, distante como a lua.

– Quer que eu entre com você?

– Não. Obrigada por me trazer.

Quando Iona começou a saltar, Fin simplesmente tocou na mão dela.

– Não é difícil amar você, *deirfiúr bheag*, mas para alguns o amor é estranho e um terreno pantanoso.

– Boyle pode olhar por onde anda. – Embora seus lábios tremessem, ela conseguiu manter um tom tranquilo. – Mas não pode culpar outra pessoa por seu ponto de chegada.

– Tem razão. Lamento você ter ouvido o que foi...

– Não lamente. É melhor ver e saber que você é uma tola do que manter seus olhos fechados e continuar a agir como uma.

Iona saiu depressa. Fin a esperou entrar para ir embora. Quase desejou estar ele próprio apaixonado por ela e poder lhe mostrar o que era ser amada.

Mas isso não era uma opção e provavelmente não era uma boa ideia ir para casa bater na cabeça dura de Boyle com um martelo, por isso iria buscar Connor. Eles se sentariam com uma garrafa de uísque, os três, e, como bons amigos, embebedariam Boyle.

Iona entrou direto. Não tinha a menor intenção de chorar no ombro de Branna ou de qualquer outra pessoa. Aliás, não tinha nenhuma intenção de chorar. O que queria era ruminar a raiva e superar o pior daquilo.

Então foi para a cozinha, onde Branna estava sentada à mesa com seu enorme livro de feitiços, que tinha uma capa de couro marrom gravada e muito bem conservada, um iPad, um notebook e vários lápis bem apontados.

Branna ergueu os olhos e levantou a cabeça, num gesto questionador.

– O que foi, você acabou de ir e já voltou?

– Sim. Vou tomar um copo realmente grande de vinho – disse dirigindo-se ao armário. – Quer um?

Branna franziu as sobrancelhas.

– Eu não recusaria. O que aconteceu? Teve outro encontro com Cabhan?

– Nem tudo tem a ver com Cabhan e enfrentar um demônio antigo. – Fiel à sua palavra, ela despejou vinho em um enorme copo para si mesma e depois em um menor para a prima.

– Bem, eis uma mudança de humor que ocorreu em menos de vinte minutos. Seu cavalo não ficou feliz em vê-la?

– Não cheguei a ver Alastair, o que é mais um motivo para eu estar irritada. Não vi

meu cavalo e não o montei. – Ela entregou o copo para Branna e bateu o seu próprio nele. – *Sláinte*.

Quando Iona pousou o copo com força na mesa, Branna tomou um gole e estudou a prima por cima da borda do copo. Raiva, sim, mas também mágoa. Deliberadamente, manteve sua voz alegre:

– Se não foi Cabhan ou o cavalo, o que sobrou? Deixe-me ver, poderia ser Boyle.

– Poderia e é. Eu entrei nos estábulos quando ele estava se queixando para Fin de como era inconveniente me ter por perto o tempo todo, em seu espaço. Em seu caminho, sua cama. Enroscada nele como uma trepadeira, de acordo com suas palavras.

– Ele é um idiota e espero que você lhe dê uma boa lição por isso. Os homens podem ser criaturas desprezíveis, ainda mais quando estão juntos.

– Ah, e tem mais, como se isso não fosse ruim o bastante. Como eu consegui entrar em sua vida, cabeça e cama, Boyle concluiu que fiz um feitiço para ele.

– Que besteira! – A calma e a solidariedade que Branna tentava transmitir se transformaram em choque e surpresa. – Ele devia estar brincando, ter dito isso porque Fin estava caçoando dele.

– Ele não estava brincando, Branna. Estava furioso, gritando. Nem mesmo me ouviu entrar. Quando cheguei ele estava dizendo, em voz alta, que mal tinha tempo para si mesmo e que do modo como eu entrei em sua vida devo ter feito um feitiço de amor para ele. Pediu para Fin quebrá-lo.

– Que dupla de idiotas.

– Não Fin. Ele também disse que era besteira.

– Estou feliz em saber pelo menos isso. Agora não vamos mais transformá-lo em um caracol e afogá-lo em cerveja.

Iona tentou rir, mas não conseguiu.

– Essa é uma boa palavra, *besteira*, vou começar a usá-la muito. Besteira, besteira, besteira.

Seus olhos estavam marejados e sua garganta ardia. Então ela balançou a cabeça e bebeu o vinho.

– Não, não, não. Eu *não vou chorar*. Tenho que continuar com raiva.

– Você falou com Boyle ou apenas transformou o pênis dele em um cotoco cheio de verrugas?

– Falei com ele. – Iona enxugou a única lágrima que escorreu. – Eu o fiz saber que tenho muito respeito por mim mesma para usar magia para fazer alguém me querer e me amar. Ele tentou arranjar desculpas, mas eram besteiras, não é? Pedi que Fin me trouxesse em casa e ele trouxe. Foi gentil.

Ele sabia ser extremamente gentil, pensou Branna. Com algumas pessoas.

– Então fico feliz que Fin estivesse lá. Não quero arranjar desculpas para Boyle. O que ele disse foi um grande e injustificável insulto para aqueles como nós. E isso dói

mais porque você tem sentimentos muito fortes por ele. Só vou dizer que, embora Boyle às vezes fique de péssimo humor e seja, bem... brusco é uma palavra simples para isso, nunca o vi magoar alguém assim. Acho que ele está totalmente perplexo com o que sente por você.

– Ele não quer esses sentimentos. Não vou chorar por alguém que não quer ter sentimentos por mim. Posso estar um pouco bêbada, mas não vou chorar por causa disso.

– Uma atitude sensata. – O telefone de Branna tocou. – É Connor. Dê-me um minuto. E onde você está? – perguntou ela assim que atendeu. – Bem aqui, sim. Não, nós podemos passar sem você, apesar de ser um homem. Isso é melhor, está bem. E quando eu quiser seu ótimo conselho, pedirei. Vão em frente, sejam burros juntos e pode dizer a Boyle que ele tem sorte de eu não tornar isso literal.

Ela desligou.

– Fin passou pela escola para buscar Connor. Eu disse para Connor: se vocês querem se reunir, vão em frente, porque os homens podem apenas atrapalhar. Estou pensando em chamar Meara, a menos que você não queira. Podemos nos sentar, beber mais vinho e dizer todas as coisas ruins e verdadeiras sobre os homens sem nenhum deles por perto.

– Isso seria ótimo. Mas você está trabalhando.

– Voltarei ao trabalho depois.

– Você está com pena de mim.

– Eu seria uma pessoa ruim se não estivesse. Mas estou irritada por você, por mim mesma e por todas as outras bruxas e mulheres com amor-próprio. Feitiço de amor uma ova.

QUANDO FIN ENTROU EM SUA CASA COM CONNOR, BOYLE ESTAVA ANDANDO de um lado para outro na sala de estar.

– Por que demorou tanto? – perguntou. Então viu Connor. – Ah, bem. Antes de vocês me criticarem, eu não sabia que ela estava lá e só estava me queixando um pouco. Posso me queixar um pouco em meus próprios estábulos.

– Uma pergunta, antes de irmos mais fundo nessa questão. – Connor ergueu um dedo. – Está dizendo que Iona usou magia para prendê-lo, um feitiço de amor?

– Eu disse isso, como você bem sabe, mas não estou dizendo agora. Eu estava desabafando, só isso. Ou quase.

– Acha que ela usou magia em você?

– Não, não quando eu...

– Agora chega – disse-lhe Connor. – De modo algum quero ser obrigado a lhe dar um soco, cujo resultado seria você me matar, e prefiro tomar uma cerveja. Droga, Boyle, você sabe o que nós fazemos e o que é fora de cogitação para nós. Deveria saber

o mesmo sobre Iona.

– Eu sei. Mas isso... Bem, que se dane, me dê um soco. Não vou revidar.

– Não há nenhuma graça em fazer isso nessas condições.

– Eu farei – ofereceu-se Fin.

– Você não é primo dela – retrucou Boyle, e depois ergueu as mãos e esticou o queixo. – Vá em frente, experimente.

Fin apenas sorriu.

– Vou deixar para fazer isso quando você menos esperar.

– Por que eu não pensei nisso? – Connor tirou sua jaqueta. – Quero a cerveja e depois você pode me contar como planeja consertar as coisas com Iona.

– Se ao menos ela fosse razoável...

– Esse não é o modo, amigo. – Connor se deixou cair no grande sofá de couro. – Há algo crocante para acompanhar a cerveja?

– Vou providenciar. Há bifes e Boyle pode cozinhar um pouco – decidiu Fin. – Praticar humildade e arrependimento.

– Olhe aqui. – Boyle se sentou e se inclinou para a frente. – Você perguntou se eu quis dizer isso, certo? Eu respondi que não, e foi o suficiente. Razoável.

– E espera que ela pense do mesmo modo?

– Eu estava desabafando – insistiu Boyle. – Quando ela se acalmar, eu lhe direi que estava apenas, como vocês dizem, extravasando, e não quis dizer o que disse.

Connor ficou calado por um momento e depois olhou para Fin quando ele voltou com garrafas de Smithwick's e um saco de batatas fritas.

– Sei que ele já saiu com mulheres – disse Connor em tom casual. – Eu mesmo vi e conheci algumas. Mas, se não soubesse, juraria que ele tinha acabado de sair de uma caverna, adulto, sem ter tido nenhum tipo de contato com mulheres.

– Ah, vá se danar.

– Rastejando. – Fin atirou uma cerveja para Connor e outra para Boyle, se sentou no sofá e pôs os pés sobre uma enorme mesa de centro que encontrara em suas viagens.

– Eu não estou fazendo isso.

– *Mo dearthair*, aposto 100 pratas que fará antes do que pensa. Boyle está louco por ela – disse para Connor.

– Esse é mais um motivo para ele ter lidado muito mal com isso.

– Eu deveria ir falar com ela agora, resolver o problema de uma vez por todas.

– Eu não o aconselharia a fazer isso. – Connor pegou um punhado de batatas fritas.

– Ela está com Branna, e neste momento minha irmã não está muito feliz com você. Calculo que tenha chamado Meara, então serão três tendo pensamentos no mínimo desagradáveis a seu respeito.

– Meu Deus, não posso consertar nada se ela não falar comigo, e ela está sendo defendida por uma bruxa e uma mulher com uma língua afiada como uma navalha.

– Conforme-se com esperar esta noite, e talvez mais um ou dois dias – aconselhou-o Fin. – Depois disso... acho que mandar flores não vai funcionar nesse caso.

Connor engoliu as batatas fritas com a cerveja.

– Nossa Iona tem uma alma romântica, mas flores são insignificantes, considerando a ofensa.

– Eu não a ofendi – começou Boyle, e praguejou amargamente antes de tomar sua cerveja. – Está bem, ofendi. Admito. Admitir um erro e me desculpar deveria ser suficiente.

Fin se esparramou no sofá.

– Sou forçado a concordar com você sobre a caverna, Connor, embora isso doa em mim. Iona não é um homem, meu irmão, e você não pode lidar com ela com se fosse, com um “sinto muito, amigo”. Vou lhe dar uma sugestão. Flores, porque ela é romântica, e algo que tenha algum brilho para mostrar que você entende a profundidade do seu erro.

Atônito, Boyle se apurou em sua cadeira.

– Eu não vou lhe comprar uma joia só porque desabafei quando ela nem devia estar lá. Não vou fazer isso. Um homem tem seu orgulho e brio, não é? Isso não passa de suborno.

– Acho que é mais um investimento – sugeriu Fin. – Meu Deus, cara, você nunca agiu mal com uma mulher e teve que encontrar um modo de se corrigir?

Boyle assumiu um ar de determinação.

– Se estou errado, digo que estou errado. Se isso não basta, bem, não posso fazer nada. Nunca saí com uma mulher que fosse importante, por isso...

– E ela é. Importante – concluiu Connor.

– Isso deveria estar bastante claro. – Ele ficou pensando enquanto olhava para sua cerveja. – Não vou sair por aí comprando flores e bugigangas para remediar o que fiz. Vou me desculpar, porque não poderia estar mais arrependido de ter posto aquele olhar no rosto dela. A irritação, tudo bem. Você grita e a põe para fora e ela acaba. Mas eu a magoei e lamento por isso.

Ele se levantou.

– Vou cuidar dos bifes.

– Louco por ela – disse Fin quando Boyle saiu da sala.

– E em pânico, o que seria divertido se isso tudo não tivesse acontecido. Ela o perdoará, porque é bondosa e também está louca por ele. Mas não brilhará de novo enquanto ele não lhe der o que ela está tão disposta a lhe dar.

– O que seria isso?

– Amor, dado livre e incondicionalmente. As flores, as bugigangas, a farão sorrir, quando estiver pronta. Mas ele terá que se entregar para ela brilhar de novo.

– Isso é o que faz todos nós brilharmos – observou Fin.

NA SALA DE ESTAR DO CHALÉ, COM A LAREIRA ARDENDO E AS VELAS ACESAS, Iona se acomodou no canto do sofá. Meara não só tinha vindo como trouxera pizza e sorvete.

– Pizza, sorvete de creme com biscoitos, vinho e garotas. – Iona ergueu sua taça em um brinde. – Não há nada melhor.

– Eu guardo a pizza e o sorvete no congelador para esses tipos de emergência.

– Perfeito. Todas nós deveríamos ser lésbicas.

– Fale por si mesma. – Divertida, Meara pegou uma segunda fatia.

– Eu acho que provavelmente as amazonas eram lésbicas. Ou algumas delas eram.

Foi isso que pensei de você quando a vi pela primeira vez.

Engasgando com seu pedaço de pizza, Meara bebeu um pouco de vinho.

– Você olhou para mim e pensou: “nossa, ela é lésbica”?

– Amazona. Não pensei em sua orientação sexual, e então vi você e Boyle juntos e achei que tinham algum envolvimento, mas estava errada. Amazona – repetiu Iona. – Alta, forte e maravilhosa. Estou um pouco bêbada. – Ela sorriu para Branna. – Obrigada.

– Ah, de nada.

– Todas nós podemos ser amazonas.

– Você é um pouco baixa para isso – salientou Meara.

– Devia haver algumas baixas entre elas.

– Dizem que ela é baixa, mas poderosa – acrescentou Branna.

– Tem toda a razão! Querem ver o que eu posso fazer? – Ela fez surgir uma pequena bola de fogo em sua mão.

– É melhor não brincar com fogo ou magia quando você está um pouco bêbada – aconselhou-a Branna.

– Certo. – Ela piscou e a bola desapareceu. – Mas o fato é que eu posso fazer isso. Posso cuidar de mim mesma. Vou comprar um carro e, quando quiser passear, irei sozinha. Tenho poder e determinação. Não preciso de um homem.

– Se nós fôssemos amazonas, só os usaríamos para sexo ou o que mais nos desse na cabeça, e depois os descartaríamos ou mataríamos.

Iona assentiu.

– Vamos fazer isso. Não matar, porque é um pouco extremo. Mas sexo e o que nos der na cabeça. Eu realmente gosto de sexo.

– Um brinde a isso. – Meara ergueu sua taça e depois olhou para Branna.

– Você não vai brindar ao sexo?

– Vou, porque isso é o mais perto que chego dele há algum tempo.

Iona suspirou, um pouco bêbada.

– Você poderia ter sexo com quem quisesse. É maravilhosa.

– Muito obrigada, mas atualmente ninguém me atrai.

– Ela é seletiva em relação a isso – acrescentou Meara.

– Eu também, ou era. Acho que vou parar de ser. O sexo com Boyle era espetacular.
– Conte como era – comentou Meara. – E estou falando sério. Tenho todo o tempo do mundo.

Com uma risada, Iona bebeu mais vinho.

– Quente, selvagem e suado. Como se o mundo fosse acabar a qualquer minuto e *tivéssemos* que possuir um ao outro primeiro.

– Ah, bem, nunca cheguei nem perto desse tipo de sexo.

– Agora acabou. – Iona passou uma das mãos pelo ar. – Está na hora de uma boa dose de cinismo porque o amor é uma droga. Quem precisa dele quando tem pizza, sorvete, garotas e muito vinho?

– Eu sempre achei que ele era a cobertura.

Iona apontou um dedo para Meara.

– Cobertura engorda e dá cáries.

– Isso pode ser verdade, mas... Bem, você tem que assar o bolo, não tem? Assá-lo direito para que fique bom. E talvez decida acrescentar cobertura, talvez não.

– Amor como uma escolha? – Não, pensou Iona. – Não. O amor apenas se apodera de você. Mas como escolher? Você assou seu bolo e lá está ele, e acha que está bom o suficiente para você. Então pisca os olhos e toda essa maravilhosa cobertura simplesmente desaba do nada.

Meara deu de ombros.

– Você poderia raspá-la.

– Sim – concordou Branna. – Mas isso também tira um pouco do bolo e você nunca consegue remover toda a cobertura.

– Isso é triste. Parece verdadeiro – murmurou Iona – e triste. Não podemos ficar tristes. Eu me recuso a ficar. Precisamos de música – decidiu. – Você pode tocar, Branna. Adoro ouvi-la tocar.

– Por que não? – Branna se levantou. – Estou com disposição para isso. Vou pegar meu violino. E Meara, afine sua gaita.

Quando Branna saiu, Iona se levantou para avivar o fogo.

– Sei a resposta de Branna porque a vi com Fin e conheço a história. Mas você já se apaixonou?

– Bem, atendo-me ao tema, mergulhei meu dedo na tigela de cobertura e provei um pouco uma ou duas vezes, mas só isso. – Meara mudou de posição em seu canto do sofá. – Quero dizer, Boyle pode ser um idiota.

– Branna disse a mesma coisa.

– A maioria dos homens é. E lamento dizer que nosso lado também tem momentos de grande estupidez. Quero dizer que eu o conheço há muito tempo e nunca o vi olhar para outra mulher como olha para você.

Iona acreditava nisso. Sentira-o. Mas...

- Eu gostaria que isso fosse suficiente. Meu problema é que sempre quero mais.
- Por que isso é um problema?
- É um problema quando você não obtém o que quer.

Iona se sentou de novo ao ver Branna voltar com o estojo do violino.

- Ele está lá fora – disse Branna.
- Boyle? – E droga, Iona sentiu seu coração pular.
- Não. Cabhan.

Dessa vez os nervos de Iona pularam até mesmo enquanto ela e Meara empurravam o sofá.

– Há névoa por todos os lados ao redor da casa, grudada nas janelas como um voyeur.

– O que vamos fazer? – Iona viu a cortina cinza de névoa ao ir para a janela com suas amigas. – Deveríamos fazer alguma coisa.

– Faremos. Teremos música. Ele não pode passar pela minha proteção deste lugar – disse Branna muito calmamente, pegando o violino e o arco. – Então tomaremos mais vinho e teremos música. E enfiaremos o som no traseiro dele.

– Algo animado então. – Meara mostrou seu dedo médio para a janela antes de se virar. – Algo para dançar. Vou ver se consigo ensinar alguns passos para Iona.

– Eu aprendo rápido – disse Iona, tanto para o que espreitava lá fora quanto para Meara.



A RESSACA A ACORDOU – O CONSTANTE LATEJAR EM SUAS TÊMPORAS que acompanhava o ritmo das marteladas em seu crânio.

Já tivera piores, pensou Iona, mas não muito.

Pensou em puxar as cobertas acima da cabeça e tentar dormir para que aquilo passasse, mas não podia – não iria – faltar ao trabalho. Com cautela, abriu os olhos e os relanceou para a janela da sala de estar.

Não estava na cama, percebeu, mas no sofá com uma bela manta roxa *dégradé* sobre ela. Agora se lembrava. Tinha se estirado no sofá depois de dançar até ficar sem fôlego e se unir às suas amigas em uma canção ou duas.

Não tinha a qualidade de voz delas, mas conhecia as letras graças a Vovó e conseguiu entoar alguns versos com razoável afinação.

Além disso, tinha sido divertido e desafiador produzir música enquanto a névoa ondulava lá fora.

Ela havia bebido, comido, conversado, rido e dançado até sentir aquela horrível primeira pontada de dor. E agora tinha uma ressaca para distraí-la, e tudo isso era bom.

Não havia chorado – ou só um pouco, o que não contava – e isso era ainda melhor.

Beberia um galão de água, tomaria uma ou duas aspirinas e se forçaria a comer alguma coisa. Depois tomaria um banho demorado.

E trabalharia durante o resto do dia.

Em algum momento entre a primeira e a última taça de vinho decidira ir aos estábulos como de costume. Não deixaria um emprego que adorava porque seu chefe – amante – havia partido seu frágil coração.

Se Boyle quisesse que ela fosse embora, teria que demiti-la.

Levantou-se e foi arrastando os pés para a cozinha. Bebeu água, tomou algumas aspirinas e estava pensando em comer uma torrada quando Meara entrou parecendo irritantemente bem-disposta e corada.

– Está com um pouco de dor de cabeça esta manhã, não é?

Iona lhe deu o olhar mais desdenhoso que conseguiu.

– Por que, você não está?

– Ah, tenho uma cabeça de pedra e um estômago de ferro – falou ela, alegre,

enquanto começava a preparar o café. – Não me lembro de já ter me sentido mal depois de uma noite bebendo.

– Eu odeio você.

– E quem pode culpá-la? Nós a deixamos onde você desabou na noite passada, porque pareceu o melhor a fazer. Como eu tinha trazido uma muda de roupa no caso de a noite se prolongar, dormi no seu quarto. Você precisa de café e comida. Estou pensando em mingau de aveia.

Iona estremeceu.

– Sério?

– É bom e saudável. Vou fazer, porque Branna ainda não deve ter acordado.

– Ela também tem cabeça de pedra e estômago de ferro?

– Eu diria que sim. Mas ela toma cuidado com o quanto bebe. Sempre gosta de se manter sóbria. Aqui. – Meara serviu o café. Quando ela acordar vou lhe pedir que faça uma poção para a cabeça. Uma pela qual é famosa.

– Bom saber. Quero estar com a cabeça fria quando chegar no trabalho.

– Então vai continuar lá? – Iona lhe deu um leve soco no ombro em sinal de aprovação. – Que bom.

– Não vou me privar do trabalho que amo ou ficar me lastimando pelos cantos. Preciso do emprego e descobrirei um jeito de trabalharmos juntos, a menos que ele me demita.

– Boyle nunca faria isso. Ele não é tão duro, Iona.

– Não, não é. Além disso, o dia pode estar ensolarado agora, mas sempre há uma chance de névoa. Tendo de lidar com isso, precisamos pôr o resto de lado. Sem brechas no círculo, certo?

– Você é corajosa. – Dessa vez Meara lhe fez um rápido carinho no ombro.

– Se você vai mesmo fazer mingau de aveia, vou subir, tirar um pouco dessa ressaca no chuveiro e me vestir para o trabalho. – Ela hesitou e depois passou os braços ao redor de Meara. – Você e Branna me ajudaram a enfrentar uma noite difícil.

– Ah, não é para isso que servem as amigas?

Quando Iona saiu do chuveiro o latejar e as marteladas tinham diminuído um pouco. Mas um estudo atento de seu rosto no espelho lhe disse que precisava de mais ajuda. Em vez de sua costumeira maquiagem rápida para trabalhar, aplicou-a mais devagar e com certo cuidado. Não queria que Boyle pensasse que as bochechas pálidas e olheiras eram por causa dele, embora fossem, porque ela havia abusado da bebida para afogar a mágoa.

Satisfeita por ter feito o melhor com o que tinha, vestiu-se e voltou para encarar o mingau de aveia.

Encontrou Branna de pijama, sonolenta, tomando café enquanto Meara cantarolava passando manteiga em um pão torrado.

– Aí está você. Parece estar se arrastando.
– Estou tão mal assim?
– Não, de forma alguma – disse Meara com convicção.
– Claro que pode ficar melhor. – Branna curvou um dedo. – Venha aqui, já que não fará isso para si mesma. – Ela deslizou as mãos gentilmente pelo rosto de Iona. – Apenas um toque, porque também não queremos que Boyle pense que você se arrumou toda por causa dele.

Isso fez Iona sorrir.

– Você leu a minha mente.
– Isso é lógico. Um pouco de magia dá o toque certo. Nós, mulheres e bruxas, somos unidas. Meara disse que você está com um pouco de dor de cabeça.

– Melhorou.
– Beba isto. – Ela bateu com o dedo em um copo cheio de um líquido verde-claro.
– O que é?
– É bom para o que a aflige. Ervas e coisas assim, e um toque a mais. Não faz nenhum sentido ir trabalhar se sentindo mal, ou parecendo se sentir. Você está sendo corajosa ao lidar com isso, portanto terá uma recompensa.

– E mingau de aveia. – Meara pôs três tigelas sobre a mesa, voltou para buscar as torradas e depois se sentou.

– Lá vai. – Considerando-a um remédio, Iona bebeu a poção, mas achou que tinha um gosto refrescante com um leve toque de hortelã. – É gostosa.

– O que é bom para o que a aflige não tem de ser desagradável. Coma, isso vai ajudar.

– Vocês duas estão cuidando de mim. Gostaria de dizer que, se alguma de vocês vier a sofrer por amor, podem contar comigo.

– Isso é tranquilizador. – Meara mexeu seu mingau.

A ressaca desapareceu, como gotas de chuva escorrendo por uma vidraça, de um modo lento, fluido e suave que deixou Iona se sentindo revigorada e repousada.

– Você poderia ganhar uma fortuna só com essa poção – disse ela para Branna enquanto vestia sua jaqueta. – Ela é milagrosa.

– Não exatamente, e ganhar uma fortuna não é tudo que as pessoas pensam que é. Vamos trabalhar esta noite, prima, e em dobro, para compensar a noite de folga.

– Estarei pronta para isso. Sei que você não é muito chegada a abraços – acrescentou enquanto abraçava Branna. – Mas eu sou. – Ela começou a se dirigir para a porta com Meara. – Acho que Cabhan não gostou da música.

– Espero que ela ainda esteja soando nos ouvidos dele. Falo com você depois – disse Meara para Branna, e foi para sua picape. – Detesto dizer isso – continuou ela enquanto Iona se sentava ao seu lado –, mas não seja dura demais com Boyle. É claro que o idiota merece, mas os homens podem ser muito desastrados.

- Não quero ser dura com ele. Só quero superar isso.
- E vai conseguir.

BOYLE NÃO ESPERAVA QUE ELA FOSSE TRABALHAR E O ABORRECIA SABER que não poderia culpá-la. Antes da remoção de esterco, de ter dado de comer e beber aos cavalos e dos medicamentos diários da manhã, ele se debruçara sobre o cronograma da semana. Em um tempo relativamente curto, percebeu que destinara a Iona tantas tarefas, alunos e funções que precisaria mudá-lo um pouco para cobrir a ausência dela.

Uma chatice. E quando pensava nisso de um modo racional não havia nenhum motivo para que ela chegasse a tal ponto de jogar o trabalho na lixeira junto com o resto.

E se ao menos pudesse ter uma ou duas palavras racionais com ela, certamente ele próprio poderia sair da lixeira.

Se as mulheres fossem mais parecidas com os homens, sem dúvida a vida seria mais tranquila.

Ele se preocupou, mudou o cronograma, removeu pensamentos e alterou horários e alunos. Quando pegou seu celular para começar a dar os telefonemas necessários, ouviu a picate de Meara chegar. O som do veículo dela era como um ronronar de um puma, ao passo que o de Mick era como um leão com bronquite.

Ele saiu, determinado a passar os telefonemas para Meara e, muito casualmente, arrancar-lhe informações sobre Iona, porque soubera que Meara tinha passado a noite na casa de Branna.

Por isso ficou paralisado ao ver Iona saltar do banco do carona, vestida para o dia de trabalho.

– Bom dia – disse Meara com uma espécie de alegria feroz, passando por ele em direção dos estábulos.

Ele começou com:

– Ah...

– Estou aqui para trabalhar. – Com uma voz seca que Boyle nunca a ouvira usar, Iona parou a centímetros de distância para falar com ele. – Só isso. Preciso do emprego, gosto do trabalho e sou boa nele. Se pretende me demitir...

– Demiti-la? – Chocado, e mais uma vez paralisado, Boyle ficou boquiaberto. – É claro que eu não vou demiti-la. Por que...

– Ótimo. Então é só isso.

– Bem, espere um minuto, precisamos conversar sobre...

– Não temos nada para conversar. – Ela o interrompeu no mesmo tom frio e seco. – Sei o que você sente e pensa, e sou responsável pelos meus próprios sentimentos. Então é apenas trabalho, Boyle, e tem que respeitar isso.

Iona lhe deu as costas e foi para os estábulos. Ele poderia tê-la impedido, a puxado e

arrastado para algum lugar privado em que ela teria que conversar com ele. Por um momento pensou em fazer exatamente isso, mas depois deixou-a ir.

Enfiou as mãos nos bolsos e ficou no ar frio da manhã, desejando ter comprado as malditas flores.

Tentou ver as coisas do modo dela. Era ele quem tinha feito a besteira e tinha que lhe dar o espaço que pedia.

Iona foi trabalhar, mas não do modo brusco que ele havia esperado. Ah, não, ela teve muito a dizer para Meara, Mick e os outros, uma risada para partilhar, uma pergunta para fazer. Mas nenhuma maldita palavra para ele, a menos que não tivesse alternativa.

Iona conseguiu ser ao mesmo tempo cordial e distante.

Isso o irritou e, quando a raiva diminuiu, fez com que se sentisse culpado.

– Você o está deixando louco. – Meara observou Iona selar Batata para guiar uma cavalgada.

– Eu só estou fazendo meu trabalho e deixando o lado pessoal fora disso.

– É exatamente isso que o está deixando louco. Eu diria que, sendo homem, sobretudo Boyle, o lógico a fazer nessas situações é separar o lado profissional do pessoal, mas fazendo isso você está apertando os testículos dele. Boyle não sabe se deve gritar ou desabar.

– Eu estou superando. – Depois de apertar o cinto da sela, Iona pôs seu capacete de equitação. – É isso que importa. Mas não posso dizer que lamento estar dando uma boa apertada nos testículos dele.

Ela conduziu o grupo – um casal e duas adolescentes dos Estados Unidos aproveitando as férias de primavera – e deixou que conversassem entre eles. Mas olhou para trás uma vez e não pôde evitar uma pontada de satisfação ao ver que Boyle a observava se afastar.

Quando entraram na floresta, ela passou os dedos pelo amuleto que usava e depois os levou ao bolso, onde naquela manhã pusera um talismã de proteção.

Não temeria a floresta, disse a si mesma. Não temeria o que viesse. E não temeria viver sozinha se fosse isso que o destino lhe reservava.

Pondo seu sorriso de guia, mudou de posição na sela e olhou para trás, para a família.

– Então, estão gostando de sua visita até agora?

DIAS CHEIOS PASSAM DEPRESSA, E IONA SENTIU-SE GRATA POR ISSO. SABER que tinha feito exatamente o que era preciso não tornava as coisas mais fáceis. Queria sorrir para Boyle e vê-lo sorrir para ela de volta. Queria poder tocá-lo, apenas lhe dar a mão ou o braço.

Queria ficar à vontade com ele de novo. Mesmo se não pudessem se envolver,

mesmo se ela tivesse que encontrar um modo de extinguir a chama do amor que sentia por ele, queria Boyle em sua vida.

Precisava dele, corrigiu-se enquanto limpava os grandes estábulos depois de sua aula com Sarah. Até Cabhan ser derrotado, até o que Sorchá começara tanto tempo atrás ser concluído, todos eles precisavam uns dos outros.

O que enfrentavam era muito maior do que um coração machucado e orgulho ferido.

Eles encontrariam um modo. Se Branna e Fin podiam trabalhar juntos, ela certamente podia lidar com Boyle. Talvez demorasse algum tempo para descobrir o modo certo, aparar as arestas, e acabariam tendo que conversar, admitiu.

Mas não nesse momento. Tudo ainda era muito recente.

Abraçou o pescoço de Alastar, satisfeita quando ele esfregou o focinho nela.

– Eu tenho você, não é? Meu guia, meu amigo, meu parceiro. Tenho uma família que se importa comigo e me entende. E tenho um lar, um lugar ao qual pertenço. Isso é mais do que eu tinha antes.

Iona chegou para trás e beijou o focinho de Alastar.

– Então, sem lamúrias. Vejo você amanhã.

Ela percebeu que tinha saído na hora certa ao avistar Connor indo na direção dos estábulos, assoviando uma música.

O quadro irlandês perfeito, pensou. Um homem bonito, com membros compridos e um rosto angelical, as mãos nos bolsos e o caminho marrom com a floresta verde atrás.

– Então já terminou o dia? – gritou ele.

– Terminei agora. E você?

– Pronto para levar minha bela prima para casa e ver se nossa querida Branna assou biscoitos hoje. Estou ansioso por alguns e, como ela disse que vamos trabalhar esta noite, eu os mereço.

– Estou pronta para a magia. – Ela agitou os dedos. – E para aprender algo novo.

– Novo, é?

– Projeção astral. Estou fazendo isso em sonhos, meus ou manipulados por Cabhan, não sei ao certo. Mas não posso controlar. E quero.

– Isso é uma boa ferramenta. E então... como foi tudo hoje com Boyle?

– Talvez um pouco estranho e tenso de vez em quando, mas conseguimos superar. Deveria ser mais fácil seguir em frente.

– Ele está se sentindo péssimo com tudo isso.

Ela não se sentiria satisfeita (talvez apenas um pouco). Não sentiria pena, ou a ignoraria.

– Ele sente o que sente, é por isso que estamos aqui. Ele é seu amigo. – Ela fez um rápido carinho no braço de Connor. – Ele se sente mal porque me magoou. Você se sente mal porque ele se sente mal. Nós todos temos que superar isso e não perder de

vista o que precisamos fazer.

– E você consegue superar?

– Já me desapontei antes. – Ela disse aquilo de modo tranquilo, tinha que ser assim, porque o que sentia era profundo. – Acho que alguns de nós simplesmente não estão destinados a ter esse tipo de conexão.

– Mas não você. – Connor pegou a mão dela e a apertou. – Você não pensa assim.

– Penso – disse ela. – Há algo em mim que torna difícil para os outros ter uma conexão íntima comigo.

– Besteira – começou ele, mas Iona balançou a cabeça.

– Meus próprios pais não conseguiram. O problema era com eles ou comigo? Quem pode saber? Mas, se eles não conseguiram e não houve ninguém com quem eu quisesse ter essa conexão até conhecer Boyle, não posso culpá-lo. Se o problema é meu, tenho que trabalhar em mim. E tenho feito isso. Sou um exemplo clássico de trabalho em andamento.

– Você está errada sobre a conexão ou tudo ser um problema seu. É tão fácil amá-la quanto amar uma manhã de verão. Se não fôssemos primos, eu me casaria com você.

Iona riu, comovida. Depois lhe lançou um olhar de esguelha provocante.

– Somos primos distantes.

– Ainda assim, primos. – Connor pôs um dos braços nos ombros dela. – E isso seria muito estranho e complicado.

– Que pena, porque você é muito bonito.

– Você também.

Ele abriu a porta da oficina e fez um gesto exagerado com o braço para que Iona entrasse. Depois cheirou o ar.

– Biscoitos de gengibre, uma ótima recepção.

– Coma alguns e tome seu chá, porque temos trabalho a fazer.

Na bancada, Branna despejou cera líquida branca em um frasco claro, já com um longo pavio branco. Iona se perguntou como Connor tinha sentido o cheiro de gengibre por baixo da fragrância de verão das orquídeas.

– Então, como foi tudo? – perguntou Branna erguendo a panela e passando para o próximo frasco.

– Para o primeiro dia não foi muito ruim.

– Ela acha que não pode ser amada. – Connor falou com a boca cheia de biscoito.

– Ah, besteira.

– Eu não disse isso, não penso isso. Eu quis dizer... não importa. – Ela pegou um biscoito. – Você precisa de ajuda com isso?

– Estou quase terminando. Mais tarde você pode me ajudar com os rótulos e aparando os pavios. Fiz dezenas enquanto estávamos com pouco movimento e há mais turistas na primavera do que no inverno. Tome seu chá. Trabalharemos o dobro hoje

para compensar o que não fizemos ontem.

– Estou pronta.

– Ela está interessada em projeção astral – disse Connor.

– Projeção astral? – Franzindo os lábios, Branna estudou Iona. – Não era o que eu tinha em mente, mas por que não? É uma boa habilidade.

Com o último frasco cheio, ela os deixou esfriando na grade e tirou o avental branco que usara para proteger seu suéter vermelho-papoula de gotas e derramamentos.

– Isso não é igual ao sonho que você teve, mas não é muito diferente. Você tem praticado meditação?

Iona se encolheu.

– Acho que não tanto quanto deveria. Minha mente sempre quer ir para algum lugar.

– Treinar a mente é parte disso. Treinar, aquietar e, como eu disse, concentrar. Aqui, traga seu chá para perto do fogo. Você precisa estar com o corpo, a mente e o espírito relaxados.

Iona obedeceu e Kathel acordou de seu cochilo e a cumprimentou pondo uma pata sobre ela.

– Apenas observe o fogo e tome seu chá. Você gosta do sabor dele, e do biscoito. Respire tranquilamente. Inspire, pare, expire, pare. Sinta o cheiro da turfa queimando, das velas recém-fabricadas e das ervas penduradas para secar.

– Sobretudo alecrim.

– É um dos favoritos. Ouça o ar entrando e saindo de seus pulmões, o rabo de Kathel batendo no chão, o fogo estalando e o som da minha voz. Isso é tranquilizador, tudo é tranquilizador. O toque da minha mão e o da pata de Kathel. Com tudo tranquilo, você pode se deixar levar um pouco, flutuar um pouco. Em silêncio e paz.

– Mas eu...

– Confie em mim. Eu a levarei e ficarei com você nessa primeira vez. Verei para onde você mais quer ir, verei no fogo e em sua mente.

– Para a cozinha da Vovó. – Iona soube na mesma hora. – Sinto saudade dela. Vovó nunca fez nada além de me amar, acreditar em mim. Foi a única que fez isso durante muito tempo. Sou o que sou por causa dela.

Branna olhou de relance para Connor quando ele foi se sentar do outro lado de Iona.

– Para a primeira vez, é uma longa viagem – murmurou ela.

– O coração de Iona a levará para lá.

– E nós também. Você está vendo a cozinha da Vovó, no fogo e em sua mente?

– É como a sua. Quero dizer, transmite a mesma sensação, mas não tem a mesma aparência. É menor e não tem lareira. Vejo as paredes, em um tom quente de pêssego, e os armários são escuros, marrom-escuros. Há uma velha mesa de açougueiro. Quando

eu me sentava lá com ela, podia lhe contar tudo. Ela me contou quem eu sou e sobre a primeira bruxa da noite sentada àquela mesa, tomando chá e comendo biscoitos. Como agora. Ela mantém ervas no peitoril da janela e sobre a mesa há uma tigela de cerâmica azul e verde que eu lhe dei anos atrás, em seu aniversário. Havia maçãs vermelhas na tigela no dia em que ela me contou não apenas partes, mas tudo. Maçãs vermelhas brilhantes na tigela azul e verde. Os olhos dela são como os meus, da mesma cor e forma. E quando olham para mim, eu acredito.

– Concentre-se na tigela, em suas cores e sua forma. Deixe-se erguer, ir para onde quer. Respirações tranquilas, mente tranquila, objetivo tranquilo. Erga-se. Flutue. Voe.

Iona se ergueu e flutuou como se não tivesse peso. O ar e a luz vibraram, azuis, silenciosos e tranquilizadores. E quando ela sentiu os primeiros movimentos de seu poder, do dela, voou.

Rápido e livre sobre colinas verdes envoltas em azul, sobre a água.

A voz de Branna soou em sua mente. *Respire. Mantenha a concentração.*

– Isso é incrível! É lindo! – Ela estendeu os braços para o lado e riu de pura alegria.

Agora continue. A cozinha da Vovó. Veja-a.

Iona a viu em sua mente e depois estava lá. Em pé perto da velha mesa de açougueiro com a tigela azul e verde. Hoje com limões e limas-da-pérsia, notou Iona, um pouco tonta.

E lá estava Vovó, entrando pela porta dos fundos, tirando seus sapatos de jardinagem e seu chapéu de palha de abas largas.

Baixa e com uma estrutura óssea pequena, como Iona. Bonita e arrumada com jeans e uma jaqueta leve. Seus cabelos, em um tom suave de ruivo-dourado, emolduravam elegantemente seu rosto. Ela usava uma maquiagem leve e discreta. Vovó não ia nem mesmo ao jardim sem seus cuidados básicos.

Vovó começou a se dirigir à geladeira e parou. Então se virou, muito devagar.

Pôs a mão no coração, arregalou os olhos e ficou boquiaberta.

– Iona! Você está aqui. Ah, Branna e Connor também. Ah, olhe para você, minha garotinha. O quanto já aprendeu!

– Você pode me ver.

– É claro que posso vê-la! Você está em pé bem aí, não está? E está muito bonita. Sentem-se, sentem-se, todos vocês, e me contem tudo.

– Podemos nos sentar? – perguntou Iona.

– Há energia suficiente nesta cozinha para iluminar os 50 quilômetros vizinhos. – Branna puxou uma cadeira e se sentou. – É claro que podemos nos sentar.

Iona deu um gritinho, correu para a frente e abraçou Vovó.

– Posso tocar em você. Posso sentir você. Estava com saudade.

– Eu também.

– Não podemos ficar muito tempo desta vez, prima. – Branna sorriu para elas. – É

uma longa distância para a primeira vez de Iona.

– A primeira? – Com uma risada e um brilho de surpresa nos olhos, Vovó abraçou Iona de novo. – Ah, não, então não podem. Mas é o suficiente para eu lhe dizer quanto estou orgulhosa e feliz.

– Você disse que ia para a Irlanda. Vai mesmo?

– Vou, sim, quando chegar a hora. Eu saberei. Seja feliz, mas... há algo que não a está deixando feliz.

– Ela teve um... desentendimento – decidiu Connor. – Com Boyle.

– Ah, sei. Sinto muito, porque gosto dele. Se isso for o certo, será resolvido.

– Ele não confia em mim. Isso não importa.

– É claro que importa.

– Quero dizer, neste minuto. Quero saber como você está.

– Muito bem, como pode ver. Hoje plantei amores-perfeitos, porque suportarão o frio e esta primavera está fria. E repolho, é claro, e mais uma coisinha ou outra. Você está lhe ensinando bem, Branna, pelo que ela me disse. E você também, Connor.

– Ela aprende rápido. E é necessária. – Branna estendeu a mão e pegou a de Vovó. – Quero lhe dizer que estava certa em enviá-la, em lhe dar o amuleto. Obrigada.

– Não precisa agradecer. Temos que fazer isso. Está no nosso sangue.

– Sim, e faremos. Ele está mais forte agora que os três estão juntos, mas ainda somos mais fortes. Lamento não podermos fazer uma visita apropriada. – Branna se levantou. – Mas ela apenas começou a aprender essa habilidade.

– Uma visita breve já é maravilhoso. Cuide-se, minha garota. E mantenha sua mente e seu coração abertos, Iona. É assim que o melhor entra neles.

– Eu me lembro. – Ela beijou a bochecha de Vovó e lhe deu um forte abraço. – Voltarei, se puder. – Em um impulso, pegou um limão da tigela. Sentiu-o na palma da mão, ergueu-o e cheirou. – Sei que é bobagem, mas posso levar isto comigo? É possível?

– Vamos descobrir. – Branna pegou a mão dela e, quando Iona enfiou o limão em seu bolso, Connor pegou a outra.

– Sentimos sua falta em casa, prima Mary Kate – disse Connor.

– E eu sinto falta de vocês. Em breve vai me levar para observar os falcões, não é, Connor?

– Será um prazer.

– Diga para sua mãe, e a mãe dela, quando as vir, que estou ansiosa por uma boa fofoca pessoalmente.

– Vá à Bruxa da Noite – disse-lhe Branna. – Haverá uma lareira ardendo para você, e uma chaleira no fogão.

– Irei, obrigada. Que meu amor e minha esperança acompanhem todos vocês.

– Adeus, Vovó. Eu amo você.

E mais uma vez, Iona se ergueu e flutuou. Voou.



IONA ESTAVA SE SENTINDO ÓTIMA E AINDA ASSIM BRANNA LHE ENTREGOU uma poção.

– Sua primeira vez. É melhor se acalmar um pouco.

– Posso fazer isso de novo?

Branna franziu as sobrancelhas enquanto Connor pegava mais dois biscoitos.

– Agora?

– Não, não neste minuto. Quero dizer, posso fazer isso? Sou capaz? Sozinha?

– Pode-se dizer que Connor e eu só a acompanhamos. – Branna foi dar uma olhada em suas velas. – Nós a ajudamos a se preparar e depois a acompanhamos para ver como se saía.

– Como em uma licença?

– Como?

– Para dirigir. Realmente tenho que comprar um carro. Isso sempre fica para depois, mas... estou um pouco agitada – admitiu, e bebeu a poção.

– Aprender a dirigir. – Connor pensou sobre isso e assentiu. – Em certo sentido, sim. No de precisar de supervisão até poder fazer isso sozinha.

– Pelo menos um de nós deveria acompanhá-la quando tentar de novo.

– Isso meio que me hipnotizou.

– Eu a ajudei a encontrar o estado meditativo certo, só isso. Você tem uma mente muito ativa e precisa aprender a aquietá-la.

– Vê-la significou muito para mim. Vê-la de verdade. – Iona pôs a mão no bolso, tirou o limão que pegara da tigela azul e verde e o levou ao rosto para cheirá-lo.

– A família é a origem e o centro. Agora veja o que pode fazer com isto. – Branna abriu uma gaveta e pegou uma lista impressa.

– Uma varinha com um cristal de quartzo rosa na ponta. Um atame decorado com um nó da trindade celta, uma taça de prata da Deusa do Fogo, Belisama, um amuleto de cobre na forma de um pentagrama.

Iona ergueu os olhos, com as sobrancelhas franzidas.

– As quatro ferramentas elementares?

– Muito bem. A varinha para o ar, a faca para o fogo, e assim por diante. Continue a

ler.

– Certo. Uma espada com um jaspe-sanguíneo no punho e sua bainha; uma lança com uma ponta de hematita afiada; um escudo decorado com um pentagrama e hematita, ametista, pedra do Sol e jaspe vermelho; e um caldeirão com o símbolo do fogo. As quatro armas correspondentes.

– Você estudou. Agora faça um feitiço de busca e os encontre.

– Como uma caça ao tesouro?

– Mais ou menos.

– Bem, eu gosto de um bom jogo.

– Isso não é um jogo – disse-lhe Connor –, mas treino. E é importante. Precisaremos procurar Cabhan quando estivermos prontos para acabar com ele de uma vez por todas.

– Teremos uma vantagem se soubermos quando e como ele virá – acrescentou Branna.

– Por que não o procuramos agora? Ele tem que ter algum tipo de covil. Poderíamos...

– Não estamos prontos e, se o procurarmos, ele poderá saber. Cabhan tem poder, e, se não pudermos bloqueá-lo, ele verá. Mas quando estivermos prontos, vamos querer que ele veja o que quisermos. Quando chegar a hora – continuou Branna – nós três o procuraremos e encontraremos, combinando nosso poder.

– E Fin?

– Eu...

– É Fin que deve procurar e encontrar. – Connor se virou para sua irmã e sustentou o olhar dela calmamente. – Fin tem o sangue dele e deve se encarregar disso.

– Você confia demais nele.

– E você de menos. Fin é quem deve procurar, Branna. Você sabe disso tão bem quanto eu.

– Está bem, decidiremos quando chegar a hora. Mas agora vamos nos concentrar aqui. Isto é para você, Iona. Faça o feitiço, encontre o que procura, um item de cada vez, e traga-o para cá.

– Ok. – Ela olhou para a lista de novo, dobrou-a e a enfiou em seu bolso. Então fechou os olhos e tentou visualizar a varinha. – O que vejo em minha mente procurarei e encontrarei. Traga-a agora diante dos meus olhos e irei até onde está. Esguia e forte, ela clama por mim. Como clamo por ela. Que assim seja.

Iona viu claramente a varinha captando a última luz do sol sobre a mesinha perto da janela da sala de música.

– Volto logo.

Connor se apoiou no balcão onde Branna começava a rotular seus jarros de velas frios.

– Sei que isso a magoa. – Sua voz manteve a mesma calma de seus olhos. – Mas se

você não aceitar o que Fin é, o que ele realmente é, e acreditar nele e em sua lealdade, limitará todos nós.

– Estou tentando. Posso superar a mágoa. Pelo menos na maioria dos dias. Confiança é uma coisa mais forte.

– Ele morreria por você.

– Não diga isso – disparou ela. – Acha que eu ia querer que morresse? Só quero fazer o que deve ser feito. E farei. Você tem razão sobre ser ele quem deve procurar e encontrar. Por enquanto deixe as coisas como estão.

– Certo, deixaremos como estão. – Então ele sorriu um pouco para acalmá-la. – Quer cronometrar o tempo dela?

– Não há pressa. – Branna deu de ombros, aliviada por ele deixar aquilo como estava pelo bem dela. – Alguns são fáceis para aumentar a confiança de Iona. Outros levarão mais tempo.

– Então está bem. Estou pronto para uma cerveja. Quer uma?

– Hum. Uma taça de vinho cairia bem. E não mexa no porco que está assando no forno.

– Porco assado?

– Não mexa no forno e no que está nele. Fiz um feitiço para marcar o tempo porque não sabia quanto isso ia demorar. Por que não traz a garrafa e uma taça para Iona? Ela poderá beber quando terminar.

Iona entrou correndo, corada com a vitória e brandindo a varinha.

– Encontrei.

– Muito bem. Ponha-a ali e encontre o próximo item.

– Ok. Você está pondo os rótulos. Eu ia ajudá-la.

– Há muitos mais. O atame.

– Certo. – Iona respirou fundo e recomeçou.

Connor tomou sua cerveja e brincou um pouco de cabo de guerra com o cão enquanto Branna terminava a primeira rodada de velas. Iona ficou indo e vindo, trazendo os itens relacionados.

– Meu Deus, esta lança! – Iona a ergueu ao entrar, imitando um guerreiro. – Encontrá-la levou o mesmo tempo de encontrar todo o resto junto.

Não exatamente, pensou Branna, mas tempo o suficiente.

– Eu pude *vê-la*, e ver a árvore onde você a tinha apoiado lá fora, mas não sabia qual era a árvore. Então fiz um feitiço secundário para isso depois de andar por lá durante algum tempo.

– Uma boa ideia. Trabalharemos um pouco mais para você reduzir o tempo à medida que formos prosseguindo.

Iona olhou para os itens que espalhara sobre a bancada.

– Todos são muito legais. De qualquer maneira, só faltam dois.

Ela demorou tanto para encontrar o escudo que quase passou para o caldeirão, mas como Branna a instruíra a procurar um item de cada vez, esvaziou a mente – um desafio, porque estava muito cheia – e repetiu o feitiço.

Encontrou-o – e ah, minha nossa!, que obra de arte ele era, pendurado na estufa que cheirava a terra e ervas.

– Ela se saiu bem – comentou Connor, acariciando o cão com o pé, satisfeito enquanto Iona terminava. – Em circunstâncias difíceis.

– Sim, se saiu, e as circunstâncias são difíceis. Ainda se sairá melhor, porque as circunstâncias vão piorar.

– Você sempre tem algo agradável a dizer, Branna.

– Sempre algo realista. – Com as velas que terminara em uma caixa prontas para serem transportadas para a loja, Branna começou a separar as que pusera cuidadosamente em uma prateleira.

– Encontrei – disse Iona sobre o caldeirão. – No pequeno sótão sobre seu quarto, Branna, que eu nem sabia que existia.

– Não é muito usado. Então você encontrou tudo.

– Um item de cada vez. – Iona pôs o caldeirão do lado do resto. – Todos são lindos e únicos.

– São. São ferramentas, mas não vejo por que uma ferramenta não pode ser bonita além de prática e útil. São suas.

– O quê? – Como sua mente estava cheia de novo, Iona apenas olhou para Branna.

– São suas agora. – Branna pôs vinho em uma taça e a entregou para Iona. – Connor e eu as escolhemos para você, do que nos foi dado, do que colecionamos ou do que encontramos desde que você veio até nós.

– Mas... – Estupefata, ela não conseguiu encontrar as palavras que tão frequentemente lhe saíam do pensamento direto para a língua.

– Todas as bruxas precisam de suas próprias ferramentas – continuou Branna. – E essas são as mais importantes. Você descobrirá e escolherá outras para si mesma ao longo do tempo.

– O fogo vem mais fácil para você. – Connor se levantou para se juntar a elas. – Então os símbolos são seus. E no atame, o nó da trindade representa nós três, e três em você. O quartzo rosa na varinha, porque parece que seu poder vem de seus instintos, de seu ventre, e depois passa por seu coração. Jaspe-sanguíneo na espada para fortalecimento. Pedras de proteção, física e psíquica, para o escudo. Hematita para a ponta da sua lança, para confiança em seu ar. E o pentágono de cobre, o meio escolhido por Sorchia.

– Não sei o que dizer.

– A espada e o escudo foram passados através de gerações – disse-lhe Branna. – A taça encontrei em uma loja de que gosto, assim como Connor encontrou o pentágono

em outra. Então aqui há uma mistura de velho e novo.

As lágrimas que Iona se negara na noite anterior quiseram escorrer agora, de seu coração. De pura gratidão.

– Estou mais grata do que posso expressar. Isso parece ser de mais.

– Não é – corrigiu-a Branna. – Você deve estar armada para o que está por vir.

– Eu sei. Uma espada. – Com cuidado, Iona a desembainhou. – Não sei como usar isto.

– Você saberá. Alguns virão por meio dela para você.

– Alguns – concordou Connor. – E Fin pode ajudá-la, assim como Meara. Ela é ótima com uma espada. Branna ou eu podemos ajudá-la com a lança, mas acho que você descobrirá que a própria ferramenta se encaixará em sua mão.

– Depois de purificá-las e recarregá-las – acrescentou Branna. – Não cabe a nós fazer isso. Acho que vamos jantar agora. Todos nós precisamos de um intervalo e de comida. Depois você cuidará delas.

– Eu as guardarei como um tesouro. Obrigada. Obrigada – repetiu Iona, segurando a mão de Branna e depois a de Connor, unindo os três. – Vocês desataram minha vida de muitos modos.

– Você é parte da nossa. Então venha, vamos comer. Preparei uma refeição especial prevendo seu sucesso aqui. Traga seu vinho, porque ainda não o bebeu.

– Um dia eu os compensarei por tudo que fizeram.

– Isso não tem a ver com compensação, e não pode ter.

– Tem razão. Foi o termo errado. Equilíbrio. Um dia encontrarei o equilíbrio.

Ela começou pondo a mesa e dizendo a Connor que estava dispensado de limpar a cozinha. Ele não discutiu. O humor de Iona, que já estava bom com a visita à avó e com os presentes, ficou ainda melhor quando ela provou o pequeno banquete que Branna preparara.

– Nossa, isto está tão bom! Sei que estou com fome, mas isto está simplesmente incrível. Juro que você deveria abrir um restaurante.

– Isso é algo que não farei agora nem nunca. Cozinhar, como as ferramentas, é necessário. Não há nenhum motivo para não fazê-lo bem.

– Eu gostaria de cozinhar bem. Tenho que aprender.

– Há muito tempo para isso e coisas mais importantes a aprender agora. Connor, Frannie, na loja, me disse que Fergus Ryan se embebedou como uma prostituta barata, entrou na casa de Sheila Dougherty pensando que era a dele, tirou a roupa e desmaiou no sofá da sala de estar. Onde a nada satisfeita Sheila Dougherty, que tem uns 78 anos e é venenosa como uma cascavel, o encontrou de manhã. O que você sabe sobre isso?

– Sei sobre o olho preto de Fergus e o galo na parte de trás da sua cabeça deixado pelo golpe da bengala da Sra. Dougherty. E sei que ele conseguiu segurar suas botas e

sua cabeça que doía enquanto tentava se defender da velha que o perseguia praguejando.

– Achei que você saberia. – Branna pegou seu vinho. – Conte tudo.

Então o tema da conversa mudou para fofocas locais, negócios e histórias. O tipo de refeição que quase nunca tivera enquanto crescia e pelo qual tanto ansiava, pensou Iona, lavando os pratos e as panelas.

Então, como as ferramentas que ganhara de presente, ela guardaria aquele momento como um tesouro, e todos os momentos como aquele que ainda estavam por vir.

Por ora, tentou desfrutar do silêncio, enquanto Branna e Connor estavam no andar de cima ou em outro lugar cuidando de suas próprias vidas. Ela ainda tinha trabalho. Limpar a cozinha esta noite. E pela manhã purificaria e recarregaria o que era dela agora.

Um bom dia, parabenizou-se. Tinha ido trabalhar, tivera seu primeiro encontro cara a cara com Boyle e superara aquilo sem se humilhar.

Pontos importantes.

E voara para a cozinha de Vovó, um ponto alto pessoal.

Tinha trabalhado em feitiços de busca e obtido uma valiosa recompensa por isso.

Para completar, tivera uma refeição com seus primos cheia de conversas e risos.

E amanhã faria o que o dia lhe reservasse.

Para dar início àquele equilíbrio, limpou a cozinha até fazê-la brilhar. Na próxima vez em que Branna entrasse lá e visse tudo com seus olhos sonolentos, o brilho quase a cegaria.

Satisfeita, Iona estava indo para a oficina começar sua última tarefa do dia quando a batida na porta da frente a fez parar.

Em geral ter companhia a teria agradado, mas realmente queria começar a cuidar de suas ferramentas. Devia ser um dos amigos de Connor ou possíveis futuras amigas, pensou. Ainda estava para conhecer alguém que não adorasse Connor ou o procurasse quando queria passar bons momentos ou precisava de um ombro para chorar.

Ao abrir a porta, seu sorriso desapareceu. Era Boyle quem estava lá, com um grande e brilhante buquê de primavera.

– Ah! – Ela conseguiu dizer.

Ele estava muito sexy e bonito, com a mão grande e marcada ao redor do buquê, o rosto um pouco corado e os olhos cheios de constrangimento e determinação.

Boyle se remexeu e quase a fez cair para trás.

– Me desculpe. Preciso lhe dizer que sinto muito. São para você.

– São lindas. – Melhor seria apenas mandá-lo embora, pensou Iona. Mas não conseguia fazer isso, não quando ele viera com flores e um pedido sincero de desculpas.

– Obrigada – disse ela, e pegou as flores. – São lindas.

– Elas me darão acesso à casa por um ou dois minutos?

– Sim. Claro. Vou botá-las na água. – Iona foi na frente para a cozinha, usando todos os truques que aprendera para manter a mente e o coração quietos e imperturbáveis.

– Isto aqui está brilhando – comentou ele.

– Estive equilibrando um pouco a balança. – Ela encontrou um grande e belo vaso verde-musgo, a tesoura de jardinagem de Branna e o adubo que a prima fizera. E se pôs a trabalhar.

– Me desculpe, Iona, por magoar você. Nunca tive essa intenção.

– Eu sei. – As flores, tão lindas e com um perfume tão intenso a ajudaram a manter seu equilíbrio. – Não estou zangada com você, Boyle. Não mais.

– Deveria estar. Eu mereci.

– Talvez. Mas você não estava de todo errado no que disse para Fin. Eu realmente o pressionei e fiquei em seu caminho.

– Não sou do tipo que é pressionado sem querer. Iona...

– Você se sentia atraído por mim. Eu usei isso. Mas nunca usei magia.

– Eu sei. – Tentando encontrar as palavras certas, ele passou os dedos pelos cabelos.

– Não estou acostumado com tudo que está acontecendo dentro de mim. Perdi meu chão e por acaso você entrou antes de eu encontrá-lo de novo. Pode me dar uma chance de consertar isso?

– Não é isso, ou não é só isso.

Equilíbrio, pensou ela de novo. Não o encontraria sem ser honesta consigo mesma e com ele.

– Tudo em você veio para mim muito rápido e eu apenas aceitei. Agarrei-me a isso com força demais, acho. Não queria perdê-lo. Sempre quis ter esse sentimento. Sempre ansiei por isso, como pelo ar que respiro. Então fiquei em seu caminho e sua cama, e não me permiti pensar no que poderia dar errado.

– Não tem que dar errado. Isso não é errado – disse Boyle, e segurou os ombros dela.

– Também não é certo. – Cautelosa, Iona chegou para o lado para que ele não pudesse mais tocá-la. – Você quer uma cerveja? Nem lhe ofereci...

– Não quero uma droga de uma cerveja. Quero você.

Os olhos de Iona, azuis e bonitos mesmo quando tristes, se ergueram para ele.

– Mas você não quer me querer. Isso ainda é verdade. E não posso continuar a aceitá-lo, continuar a me conformar como sempre me conformei. Isso vem de muito tempo atrás, Boyle. Meus pais realmente nunca notaram quando eu não estava, ou se importaram muito com a minha presença. E, pior, nunca notaram que eu percebia.

– Lamento dizer isso, Iona, porque são seus pais, mas acho que eles são horríveis.

Ela riu um pouco.

– De certo modo, sim. Acho que eles me amam, o máximo que podem, porque

devem amar, mas não porque querem. Os rapazes e homens por quem tentei me apaixonar? Eles me quiseram por um tempo, mas nunca o suficiente, e então tudo acabava. E eu me perguntava: o que há de errado comigo? Por que ninguém pode me amar sem reservas, incondicionalmente? Ou, pior ainda, se eu era uma espécie de substituta até aparecer alguém melhor.

Ele havia feito isso?, perguntou-se Boyle. Contribuíra para isso?

– Não há nada de errado com você. E você não é nada disso.

– Estou tentando acreditar, mas não posso enquanto não parar de aceitar menos. E esse é o *meu* problema. Talvez eu nunca tenha percebido isso até você jogar na minha cara. Metaforicamente – acrescentou com um sorriso mais fácil do que esperara dar.

Como Boyle podia ver o rosto de Iona parado, sentiu-se como se tivesse lhe batido.

– Ah, por Deus, Iona. Eu daria tudo para não ter dito aquelas palavras, para enfiá-las garganta abaixo e me engasgar com elas.

– Não. Não. – Iona pegou as mãos dele por um momento e as apertou. – Como isso me derrubou, tive que me reerguer. E dessa vez ir até o fim. Porque antes, Boyle, eu teria aceitado qualquer coisa que você me desse. Teria me convencido de que isso era certo. Mas nunca teria sido. Eu não posso ser feliz, não totalmente, com menos do que preciso. E, se não estou feliz, não posso fazer outra pessoa feliz.

– Diga-me do que precisa e eu lhe darei.

– Não é assim que funciona. – E, nossa, ela o amava mais do que ele tentaria amá-la, do que estava disposto a tentar. – Talvez afinal de contas isso seja magia. O que nos faz amar e precisar de uma pessoa, querê-la mais do que a qualquer outra. Amar, precisar e querer totalmente. Eu quero a magia. Não me conformo com menos. Você é o motivo. De um modo estranho, fico grata por isso.

– Ah, sim, agora você me agradece e põe um belo fim em tudo.

– Você me mostrou que valho mais do que eu acreditava ou me permitia acreditar. E sou muito grata por isso. Fui eu que me apressei, portanto sou responsável pelo resultado. Tudo foi rápido e intenso demais. Não admira que você tenha se sentido encurralado.

– Eu nunca me senti... Não sei do que eu estava falando.

– Você descobrirá. Entretanto, as flores são lindas, como foi lindo seu pedido de desculpas. – Ela carregou o buquê e o pôs sobre a mesa. – Pensando melhor, posso lhe dizer algumas coisas de que preciso.

– Qualquer coisa.

– Preciso trabalhar para você e para Fin, não porque tenho que ganhar a vida, mas porque sou boa nisso. E porque amo o meu trabalho e quero fazer o que amo.

– Sobre isso não há nenhuma dúvida, eu já lhe disse.

– E preciso ser sua amiga, para não nos sentirmos estranhos ou desconfortáveis perto um do outro. Isso é importante. Eu não conseguiria trabalhar para você ou com você se

guardássemos ressentimentos ou sentimentos difíceis. Eu acabaria deixando o emprego para nos poupar, e depois ficaria triste e irritada.

– Da minha parte, não há nenhum ressentimento. Não posso prometer ausência de pensamentos difíceis, porque é isso que eles são. Estão todos confusos e incertos para mim. Se você apenas...

– Não desta vez. – Não com você, pensou ela, porque nunca se levantaria inteira outra vez. – Simplesmente não posso. Sou responsável por meus sentimentos, e você é pelos seus. Você entenderá isso – disse ela. – Mas ambos temos um bom trabalho que é importante para nós, e bons amigos em comum. E, mais importante do que tudo, temos um inimigo e um objetivo comuns. Não poderemos fazer tudo que é preciso se não estivermos sobre uma base sólida.

– Quando você se tornou tão racional? – murmurou ele.

– Talvez eu esteja assimilando um pouco disso de Branna. Ela me ensinou muito, me mostrou mais do que eu imaginei que veria. Tenho um legado e serei fiel a ele. Lutarei por ele. E serei fiel a mim mesma.

– Então trabalharemos juntos, lutaremos juntos e seremos amigos? Isso é tudo?

Ela lhe deu outro sorriso.

– Isso é muito para a maioria das pessoas. E não estou negando o sexo como uma punição.

– Eu não quis dizer... Embora agora que você disse, tenha esse efeito. Não era apenas sexo, Iona. Não acho que fosse.

– Não, não era. Mas eu o pressionei nesse ponto também. Pulando para dentro, como tendo a fazer.

– Eu gosto do modo como você pula. Mas se é disso que precisa, seremos amigos. – Por enquanto, pensou ele.

– Ótimo. Quer aquela cerveja agora?

Ele quase disse sim, para ganhar mais tempo, e talvez suavizar a linha que Iona traçara entre eles. Mas ela lhe dissera do que precisava, e ele lhe daria.

– É melhor eu ir. Afinal de contas, tenho toda aquela confusão a resolver.

– Bem que poderia começar.

– Estou indo. Vejo você de manhã. – Ele começou a ir e se virou por um momento apenas para olhar para Iona. Tão brilhante, tão bonita, com todas as flores ao seu lado.

– Você merece tudo, Iona, e nada menos que isso.

Ela fechou os olhos ao ouvir a porta da frente se fechar atrás de Boyle. Era muito difícil permanecer firme, não fazer e dizer o que sabia que era certo quando seu coração doía e ansiava aceitar menos e se contentar com isso.

– Não de Boyle – murmurou. – Talvez de outra pessoa, mas não dele. Porque... só há ele.

Iona deixou as flores sobre a mesa, para todos as apreciarem. Mas antes de voltar

para a oficina a fim de purificar suas ferramentas, encontrou um vaso alto e fino, escolheu três flores – um número mágico –, as pôs nele e levou-as para seu quarto, onde as veria antes de dormir. Onde as veria de manhã, ao acordar.



QUANDO A PRIMAVERA SE ESPALHOU SOBRE MAYO, PELAS FLORESTAS verdes e colinas luxuriantes, as chuvas vieram suaves e constantes. Flores silvestres se abriram para bebê-la, jardins explodiram de vida. Ovelhas baliavam nos campos e patos nadavam no lago enquanto a floresta se enchia do canto dos pássaros.

Iona plantou flores, legumes, verduras e ervas com seus primos, tirou lama das botas e dedicou longas horas aos estábulos e à sua arte.

Beltane, com seus mastros enfeitados e suas canções, chegou e passou, tornando o solstício mais próximo.

À medida que os dias ficavam mais longos, Iona frequentemente se levantava antes do amanhecer e trabalhava até tarde da noite, usando a energia que a alimentava para se esforçar mais.

E na chuva e na lama, aprendeu a usar uma espada.

Embora não pudesse se imaginar lutando com ela para valer, gostava de senti-la em sua mão. Gostava de seu peso e do fato de que – pequena, mas poderosa – era capaz de golpear e bloquear.

Nunca estaria à altura de Meara. Sua amiga parecia uma guerreira amazona, ainda mais com os cabelos trançados para trás e uma espada na mão. Mas ela aprendeu – ângulos, trabalho com os pés, manobras.

Dentro do fino véu que Branna conjurou, lutou incansavelmente com Meara, atacando, se defendendo e a fazendo recuar. Enquanto as espadas zumbiam e Meara gritava insultos ou instruções, Branna sentava-se em um banco do jardim como uma exótica dona de casa, descascando batatas para o jantar.

– Ponha seu ombro nisso!

– Estou pondo! – Ofegante e começando a ficar dolorida, Iona mudou seu peso de uma perna para a outra e tentou avançar.

– Venha *para* mim, pelo amor de Deus! Eu poderia cortar suas pernas como se você fosse o Cavaleiro Negro de Monty Python.

– Isso foi só um ferimento superficial. – Ela riu e se distraiu, e Meara avançou como um demônio.

– Tome cuidado com... – Branna deu um suspiro profundo quando Iona perdeu o

equilíbrio e caiu sobre um grande canteiro de lobélias azuis.

– Ai, me desculpe.

– Você aprendeu o básico bem o suficiente. – Embainhando sua espada, Meara estendeu a mão para ajudar Iona a se levantar. – E reage como uma mulher. Tem rapidez e agilidade, e bastante resiliência. Mas não tem nenhum instinto assassino em seu sangue, e por isso sempre será derrotada.

Iona esfregou as nádegas.

– Nunca planejei matar ninguém.

– Os planos mudam – salientou Branna. – Agora arrume aquelas flores, porque foi seu traseiro que as esmagou.

– Ah, sim. – Iona se virou para elas e pensou.

– Não. – Branna estalou os dedos. – Não pense, apenas faça.

– Estou tomando fôlego.

– Você pode não ter tempo para isso. Espada, magia, uma mistura de ambas. E a capacidade de uni-las. Apenas faça.

Então ela estendeu as mãos por instinto, em vez de seguir um plano. As flores azuis esmagadas se reergueram.

– Eu lhes dei um pequeno empurrão.

– Eu vi. – Sorrindo, Branna manejou sua faca de descascar.

– Uma chuva e uma cerveja cairiam bem. Não, a cerveja primeiro.

– Primeiro vamos repetir isso, e depois tomar a cerveja – disse-lhe Meara. – Não se contenha desta vez. Branna não lhe disse que fez um feitiço para tornar as lâminas tão ruins quanto nossa primeira professora de ciências? Lembra-se dela, Branna?

– Para minha tristeza, sim. A Srta. Kenny, que podia ser pior do que as freiras, era capaz de fuzilar você com os olhos e fazer seu cérebro derreter entre suas orelhas.

– Eu soube que ela se mudou para Donegal e se casou com um peixeiro.

– Coitado dele. – Branna se levantou com sua tigela de batatas e seu cesto de cascas para composto orgânico. – Vou levar isto e buscar a cerveja enquanto vocês lutam.

Parando, porque de fato precisava tomar fôlego, Iona estudou sua espada.

– Você não acha que vamos mesmo usar isso contra Cabhan.

– Não há como saber, há? E, como não tenho o que você tem, pode ser que eu precise usar quando chegar a hora.

– Por que você não parece assustada?

– Por um lado, conheço a lenda desde que me entendo por gente, e sua dura realidade desde que conheço Branna, o que parece ser há uma eternidade. Por outro...

– Meara olhou ao redor, para as novas plantações e as de anos passados se espalhando e crescendo, e a floresta ao longe com o brilho do entardecer chuvoso. – Não parece real, não é? Que quando chegar o solstício tentaremos acabar com isso com os meios que pudermos. Sangue e magia, espadas e caninos. Isso não é vida, mas uma história. E,

contudo, é real. Eu me envolvi nisso, eu acho. Além do mais, ao acontecer, estarei com as pessoas em quem mais confio. Então não sinto medo. Ainda.

– Eu gostaria que fosse agora. Em algumas noites penso: permita que seja amanhã, para que acabe logo. Então de manhã penso: graças a Deus que não é hoje, porque tenho outro dia. Não só para praticar e aprender, mas...

– Para viver.

– Para viver, para estar aqui. Para ser parte disso tudo. Para montar Alastar, para trabalhar, para ver meus primos, você e...

– Boyle.

Iona deu de ombros e quase conseguiu parecer casual.

– Gosto de vê-lo. Acho que estamos lidando muito bem com tudo. Ser amigos foi a resposta certa.

– Ah, besteira. Vocês já são amigos o suficiente, mas nunca serão só isso. Os dois produzem tamanho nevoeiro de emoções, sexo e luxúria que não sei como qualquer um de nós consegue enxergar direito.

– Não estou produzindo nada. Estou?

– É claro que está. Não acho que uma mulher apaixonada possa evitar esse tipo de coisa. Mas há muito vindo da direção dele. – Meara ergueu as mãos à ideia de tantos de quem ela gostava se recusarem a buscar o que mais queriam. – Iona, ele lhe trouxe flores, e acho que a única mulher para quem deu flores foi a mãe ou a avó dele. E as bebidas de que você gosta não estão estocadas na geladeira?

– Ah, agora que você mencionou...

– Quem você acha que providenciou isso? E quem lhe trouxe um sanduíche ontem, quando você não pôde parar para almoçar?

– Ele faria o mesmo por qualquer pessoa.

Meara só pôde revirar os olhos.

– Ele fez isso por você. E eu não o ouvi lhe dizer apenas dias atrás que o suéter azul que usou no pub ficava ótimo em você? E quem se certificou de que você se sentaria longe da corrente do ar da porta enquanto estávamos lá?

– Eu... não notei.

– Porque estava tentando não notar. Está pondo tudo o que pode em seu trabalho e treino, por isso não lhe resta muito espaço para pensar nele, porque isso é difícil para você. Ao mesmo tempo, tornou-se cega ao fato maravilhoso de que Boyle está louco por você. Ele a está cortejando.

– Não está. – O coração que ela tanto tentara equilibrar vacilou um pouco. – Está?

– Tente notar – aconselhou-a Meara. – Agora venha com tudo para cima de mim. – Ela desembainhou a espada. – E faça por merecer aquela cerveja.

IONA SE PERMITIU NOTAR UM POUCO, NO DIA SEGUINTE. SABIA QUE TINHA o hábito

de deixar a esperança dominar tudo. Toda a lógica, todo o instinto de autopreservação podiam desaparecer sob a luz brilhante da esperança.

Não desta vez, avisou a si mesma. Havia coisas de mais em jogo. Mas ela podia notar, um pouco, se houvesse algo para ser notado.

Boyle trouxe Alastar para ela, e foi difícil não notar isso. Veio montado nele em vez de levar o cavalo no trailer que Alastar detestava.

– Achei que você poderia querê-lo hoje, porque tem três cavalgadas para guiar.

– Eu sempre o quero. – Ela segurou a cara de Alastar e esfregou seu rosto nele. E olhou de esguelha para Boyle. – Obrigada por pensar nisso.

– Ah, bem, sem problemas, e ele precisa se exercitar. Estou pensando em trocar dois dos cavalos de amanhã, por isso esta noite vou cavalgar Caesar até os estábulos, se você quiser cavalgar este de volta. Se quiser, depois eu a levarei para casa.

– Parece bom.

Nada no tom dele, pensou, apenas amizade, como o combinado. Contudo...

– Eu vou colocá-lo no padoque até receber o primeiro grupo.

Ela pegou as rédeas, girou o ombro dolorido e o massageou distraidamente.

– Você está machucada?

– O quê? Não. Apenas dolorida. Braço da espada – disse, brandindo o braço, um pouco convencida. – Meara é brava.

– Ela é impetuosa. Por que você não deu um jeito nisso? Ou pediu para Connor dar?

– Porque isso serve para me lembrar de não baixar a guarda.

Iona se afastou com o cavalo, decidida a não olhar para trás. Mas *sentiu* os olhos de Boyle nela. E isso não era interessante o suficiente para deixar apenas um pouco de esperança surgir?

Boyle não a poupou de trabalho. Por isso, ela ficou com a mente e o corpo ocupados até o meio da tarde, quando ele lhe tirou o equilíbrio de novo lhe trazendo uma garrafa de Coca-Cola.

– Obrigada.

– Achei que você deveria molhar sua garganta, que deve ter ficado seca de gritar correções para a aluna no ringue.

– Ela é muito jovem. – Grata, Iona tomou um grande gole. – E gosta da ideia de cavalgar. Só não se esforça muito para aprender. Acho que gosta mais das roupas de equitação e de sua aparência sobre um cavalo.

– Parece que os pais dela estão se divorciando.

– Ah, isso é duro. Ela só tem 8 anos.

– Pelo que eu ouvi dizer, eles estão pensando nisso há algum tempo. E pelo visto o modo de compensarem é fazendo as vontades dela e do irmão. Para ela, botas elegantes e calças de montar. Para ele, video games e camisetas esportivas.

– Isso não vai funcionar.

– Provavelmente não. Eu queria saber se você tem um minuto para dar uma olhada em nosso Batata. Ele não quis comer hoje. Achei que você poderia ir vê-lo antes de eu chamar o veterinário.

– Vou agora mesmo. Não trabalhei com ele hoje – disse Iona, saindo do ringue apressada. – Mal o vi esta manhã.

Ela foi para os estábulos, com Boyle ao seu lado, e parou na baia de Batata.

O cavalo lançou-lhe um olhar triste enquanto se movia sem parar.

– Não está se sentindo bem hoje, não é? – murmurou Iona abrindo a porta. – Vamos dar uma olhada.

Em resposta ele tocou a barriga com a pata.

– É aí que está doendo?

Com muita gentileza, Iona deslizou as mãos para baixo e ao redor da barriga de Batata.

E, fechando os olhos e aquietando a mente, permitiu-se ver e sentir.

– Não é cólica, o que é bom. E não é úlcera. Mas é desconfortável, não é, querido? E você não pode fazer o que mais gosta. Comer.

– Não consegui nem tentá-lo com uma batata, o tira-gosto favorito dele.

– Ele não está suando – acrescentou Iona. – Ele rolou no chão?

– Não. Só mal tocou na comida.

– Indigestão.

Boyle teria pensado nisso. Mas agora lá estavam eles, juntos na baia, seus braços se tocando de vez em quando, enquanto acariciavam o cavalo.

– Acho que posso cuidar disso, se você confiar em mim

– Eu confio e, mais do que isso, ele confia. Batata não gosta muito do veterinário. E, se for indigestão, podemos medicá-lo. Mas ele também não gosta muito disso.

– Vamos ver se podemos evitar. Pode segurar a cabeça dele?

Enquanto Boyle se movia para fazer isso, ela se agachou e passou as mãos pela barriga de Batata.

– Isso dói – disse ela, em tom calmo. – É muito difícil entender a dor. Você está comendo rápido demais, só isso. Coma mais devagar e saboreie mais a comida. Agora fique quieto. Quietto.

O estômago de Iona ardeu por um momento enquanto tirava a dor do cavalo, mas ela sentiu Batata relaxar sob seu toque e o ouviu bufar de alívio.

– Está melhor. E aposto que já está pensando em comer de novo.

Iona se levantou e viu Boyle olhando para ela.

– Você está brilhando – disse ele. – É deslumbrante.

– É estranho porque agora parece muito tranquilo fazer isso. E com algumas vantagens, como eu não pensar imediatamente em comer. Seria bom pôr um pouco daquela solução homeopática na comida dele só por precaução.

– Vou pôr. Obrigado por isso. Como você sabe, ele é um dos favoritos aqui. – Boyle continuou perto da cabeça de Batata, bloqueando a porta do estábulo. – Então, você está bem, Iona?

– Sim, estou. E você?

– Ah, também. Mais ocupado com a primavera, como você sabe.

– E depois vem o verão.

– E depois vem o verão. Nós nos reuniremos de novo daqui a dois dias para falar sobre isso. Gostaria de saber se há alguma coisa que eu possa fazer por você nesse meio-tempo. Se quiser uma folga para... fazer o que precisa em casa, ter mais tempo para se dedicar a isso.

– Trabalhar aqui me mantém sã, eu acho. E equilibrada. A rotina, e saber que quero essa rotina quando tudo estiver terminado.

– Se você em algum momento precisar de tempo, é só falar comigo.

– Está bem.

– Eu poderia lhe pagar uma cerveja depois do trabalho pelo serviço veterinário, como amigo – acrescentou Boyle. – Se você quiser.

Ele faria o mesmo por qualquer pessoa, lembrou Iona a si mesma. Mas...

– Eu aceitaria, mas Branna está me esperando. Ela é tão brava quanto Meara. Não nos resta muito tempo antes do solstício.

– Não. Isso a está preocupando.

– Não saber ao certo o que terei que fazer me preocupa. Mas Branna e Connor foram contra a minha ideia de ir para as ruínas da cabana antes do solstício. Eles parecem achar que absorverei mais do lugar na primeira vez, e isso poderá ajudar.

– Você me avisa se... tiver mais sonhos ou encontros com ele?

– Ele tem estado quieto. Isso também me preocupa. Está observando, dá para sentir. Mas não muito de perto. – Ela deu de ombros e esfregou os braços.

– Não quero perturbá-la falando sobre isso.

– Não é falar sobre isso que me perturba. É a espera.

– A espera – disse Boyle assentindo devagar. – Isso nunca é fácil. Iona, quero...

Mick o cumprimentou, vindo pelos estábulos, suas botas batendo rápida e ruidosamente no chão.

– Aí estão vocês. Eu queria perguntar se... – Ele olhou para Iona e depois para Boyle, e ficou com o rosto corado. – Me desculpem. Estou interrompendo.

– Não, tudo bem. – Boyle se virou. – Já terminamos com Batata.

– Pode deixar que eu vou medicá-lo – ofereceu-se Iona.

– Obrigado.

Sozinha, Iona se encostou no cavalo.

– Ele está puxando assunto – percebeu. – Nunca faz isso, mas tem feito, desde... e me comprou Coca-Cola. – Ela saiu, pegou a garrafa que pusera do lado de fora da porta

da baía e tomou um longo gole. – Droga, Batata, acho que talvez eu esteja sendo cortejada. E não tenho a menor ideia de como lidar com isso. Nunca ninguém tentou me cortejar.

Com um suspiro, Iona estudou a garrafa em sua mão e se perguntou o que dizia sobre ela o fato de ter um coração mole a ponto de se comover com uma droga de um refrigerante.

Só... veja o que acontece, preveniu a si mesma, e depois foi pegar o remédio de Batata.

NÃO ACONTECEU NADA, REALMENTE – SÓ CONVERSAS, PEQUENAS ATENÇÕES, ofertas casuais de ajuda. Mas Boyle não fez nenhum movimento maior. Uma coisa boa, lembrou Iona a si mesma enquanto ajudava Branna a preparar o jantar do grupo. Tinha sido sincera em tudo o que dissera quando ele lhe trouxe as flores e pediu desculpas. Pela primeira vez em sua vida pretendia ser sensata, se sentir segura, olhar para os dois lados antes de se jogar.

– Seus pensamentos são tão altos que estão me dando dor de cabeça – queixou-se Branna.

– Me desculpe. Não consigo conter a espiral. Nunca fiz batatas gratinadas. Nem mesmo as que vêm em uma caixa.

– Não fale sobre batatas em uma caixa nesta cozinha.

– Só como um insulto. Estou fazendo direito?

– Apenas continue arrumando as camadas como eu lhe mostrei. – Ao fogão, Branna mexeu o molho que pretendia usar no presunto que estava assando.

– Uma bela refeição para uma reunião estratégica.

– Eu estava com vontade de cozinhar. E agora comeremos presunto durante dias, se eu não tiver vontade de novo.

Conscientemente, Iona polvilhou farinha sobre a próxima camada de batatas fatiadas.

– Eu estava pensando em Boyle.

– É mesmo? Eu nunca teria imaginado.

Revirando os olhos às costas de Branna, Iona acrescentou o sal e a pimenta e começou a pôr a manteiga.

– Como saber? Não consigo descobrir logicamente, e é nisso que estou trabalhando. Ele só está sentindo falta do sexo, talvez em algum nível até mesmo do companheirismo? Está se sentindo culpado porque me magoou, tentando ser gentil para compensar isso, ser meu amigo porque foi o que lhe pedi? Ou talvez se importe mais do que pensava?

– Eu sou a pessoa errada para você consultar sobre assuntos do coração. Alguns dizem que nem tenho um.

– Ninguém que a conhece diz isso.

Algumas pessoas diziam, e havia momentos em que Branna desejava que estivessem certas.

– Eu não conheço os homens, Iona. Sempre que penso que conheço e acho que ordenei o que sei sobre eles, tudo se desarruma. Quando volto a organizar tudo, é algo diferente do que era. Eu conheço meu irmão, mas é diferente.

– O amor não deveria ser difícil.

– Acho que você está errada. Acho que deveria ser a coisa mais difícil que há, porque aí não seria tão facilmente dado, tirado ou apenas perdido.

Branna se afastou do fogão e foi verificar o progresso de Iona.

– Bem, isso está lhe tomando bastante tempo porque posicionou cada fatia de batata com muito cuidado e precisão, quase como se fosse um explosivo. Mas já está pronto. Agora despeje por cima aquele leite quente.

– Só isso?

– Sim, e não gota a gota. Despeje por cima, tampe e ponha no forno. Marque o tempo dessa primeira parte, trinta minutos.

– Ok, entendi. – Como se a travessa pudesse explodir, Iona deu um suspiro de alívio quando a pôs no forno junto com o presunto.

– Você sabe que provavelmente os dois não deveriam caber aí.

– Eles cabem se eu quiser. Agora acho que faremos um acompanhamento de vagem que colhi da horta, escaldei e congelei no ano passado e então... Alguém está chegando – disse ela ao ouvir o som de carros. – Vamos ver quem é e como podemos pô-lo para trabalhar aqui.

– Sou totalmente a favor disso. Sabe – continuou Iona enquanto elas iam para a frente do chalé –, acho que meu objetivo deveria ser conseguir preparar uma refeição boa de verdade e torná-la minha especialidade. *Ah, Iona vai fazer sua famosa carne de peito.* Nem mesmo sei o que é carne de peito, mas poderia ser minha especialidade.

– Um ótimo objetivo.

Branna abriu a porta. Lá fora, Meara estava ao lado da sua picape, Fin saltou da dele e Connor e Boyle saíram de um Mini vermelho brilhante.

– Isso não é a coisa mais fofa? – Iona se aproximou, rindo. – Como vocês dois couberam aí?

– Não foi fácil – respondeu Connor. – Como também não foi fácil dirigir, porque Boyle ficou com os joelhos encostados nas orelhas o tempo todo. Mas o carro se comportou bem e é rápido o bastante. Parece mais apropriado para você.

– Entre e veja – sugeriu Meara.

Iona deslizou para dentro e pôs as mãos no volante.

– É muito mais apropriado para o meu tamanho. É daquele seu amigo sobre quem me falou? – perguntou ela a Connor. – É incrível. Realmente lindo, mas neste momento

acho que não posso me dar ao luxo de comprar algo tão bonito.

– Mas você gostou dele – disse Connor. – Da aparência, da cor, do conforto e tudo mais.

– O que há para não gostar? – Na verdade, ela já podia se imaginar dirigindo como um pequeno foguete vermelho. – É perfeito. Acha que seu amigo aceitaria reservá-lo, me deixar pagar um pouco agora e um pouco depois?

– Bem, acho que sim, mas já está vendido. – Connor olhou de relance para Branna e a viu assentir. – Feliz aniversário!

– O quê?

– Foram Connor e Boyle que encontraram o carro e todos nós fizemos uma vaquinha para comprá-lo. Pelo seu aniversário – acrescentou Branna. – Acha que não sabíamos que é seu aniversário?

– Eu não... achei que, com tudo que está acontecendo, era melhor... Mas vocês não podem... Um carro? Vocês não podem.

– Já compramos – salientou Connor. – E independentemente de todo o resto, um aniversário é algo para lembrar. Você é do nosso círculo, Iona. Não nos esqueceríamos do seu aniversário.

– Mas é um *carro*.

– Com mais de dez anos de uso, verdade seja dita. E chia como um asmático nas manhãs úmidas. O que é quase todos os dias – comentou Fin. – Mas servirá para você.

Iona começou a rir, e depois a chorar. Em uma combinação de ambos, saiu para abraçar Connor, porque era ele quem estava mais perto. Depois se virou para abraçar todos os outros.

Quando seu corpo encostou no de Boyle, ela o abraçou com força e ele se esforçou para não tornar aquilo algo mais. Apenas deixou ser o que era.

– Não sei o que dizer. Não encontro palavras. Isso é incrível. Mais do que incrível. Muito obrigada. A todos vocês.

– Você terá que assinar alguns papéis – observou Fin –, mas pode fazer isso depois. Agora deveria experimentá-lo, não é?

– Eu deveria dirigir-lo. *Dirigi-lo*. – Dando outra risada, Iona girou em um círculo. – Alguém tem que vir comigo em minha primeira viagem. Quem quer ir?

Todos os homens deram um passo para trás.

– Covardes – disse Meara, com desgosto. – O que me diz, Branna? Poderíamos nos espremer aí dentro.

– Acho que sim, mas estou fazendo o jantar.

Meara apenas bufou.

– Bem, eu não tenho medo. Vou com você, Iona.

Ela saltou para dentro e esperou enquanto Iona deslizava para trás do volante.

Iona ligou o carro. Foi para a frente aos trancos, três vezes. Engatar, arrancar,

engatar, arrancar, engatar, arrancar, e depois disparou pela estrada ziguezagueando como um fio em um tear.

– Ah, meu Deus! – Foi tudo que Boyle conseguiu dizer.

– Eu lhe disse que pus um pequeno talismã para segurança no carro – lembrou-lhe Connor. – Ela só precisa de um pouco de prática, porque, afinal de contas, é americana. Então, o Fin aqui contribuiu com garrafas de champanhe para a festa de aniversário e, sendo Fin, é francesa e especial. Sugiro tomarmos a primeira garrafa enquanto esperamos por ela.

– Também temos coisas importantes a discutir – lembrou-o Branna. – E devemos fazer isso com cabeças claras em vez de com aquelas bolhas francesas.

– É aniversário dela.

– Ah, bem. – Com um suspiro, Branna cedeu. – Dividirmos uma garrafa não fará mal algum.

– EU DEVERIA TER SENTIDO MEDO – MURMUROU MEARA PARA CONNOR NA volta. – Ela é uma péssima motorista.

– Só precisa de prática.

– Peça aos deuses para estar certo, porque achei que ela fosse acabar com nós duas no primeiro quilômetro. Ainda assim, valeu a pena. Iona nunca ia esperar isso. Não só o presente, mas a coisa toda. E acho que, como minha família é incrível, nunca pensei sobre isso, mas haveria um certo alvoroço no meu aniversário.

– Também teremos bolo.

– Em momento algum duvidei disso. – No clima, Meara pôs rápida e afetuosamente um braço no ombro dele.

Ele pôs seu braço ao redor de Meara antes de ela poder se afastar e deu um rápido passo. Rindo, ela o imitou e depois pegou a taça que Fin lhe estendeu.

– Estou contando com isso.

– Vou fazer um brinde – decidiu Iona. – Porque pensei no que quero dizer. Além de lhes agradecer, o que não é o bastante. Todos vocês são meus, e esse é um presente que sempre apreciarei. Cada um de vocês é um presente para mim, uma mistura de amigos e família que é mais forte, mais verdadeira e melhor do que tudo que já imaginei ter. Então, a todos nós, juntos.

Ela tomou um gole.

– Ah, meu Deus, isto é bom mesmo!

– Um belo brinde e um belo champanhe. – Branna abriu um armário e tirou um embrulho de presente de uma prateleira. – É da sua avó. Eu o guardei, como ela me pediu.

– Ah, Vovó. – Radiante, Iona pôs a taça de lado para abrir o presente, um lindo suéter em tons de azul. – Foi ela quem fez – murmurou Iona, esfregando-o no rosto. –

É tão macio! Ela o fez para mim.

Pegou o envelope com o cartão e o abriu.

Para minha Iona. Há amor e encantamentos em cada ponto. Use-o quando quiser se sentir mais confiante e forte. Eu lhe desejo felicidade, hoje e sempre.

Com amor, Vovó

– Ela nunca se esquece.

– Vista-o – disse Meara. – Nunca vi um suéter tão bonito.

– Boa ideia. Voltarei logo.

– Quando você voltar, começaremos – disse Branna. – Temos tempo para falar sobre o solstício e o que faremos, antes de a comida ficar pronta. Agiremos bem e certo – acrescentou – e, no próximo aniversário de Iona, não teremos nada além de amigos, comida e vinho. E isso é um presente para todos nós.

– Concordo – murmurou Fin. – Vista seu presente, porque ele traz sua avó para perto. Branna e eu cobriremos a casa. Nenhum olho, nenhum ouvido e nenhuma mente além das nossas saberá o que faremos, diremos e pensaremos aqui esta noite.



ELLES USARAM LUZ, NÃO ESCURIDÃO, PARA COBRIR O CHALÉ E TUDO O que havia nele. Se Cabhan olhasse, como sombra, homem ou lobo, só poderia ver a luz, as cores, ouvir música e risos.

Branna explicou que isso o entediaria ou aborreceria. E Cabhan pensaria que eles estavam apenas se divertindo enquanto ele tramava.

– Ao nascer da lua, no dia mais longo, formaremos o círculo no solo onde Sorchu viveu e morreu.

Enquanto Branna falava, velas tremulavam em toda a cozinha. Os aromas da comida, o murmúrio do fogo baixo e a respiração constante do cão dormindo debaixo da mesa, tudo remetia a coisas comuns enquanto eles conversavam sobre as extraordinárias.

E esse, percebeu Iona, era o objetivo.

– Fin é quem deve buscá-lo, atraí-lo. Sangue para sangue.

– Você ainda duvida de mim.

Branna balançou a cabeça.

– Não. Ou só um pouco – admitiu. – Não o suficiente para não fazer o que tem que ser feito. Entendo que isso não pode nem deve ser feito sem você. É o bastante?

– Vai ter que ser, não vai?

Eles se olharam por um longo momento. Iona sentiu milhares de palavras e sentimentos impossíveis passando entre eles. Só eles.

– Eu vou levá-lo para lá – disse Fin, quebrando aquele momento.

– Meara e Boyle devem ficar dentro do círculo, a todo custo. Não só para se proteger. – Branna se virou para eles. – Mas para mantê-lo forte. E Fin também deve ficar dentro.

– Nem pensar.

– Fin, você deve – insistiu Branna. – Dentro do círculo Cabhan não pode usar o que corre em você contra nós. E o que você possui o manterá sem brechas.

– Quatro de nós do lado de fora, contra ele, será mais forte do que três.

Encarando-o, Branna ergueu as mãos, as palmas viradas para cima. E as chamas de todas as velas se tornaram mais brilhantes.

– Nós somos os três. Somos o sangue e devemos ser o meio.

– Ficarei dentro do círculo – disse-lhe Fin. – A menos que eu sinta que temos mais chance de acabar com ele se eu estiver fora. É o melhor que posso oferecer.

– Nós o aceitaremos – disse Connor, e desviou seu olhar de Fin para Branna, fixando-o nela. – Combinado.

Branna começou a falar, mas se deteve e suspirou.

– Combinado.

– Temos que levar nossos guias – falou Iona.

– Sim, temos. – Branna tirou seu amuleto de debaixo do suéter e passou um polegar sobre a cabeça entalhada que lembrava a de Kathel. – Cavalo, cão, falcão. Todas as armas e ferramentas. Tenho um feitiço em que trabalhei durante algum tempo e acho que é uma solução, mas só se o atrairmos para o lugar certo, na hora certa. E então precisaremos do sangue dele para selá-lo.

– Que feitiço é esse? – perguntou Fin.

– Um em que trabalhei – repetiu Branna. – Usei partes de feitiços de Sorch e outros meus.

– E o praticou?

O rosto dela revelou irritação.

– É muito arriscado. Se Cabhan ficar sabendo disso poderá, e irá, bloqueá-lo. Deve ser feito pela primeira vez no solo de Sorch. Você precisa acreditar que sei o que estou fazendo.

– Você merece crédito – disse Fin.

– Droga. – Branna começou a se levantar, mas Iona ergueu uma das mãos.

– Espere. Que tipo de feitiço? Quero dizer, de banimento, atração ou vitória?

– Um de vitória, luz e fogo. Todos eles em um só, selados com sangue mágico.

– A luz vence a escuridão. O fogo purifica. E o sangue está no centro de tudo.

Branna sorriu.

– Você aprende depressa. Mas isso pode não adiantar nada se não for feito no momento e lugar certos. Se todos nós não concordarmos e permanecermos juntos nesse momento e lugar.

– Então concordaremos. – Iona ergueu suas mãos enquanto olhava de um rosto para outro. – Todos nós sabemos que sim. Você faria tudo que pudesse para destruí-lo – disse ela para Fin. – Por Branna, por si mesmo e pelo restante de nós. Nessa ordem. E Branna faria tudo para cortar qualquer vínculo que ele pudesse ter com você e livrá-lo disso. Connor e Meara defenderiam o amor, a amizade, o que é bom e certo, independentemente do risco e do custo. Boyle lutaria porque sabe como ele trabalha. Você só tem que dizer quando e onde, e ele estaria com você. E por causa do que quer que tenha mudado entre mim e ele, nunca ia querer que nada me acontecesse. E eu nunca ia querer que nada acontecesse a ele. Pelo amor e pela amizade, pela família e

pelos amigos, ficaremos juntos no momento e lugar certos e lutaremos juntos. Um pelo outro.

Depois de um momento de silêncio, Fin pegou o champanhe que ignorara e ergueu a taça na direção de Iona.

– Está bem, *deirfiúr bheag*. Seremos seu pequeno grupo de privilegiados. – Ele se virou para Branna. – À confiança – disse, e esperou.

– À confiança. – Ela ergueu sua própria taça e a tocou na dele. Naquele tinido um clarão de luz brilhou e depois desapareceu.

– Com isso decidido, vamos aos detalhes. – Connor se inclinou para a frente. – Passo a passo.

Boyle não disse nada quando Branna lhes falou sobre seu plano, que tinha sido revisado, questionado e ajustado. Não disse nada porque olhar para Iona enquanto ela falava lhe dera todas as respostas.

Ele se agarraria a elas até a hora de devolvê-las a Iona.

IONA CONTOU OS DIAS, ENQUANTO MAIO TERMINAVA E CHEGAVA JUNHO, E se permitiu aproveitar cada um deles pelo que era. Valorizou o céu azul quando o teve e recebeu bem a chuva quando caiu. Passou a acreditar que, não importava o que acontecesse no dia mais longo, teria tido essas semanas, esses meses e essas pessoas em sua vida, e por isso ela, mesmo que por um curto tempo, tinha sido mais rica do que nunca.

Havia recebido um dom e aprendido a usá-lo, a confiar nele e respeitá-lo.

Era, e sempre seria, parte dos três. Era, e sempre seria, uma bruxa da noite de Mayo, cheia de poder e luz.

Acreditava que eles triunfariam. Sua natureza precisava acreditar. Mas o dom que recebera exigia respeito, cautela e atenção.

Enquanto o solstício se aproximava, escreveu uma longa carta para a avó – caneta e papel, pensou. Antiquado, mas parecia certo e era importante não ter pressa e fazer o esforço. Na carta falou de amor, por sua avó, seus primos e amigos. Por Boyle, e dos erros que cometera.

Falou sobre ter se encontrado, de seu lugar, seu tempo e o que significava para ela ter ido para a Irlanda. E ter ficado lá.

Só pediu uma coisa. Se algo acontecesse, sua avó encontraria o amuleto e o pegaria, assim como a Alastar, e os passaria para a próxima.

Se ela falhasse, haveria uma próxima. Também acreditava nisso.

Independentemente de quanto demorasse, a luz venceria a escuridão.

NA MANHÃ ANTES DO SOLSTÍCIO ELA DESCEU CEDO, COM A CARTA EM SEU bolso de

trás. Tentou preparar um café da manhã completo e, embora pensasse que nunca seria mais do que uma cozinheira medíocre, isso não significava que não se esforçaria.

Connor entrou, cheirando o ar.

– O que é isso tudo?

– Estaremos ocupados amanhã, então pensei em aproveitar a oportunidade de fazer o café da manhã e poupar tempo a Branna. Ela acordou tarde de novo, não foi?

– Mal dormiu na última semana e nenhum argumento pôde dissuadi-la disso.

– Eu ouvi a música dela na noite passada, e me acalmou imediatamente. Ela fez de propósito.

– Branna acha que pensa com mais clareza quando nós dois não estamos pensando.

– Ele pegou uma salsicha do prato. – Você está preocupada.

– Acho que sim, agora que faltam horas em vez de dias. Por que você não está?

– Nós estamos fazendo o que deve ser feito. Se algo deve ser feito, de que adianta se preocupar?

Para se confortar, Iona se apoiou nele por um momento.

– Você me acalma tanto quanto a música de Branna.

– Eu tenho fé. Em você. – Ele abraçou Iona pela cintura. – Em Branna e em mim mesmo. E também em todos os outros. Faremos o que temos de fazer, e o melhor que pudermos. E isso é tudo que qualquer um pode fazer.

– Você está certo em tudo isso. – Ela se afastou para encher um prato para ele. – Eu o sinto à espreita, você não? Sinto-o rondando meus sonhos, tentando entrar. Ele quase consegue, e parte de mim percebe que estou permitindo isso. Então há a música de Branna e a próxima coisa que sei é que amanheceu.

Iona pegou um prato e o pôs nele metade do que pusera no de Connor.

– Vou deixar isso aquecendo no forno para Branna.

Quando ela se virou, Connor simplesmente a abraçou. Ele tinha um modo muito reconfortante de fazer isso.

– Agora pare de se preocupar. Ele nunca enfrentou nós três, ou os três juntos.

– Você está certo de novo. Vamos comer e depois vou de carro para o trabalho, pegando o caminho mais longo para treinar.

– Chegaria lá em meia hora se fosse a pé comigo.

– É verdade, mas não treinaria. – Ou não poderia parar no hotel e lhes pedir para postarem a carta para Vovó.

Iona manteve os olhos atentos a qualquer sinal de névoa, do lobo preto e qualquer coisa que alarmasse seus instintos ou sentidos. Chegou ao castelo sem incidentes. Tinha lidado muito bem com o Mini, as estradas, e dirigir do lado esquerdo, não importava que Meara dissesse o contrário.

Assim como achava que tinha lidado muito bem com o nervosismo da espera, do silêncio.

Talvez seu pulso se acelerasse sempre que olhava para fora de uma janela do chalé para examinar a floresta, a estrada e as colinas. Talvez reconhecesse a dor do estresse na parte de trás de seus ombros sempre que se preparava para conduzir um grupo através das sombras verdes e densas florestas.

Mas continuava a olhar para fora da janela, e continuava a guiar. E isso, disse a si mesma enquanto parava nos estábulos, era o mais importante.

Como foi a primeira a chegar, abriu as portas e acendeu as luzes.

E no centro do ringue estava o lobo.

As portas bateram atrás dela; as luzes se apagaram. E, por um momento de choque, ela só conseguiu ver três brilhos vermelhos. Dos olhos do lobo e da pedra do poder.

Eles se mesclaram quando o lobo investiu.

Iona estendeu uma das mãos – um bloqueio, um escudo. O lobo investiu com tanta força que ela sentiu o chão tremer e o escudo rachar com um som de vidro sendo quebrado.

Viu a sombra do lobo se preparar para investir de novo.

Ouviu os cavalos relincharem de medo. E isso decidiu seu modo de agir.

Enquanto o lobo investia, ela afastou seu escudo e pulou para a esquerda. O impulso o fez bater nas portas com a força de uma bala de canhão. Quando elas se abriram, foi a vez de Iona investir.

Saiu correndo e dessa vez atirou o escudo para trás. Ele não passaria, não machucaria os cavalos. Firmando os pés, ficou pronta para se proteger quando o lobo voltou, se ergueu sobre duas pernas e se tornou um homem.

– Você é rápida e bastante esperta. – Como nos sonhos de Iona, a voz dele era como mãos frias deslizando por sua pele. E ainda assim, um pouco sedutora. – Mas jovem, em anos e em poder.

– Velha o bastante em ambos.

Ele sorriu. Alguma coisa no espírito de Iona o repeliu mesmo quando algo em seu corpo se agitou.

– Eu poderia matá-la com um olhar.

– Até agora não o fez.

– Não desejo sua morte, Iona, a Brilhante. Só que me dê o que veio tão tarde para você, o que ainda é tão jovem, tão novo em você. – Com seus olhos escuros fixos nos dela, ele se aproximou falando naquela voz suave. – Só quero o poder que ainda não compreende, e a pouparei. Pouparei todos vocês.

O coração de Iona bateu muito forte e rápido. Mas seu poder se agitou em seu ventre, e aumentaria. Ela o faria aumentar.

– Só isso? É mesmo? Ah... não. – Ela ouviu o grito do falcão acima da sua cabeça, e então disse sorrindo: – Está chegando companhia.

– Você será a morte deles. O sangue deles manchará suas mãos. Olhe. Veja. Saiba.

Iona olhou para as próprias mãos, para o sangue manchando-as e pingando delas para o chão. A visão e o calor dele fizeram um medo real tomar seu coração.

Quando Iona ergueu os olhos, Cabhan se fora. E Boyle vinha como um louco pela estrada, montado em Alastar.

– Eu estou bem – gritou Iona, mas sua voz soou metálica e seus joelhos quiseram se dobrar. – Está tudo bem.

O cão correu para o lado dela enquanto Boyle desmontava.

– O que aconteceu?

Quando ele começou a segurar suas mãos, Iona as puxou instintivamente. Então viu, chocada e aliviada, que estavam limpas.

– Ele estava aqui, mas se foi. – Iona se encostou no cavalo, tanto para acalmá-lo quanto para se apoiar. O falcão pousou leve e perfeitamente na sela de Alastar, como faria em um galho de árvore. E Kathel se sentou quieto ao lado dela.

Todos eles ali, pensou Iona. Cavalo, cão, falcão.

E Boyle.

– Como você veio parar aqui?

– Eu tinha acabado de selar Alastar para cavalgá-lo quando ele deu um grito de guerra e disparou para a cerca. Mal tive tempo de montá-lo antes de saltar por cima dela. Deixe-me olhar para você. – Ele a segurou e virou. – Não está ferida? Tem certeza disso?

– Não. Quero dizer sim, tenho certeza. Alastar me ouviu. – Ela pôs uma das mãos no pescoço do cavalo. – Todos eles me ouviram – murmurou enquanto o falcão a observava e Kathel abanava o rabo. E seus primos vieram na picape de Connor, espalhando terra e cascalho enquanto o veículo freava bruscamente.

– Eles... – Iona parou quando a picape de Fin, e depois a de Meara, entraram depressa no pátio do estábulo. – Eles todos me ouviram. Cabhan não conseguiu impedir que me ouvissem.

– O que diabos aconteceu? – perguntou Boyle.

– Vou contar. Para todos vocês – disse ela para o grupo. – Mas precisamos dar uma olhada nos cavalos. Ele não os machucou. Eu saberia se tivesse machucado. Mas eles estão com medo.

Iona levou Alastar com ela, sentindo necessidade de mantê-lo por perto enquanto voltava para dentro.

Teriam que purificar o ringue, pensou. Branna providenciaria isso.

Iona acalmou os cavalos, um a um, e, ao fazê-lo, acalmou a si mesma. Quando os empregados do estábulo chegaram para a rotina da manhã, ela se juntou ao grupo, espremido no pequeno escritório de Boyle, e contou a história.

– Há sexualidade no nível mais elementar – acrescentou. – Cabhan a usa como arma. É poderosa, e atrai. Mas além disso, dessa vez ele estava mais forte. Talvez esteja

de algum modo acumulando poder. Não sei a resposta, mas sei que ele atingiu e rachou o escudo, que não conseguiu contê-lo.

– Então você afastou o escudo e o fez passar direto pelas portas. Esperta – disse-lhe Fin.

– Foi o que ele falou. Logo antes de prometer poupar a vida de todos vocês se eu lhe desse meu poder.

– Ele é um mentiroso – lembrou-a Branna.

– Sei disso. Mas o sangue em minhas mãos. – Contendo um novo estremecimento, ela juntou as palmas. – Pareceu real, o sangue de vocês. Ele sabe que ainda sou o ponto fraco.

– Ele está errado, e você também, se acredita nisso. – Com a falta de espaço, Boyle não podia ficar andando ao redor para extravasar a raiva, por isso apenas fechou as mãos em seus bolsos. – Não há nada de fraco em você.

– Ele queria me assustar, e me tentar. E conseguiu as duas coisas.

– E o que você fez em relação a isso?

Iona balançou a cabeça.

– Gosto de pensar que eu poderia ter continuado a lidar com isso se todos vocês não tivessem chegado tão rápido. Mas o fato é que ele ainda está concentrado em mim. Em tirar o que é meu, e acredita que pode tirar o resto.

– Então usaremos isso – disse Fin antes que Boyle pudesse se opor. – Com um mínimo ajuste no plano ele a considerará vulnerável, verá isso como o momento e lugar para se aproximar e fazer o que pretende.

– É mais complicado – começou Branna.

– E desde quando você teme complicações?

– É mais perigoso – acrescentou Connor.

– Se entramos nisso, foi para valer. – Meara deu de ombros. – Hoje tivemos a prova de que Iona não pode sequer vir trabalhar de manhã sem correr riscos. Por que ela, ou qualquer um de nós, deveria viver assim?

– Na próxima vez ele poderia machucar os cavalos – acrescentou Iona. – Causar-me dano, me distrair. Não quero isso. Não poderia viver assim. Que ajustes?

– Ele achar que você irá sozinha amanhã para as ruínas.

Iona olhou para Boyle e viu a fúria nos olhos dele.

– Sou a isca. Mas uma isca com conhecimento e poder. E um círculo muito forte.

Antes que Boyle pudesse esbravejar, Branna pôs uma das mãos no braço dele.

– Ela nunca está sozinha e nunca estará. Você tem a minha palavra, e a de todos aqui.

Ela esfregou o braço dele e depois refletiu.

– Isso poderia ser feito. Acho que poderia ser feito bem o suficiente.

– Então você trabalhará comigo hoje nisso?

Branna olhou para Fin e conteve sua terrível guerra interna.

– Sim, por Iona. Pelo círculo.

– Vamos começar. Não fique sozinha– acrescentou Fin, passando um dedo pelo rosto de Iona. – Por hoje, não fique desacompanhada, está bem, irmãzinha?

– Sem problemas.

Aquilo seria muito fácil, especialmente porque Boyle ou Meara estariam por perto.

Boyle não a deixou guiar as cavalgadas do dia – uma frustração para Iona – e a manteve trabalhando no estábulo.

Ela cuidou dos cavalos, os alimentou, limpou baias, consertou equipamentos e poliu botas.

E o dia se arrastou.

Cavalgou Alastar até os grandes estábulos – acompanhada de Boyle montado em Batata – para dar a aula marcada para o fim do dia.

Amanhã a esta hora faria os preparativos finais, pensou Iona. E daria os próximos passos em direção ao seu destino.

– Vamos vencê-lo – disse para Boyle.

– Presunção é tolice.

– Não é presunção ou arrogância. – Ela se lembrou das palavras de Connor e de seu sentimento por ele, de manhã na cozinha. – É fé, e fé é uma coisa forte e positiva.

– Não gosto de você ser a ponta da lança.

– Eu não pretendia ser, mas, como sou, ele é que será arrogante e tolo. Pense nisso.

– Tenho pensado nisso e em muito mais.

Nos estábulos, ele desmontou e esperou que Iona fizesse o mesmo.

– Tenho algo para lhe mostrar.

Antes de um dos empregados poder falar, ergueu o polegar e fez um gesto para que ele saísse. Depois foi até a sala de equipamentos que cheirava a couro e óleo.

– É isto.

Iona olhou para onde ele apontava e suspirou de prazer ao ver o brilho da sela em seu suporte.

– É nova, não é? – Aproximou-se e passou a mão sobre o couro preto curvo e macio.

– É linda, e veja o brilho dos estribos! É feita à mão, não é? É...

– É sua.

– O quê? Minha?

– Foi feita especialmente para você e Alastar. Para vocês dois.

– Mas...

– Bem, eu não sabia que os outros planejavam comprar o carro e mandei fazer isto para seu aniversário.

Se ele tivesse lhe dado uma arca cheia de ouro e joias, Iona não teria ficado tão surpresa.

– Você... você mandou fazer isto para mim, pelo meu aniversário?

Ele franziu as sobrancelhas quase como fazia quando estava irritado.

– Uma amazona do seu calibre deve ter sua própria sela, e uma boa.

Como Iona não disse nada, ele ergueu e virou a sela.

– Veja, seu nome está aqui.

Iona passou os dedos suavemente sobre seu nome. Apenas Iona, pensou. Apenas seu primeiro nome, com um símbolo de chamas ao lado, e o nome de Alastar e um nó da trindade sobre ele.

– Conheço um homem que trabalha com isso – continuou Boyle quando o silêncio se prolongou. – Com couro e... ah, bem, me pareceu adequada.

– É linda. É o presente mais lindo.

– Você vendeu a sua.

– Sim. – Ela apenas o olhou. – Para vir para cá.

– Então... agora tem outra. E, se vamos fazer aquilo amanhã, deveria levá-la. Você e Alastar deveriam usá-la.

Boyle começou a virar a sela de novo e a recolocá-la no suporte. Iona pôs sua mão sobre a dele.

– Para mim, é muito mais do que uma sela. – Ela ficou nas pontas dos pés e roçou os lábios em uma das bochechas dele, na outra e depois de leve nos lábios. – Obrigada.

– De nada e, é claro, parabéns de novo. Agora tenho que resolver umas coisas. Fin ficará de olho em você, porque me disse que ele e Branna terminaram por hoje.

– Está bem. Obrigada, Boyle.

– Sim, você já disse isso.

Ela o deixou ir. Tinha que preparar uma aula. E tomar decisões.

QUANDO SUA ALUNA FOI EMBORA, IONA SE APROXIMOU DE FIN E DEU UM pequeno suspiro.

– Eu não dei o melhor de mim hoje.

– Aposto que ela discordaria. E, se você ficou um pouco distraída hoje, teve motivos suficientes para isso.

– Acho que sim. – Ela olhou de relance na direção dos aposentos em cima da garagem. – E você e Branna?

– Fizemos o que tínhamos que fazer, sem muito drama. Isso em si é uma bênção. Vou levar você de volta para os estábulos se quiser ir buscar seu carro, e depois a seguirei até em casa para garantir sua segurança.

– Ah, obrigada, mas... eu quero... preciso... tenho que falar com Boyle. Sobre uma coisa. Ele pode me levar em casa, eu acho.

– Então está bem. – Com um sorriso tranquilo em vez do riso habitual, Fin pegou as rédeas de Alastar. – Só vou cuidar do nosso garoto aqui.

- Você não tem que...
- Eu gosto disso. E ele e eu também temos coisas a discutir.
- Você conversa com ele e os outros cavalos. Como eu.
- Sim.
- E com os falcões, o seu, o de Connor e os outros. Com Kathel, nosso cão. Até mesmo com Besouro. Todos eles.

Fin encolheu de leve os ombros, de um jeito que pareceu elegante e um pouco triste.

– Eles são meus, e nenhum deles é meu. Não há nenhum guia para mim, como há para você. Nenhuma conexão tão íntima. Mas nós compreendemos uns aos outros. Agora vá, diga o que precisa dizer para Boyle.

– Amanhã...

– Você brilhará, mais do que nunca. – Ele pôs as mãos em concha no queixo de Iona por um momento e bateu com um dedo no maxilar dela. – Eu acredito nisso. Vá ver Boyle. Estarei por perto se precisar de mim.

Iona deu dois passos e se virou.

– Ela o ama.

Fin apenas acariciou o pescoço de Alastar.

– Eu sei.

– É difícil, não é? Saber que alguém o ama e não consegue deixar que seja apenas amor.

– É. Mais difícil do que qualquer outra coisa.

Iona assentiu, caminhou e subiu a escada para os aposentos de Boyle. Esticou os ombros e bateu.

Quando ele atendeu à porta, Iona estava com seu sorriso pronto.

– Oi. Posso falar com você por um minuto?

– Claro. Alguma coisa errada?

– Não. Talvez. Depende. Preciso... – Ela fechou os olhos e estendeu as mãos para os lados, com as palmas viradas para cima.

Boyle viu algo brilhar, captando a mais leve mudança de luz no ar.

– Ele está concentrado em mim – disse Iona. – Portanto, pode encontrar um meio de ouvir e ver até mesmo quando estamos em um ambiente fechado. Não quero que ouça o que falamos.

– Certo. Ah, você quer chá? Ou uma cerveja?

– Na verdade, eu gostaria de um uísque.

– É para já. – Ele foi até um armário e pegou uma garrafa e dois copos baixos. – É sobre amanhã.

– Mais ou menos. Fui sincera antes. Acredito que venceremos. Acredito que temos que vencer, que é o que devemos fazer. E sei qual é a sensação de sangue em minhas mãos. Sei, ou acredito, que o bem e a luz vencem o mal e a escuridão. Mas não sem um

custo. Não sem um preço, e às vezes o preço é muito alto.

– Se você não tem medo, é estúpida.

Iona pegou o copo que ele lhe ofereceu.

– Não sou estúpida – disse, e tomou o uísque de um só gole. – Não podemos saber o que acontecerá amanhã, ou qual poderá ser o preço. Acho que é importante, esta noite, aproveitar o que temos de bom, a luz que temos, e nos apegarmos a isso. Quero ficar com você esta noite.

Cuidadoso, ele deu um passo para trás.

– Iona.

– Sei que é pedir muito, considerando que lhe pedi exatamente o oposto não faz muito tempo. Você deu sua palavra e a manteve. Agora estou lhe pedindo para ficar comigo esta noite. Quero ser tocada, segurada. Quero sentir isso antes que chegue amanhã. Preciso de você esta noite. Espero que precise de mim.

– Eu nunca deixei de querer tocá-la. – Ele pôs seu uísque de lado. – Nunca deixei de querer estar com você.

– Independentemente do que acontecer, temos esta noite. Acho que isso nos fortaleceria. Não é quebrar uma promessa se eu lhe peço para ignorá-la. Você vai me levar para a cama? Vai me deixar ficar até de manhã?

Havia coisas que ele queria dizer. Mas Iona acreditaria nelas, mesmo com sua fé brilhante, se as dissesse neste momento?

As palavras esperariam até a madrugada após o dia mais longo. Então Iona acreditaria no que ele descobrira.

Em vez de falar, simplesmente se aproximou dela. Embora as sentisse grandes, desajeitadas, pôs as mãos em concha no rosto de Iona e abaixou seus lábios em direção aos dela.

Iona se inclinou para ele, seus braços o envolvendo, seus lábios o aquecendo.

– Graças a Deus! Graças a Deus você não me mandou embora. Eu...

– Quieta – murmurou Boyle, e a beijou, suave e ternamente como um botão de flor se abrindo.

Eles tinham até a manhã, pensou Boyle. Todas aquelas longas horas, apenas aquele tempo finito. Ele faria o que nunca pensara em fazer. Aproveitaria cada minuto, os tornaria preciosos. Mostraria a Iona, de algum modo, que ela era preciosa.

– Agora venha comigo. – Pegando a mão dela, Boyle a levou para o quarto. Eles foram fechar as venezianas. A luz se tornou fraca e vaga. – Volto logo – disse-lhe Boyle, e a deixou lá.

Ele tinha velas. Para emergências, em vez de para criar um clima, mas uma vela era uma vela, não era?

Podia não ser um homem romântico, mas sabia o que era romance.

Pegou três velas, as trouxe e as pôs ao redor. Então se lembrou dos fósforos.

Procurou em seus bolsos.

– Só vou encontrar os fósforos e então...

Iona passou um dedo pelo ar e as velas se acenderam.

– Ou poderíamos fazer isso.

– Não sei bem o que estamos fazendo, mas você está me deixando nervosa.

– Ótimo. – Ele voltou para Iona e deslizou as mãos por ela, para baixo, do ombro para o punho, e para cima de novo. – Eu não me importo com isso. Gosto de senti-la tremendo – murmurou Boyle, abrindo os botões da blusa de Iona. – Gosto de olhar nos seus olhos e ver que você não pode resistir. Que, nervosa ou não, quer que eu a toque.

– Quero. – Iona ergueu a mão e conseguiu abrir um botão da camisa de Boyle antes de ele impedi-la.

– Quero que você receba o que eu lhe der esta noite. Apenas receba. Senti falta de ver seu corpo – continuou ele, e afastou a blusa de Iona dos ombros. – Senti falta da sua pele sob minhas mãos.

Boyle circundou os mamilos dela com os polegares e depois passou os dedos suavemente sobre eles até o tremor vir.

Ele a acariciou e beijou – tudo acontecia devagar, como um sonho, até mesmo o coração de Iona batendo contra o seu.

– Receba o que eu lhe der.

Ele a conduziu para a cama, roçando nela, acariciando-a e colocando Iona deitada. Observou-a à luz das velas enquanto lhe tirava as botas e as punha de lado.

– Deite-se comigo.

– Ah, eu deitarei. No momento certo.

Ele lhe desabotoou os jeans e abriu o zíper. Devagar. Seguiu seu caminho com os lábios.

O que Boyle estava fazendo com ela? Em um minuto Iona se viu segurando as cobertas e, no seguinte, fluida como água. Ele a despiu muito devagar, centímetro a centímetro, de um jeito torturante. Contudo, o prazer foi suntuoso, um banquete de delícias exóticas. Seu calor era debilitante e seu peso a deixou incapaz de erguer os braços.

Iona não teve consciência de nada além da sensação das mãos e dos lábios de Boyle, da voz e do cheiro dele.

Uma vez, duas vezes e uma terceira ele a levou, trêmula, à beira do clímax, e a manteve lá, desesperada pelo salto, apenas para trazê-la de volta até ela ficar ofegante de necessidade e muda, desejando mais.

Então, com lábios, língua e mãos extremamente pacientes a levou ao limite.

Não foi um salto, mas uma queda – de tirar o fôlego, interminável, uma profusão de sentidos e sensações. E o mundo girou.

– Ah, Deus. Por favor.

– Por favor o quê?

– Não pare.

A boca de Boyle em seu seio, sua barriga, sua coxa. Depois a língua, deslizando sobre ela até Iona cair de novo e depois a conduzindo loucamente na próxima subida.

Ele não sabia que a queria impotente, ou o que produziria nele saber que a tornara assim. Mas vê-la iluminada – ela não podia saber que brilhava como uma das velas –, sentir seu corpo subir para receber o que ele oferecia e cair de novo enquanto suspirava de prazer era mais do que havia imaginado.

E o desejo por ela dominou todas as partes dele – mente, corpo e espírito.

– Agora olhe para mim, Iona. Pode olhar para mim?

Iona abriu os olhos e viu os dele sob o brilho da vela. Depois não viu mais nada.

– Eu estou com você – disse Boyle, e deslizou para dentro dela. – Eu estou com você.

Eles subiram de novo, olhando um para o outro, seus corpos grudados. Subiram até ela jurar que o ar estava rarefeito. E quando os olhos de Iona brilharam de lágrimas, eles caíram juntos.



É HOJE, PENSOU BOYLE, BEBENDO UM CAFÉ BRUTALMENTE FORTE À janela de sua cozinha.

Não podia impedir aquilo, ou impedi-la. E em alguma parte de si mesmo sabia e até mesmo aceitava que ele, ela e todos os outros tinham se preparado para esse dia a vida toda.

Sempre fora difícil entender o que seus melhores amigos poderiam enfrentar um dia – hoje. Mas com Iona ainda era mais difícil.

Faria o que pudesse para ela passar por aquilo em segurança, para ajudar Iona e os outros a acabar com aquilo.

E depois?

Quando o dia chegasse ao fim haveria muito mais a fazer, se ao menos ele pudesse descobrir como.

Como poderia descobrir alguma coisa quando o dia seria cheio de magia e violência, luta e destinos? E, provavelmente, vida e morte?

Sua vida teria sido muito mais fácil se Iona nunca tivesse entrado nela, pensou.

Então sentiu a presença dela, se virou e a viu em pé do lado de fora da porta do quarto, com os cabelos ainda molhados do chuveiro e os olhos profundos e um pouco sonolentos antes do café.

E teve certeza de que não queria que fosse mais fácil.

– Deveríamos conversar? – perguntou-lhe Iona.

– Provavelmente, mas é um dia estranho para isso.

– Sim, é. É melhor depois.

Ele assentiu.

– Sim, depois. Há muito a dizer depois deste dia. – Ocupe-se, disse a si mesmo. Mexa-se. – Você vai tomar café, não vai?

– Sem dúvida. – Mas ela não se moveu para se servir como fazia antes.

E Boyle soube que a fizera se sentir uma visita outra vez. Palavras precisavam ser ditas, mas as conteve e continuaria a contê-las até o fim desse estranho e longo dia.

Então pegou uma caneca e serviu o café para ela.

– Obrigada. Vou descer e passar algum tempo com Alastar. Tem algo contra eu

cavalgá-lo hoje para casa e mantê-lo lá até chegar a hora?

– Não. Afinal, ele é seu. Vou acompanhá-la.

– Na verdade, acho que Fin fará isso. Ele e Branna precisam aperfeiçoar alguns detalhes da magia comigo e com Connor.

– Está bem, mas não vá sozinha. – Com cuidado, ele pôs a mão no ombro de Iona. – Está com medo?

– Não. Pensei que ficaria agitada e com um pouco de medo saudável. Mas não estou, e não sei bem por quê. Sinto-me quase irracionalmente calma. Eu me preparei, treinei e aprendi para o dia de hoje. E para o que foi ordenado, acho que a palavra é essa, na noite em que Sorchá se sacrificou. Nós terminaremos o que ela começou. E depois...

Quando ele não disse nada, Iona bebericou seu café.

– E depois – continuou –, faremos um bom trabalho e teremos uma vida boa. Isso é o suficiente para qualquer um.

– Sua vida e seu trabalho são aqui.

– Sim. – Sobre isso, pelo menos, ela não tinha nenhuma dúvida. – Meu lugar é aqui.

– Vou preparar um café da manhã para nós.

– Obrigada, mas sinto que eu deveria ficar com um pouco de fome e... leve por enquanto. Estarei lá embaixo com Alastar até chegar a hora de voltar para casa. – Iona pôs de lado seu café, quase intocado. – Eu precisei de você na noite passada, e você estava aqui. Não vou me esquecer disso. – Ela se dirigiu à porta depressa. – Vejo você uma hora antes do nascer da lua.

Iona saiu e o deixou pensando nela.

ELA ESCOVOU ALASTAR TÃO CUIDADOSA E PERFEITAMENTE QUE O PELO dele ficou brilhando como peltre. Permaneceu calma até mesmo enquanto desembaraçava a crina e o rabo.

Hoje Alastar era um cavalo de guerra, e Iona acreditava que ele também tinha se preparado para este dia durante toda a vida.

– Nós não falharemos. – Ela deu a volta até a cabeça de Alastar, segurou-lhe a cara com as duas mãos e olhou nos olhos pretos e profundos dele. – Não falharemos – repetiu. – E manteremos um ao outro em segurança enquanto fizermos o que tem de ser feito.

Ela escolheu uma manta – vermelha representando a batalha, o sangue – e depois pegou a sela que Boyle lhe dera.

Sentiu o prazer e o orgulho de Alastar quando o selou. E sentiu a coragem e tirou um pouco dela para si mesma.

– Há magia em um presente, e este foi dado para nós dois. Boyle pensou em nós ao mandar fazê-la, por isso há mais magia nela. E ela também tem nossos nomes.

Faria feitiços na crina dele, decidiu. Quando chegassem em casa, escolheria os de força, coragem e proteção. E também os faria para ela, sob o suéter que sua avó lhe dera. Outro presente.

– Hora de irmos.

Iona se permitiu mais um momento para se perguntar se algum dia voltaria a esse estábulo, e então pôs qualquer dúvida de lado e conduziu seu cavalo para fora.

Encontrou Fin à sua espera com o cavalo preto reluzente, que ele chamava de Baru, selado.

– Eu o fiz esperar.

– De modo algum. De qualquer forma a esta altura o mais provável é que Branna esteja se preparando mentalmente. Estou vendo que Boyle lhe deu a sela.

– Ela é maravilhosa. Você sabia?

– Quando você vive e trabalha tão perto de alguém, é difícil guardar segredos.

Fin entrelaçou as mãos para ajudá-la a montar.

– Vocês dois parecem um quadro – disse quando Iona se sentou no cavalo.

– Estamos prontos para o que der e vier.

– Dá para notar. – Fin montou em Baru e se virou para eles poderem percorrer juntos a estrada estreita.

NA OFICINA, FECHADA, TRANCADA E PROTEGIDA, IONA OUVIU O PLANO – SUA progressão passo a passo – até o feitiço que estava encarregada de fazer, as palavras a serem ditas, as ações a serem realizadas.

– Você está silenciosa – comentou Fin. – Não tem nenhuma pergunta?

– As respostas estão no solo de Sorcha. Estou pronta para ir lá e fazer o que tem que ser feito.

– Esse é um feitiço complicado – começou Branna. – Todas as partes têm que se encaixar.

– Posso lidar com isso. E, como você disse, não estarei sozinha. Você estará lá, assim como Boyle e Meara. Se eu fizer isso sozinha, ele não saberá, não o verá. Será uma vantagem para nós. Então vocês virão daqui, daqui e daqui – disse ela, batendo no mapa que Branna desenhara. – Isso o distrairá, lhe tirará o equilíbrio e a atenção em mim. Todos os que não são bruxos dentro do círculo, e Fin também. Eles precisarão de você para manter o círculo protetor forte – disse Iona ao ver um brilho de irritação nos olhos de Fin. – E nós três também. Precisaremos desse tempo em que ele tentará chegar até vocês para pormos fim em tudo. Nele.

– Você está muito calma – murmurou Connor.

– Eu sei. Isso é estranho. Por que se preocupar quando isso tem que ser feito, não é? E ainda assim eu deveria estar agitada, mas só me sinto... bem. Talvez esteja guardando a agitação para quando isso estiver terminado. Então provavelmente falarei como uma

idiota até vocês me baterem e me deixarem inconsciente. Mas, neste momento, estou pronta.

– Se você está pronta, diga-me todos os passos, desde o início – ordenou Branna.

– Está bem. Nós nos reuniremos aqui, uma hora antes do nascer da lua.

Enquanto falava, Iona visualizou cada passo, cada movimento, cada palavra.

– E quando Cabhan virar cinzas – concluiu –, faremos o ritual final para consagrar o chão. Depois vem a dança feliz e as bebidas em casa.

Avaliando a expressão de Branna, Iona segurou a mão da prima.

– Eu estou levando isso muito a sério. Sei o que tenho que fazer. Estou concentrada. Confio em você, em todos vocês. Agora vocês têm que confiar em mim.

– Eu só gostaria de ter mais tempo.

– O tempo acabou. – Para demonstrá-lo, Iona se levantou. – Quero trocar de roupa e pegar tudo que preciso no meu quarto. Estarei pronta.

Quando ela se afastou, Connor também se levantou.

– Vou absorver um pouco da calma dela agora, mas terei que me virar com tanta energia. Vou dar uma olhada em nossos falcões, Fin, e também nos cavalos.

Quando a porta se fechou atrás dele, Branna se levantou e pôs a chaleira de volta no fogo. Embora duvidasse que um bule de chá fosse diminuir sua ansiedade.

– Você acha que estamos pedindo demais dela? – perguntou Fin.

– Não tenho como saber, e é isso que me preocupa. – Aquilo a consumia noite e dia. – Se eu tentar ver, e ele ao menos vislumbrá-lo, tudo poderá estar perdido. Então não olho. Não gosto de pôr o início disso tudo nas mãos dela, mesmo sabendo que é o lugar certo.

– Iona pediu que confiássemos nela. Faremos isso.

– Você não acha que isso é de mais para ela?

– Não tenho como saber, e é isso que me preocupa – disse Fin, ecoando as palavras de Branna.

Ela se ocupou fazendo chá para ambos.

– Você gosta muito dela.

– Sim, gosto. Por ela mesma, porque é encantadora e cheia de luz, e por... ter um coração tão puro. E também porque meu amigo a ama, mesmo que tenha estragado tudo.

– Ele estragou mesmo. E ainda assim ela o procurou na noite passada.

– Ela perdoa com mais facilidade do que outros. – Fin se levantou para ir na direção de Branna, ficar perto dela. – Há coisas para nós, Branna. Coisas a serem ditas. Você enfim me perdoará quando tudo estiver terminado?

– Não posso pensar nisso agora. Farei o que tenho de fazer. Acha que é fácil para mim estar com você, trabalhar ao seu lado e vê-lo todos os dias?

– Poderia ser. Todas essas coisas costumavam deixá-la feliz.

– Nós éramos crianças.
– O que tínhamos, o que fomos um para o outro, não foi infantil.
– Você pede demais. – Aquilo a fazia se lembrar claramente da alegria simples do amor. – Pede mais do que posso dar.
– Não pedirei. Chega de pedir. Você não busca a felicidade ou ao menos a espera.
– Talvez não.
– Então o que busca?
– Realização. Acho que a realização me satisfaz.
– Houve um tempo em que você queria mais do que contentamento. Você corria na direção da felicidade.

Houve, e ela sabia disso. Corria incansavelmente.

– E a espera e a corrida doem mais do que posso suportar, mesmo agora. Deixe isso para lá, Fin, porque só traz mais sofrimento para nós dois. Temos um trabalho importante para fazer esta noite. Não há nada além disso.

– Você nunca será tudo que é se acreditar nisso. E é uma lástima para mim.

Fin se afastou e saiu. E era disso que ela precisava, disse Branna para si mesma.

Ele estava errado. Ela nunca seria tudo que era, nunca seria realmente livre enquanto o amasse.

E isso era uma lástima para ela.

UMA HORA ANTES DO NASCER DA LUA ELES SE REUNIRAM. BRANNA ACENDEU as velas e atirou cristais moídos no fogo, tornando a fumaça rosa pálido e azul puro.

Pegou uma taça de prata que veio até ela e foi para dentro do círculo que eles formaram.

– Bebamos isto, uma taça para seis, de mão em mão e boca em boca, selando com vinho nossa união. Seis mentes e seis corações em um só esta noite enquanto nos preparamos para travar a batalha. Deem um gole, bebam tudo e mostrem que cada um aqui atende ao chamado.

A taça passou de mão em mão três vezes antes de Branna colocá-la no centro do círculo.

– Poder da luz, forte e brilhante, abençoe-nos esta noite, torne-nos invisíveis.

Luz surgiu na taça, ardendo como chama branca.

– Agora os olhos dele estão cegos até eu desfazer este feitiço. Ele não verá nenhum coração, nenhuma mente e nenhuma forma. Como veremos. Que assim seja.

Ela abaixou os braços que havia erguido.

– Enquanto isto queima somos as sombras. Só você, Iona, quando quebrar esta ampola. Espere – acrescentou enquanto a punha na mão de Iona. – Espere até estar no solo de Sorchia.

– Esperarei. Não se preocupe. – Ela enfiou a ampola em seu bolso. – Encontre-o –

disse para Fin.

– Vou encontrar. Procurar, encontrar, atrair.

Ele tirou de seu bolso um cristal redondo como uma bola e claro como água e o pôs na palma da mão.

Enquanto falava em irlandês, a bola começou a brilhar e se erguer uns dois centímetros acima de sua mão. E a girar, devagar e depois cada vez mais rápido, até virar um borrão.

– Ele busca, sangue para sangue, marca para marca – disse Branna em voz baixa para Iona. – Ele usa o que é, o que eles partilham, para ver, para agitar. Ele...

Os olhos de Fin começaram a brilhar de uma forma tão sobrenatural quanto a luz do cristal.

– Não tão fundo! Ele não pode...

Connor segurou o braço de Branna antes de ela se inclinar para a frente.

– Ele sabe o que está fazendo.

Por um momento, houve algo escuro por trás da luz nos olhos de Fin. Depois se foi.

– Eu o tenho. – Seu rosto era uma máscara. Fin fechou os dedos sobre o cristal. – Ele virá.

– Onde ele está? – perguntou Boyle.

– Não muito longe. Eu lhe dei o seu cheiro – disse para Iona. – Ele o farejará e a seguirá.

– Então eu o levarei para onde queremos.

– Estamos atrás de você. – Meara agarrou os braços de Iona. – Todos nós.

– Eu sei. – Ela respirou devagar e manteve a calma. – Eu acredito.

Iona tocou no punho da espada do seu lado, olhou de um para outro e pensou na maravilha que era ter todos eles, ter tudo que tinha dentro dela, esse objetivo.

– Não vou decepcioná-los – disse, e começou a se dirigir à porta.

– Droga. – Em dois passos, Boyle a pegou, virou e beijou com toda a intensidade que havia dentro dele. – Leve isso com você – pediu, e a soltou.

– Levarei. – E ela sorriu antes de sair para a luz suave do dia mais longo.

Alastar a esperava, e bateu com um casco no chão quando ela se aproximou.

– Sim, pensou Iona, estamos prontos, você e eu.

Ela agarrou a crina de Alastar e se lançou para a sela. Fechou a mão brevemente ao redor de seu amuleto e sentiu calor pulsar dele.

Prontos, pensou de novo, e deixou Alastar conduzi-la.

Quanto mais rápido melhor. Os outros iriam o mais depressa que pudessem, mas quanto antes ela chegasse ao solo de Sorcha, menos tempo Cabhan teria para tramar, planejar, questionar.

O vento soprou em suas orelhas. O chão ribombou. E eles voaram.

Quando chegou à árvore derrubada e à parede de trepadeiras, ela desembainhou a

espada.

– Eu sou Iona. A Bruxa da Noite. Sou do sangue. Sou um dos três e isto é direito meu.

Brandiu a espada e as trepadeiras caíram com um som como o de vidro se quebrando enquanto ela passava.

Como o sonho que tivera naquela noite em Ashford, pensou. Cavalgando sozinha pela floresta profunda, pelo ar muito mais parado do que deveria estar, onde a luz penetrava fracamente, embora houvesse sol.

Viu as ruínas à frente cobertas de trepadeiras e mato, como se tivessem surgido das árvores. Levou o cavalo na direção delas e da pedra que tinha o nome de Sorchá.

Agora sua pele vibrava. Não era nervosismo, percebeu, mas poder. Energia. Alastair estremeceu sob ela e deu um relincho que pareceu de triunfo.

– Sim, nós estivemos aqui antes. No lugar do nosso sangue. No lugar onde nosso poder nasceu. – Ela desmontou e soltou as rédeas, sabendo que Alastair ficaria perto dela.

Tirou a ampola do bolso e a esmagou com sua bota.

Então começaria.

Da bolsa que prendera na sela tirou primeiro as flores. Violetas silvestres simples, e depois um pequeno frasco contendo vinho vermelho como sangue.

– Pela mãe da minha mãe e pela mãe dela, por todos que viveram e morreram, que carregaram o dom com suas alegrias e tristezas, até Teagan que é minha, e à Bruxa da Noite que a teve.

Iona pôs as flores perto da pedra e despejou o vinho no chão como um tributo.

Dizendo as palavras do feitiço apenas em sua mente e extraíndo poder de seu ventre, ela tirou as quatro velas brancas da bolsa e as pôs no chão, nos pontos cardeais. Depois pôs os cristais entre cada ponto.

Enquanto fazia isso, Alastair emitiu um som de aviso. Ela viu os dedos de névoa rastejando no chão.

Estamos com você. A voz de Connor soou em seu ouvido. *Complete o círculo.*

Iona pegou seu atame e apontou para o norte. A primeira vela se acendeu.

– Você acha que isso pode me fazer parar? – perguntou Cabhan, divertindo-se. – Você vir aqui, no meu domínio, e fazer sua deplorável magia branca.

– Isto aqui não é seu domínio.

A segunda vela se acendeu.

– Veja. – Ele estendeu os braços para o alto. A pedra ao redor do seu pescoço emitiu uma luz que era ao mesmo tempo escura e cegante. – Saiba.

Algo mudou. O chão se inclinou sob seus pés enquanto Iona tentava terminar o ritual. O ar girou até sua cabeça girar com ele. A terceira vela se acendeu, mas Iona caiu de joelhos, lutando contra a terrível sensação de cair de um penhasco.

As trepadeiras se afastaram das ruínas. As paredes começaram a subir, pedra a pedra.

A noite caiu como uma cortina.

– Meu mundo. Meu tempo. – As sombras pareceram se erguer dele. A pedra pulsou, como um coração escuro sobre o dele. – E, aqui, você é minha.

– Não sou. – Iona se levantou com dificuldade e pôs uma das mãos no flanco de Alastar quando ele empinou. – Sou de Sorch.

– Ela buscou meu fim e encontrou o seu próprio. É ela que dorme no escuro. Sou eu que vivo nele. Dê-me o que possuí, o que pesa sobre você, o que exige de você, o que tira de você. Dê-me o poder que lhe cai tão mal. Ou eu o tomarei e, com ele, tomarei sua alma.

Iona acendeu a última vela. Se eles pudessem vir, viriam, pensou. Mas não conseguia ouvi-los com o zumbido em seus ouvidos, ou senti-los através do fedor da névoa.

Não recue, disse a si mesma. E jamais se renda.

Desembainhou a espada.

– Quer isso? Então venha buscar.

Ele riu, e o puro prazer em seu rosto lhe acrescentou uma beleza terrível.

– Uma espada não me fará parar.

– Você sangra, então vamos descobrir. – Ela imbuiu a espada de poder até fazê-la flamejar. – E aposto que queimará.

Cabhan estendeu um braço e, de onde estava, a lançou para trás, no chão. Ofegante, ela tentou se levantar. Alastar empinou de novo, relinchando de raiva enquanto batia com os cascos.

Iona viu o rosto de Cabhan registrar dor e choque. Então ele se arqueou, ficou de quatro e se tornou o lobo.

Pulou sobre Alastar, atingindo o flanco do cavalo.

– Não! – Como um raio, Iona se levantou, fortalecida.

Sua espada cortou o ar, mas o lobo pulou para o lado e depois investiu contra ela com uma força que a fez deslizar para trás, sua espada voando.

O lobo subiu sobre ela, com os dentes arreganhados. E se tornou um homem de novo.

– Eu o reduzirei a cinzas – avisou-a Cabhan. – Detenha-o ou eu lhe atearei fogo.

– Pare! Alastar, pare!

Iona sentiu a raiva de Alastar quando ele obedeceu. E sentiu o amuleto que usava vibrar entre ela e Cabhan.

Ele olhou para o amuleto e repuxou os lábios num rosnado.

Então sorriu de novo, de um jeito assustador, fitando-a nos olhos.

– Sorch me traiu com um beijo. Eu vou tirar o que há em você do mesmo modo.

– Eu não o darei a você.

– Dará.

A dor explodiu, indescritível. Iona gritou, incapaz de se conter. Vermelho por toda parte, como se o mundo estivesse pegando fogo. Ouviu os gritos de Alastar se juntarem aos dela. Ordenou-lhe que *corresse*. Se não podia se salvar, rezava para que pudesse salvá-lo.

Acima de tudo, nunca desistiria. Nunca daria sua luz para a escuridão.

– Um beijo. Você só tem que me dar um beijo para a dor desaparecer e se livrar do fardo.

Em algum lugar em sua mente desesperada Iona percebeu que ele não podia lhe tirar isso. Podia matá-la, mas não tirar o que ela era. Teria que entregá-lo.

Em vez disso, tateou e encontrou o atame com sua mão trêmula.

Chorou, mas através dos gritos e soluços conseguiu dizer uma palavra.

– Sangre.

E cravou o atame no flanco de Cabhan.

Ele rugiu, mais de fúria do que de dor e, erguendo-se de um pulo, a arrastou com ele, segurando-a pela garganta a centímetros do chão.

– Você não é nada! Pálida, fraca e humana. Vou tirar sua vida, e seu poder com ela.

Iona chutou, tentou evocar o fogo, o vento, uma enchente, mas sua visão ficou turva e seus pulmões arderam.

Ouviu outro rosnado e voou, atingindo o chão com força suficiente para seus ossos doerem e sua visão clarear.

Viu Boyle, seu rosto uma máscara de vingança, socando a cara de Cabhan.

A cada soco, chamadas se erguiam.

– Pare. – Ela não conseguiu pronunciar a palavra, emitir mais do que um grasnido, mesmo quando as mãos de Boyle se incendiaram.

Conseguiu ficar de joelhos e oscilou, tentando encontrar seu centro.

O homem desapareceu. O lobo se soltou de Boyle e se preparou para o ataque.

O cão entrou correndo na clareira, rosnando e mordendo. Falcões mergulharam, suas garras cortando as costas do lobo.

Um braço envolveu a cintura de Iona e a levantou. Mãos se uniram às dela.

– Você consegue fazer isso? – gritou Branna.

– Sim. – Mesmo essa única palavra cortou sua garganta como cacos de vidro.

A névoa se tornou mais densa, ou foi a visão dela que se tornou turva. Mas tudo que Iona podia ver através da névoa eram sombras indistintas e o brilho do fogo.

– Nós somos os três, bruxos da noite, e nos mantemos unidos neste chão. Antes do fim do dia mais longo, produziremos toda a luz contra a escuridão. Neste solo, nesta hora, juntamos nossas mãos, juntamos nosso poder. Sangue para sangue, evocamos todos os que vieram antes, chama para chama, que seus fogos se reacendam. Com suas

forças libertas, juntem-se a nós. Que assim seja.

Luz cegante, calor escaldante, e o vento que transformou aquilo tudo em um redemoinho.

– De novo! – gritou Branna.

Três vezes três. E enquanto lançava o feitiço, segurando com força as mãos de seus primos, Iona sentiu que ela *era* o fogo. Feita de calor e chamas e com uma raiva que ardia em seu centro.

Mesmo enquanto se esforçava para terminar, a névoa desapareceu. Ela viu sangue, fumaça e Fin e Meara na beira do círculo – não dentro – com espadas na mão. E Boyle ajoelhado no chão, mortalmente pálido, as mãos feridas e cheias de bolhas.

Alastar, com sangue pingando de seus ferimentos, encostou a cabeça no lado de Boyle, enquanto o cão o guardava. Dois falcões estavam pousados em galhos ao lado da cabana de pedra.

– Boyle. – Iona cambaleou para a frente e caiu de joelhos ao lado dele. – Suas mãos. Suas mãos.

– Elas vão ficar boas. Você está sangrando. E sua garganta.

– Suas mãos – repetiu ela. – Connor, me ajude.

– Vou cuidar disso. Agora venha aqui, isso não é para você. Está ferida e o farei melhor sem você.

– Aqui, irmãzinha, deixe-me ajudá-la. – Fin se agachou como se para pegar Iona no colo.

– Eu cuido dela. – Rapidamente, Branna pegou o braço de Iona. – Ajude Connor com Boyle, porque foi ele que pegou a pior parte.

– As mãos dele estavam pegando fogo. – Quando sua cabeça girou, Iona deslizou para o chão. – As mãos dele.

– Connor e Fin vão curá-las, você verá. Agora fique quieta, prima. Meara, eu quero o sangue dele. Encontre algo para pô-lo dentro. O sangue, as cinzas. Olhe para mim agora, querida. Olhe para mim, Iona. Isso vai doer um pouco.

– Em você também.

– Apenas um pouco.

Doeu um pouco mais do que o esperado, e depois veio o alívio, refrescando e suavizando a garganta dela. Quente, curando as contusões profundas.

– Melhorou. Está tudo bem. Boyle.

– Shh. Silêncio. Aquilo vai demorar um pouco, mas ele está bem. Olhe e veja enquanto eu termino.

Através de suas lágrimas, Iona olhou e viu as mãos de Boyle. Ainda feridas, mas não mais escuras e com bolhas. Ainda assim, ele tinha ficado pálido com o tratamento e a dor.

– Não posso ajudar?

– Connor e Fin estão cuidando dele. Só falta eu cuidar do seu tornozelo esquerdo. Não está quebrado, mas com uma torção feia.

– Não fui forte o suficiente.

– Silêncio.

– Alastar. Ele machucou Alastar. Disse que o queimaria vivo.

– Ele sofreu alguns cortes, só isso. Por que você não cuida dele? Cuide do seu cavalo.

– Sim. Sim. Ele precisa de mim.

Iona se levantou e andou, meio trôpega, até o cavalo.

– Você é muito corajoso. Sinto tanto!

Engolindo as lágrimas, pôs as mãos sobre o primeiro corte e começou a curá-lo.

– Eu usei duas das ampolas de sua bolsa. – Meara as entregou para Branna. – Uma para o sangue, a outra para as cinzas. Eu me senti um pouco como aqueles peritos forenses. – Então ela deu um suspiro trêmulo. – Ah, meu Deus, Branna.

– Não vamos falar sobre isso aqui. Precisamos chegar em casa.

– Podemos?

– Eu os trouxe até aqui. Eu os levarei de volta.

– Para onde ele foi, o desgraçado?

– Não sei. Nós o machucamos, e ele perdeu muito sangue, mas não acabamos com ele. Eu o vi se esgueirar para longe, usando a névoa. Nosso fogo o queimou, mas não o consumiu. Isso não terminou esta noite, como todos pensávamos que terminaria. Vou levar vocês de volta – gritou ela. – Estão prontos?

– Por Deus, sim. – Fin pôs um braço ao redor de Boyle e o ajudou a se levantar.

– Estou bem agora, estou bem. Ajudem-na a nos levar para casa, vocês dois.

Empurrando os outros homens para o lado, Boyle andou até Iona.

– Deixe-me ver você.

– Eu estou bem. Branna cuidou disso. Alastar. Não consigo remover esta marca. Ele ficou com uma cicatriz.

Boyle estudou a marca branca no flanco cinzento.

– Uma cicatriz de guerra, exibida com orgulho. Agora vamos todos voltar para casa. Levante-se. E nada disso – acrescentou quando as lágrimas rolaram. – Pare com isso agora.

– Ainda não. – Ela se inclinou para a frente e abraçou o pescoço do cavalo enquanto o chão se inclinava e o ar girava.

E manteve seu silêncio enquanto eles deixavam a clareira e as ruínas.

EPÍLOGO



IONA ACEITOU O UÍSQE COM GRATIDÃO E SE ENROSCOU NO CANTO DO sofá da sala de estar. O fogo saltou, mas trouxe conforto em vez de medo e dor.

– Desculpem-me. Não fui forte o bastante. Não fui boa o suficiente. Ele rolou para cima de mim.

– Besteira. – Connor pôs mais uísque em seu copo. – Uma grande besteira.

– Tem razão – concordou Branna. – Eu é que peço desculpas. Todos os passos certos, todos os detalhes. Menos um. Nunca pensei que ele pudesse se mover no tempo dessa maneira. Não sabia que podia fazer isso tão rápido, e com todos nós tão perto.

– Não. – Fin balançou a cabeça quando ela o olhou de relance. – Nunca vi isso. Ele foi esperto demais mudando o chão para um onde seu poder era mais forte do que sabíamos.

– E onde não poderíamos chegar até Iona. Onde, afinal, ela estava sozinha. – Boyle se aproximou, pegou a mão dela e a segurou com firmeza.

– Mas vocês vieram, todos vocês.

– Não tão rápido quanto eu gostaria. Não é o suficiente saber onde, mas quando. Podíamos não tê-la encontrado, mas seu chamado foi muito forte. Você acreditava, como disse, e chamou. Mesmo com tudo isso, terminou o círculo, manifestou o poder e pudemos encontrá-la. E quase o pegamos.

Por um momento, Branna fechou os olhos.

– Quase, juro que foi por pouco.

– A culpa não é sua – disse Connor para Iona – nem de ninguém. É verdade que não acabamos com ele, mas lhe demos muito trabalho e o ferimos. Ele não se esquecerá da dor que lhe causamos esta noite.

– E estará mais preparado da próxima vez. – Meara ergueu as mãos. – É verdade, isso precisa ser dito, para não cairmos nesse tipo de armadilha de novo.

– Certo, mas... você se queimou.

Meara olhou para seus pulsos, as costas de suas mãos e as marcas de queimaduras.

– Quase todas foram queimaduras leves. E quanto a vocês?

– Fin e eu tomamos conta um do outro. Por que você não disse nada, durona? – Connor se levantou e pegou as mãos dela.

– Já tive queimaduras piores fazendo o café da manhã.

– Não há nenhuma necessidade de sentir dor. Você também está queimada? – perguntou ele para a irmã.

– Estou sem nenhuma marca. Temos o sangue dele e a cinza que a carne retorcida dele se tornou. Usaremos isso contra ele. É só descobrirmos como, e o usaremos na próxima vez em que o encontrarmos. E então não será no solo dele. Nós nos certificaremos disso.

Iona não perguntou como. Sentada ali, com aqueles que amava e sua mão na de Boyle, sentiu sua fé voltar.

– Ele não conseguiu tirá-lo – disse ela lentamente, e tocou no amuleto com sua mão livre. – Nem mesmo quando eu estava indefesa, ou tão perto disso quanto já estive, nem mesmo quando ele me machucou conseguiu tirá-lo de mim. Precisava que eu o desse para ele. Podia me matar, mas não podia tirar o que há em mim. Isso o irritou.

– Bom.

Iona sorriu.

– Muito bom. Eu o feri com meu atame.

– Foi? – Fin se levantou, foi até Iona, se curvou e a beijou com força nos lábios. – Esta é a nossa garota. Uma arma de luz contra a escuridão. Deve ter sido por isso que ele deixou tanto sangue para nós.

– Nós também o usaremos. Vou preparar uma refeição. Não posso prometer o que será, mas comeremos bem esta noite. E ainda temos uma garrafa daquele champanhe francês. Não acabamos com Cabhan, mas eu diria que vencemos a primeira batalha, e comemoraremos isso. Vocês podem me ajudar. Não vocês dois – disse Branna para Iona e Boyle. – Você enfrentou a pior parte, portanto fique sentado um pouco aí perto do fogo bebendo seu uísque.

– Ainda não cuidamos da durona.

Meara deu um soco no braço de Connor.

– Cuide da sua própria vida.

– Por que, se além de durona você é bonita?

– Na cozinha, como eu disse. – E dessa vez Branna revirou os olhos para fazer Connor entender.

– Está bem, estou mesmo morrendo de fome.

Connor saiu, arrastando Meara com ele.

– Vou dar uma olhada nos cavalos. Para vocês poderem ficar tranquilos aqui.

Iona sorriu para Fin.

– Obrigada. Eles estão bem, mas cuidado nunca é demais.

Então ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

– Eu era fogo – disse suavemente. – Não apenas o fazia, era ele. Isso foi apavorante e glorioso.

– Foi. Olhar para você com Connor e Branna, ardendo como uma tocha, toda

branca e quente. Foi apavorante e glorioso.

– E ainda assim não foi o bastante. Eu queria que isso estivesse terminado hoje. Esta noite.

– Algumas coisas não acontecem tão rápido quanto queremos. – Boyle virou a mão dela na sua e depois a apertou contra seu rosto. – Isso não significa que não acontecerão.

– Você está certo. E Branna também. Quando pesamos isso tudo, a balança se inclina a nosso favor. O modo como você voou pela névoa. Você e Alastar são meus heróis.

– Como eu sei o quanto você gosta daquele cavalo, estou em boa companhia.

– Quando fecho os olhos vejo suas mãos em chamas.

– Olhe para elas agora. Está vendo? São as mesmas de sempre.

Grandes, com cicatrizes. Preciosas.

– Eu achei que não conseguiríamos chegar até você. – Ele falou devagar e com grande cuidado. – Achei que não chegaríamos a tempo, se chegássemos, e que eu poderia nunca vê-la de novo. Não tive a sua fé. Quero que saiba que tenho agora. Então pode-se dizer que você também é minha heroína.

Iona encostou a cabeça no ombro dele por um momento.

– E acho, considerando todas as coisas...

Ela tomou um gole de uísque.

– Que coisas?

– Estou dizendo que, considerando tudo, e o fato de que por enquanto acabamos e ainda não sabemos o que poderá vir depois, considerando tudo isso e o resto, acho que seria melhor você se casar comigo.

Iona abaixou o copo para olhar para ele.

– Me desculpe... o quê?

– Sei tudo que você disse depois que fui... bem, um idiota ensandecido, e fiz o que você queria, ou tentei fazer. Mas acho que está na hora de deixar isso para trás e, considerando tudo, nos casarmos e deixarmos aquilo para trás.

– Casar. – A batalha, os ferimentos e as chamas tinham lesionado seu cérebro? – Como em um casamento?

– É a coisa sensata a fazer. Somos bons um para o outro, como você mesma disse. E... temos cavalos em comum.

– Não posso me esquecer dos cavalos.

– Isso é importante – murmurou Boyle. – Você me ama. Disse que me amava e é uma mulher honesta em relação aos seus sentimentos.

– Isso é verdade.

– Então, somos bons um para o outro e temos os cavalos. Você me ama e é igual para mim, por isso devemos nos casar.

Ela concluiu que seu cérebro estava funcionando bem, obrigado.

– O que é igual para você?

– Meu Deus! – Ele teve que se levantar por um momento e andar pela sala para pôr mais turfa na lareira. – Eu nunca disse isso para nenhuma mulher que não fosse minha mãe ou pertencesse à família. Não digo essas coisas como se não fossem nada.

Os cabelos dele, entre castanhos e ruivos, estavam revoltos. Iona se deu conta de que não havia notado isso antes. Ou o sangue na camisa dele, a posição do queixo revelando obstinação.

Mas pôde ver muito claramente a intensidade nos olhos de Boyle.

– Eu acredito em você.

– Algumas palavras são mais importantes do que outras, e essa é uma delas.

– Qual exatamente?

– Amor. Sei o que é amor, droga, porque você o pôs em mim. E nunca mais serei o mesmo. Nunca sentirei isso por outra pessoa.

– Isso.

– Eu amo você, está bem? – Ele pronunciou as palavras como se houvesse uma briga prestes a acontecer, e Iona ficou sem ação. – Estou sendo claro o suficiente. – Ele franziu as sobrancelhas daquele seu modo meio carrancudo enquanto erguia as mãos. – Eu amo você. Eu... também a quero. Quero tudo que sinto por você, porque não viveria plenamente sem isso. E quero me casar com você, viver com você e, em algum momento, formar uma família com você. Mas, por enquanto, quero que pare de me fazer ficar falando tudo isso e apenas me diga se aceita.

Iona o olhou por um momento, porque queria tudo, cada pequeno detalhe daquilo guardado para sempre em sua memória.

– Essa é a coisa mais romântica que já ouvi.

– Ah, pare com isso. Você quer palavras bonitas? Talvez eu possa recitar algumas poesias de Yeats ou algo assim.

– Não, não, não. – Rindo, ela se levantou e se sentiu mais forte e segura do que jamais se sentira. – Eu fui sincera. Vindo de você, isso é romântico para mim. Se puder dizer apenas mais uma vez... As três palavras que importam mais do que as outras.

– Eu amo você, Iona Sheehan, eu amo você. Dê-me uma maldita resposta.

– A resposta foi sim no momento em que você abriu a boca. Eu só queria ouvir tudo. Foi sim no minuto em que você pediu.

Boyle piscou lentamente os olhos para ela e depois os apertou.

– Foi sim? É sim?

– Eu amo você. Não há nada que eu queira mais do que me casar com você.

– Sim?

– Sim.

– Então está bem. Ótimo. Meu Deus. – Boyle se precipitou para ela e Iona o

encontrou no meio do caminho. – Graças a Deus. Não sei quanto tempo mais conseguiria viver sem você.

– Agora você nunca terá que saber. – Ela se inclinou para o beijo e todas as promessas nele. – Nunca terá que viver sem mim. – Ela o abraçou com força. – Realmente vencemos esta noite, de muitos modos. De modos que ele nunca entenderá. Nós temos amor. Ele não sabe o que isso significa. Nós temos amor.

– Vou me casar com uma bruxa. – Boyle a ergueu do chão e girou com ela. – Sou um homem de sorte.

– Ah, é mesmo. Quando?

– Quando?

– Quando vamos nos casar?

– Por mim seria amanhã.

Iona sorriu, encantada.

– Não tão rápido. Preciso de um vestido fabuloso e também que Vovó esteja aqui. E não conheci sua família.

– Alguns deles estão bem nesta casa.

– É verdade. Não esperamos muito, mas tempo suficiente para fazermos isso direito.

– Tenho que comprar uma aliança para você. Afinal de contas, os rapazes estavam certos. Preciso lhe comprar algo que brilhe.

– Sem dúvida.

– E você está certa, temos que esperar um pouco. Pelo menos o suficiente para eu marcar uma data em Ballintubber Abbey.

– Em... – Ela se encheu de alegria. – Você se casaria comigo lá?

– É o que você quer, não é? E, por Deus, parece que também é o que eu quero. Lá, no lugar antigo e sagrado. É o que está destinado para nós.

Ele segurou as mãos de Iona e as levou aos lábios, e depois sorriu.

– Você será minha, e eu serei seu. É o que eu quero.

Iona encostou o rosto no coração dele. Amor, pensou, dado e recebido espontaneamente.

Não havia nada mais mágico.

– É o que eu quero – murmurou Iona, e depois sorriu quando ouviu Alastair relinchar. – Ele sabe que estou feliz. – Ela inclinou a cabeça para trás. – Vamos contar para todo mundo e estourar aquele champanhe.

Com vinho, música e luz, pensou. Eles tinham atravessado o fogo e afastado a escuridão por mais um dia.

E agora, no dia mais longo, quando a luz se recusava a se render, ela era amada. Finalmente.

NO FUNDO DA FLORESTA, EM OUTRO TEMPO, O LOBO GEMEU. O HOMEM DENTRO dele praguejou. E com magia negra como a noite, começou lentamente a se curar.

Com cuidado, começou a planejar.

CONHEÇA O PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

Feitiço da sombra

1



OUTONO DE 1268

A NEBLINA SE ELEVAVA DA ÁGUA EM ESPIRAIS, COMO UMA RESPIRAÇÃO, enquanto Eamon remava o pequeno barco. O sol projetava uma luz pálida e fria ao despertar de seu repouso noturno e fazia os pássaros iniciarem seu coro matutino. Eamon ouviu o canto do galo, altivo e presunçoso, e o balido das ovelhas pastando nos campos.

Cada um daqueles sons lhe era familiar. Eles o haviam cumprimentado todas as manhãs nos últimos cinco anos.

Mas esse não era seu lar, e nunca seria, não importava o quanto fosse acolhedor e familiar.

E ele ansiava pelo lar. A saudade de casa fazia seus ossos doerem como os de um homem velho em um tempo úmido e seu coração sangrar como o de um amante desprezado. E sob a ânsia, a saudade, a dor e o sangramento, sentia uma raiva fervilhar a ponto de ressecar sua garganta como sede.

Em algumas noites ele sonhava com sua casa, a cabana na grande floresta, onde conhecia todas as árvores e todas as curvas. Em outras, os sonhos eram muito reais e Eamon podia sentir o cheiro da lareira de turfa e o doce aroma de lavanda que a mãe passava em sua cama para garantir-lhe bom repouso e bons sonhos.

Podia ouvir a voz da mãe, a suave melodia vinda do sótão, onde ela preparava suas poções e infusões.

Ela era chamada de Bruxa da Noite, com muito respeito, porque era poderosa e forte. Boa e gentil. Por isso, nas noites em que sonhava com seu lar e ouvia a mãe cantando no sótão, ele acordava com lágrimas no rosto.

Mas rapidamente as enxugava. Era um homem agora, já tinha 10 anos, e era chefe da família como seu pai fora antes dele.

Lágrimas eram para mulheres.

E tinha que cuidar das irmãs, não tinha?, lembrou a si mesmo pondo os remos nas forquilhas e deixando o barco deslizar suavemente enquanto lançava a linha. Brannaugh podia ser a mais velha, mas ele era o homem da família. Fizera a promessa de proteger Brannaugh e Teagan, e a cumpriria. A espada de seu avô fora passada para ele. Eamon a usaria quando chegasse a hora.

E ela chegaria.

Porque havia outros sonhos, sonhos que lhe causavam medo em vez de tristeza. Sonhos com Cabhan, o bruxo negro. Aqueles sonhos faziam bolas geladas de medo se formar em seu estômago, congelando até mesmo a raiva que sentia. Um medo que fazia o garoto dentro dele gritar pela mãe.

Mas não podia se permitir ter medo. Sua mãe se fora, sacrificando-se para salvar Eamon e as irmãs apenas algumas horas após Cabhan ter assassinado o pai deles.

Mal podia ver a imagem do pai na mente, e com frequência precisava da ajuda do fogo para encontrá-la. O alto e orgulhoso Daithi, o *cennfine*, ou chefe do clã em gaélico irlandês, com seus cabelos claros e sua risada fácil. Mas bastava fechar os olhos para enxergar a mãe, pálida como a morte por vir, de pé em frente à cabana na floresta naquela manhã enevoada, enquanto ele cavalgava para longe com suas irmãs, com tristeza em seu coração e um poder novo e ardente em seu sangue.

Daquela manhã em diante ele não era mais um garoto, mas um dos três, um bruxo da noite compelido pelo sangue e pelo juramento a destruir o que nem mesmo sua mãe fora capaz.

Parte de Eamon só queria começar logo, encerrar esse tempo em Galway, na fazenda da prima, onde o galo cantava de manhã e as ovelhas baliavam nos campos. O homem e o bruxo dentro dele ansiavam pelo passar do tempo, pela força para empunhar a espada do avô sem que o peso fizesse seu braço tremer. Pelo tempo em que poderia aceitar plenamente seus poderes, praticar a magia que era sua por nascimento e por direito. Pelo tempo em que derramaria o sangue negro e ardente de Cabhan na terra.

Ainda assim, nos sonhos, ele era apenas um garoto fraco e inexperiente perseguido pelo lobo no qual Cabhan se transformava, o lobo com a gema vermelha da magia negra brilhando no pescoço. E era o sangue de Eamon e de suas irmãs que era derramado, quente e vermelho, no chão.

Embora ansiasse por companhia na cabana, pelas vozes e pelo cheiro de comida sendo feita, nas manhãs seguintes aos piores sonhos ele ia para o rio e remava para pescar e ficar só. Precisava se afastar. Ninguém o repreendia por não ajudar a ordenhar, remover esterco ou dar de comer aos animais, não naquelas manhãs.

Então ele se sentava no barco, um garoto magro de 10 anos com os cabelos castanhos, os olhos azuis e selvagens do pai e o poder ativo e reluzente da mãe.

Podia ouvir o dia acordar ao seu redor, esperar pacientemente pelo peixe morder a

isca e comer o biscoito de aveia que pegara na cozinha de sua prima.

E podia se reencontrar.

O rio, a quietude e o balançar suave do barco o lembravam do último dia realmente feliz que tivera com a mãe e as irmãs.

Lembrava-se de que a mãe parecia bem, após o período de palidez e esgotamento no longo e gelado inverno. Todos contavam os dias para Beltane e a volta do pai. Eamon aguardava o momento em que se sentariam ao redor do fogo, comendo bolo e bebendo chá adoçado com mel, enquanto ouviam as histórias do pai sobre incursões e caçadas.

Havia pensado que eles festejariam e a mãe ficaria bem de novo.

Acreditara nisso naquele dia no rio, quando eles pescaram, riram e todos achavam que o pai logo estaria em casa.

Mas o pai jamais viria, pois Cabhan usara magia negra para assassinar Daithi, o Bravo. E matara Sorcha, a Bruxa da Noite – embora ela o tivesse queimado até ele virar cinzas. De algum modo, Cabhan a matara e havia continuado a existir.

Eamon sabia disso por causa dos sonhos, pelo formigamento que descia por sua espinha. Via a verdade nos olhos das irmãs.

Mas ele tinha aquele dia para recordar, o dia claro de primavera no rio. Mesmo enquanto um peixe puxava a linha, sua mente voltou no tempo e ele se viu com 5 anos tirando um peixe prateado do rio escuro.

Agora sentia aquela mesma sensação de orgulho.

– Ailish ficará contente.

A mãe sorriu para Eamon enquanto ele deslizava o peixe para dentro do balde, a fim de mantê-lo fresco. Sua grande necessidade a trouxe para ele, deu-lhe conforto. Eamon pôs novamente a isca no anzol enquanto o sol começava a afinar a neblina.

– Precisaremos de mais de um.

Ela havia dito aquilo, lembrou-se Eamon, naquele dia muito tempo atrás.

– Então você pegará mais de um.

– Eu preferiria pegar mais de um em meu próprio rio.

– Um dia você fará isso. Um dia, *mo chroi*, meu querido, voltará para casa. Um dia aqueles que vierem de você pescarão em nosso rio, caminharão em nossa floresta. Eu juro.

Lágrimas queriam brotar e tornaram a visão da mãe turva, fazendo-a oscilar diante de seus olhos. Ele as conteve para poder vê-la de forma nítida. Os cabelos escuros que ela deixava cair livremente até a cintura, os olhos escuros onde o amor se abrigava. E o poder que emanava dela. Mesmo agora, sendo apenas uma visão, Eamon sentia o poder da mãe.

– Por que não pôde destruí-lo, mãe? Por que não pôde viver?

– Não era para acontecer. Meu amor, meu filho, meu coração, eu teria dado mais do que minha vida para poupar você e suas irmãs.

– Você deu. Você nos deu quase todo o seu poder. Se o tivesse mantido...

– Era minha hora, e seu direito de nascença. Também juro que estou satisfeita com isso. – Diante da neblina que afinava, Sorchá brilhava, seus contornos prateados. – Sempre estou em você, Eamon, o Leal. Estou em seu sangue, seu coração e sua mente. Você não está só.

– Sinto sua falta.

Eamon sentiu os lábios da mãe em seu rosto, o calor e o cheiro dela o envolvendo. E durante aquele momento, apenas aquele momento, pôde ser criança de novo.

– Quero ser corajoso e forte. Serei, eu juro. Protegerei Brannaugh e Teagan.

– Vocês protegerão uns aos outros. Vocês são os três. Juntos, são mais poderosos do que jamais fui.

– Eu o matarei? – perguntou Eamon, porque esse era seu desejo mais profundo e sombrio. – Darei fim a ele?

– Não sei dizer, só sei que ele nunca poderá tirar o que você é. O que é, o que possui, só pode ser dado, como eu lhe dei. Ele carrega minha maldição e a marca deixada por ela. Todos os que vierem dele a carregarão, assim como todos os que vierem de você carregarão a luz. Meu sangue, Eamon. – Ela virou a palma da mão para cima e mostrou uma fina linha de sangue. – E o seu.

Ele sentiu a breve dor e viu a ferida na palma da mão. E a juntou com a da mãe.

– O sangue dos três, de Sorchá, o abaterá, nem que isso demore mil anos. Basta acreditar no que você é.

Ela o beijou de novo e sorriu mais uma vez.

– Você tem mais de um.

O puxão na linha o tirou da visão.

Então ele tinha mais de um.

Seria corajoso, pensou, enquanto puxava o peixe que se debatia para fora do rio. Seria forte. E, um dia, forte o suficiente.

Estudou sua mão. Não havia nenhuma marca agora, mas ele entendia. Carregava o sangue e o dom da mãe. Um dia os passaria para seus filhos e suas filhas. Se não fosse seu destino destruir Cabhan, seu sangue o faria.

Mas, por todos os deuses, esperava que fosse.

Por enquanto, pescaria. Era bom ser homem, pensou. Caçar, pescar e prover. Retribuir aos primos o abrigo e os cuidados.

Aprendera a ser paciente por ser homem – e pegara quatro peixes antes de remar o barco de volta para a margem. Amarrou-o e pendurou os peixes em uma linha.

Por um momento ficou de pé olhando para a água, o brilho dela agora sob a plenitude do sol. Pensou na mãe, no som de sua voz, no cheiro de seus cabelos. Suas palavras permaneceriam com ele.

Caminharia de volta através da pequena floresta. Não tão grande como a de sua

casa, mas mesmo assim uma bela floresta, disse para si mesmo.

Levaria o peixe para Ailish e tomaria um pouco de chá perto da lareira. Depois ajudaria na última colheita.

Ao começar a voltar para a cabana e a pequena fazenda, ouviu um grito alto e agudo. Sorrindo para si, tirou a luva de couro de sua bolsa. Só precisou pô-la e erguer o braço para Roibeard sair das nuvens com as asas abertas para pousar.

– Bom dia.

Eamon olhou naqueles olhos dourados e sentiu a força da conexão com o falcão, seu guia e amigo. Tocou no amuleto ao redor de seu pescoço, o que a mãe conjurara com magia de sangue para proteção. Tinha a imagem do falcão.

– O dia está lindo, não é? Claro e fresco. A colheita está quase terminando e logo teremos nossa celebração – continuou ele andando com o falcão em seu braço. – O equinócio, como você sabe, quando a noite domina o dia, como Gronw Pebr dominou Lleu Llaw Gyffes. Celebraremos o nascimento de Mabon, filho de Mordon, a guardiã da terra. Com certeza haverá bolos de mel. Providenciarei para que você ganhe um pouco.

O falcão esfregou a cabeça no rosto de Eamon, afetuoso como um gatinho.

– Sonhei de novo com Cabhan. Com nossa casa, com mamãe depois de nos dar quase todo o seu poder e nos mandar embora, para ficarmos seguros. Vejo isso, Roibeard. Como ela o envenenou com um beijo, inflamou-se usando tudo que tinha para destruí-lo. Ele tirou a vida dela e ainda assim... eu vi a agitação nas cinzas em que ela o transformou. A agitação delas, algo diabólico e o brilho vermelho do poder de Cabhan.

Eamon parou por um momento, evocou seu poder e se abriu para ele. Sentiu os batimentos do coração de um coelho correndo para o mato e a fome de um filhote de ave esperando pela mãe e seu café da manhã.

Sentiu suas irmãs, as ovelhas e os cavalos.

E não sentiu nenhuma ameaça.

– Ele não nos encontrou. Eu sentiria isso. Você veria e me diria. Mas ele espreita, caça e espera, e também sinto isso.

Aqueles olhos azuis corajosos se obscureceram; a boca delicada do menino se firmou na de um homem.

– Não vou me esconder para sempre. Um dia, com o sangue de Daithi e Sorchu, eu o caçarei.

Eamon ergueu uma das mãos, pegou um punhado de ar, girou-o e o atirou gentilmente na direção de uma árvore. Galhos balançaram e pássaros empoleirados alçaram voo.

– Eu só ficarei mais forte, não é? – murmurou, e entrou na cabana para alegrar Ailish com quatro peixes.

BRANNAUGH CUMPRIA SEUS DEVERES COMO FAZIA TODOS OS DIAS. COMO todos os dias, durante cinco anos, havia feito tudo que lhe pediram. Cozinhas, limpava e cuidava dos mais novos porque Ailish sempre parecia ter um bebê no seio ou na barriga. Ajudava a semear os campos e cuidar das plantações. Ajudava na colheita.

Um trabalho bom, honesto e, a seu próprio modo, gratificante. Ninguém podia ser mais gentil que sua prima Ailish e o marido dela. Eles eram bons e confiáveis, pessoas da terra que ofereceram mais do que abrigo para três crianças órfãs.

Eles ofereceram uma família, e não havia bem mais precioso.

Sua mãe não soubera disso? Ela nunca teria enviado seus três filhos para Ailish se não fosse assim. Mesmo no momento mais difícil, Sorchá nunca teria entregado seus filhos amados a alguém que não fosse gentil e amoroso.

Mas com 12 anos, Brannagh não era mais uma criança. E o que crescia, se alastrava e despertava nela – mais ainda desde que começara a menstruar, um ano antes – se impunha.

Reprimir-se tanto e desviar os olhos daquela luz cada vez mais brilhante, se revelava mais difícil e triste a cada dia. Mas ela devia respeito a Ailish e sua prima temia a magia e o poder – até mesmo os dela própria.

Brannagh fizera o que sua mãe lhe pedira naquela manhã terrível. Levava seu irmão e sua irmã para o sul, para longe da casa deles, em Mayo. Ficava fora da estrada; trancara a tristeza em seu coração onde apenas ela podia ouvir o seu lamento.

E naquele coração também existia necessidade de vingança, de aceitar o poder dentro dela e aprender mais. Aprender a se aperfeiçoar o suficiente para derrotar Cabhan de uma vez por todas.

Mas Ailish só queria seu homem, seus filhos e sua fazenda. E por que não iria querer? Ela tinha direito ao seu lar, à sua vida e à sua terra, à paz que tudo isso proporcionava. Não havia se arriscado acolhendo os que tinham o sangue de Sorchá? Acolhendo o que Cabhan cobiçava e caçava?

Ela merecia gratidão, lealdade e respeito.

Mas o que existia em Brannagh ansiava por liberdade. Escolhas precisavam ser feitas.

Brannagh tinha visto o irmão voltar do rio com os peixes e o falcão. Sentiu-o testar seu poder onde não poderia ser visto da cabana. Como Teagan, a irmã deles, também fazia com frequência. Ailish, conversando sobre as geleias que haviam preparado naquele dia, não sentiu nada. A prima bloqueava a maior parte do que possuía – o que intrigava Brannagh – e só usava o pouco que se permitia para adoçar geleias ou obter ovos maiores das galinhas.

Brannagh disse a si mesma que valia a pena o sacrifício, a espera para descobrir mais, aprender mais, ser mais. Seu irmão e sua irmã estavam seguros ali – como sua mãe queria. Teagan, cuja tristeza fora incalculável durante dias e semanas, ria e

brincava. Ela realizava suas tarefas com alegria, cuidava dos animais e cavalgava como uma amazona seu grande garanhão cinza, Alastar.

Talvez algumas noites chorasse durante o sono, mas Brannaugh só tinha de se juntar a ela para acalmá-la.

Exceto quando tinham os sonhos com Cabhan. Eles vinham para Teagan, Eamon e ela própria. Agora com mais frequência e mais claros, tão claros que Brannaugh havia começado a ouvir o eco da voz dele após acordar.

Escolhas deviam ser feitas. Essa espera, esse abrigo, de uma forma ou de outra, precisaria chegar ao fim.

Ao anoitecer, ela lavou e esfregou as batatas recém-colhidas. Mexeu o ensopado que cozinhava em fogo brando e bateu com o pé enquanto o marido de sua prima tocava a pequena harpa. A cabana era quente e aconchegante, um lugar feliz cheio de cheiros bons, vozes alegres e a risada de Ailish pondo a filha mais nova para dançar.

Família, pensou Brannaugh de novo. Bem-alimentada e cuidada em uma cabana quente e aconchegante com ervas secando na cozinha e bebês de bochechas rosadas.

Isso deveria deixá-la feliz... como queria que isso acontecesse!

Viu os olhos de Eamon, do mesmo tom azul vivo que os do pai, e sentiu o poder dele estimular o seu. Eamon via demais, pensou. Demais se não se lembrasse de bloqueá-lo.

Deu-lhe um pequeno soco nas costas, um aviso para cuidar de seus próprios assuntos. Do modo como as irmãs faziam, sorriu quando ele se assustou.

Depois da refeição noturna houve panelas para serem lavadas e crianças para serem postas na cama. Mabh, a mais velha, com 7 anos, fez a queixa habitual de que não estava com sono. Seamus prontamente se acomodou com seu sorriso sonhador. Os gêmeos que ela própria ajudara a trazer ao mundo brincavam animadamente um com o outro. A jovem Brighid pôs seu reconfortante polegar na boca e o bebê dormiu antes de sua mãe o deitar.

Brannaugh se perguntou se Ailish sabia que ela e o bebê de rosto angelical não estariam vivos se não fosse pela magia. O parto, tão doloroso, tão *errado*, os teria feito se esvaír em sangue sem o poder, a cura, o acompanhamento e as ações de Brannaugh.

Embora elas nunca falassem sobre isso, ela achava que Ailish sabia.

Ailish se aprumou, com uma das mãos nas costas e a outra sobre o próximo bebê em seu útero.

– Boa noite e bons sonhos para todos. Brannaugh, você tomaria um pouco de chá comigo? Estou precisando de seu chá calmante porque este aqui está chutando muito esta noite.

– Claro. Vou fazer um pouco para você. – E acrescentar o feitiço, como sempre fazia, para saúde e parto fácil. – Ele está bem e saudável e suponho que dará mais trabalho do que os gêmeos juntos.

– Com certeza é um menino – disse Ailish enquanto desciam do sótão usado como quarto para dormir. – Posso sentir isso. Até hoje ainda não errei.

– E não está errada desta vez. Precisa descansar mais, prima.

– Uma mulher com seis filhos e um a caminho não consegue descansar muito. Estou bem o suficiente.

Seu olhar se fixou no de Brannaugh para confirmação.

– Certamente está, mas ainda assim precisa descansar mais.

– Você é de grande ajuda e conforto para mim, Brannaugh.

– Espero que sim.

Havia algo ali, pensou Brannaugh enquanto se ocupava do chá. Sentia o nervosismo da prima, o que a deixava nervosa.

– Agora que é a estação da colheita você poderia se dedicar às suas costuras. Isso é necessário e repousante para você. Posso cuidar da cozinha. Teagan e Mabh ajudarão. E, para falar a verdade, Mabh já é uma ótima cozinheira.

– Sim, ela é. Estou muito orgulhosa dela.

– Com as garotas cuidando da cozinha, Eamon e eu poderemos ajudar nosso primo a caçar. Sei que você prefere que eu não maneje o arco e a flecha, mas não é sensato cada um de nós fazer o que faz bem?

O olhar de Ailish se desviou por um momento.

Sim, pensou Brannaugh, ela sabe. E, mais do que isso, sente o peso de nos pedir para não sermos o que somos.

– Eu gostava muito da sua mãe.

– E ela gostava muito de você.

– Nós nos vimos pouco nos últimos anos. Ainda assim, sua mãe me enviava mensagens, ao modo dela. Na noite em que Mabh nasceu, o pequeno cobertor que minha filha ainda segura para dormir estava lá, bem no berço que Bardan fez para ela.

– Quando ela falava sobre você, era com amor.

– Ela os enviou para mim. Você, Eamon e Teagan. Ela me apareceu em um sonho e me pediu para lhes dar um lar.

– Você nunca me contou isso – murmurou Brannaugh.

Levou o chá para sua prima e se sentou com ela perto da lareira de turfa.

– Dois dias antes de vocês virem, ela me pediu isso.

Com as mãos juntas no colo sobre saias tão cinza quanto seus olhos, Brannaugh olhou para o fogo.

– Demoramos oito dias para chegar aqui. O espírito dela veio até você. Gostaria de poder vê-la de novo, mas só a vejo em sonhos.

– Ela está com você. Eu a vejo em você. Em Eamon, em Teagan, mas principalmente em você. A força e a beleza dela. O amor feroz pela família. Agora você é uma mulher. Está em uma idade em que deve começar a pensar em constituir uma família.

– Eu tenho uma família.

– A sua, como sua mãe fez. Um lar, querida, um homem para trabalhar a terra para você, seus bebês.

Ela bebericou o chá enquanto Brannaugh continuava em silêncio.

– Fial é um homem gentil, um homem bom. Foi bom para a esposa enquanto ela viveu, isso eu posso lhe garantir. Ele precisa de uma esposa, uma mãe para seus filhos. Tem uma boa casa, muito maior do que a nossa. Fial a ofereceria para você e a abriria para Eamon e Teagan.

– Como eu poderia me casar com Fial? Ele é... – *Velho* foi o primeiro pensamento dela, mas percebeu que não era muito mais velho do que Bardan.

– Ele daria uma vida boa para você, Eamon e Teagan. – Ailish pegou sua costura, ocupando suas mãos. – Eu nunca falaria sobre isso com você se achasse que ele não a trataria com gentileza, sempre. Fial é bonito, Brannaugh, e tem uma boa conduta. Você vai sair com ele?

– Prima, não... não penso em Fial dessa forma.

– Talvez se sair com ele pense. – Ailish sorriu ao dizer isso, como se soubesse de um segredo. – Uma mulher precisa de um homem que seja provedor, que a proteja e lhe dê filhos. Um homem gentil com uma boa casa, um rosto agradável...

– Você se casou com Bardan porque ele era gentil?

– Eu não teria me casado com ele se não fosse. Apenas pense sobre isso. Nós lhe diremos que vamos esperar até depois do equinócio para falar com você a respeito disso. Pense. Fará isso?

– Sim.

Brannaugh se levantou.

– Ele sabe quem eu sou?

Ailish abaixou seus olhos cansados.

– Você é a filha mais velha da minha prima.

– Ele sabe quem eu sou, Ailish?

Agora o que Brannaugh possuía e reprimia se agitava nela. Incitado pelo orgulho. E a luz que brincava em seu rosto não vinha só do brilho do fogo.

– Eu sou a filha mais velha da Bruxa da Noite de Mayo. E antes de ela sacrificar sua vida, sacrificou seu poder, passando-o para mim, Eamon e Teagan. Nós somos os três. Somos bruxos da noite.

– Você é uma criança...

– Sou uma criança quando se trata de magia, poder. Mas uma mulher quando você fala sobre a possibilidade de eu me casar com Fial.

A verdade disso fez as bochechas de Ailish ficarem quentes e vermelhas.

– Brannaugh, minha querida, você não tem se sentido feliz aqui nesses últimos anos?

- Sim, tenho. E muito grata.
- Parentes se ajudam sem nenhuma necessidade de gratidão.
- Sim. Parentes se ajudam.

Pondo novamente sua costura de lado, Ailish segurou as mãos de Brannaugh.

- Você estaria segura, filha da minha prima. E se sentiria feliz. Acredito que seria amada. Poderia desejar mais?
- Eu sou mais – disse Brannaugh em voz baixa, e subiu para o sótão.

SOBRE A AUTORA



© Bruce Wilder



NORA ROBERTS começou a escrever em 1979. Depois de várias rejeições, seu primeiro livro, *Almas em chamas*, foi publicado em 1981. Desde então, ela não parou mais.

Sucesso em todo o mundo, Nora já escreveu mais de 200 livros, publicados em mais de 35 países e traduzidos para 25 idiomas. Seus títulos são presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

Nora tem mais de 500 milhões de livros impressos e foi a primeira mulher a figurar no Romance Writers of America Hall of Fame. Também recebeu diversos prêmios, entre eles o Golden Medallion, da Romance Writers of America, o RITA e o Quill. A revista *The New Yorker* já a chamou de “a romancista favorita dos Estados Unidos”.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)

[Epílogo](#)

[Conheça o próximo livro da série](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)